

A História Secreta dos Jesuítas

Edmond Paris

Traduzido para o português em 1997 por Josef Sued

21 edição: 2^ª tiragem / Ano 2000

Índice

BH Introdução dos editores

Introdução do Dr. Alberto Rivera

O Homem Edmond Paris

Capítulo 1

 Fundação da Ordem Jesuítica

 Ignácio de Loyola

 Os Exercícios Espirituais

 Fundação da Companhia

 O Espírito da Ordem

 Os Privilégios da Companhia

Capítulo 2

 Os Jesuítas na Europa Durante os Séculos XVI e XVII

 Itália, Portugal e Espanha

 Alemanha

 Os Jesuítas: O General Boulanger e o Caso Dreyfus

 Os Anos Antes da Guerra 1900-1914

Capítulo 3

 Missões no Estrangeiro

 Índia, Japão e China

 As Américas: O Estado Jesuítico do Paraguai

Capítulo 4

 Os Jesuítas na Sociedade Européia

 O Ensino dos Jesuítas A Moral dos Jesuítas O Eclipse da Companhia

 Renascimento da Companhia de Jesus Durante o Século XIX

 O Segundo Império e a Lei Falloux - A Guerra de 1870

 Os Jesuítas em Roma - O Sílabo

 Os Jesuítas na França de 1870 a 1885

Capítulo 5

 O Ciclo Infernal

 A Primeira Guerra Mundial

 Preparativos para a Segunda Guerra Mundial

- A Agressão Alemã e os Jesuítas: Áustria, Polônia, Thecoslováquia e Jugoslávia
- O Movimento Jesuítico na França Antes e Durante a Guerra de 1939-1945
- A Gestapo e a Companhia de Jesus
- Os Campos da Morte e a Cruzada Anti-Semita
- Os Jesuítas e o Collegium Russicum O Papa João XXIII Tira a Máscara
- Capítulo 6 Conclusão
- Capítulo 7 Bibliografia
- Periódicos
 - Suíça
 - Polônia e Rússia
 - Suécia e Inglaterra
 - França

Introdução dos Editores

Não há pessoa mais qualificada para fazer a introdução do livro de Edmond Paris, "A História Secreta dos Jesuítas", que o Dr. Alberto Rivera, ex-sacerdote jesuítico, criado desde os sete anos de idade em um seminário na Espanha, sob extremo juramento e os mais rígidos métodos de indução, treinado inclusive no Vaticano, que resumiu a história dos jesuítas.

Os dados contidos neste livro são factuais e amplamente documentados, encontrando-se à disposição para consulta de todos os cristãos, ao redor do mundo, que crêem na Bíblia, a qual declara:

"O meu povo está sendo destruído porque lhe falta o conhecimento". Oséias 4.6

Introdução do Dr. Alberto Rivera

Os homens mais perigosos são aqueles que aparecem muita religiosidade, especialmente quando estão organizados e detêm posições de autoridade, contando com o profundo respeito do povo, o qual ignora seu sórdido jogo pelo poder nos bastidores.

Esses homens chamados "religiosos", que fingem amar a Deus, recorrerão ao assassinato, incitando revoluções e guerras, se necessário, em apoio à sua causa. São políticos ardilosos, inteligentes, gentis e de aparência religiosa, vivendo em um obscuro mundo de segredos, intrigas e santidade mentirosa.

Esse padrão humano, observado em A História Secreta dos Jesuítas, espiritualmente falando, pode ser verificado entre os escribas, fariseus e saduceus do tempo de Jesus Cristo.

Os "pastores primitivos" observavam muito do antigo sistema babilônico, além da Teologia judaica e da Filosofia grega. Todos eles perverteram a maior parte dos ensinamentos de Cristo e de Seus apóstolos, construindo as bases para a máquina do catolicismo romano, que estava por vir. Piamente, atacaram, perverteram, acrescentaram e suprimiram da Bíblia.

Esse espírito religioso anticristão, trabalhando através deles, pôde ser visto novamente quando Ignácio de Loyola criou os jesuítas para, secretamente, atingir dois grandes objetivos da instituição católica romana:

- 1) Poder político universal
- 2) Uma igreja universal, no cumprimento das profecias de Apocalipse 6.13-17 e 18.

No momento em que Ignácio de Loyola apareceu em cena, a Reforma Protestante tinha danificado seriamente o sistema católico romano. Ele chegou à conclusão que a única possibilidade de sobrevivência para a sua "igreja" seria através do reforço dos cânones.

Isso aconteceria não pelo simples aniquilamento das pessoas, conforme os frades dominicanos se incumbiam de fazer através da Inquisição, mas pela infiltração e penetração em todos os setores da sociedade. "O protestantismo deve ser conquistado e usado para o benefício dos papas", era a proposta pessoal de Ignácio de Loyola ao papa Paulo III.

Os jesuítas começaram a trabalhar imediatamente, infiltrando-se em todos os grupos protestantes, incluindo-se aí suas famílias, locais de trabalho, hospitais, escolas, colégios e demais instituições. Atualmente, têm sua missão praticamente concluída.

A Bíblia coloca o poder de uma igreja local nas mãos de um pastor de Deus. Os astutos jesuítas, no entanto, conseguiram com sucesso tirar aquele poder das denominações evangélicas ao longo do tempo, tendo conseguido agora lançar quase todas as denominações protestantes nos braços do Vaticano. Isso foi exatamente o que Ignácio de Loyola se propôs a atingir: uma igreja universal e o fim do protestantismo.

Na medida em que o leitor for se aprofundando na leitura do livro A História Secreta dos Jesuítas, perceberá a existência de um paralelo entre os setores religioso e político. O autor, Edmond Paris, revela a infiltração dos jesuítas nos governos e nações do mundo, para manipulação do curso da História, erguendo ditaduras, enfraquecendo democracias, abrindo caminho para a anarquia social, política, moral, militar, educacional e religiosa.

O Homem Edmond Paris

Através dos trabalhos proféticos do livro do Apocalipse, Edmond Paris se tornou em um mártir para Jesus. Ao expor tal conspiração, apostou sua vida na verdade dos sinais bíblicos a serem conhecidos.

Edmond Paris nunca chegou a me conhecer, mas o conheci sem termos sido apresentados pessoalmente, quando, com outros jesuítas e sob juramento, fui instruído a respeito dos nomes de instituições e indivíduos na Europa considerados perigosos para os objetivos da instituição católica romana. Seu nome nos foi passado nessa ocasião.

Obras de Edmond Paris: Le Vatican Contre La France Genocide in the Satellite Croatia The Vatican Against Europe.

As obras de Edmond Paris sobre o catolicismo romano fizeram com que os jesuítas assumissem como compromisso: destruí-lo; destruir sua reputação, inclusive de sua família, e destruir seu trabalho. Até hoje, estas grandes obras de Edmond Paris têm sido adulteradas, mas pedimos que Deus continue a preservá-las, pois são extremamente necessárias para a salvação do povo católico romano.

Prefácio

Um escritor do século passado, Adolphe Michel, lembrava que Voltaire estimava em seis mil o número de obras publicadas sobre os jesuítas àquela época. 'A que número chegaremos um século depois?', perguntava Adolphe Michel, apenas para terminar em seguida: "Não importa. Enquanto houver jesuítas, livros terão de ser escritos contra eles. Nada mais pode ser dito de novo sobre eles, mas as novas gerações de leitores surgem todos os dias, e esses leitores procurarão por livros velhos?" A razão a qual acabamos de mencionar seria mais do que suficiente para justificar a retomada desse assunto exaustivamente discutido.

De fato, muitos dos primeiros livros retratando a história dos jesuítas não podem mais ser encontrados. Apenas em bibliotecas públicas ainda podem ser consultados, o que os torna inacessíveis à maior parte dos leitores.

Com o propósito de informar suscintamente ao público em geral, pareceu-nos necessário um sumário dessas obras.

Há também outra razão, tão importante quanto a que acabamos de mencionar. Ao mesmo tempo em que novas gerações de leitores surgem, novas gerações de jesuítas aparecem, e estes, trabalham ainda hoje, com os mesmos métodos tortuosos e tenazes com os quais tão freqüentemente no passado fizeram funcionar os reflexos defensivos de nações e governos.

Os filhos de Loyola, mais do que nunca, são a ala dominante da Igreja Romana. Tão bem disfarçados quanto antigos, continuam a ser os mais eminentes "ultramontanos"; os agentes discretos mas eficazes da Santa Sé em todo o mundo; os campeões camuflados de sua política; a "arma secreta do papado".

Este livro é ao mesmo tempo uma retrospectiva e atualização da história do jesuitismo. Pelo fato da maioria das obras referentes aos jesuítas não mencionarem o papel primordial deles nos eventos que estão subvertendo o mundo nos últimos cinqüenta anos, acreditamos ter chegado o momento de superarmos essa lacuna ou, mais precisamente, iniciarmos com nossa modesta contribuição um estudo ainda mais profundo sobre o assunto.

Fazemo-lo, sem ignorar os obstáculos a serem enfrentados pelos autores não - apologistas, desejosos de tornarem públicos escritos sobre esse assunto tão incandescente.

De todos os fatores integrantes da vida internacional de um século cheio de confusões e transtornos, um dos mais decisivos - e ainda não suficientemente reconhecidos - reside na ambição da Igreja Romana.

Seu desejo secular de estender sua influência ao Oriente fez dela o aliado "espiritual" do Pan-Germanismo e, ainda, sua cúmplice na tentativa de conquistar poder supremo, em duas ocasiões, 1914 e 1939, trazendo morte e ruína aos povos da Europa. O público praticamente ignora a responsabilidade absoluta do Vaticano e seus jesuítas no início das duas guerras mundiais - uma situação que pode ser parcialmente explicada pelos fundos gigantescos à disposição do Vaticano e seus jesuítas, dando-lhes poder em muitas esferas da vida social, especialmente a partir do último conflito.

Na realidade, o papel desempenhado por eles nesses eventos trágicos, quase nem chegou a ser mencionado até o presente momento, à exceção dos apologistas, ansiosos por disfarçá-lo. É com o objetivo de corrigir isso e estabelecer os fatos verdadeiros que apresentamos nesta e em outras obras a atividade política do Vaticano na atualidade - atividade esta que também conta com a participação dos jesuítas.

Apesar da tendência generalizada cada vez maior de uma "laicização" (exclusão da religiosidade); do progresso inelutável do racionalismo, que reduz um pouco a cada dia o domínio do "dogma", a Igreja Romana não poderia desistir do grande objetivo, o qual tem sido seu propósito desde o início: reunir sob o seu domínio todas as nações da Terra. Essa "missão" monumental deve continuar, independentemente do que aconteça, tanto entre os "pagãos" quanto entre os "cristãos separados".

O clero secular tem, em especial, a tarefa de sustentar as posições adquiridas, o que é particularmente difícil hoje em dia, enquanto fica a cargo de certas ordens regulares o aumento do rebanho de fiéis, pela conversão dos "hereges" e "pagãos", um trabalho ainda mais árduo.

A tarefa é de preservar ou adquirir, defender ou atacar e, na frente de batalha, está a força de combate da Companhia de Jesus - os jesuítas. Essa companhia não é secular nem regular nos

termos de seus estatutos; é, no entanto, um tipo sutil, intervindo quando e onde for conveniente, dentro e fora da Igreja.

Resumindo: "A Companhia de Jesus é o agente mais qualificado, mais perseverante, mais destemido e mais convicto da autoridade papal", como a descreveu um de seus melhores historiadores.

Veremos de que maneira esse corpo de janízaros (tropa de choque) foi formado e que tipo de serviço inestimável dedicou ao papado. Verificaremos também o quanto esse zelo foi realmente efetivo, a ponto de se tornar indispensável à instituição que servia, exercendo tamanha influência que seu prior era chamado, e com razão, de o "Papa Negro", pois tornava-se cada vez mais difícil distinguir, no governo da Igreja, a autoridade do papa e a do seu poderoso coadjutor.

O papa, não satisfeito em dar apenas o seu "apoio" pessoal a Hitler, concedeu dessa forma o apoio moral do Vaticano ao Reich nazista! Ao mesmo tempo em que o terror estava começando a reinar do outro lado do Reno, e era secretamente aceito e aprovado, os assim chamados "camisa marron" já tinham posto quarenta mil pessoas em campos de concentração.

Os massacres organizados e perseguições se multiplicavam, ao som dessa marcha nazista: "Quando o sangue judeu escorrer pela lâmina, nos sentiremos melhor novamente" (Horst-Wessel - Lied).

Durante os anos seguintes, Pio XII viu coisas ainda piores, sem se alterar. Não é de surpreender que os dirigentes católicos da Alemanha competissem entre eles na servidão ao regime nazista, encorajados que eram pelo seu "mestre" romano. Seria importante ler os delírios ensandecidos e as acrobacias verbais de teólogos oportunistas, dentre eles Michael Schmaus, o qual foi posteriormente elevado por Pio XII a "alto dignatário da Igreja", e descrito como "o grande teólogo de Munique" pela publicação *La Croix*, em 2 de setembro de 1954. Ou ainda um certo livro intitulado *Katholisch Konservatives Erbgut*, sobre o qual alguém escreveu:

"Esta antologia oferece-nos textos dos principais teóricos católicos da Alemanha, de Gorres a Vogelsang, fazendo-nos crer que o nacional-socialismo nasceu pura e simplesmente de idéias católicas" (Gunther Buxbaum, *Mercure de France*, 15 de janeiro de 1939).

Os bispos, obrigados a fazer um voto de obediência a Hitler, devido ao Tratado, sempre tentaram superar uns aos outros em sua "devoção".

"Sob o regime nazista, constantemente encontramos o suporte fervoroso dos bispos em todas as correspondências e declarações de dignatários eclesiásticos" (Joseph Rovan, op. cit. pág. 214).

Tais documentos trazem à luz as ações secretas e pérfidas do Vaticano para a criação de conflitos entre as nações, quando serviam aos seus interesses. Com a ajuda de artigos conclusivos, mostramos o papel desempenhado pela "Igreja" na ascensão dos regimes totalitários na Europa.

Estes testemunhos e documentos constituem uma denúncia esmagadora e, até o momento, nenhum apologista se atreveu a desmenti-los.

No dia 1º. de maio de 1938, o jornal *Mercure de France* lembrou do que havia dito quatro anos antes, e ninguém o desmentiu: Que o papa Pio XII foi quem "fez" Hitler. Ele veio ao poder, não tanto através dos meios legais mas, principalmente, por causa da influência do papa no Centrum (partido católico alemão). O Vaticano acredita que cometeu um erro político ao ajudar Hitler indicando-lhe o caminho do poder? Parece que não...

Pelo menos parecia que não quando isso foi escrito, ou seja, no dia seguinte ao 'Anschluss', ocasião na qual a Áustria se uniu ao Terceiro Reich; nem posteriormente, quando as agressões nazistas se multiplicaram; nem mesmo durante toda a Segunda Guerra Mundial.

Na verdade, no dia 24 de julho de 1959, João XXIII, sucessor de Pio XII, conferiu Franz Von Papen, seu amigo pessoal, o título honorário de camareiro secreto. Este homem havia sido espião nos Estados Unidos durante a Primeira Guerra Mundial e um dos responsáveis pela ditadura de Hitler e pelo Anschluss. Só algum tipo especial de "cegueira" pode nos impedir de ver fatos tão claros.

Joseph Rovan, autor católico, comenta o acordo diplomático entre o Vaticano e o Reich nazista em 8 de julho de 1933: "O Tratado trouxe ao governo nacional-socialista, considerado por quase todo o mundo como sendo formado de usurpadores, quando não bandoleiros, o selo de um acordo com a força internacional mais antiga, a epístola pastoral de 3 de junho de 1933, na qual todo o episcopado alemão está envolvido. Que forma toma este documento? Como é que começa? Com otimismo e com esta declaração de satisfação: Os homens na direção deste novo governo, para nossa grande alegria, deram-nos a garantia de que colocam a si próprios e ao seu trabalho em bases cristãs. Uma declaração de tamanha sinceridade merece a gratidão de todos os católicos" (Paris, Plon, 1938, pág. 108).

Desde o início da Primeira Guerra Mundial, vários papas têm surgido e desaparecido, mas suas atitudes têm se mantido invariavelmente as mesmas com respeito às duas facções que se têm confrontado na Europa. Muitos autores católicos não poderiam esconder a surpresa - e pesar - ao escreverem sobre a indiferença desumana demonstrada por Pio XII face aos piores tipos de atrocidades cometidas por aqueles em seu favor. Dentre muitos testemunhos, citaremos um entre os mais moderados em suas palavras contra o Vaticano, por Jean d'Hospital, correspondente do *Le Monde*:

"A memória de Pio XII está cercada de apreensão. Devido à seguinte polêmica feita por observadores de todas as nações: Mesmo dentro das paredes do Vaticano, será que ele sabia de certas atrocidades cometidas durante esta guerra, iniciada e conduzida por Hitler?"

Tendo à sua disposição, a todo tempo, de todas as regiões, relatórios regulares dos bispos, poderia ele desconhecer o que os dirigentes militares alemães não podiam disfarçar - a tragédia dos campos de concentração; civis condenados à deportação; os massacres a sangue-frio daqueles que ficavam "pelo meio do caminho"; o terror das câmaras de gás onde, por razões administrativas, milhões de judeus foram exterminados? E se por acaso sabia de tudo isso, por que ele, fiel dignatário e primeiro pregador do Evangelho, não veio a público, vestido de branco, armas estendidas na forma da cruz, para denunciar um crime sem precedentes e bradar: "Não!"?

Apesar da diferença óbvia entre o universalismo católico e o racismo hitleriano, essas duas doutrinas haviam sido "harmonicamente reconciliadas", de acordo com Franz Von Papen. A razão pela qual esse acordo escandaloso era possível consistia em que "o nazismo é uma reação cristã contra o espírito de 1789".

Voltemos a Michael Schmaus, professor na Faculdade de Teologia de Munique, que escreveu: "Império e Igreja consistem em uma série de escritos que devem ajudar na construção do Terceiro Reich, já que reúne um Estado nacional-socialista e a cristandade católica. Inteiramente alemães e inteiramente católicos, estes escritos favorecem relações e intercâmbio entre a Igreja Católica e o nacional-socialismo; eles abrem caminho a uma cooperação frutífera, como está realçado pelo Tratado.

O movimento nacional-socialista é o mais intenso e abrangente protesto contra o espírito dos séculos XIX e XX. A idéia de um povo de único sangue é o ponto fundamental de seus ensinamentos e todos os católicos que obedecerem às instruções dos bispos alemães terão de admitir que assim é. As leis do nacional-socialismo e as da Igreja Católica têm o mesmo objetivo" (Begegnungen Zwischen Katholischem Christentum und Nazional-Sozialistischer Weltanschauung Aschendorff, Munster, 1933).

Esse documento prova o papel fundamental assumido pela Igreja Católica na ascensão de Hitler ao poder; na verdade, tratava-se de uma combinação pré-estabelecida. Ilustra o tipo de acordo monstruoso entre o catolicismo e o nazismo. O ódio ao liberalismo, que é a chave de tudo, torna-se absolutamente claro.

Vejamos o que Alfred Grosser, professor do Instituto de Estudos Políticos da Universidade de Paris, diz: "O conciso livro de Guenter, Lewy *The Catholic Church and Nazi Germany* (New York, McGraw Hill, 1964), diz que todos os documentos concordam ao demonstrar a cooperação da Igreja Católica com o regime de Hitler. Em julho de 1933, quando o Tratado obrigou os bispos a jurarem um voto de obediência ao governo nazista, os campos de concentração já estavam abertos. A leitura de citações compiladas por Guenter Lewy é a prova irrefutável disso. Encontramos algumas evidências impressionantes de personalidades, tais como o cardeal Faulhaber e o jesuíta Gustav Gundlach.

Apenas palavras vazias podem ser encontradas para negar tais evidências que provam a culpabilidade do Vaticano e de seus jesuítas. A ajuda destes é a principal força por detrás da ascensão "iluminada" de Hitler que, juntamente com Mussolini e Franco, apesar das aparências, eram fantoches de guerra manipulados pelo Vaticano e seus jesuítas.

Os aduladores do Vaticano deveriam ter baixado suas cabeças, envergonhados, quando um membro do Parlamento italiano exclamou: 'As mãos do papa estão cheias de sangue!' (fala de Laura Diaz, membro do Parlamento por Livorno, pronunciada em Ortona, em 15 de abril de 1946), ou quando os estudantes do Cardiff University College escolheram como tema para conferência: Deveria o papa ser trazido a tribunal como sendo um criminoso de guerra? (La Croix, 2 de abril de 1946).

Vejamos agora como o papa João XXIII se expressou ao se referir aos jesuítas: "Perseverem, queridos filhos, nas atividades que já vos trouxeram méritos reconhecidos. Assim vós alegrareis a Igreja e crescereis com incansável fervor: o caminho do justo é como a luz da aurora... E que a luz cresça e ilumine a formação dos adolescentes...

Em seu livro, *Le Silence de Pie XII*, publicado por du Rocher, Mônaco, 1965, o autor Cario Falconi escreve em especial:

"A existência de tais monstruosidades - extermínios em massa de minorias étnicas, civis prisioneiros e deportados - ultrapassa de longe qualquer conceito de bem e mal. Desafia a dignidade dos seres individuais e da sociedade em geral de tal forma, que leva a denunciar aqueles que poderiam ter influenciado a opinião pública, sendo eles simples civis ou dirigentes de governos.

Para manter o silêncio diante de tamanho ultraje, deve-se levar em conta uma colaboração inequívoca. Esta estimularia a vilania dos criminosos, instigando sua crueldade e vaidade. Mas se todo homem tem o dever moral de reagir quando confrontado com tais crimes, as sociedades religiosas e seus dirigentes são duplamente obrigados a isso e, acima de tudo, a Igreja Católica.

Pio XII nunca expressou uma condenação direta e explícita da guerra de agressão, muito menos com respeito aos crimes indescritíveis cometidos pelos alemães ou seus cúmplices durante a guerra.

Ele não se manteve em silêncio por não saber o que estava acontecendo; sabia da gravidade da situação desde o começo, talvez até melhor do que qualquer outro chefe de Estado do mundo" (página 12 ss).

O pior ainda está por vir! O Vaticano prestou ajuda na execução desses crimes, "alugando" alguns de seus prelados para que estes se tornassem agentes pró-nazistas, neste caso, Hlinka e Tiso. Também enviou para a Croácia seu próprio representante, R.P Marcone que, auxilado por

Stepinac, vigiava as atividades de Ante Pavelitch e seus assessores. Onde quer que procuremos, o mesmo espetáculo "edificante" se apresenta.

Muito sofrimento, condição de vida desumana, desespero e milhões de mortes nos chamados campos de concentração nazistas: este foi o resultado do apoio da Igreja Católica a Hitler.

Dessa forma, vós ajudareis a levar avante nossos desejos e preocupações espirituais... Nós concedemos nossa bênção apostólica de todo o coração ao vosso prior, a vós e a vossos coadjutores, e a todos os membros da Companhia de Jesus".

E do papa Paulo VI: "Desde o tempo de sua restauração, esta família religiosa tem recebido a carinhosa ajuda de Deus, e tem enriquecido rapidamente e com grande progresso. Os membros da Companhia têm realizado grandes façanhas, tudo para a glória de Deus e para o benefício da religião católica. A Igreja precisa de soldados de Cristo com valor, armados com uma fé destemida, prontos para enfrentar dificuldades. É por isso que temos muitas esperanças na ajuda que vossa atividade possa trazer, e que a nova era encontre a Companhia no mesmo caminho honrado que ela seguiu no passado" (pronunciado em Roma, próximo à Basílica de São Pedro, em 20 de agosto de 1964, durante seu segundo ano como papa).

Em 29 de outubro de 1965, o jornal *Osservatore Romano* anunciou: "O Reverendíssimo Padre Arrupe, prior dos jesuítas, celebrou a Missa Sagrada pelo Concílio Ecumênico em 16 de outubro de 1965".

Eis a apoteose da "ética papal": Um pronunciamento simultâneo sobre um projeto de beatificação de Pio XII e João XXIII. "Para fortalecer a nós mesmos em nossa busca de uma renovação espiritual, decidimos iniciar os procedimentos canônicos para a beatificação destes dois pontífices grandes e iluminados e que são tão queridos a todos nós" (?) (papa Paulo VI).

Que este livro revele a todos aqueles que o lerem a verdadeira natureza deste mestre romano, cujas palavras são tão melífluas (brandas e harmoniosas) quanto ferozes são suas ações secretas.

O fundador da Companhia de Jesus, o basco espanhol don Inigo Lopez de Recalde, nasceu no castelo de Loyola, na província de Guipuzcoa, em 1491. Foi um tipo de monge-soldado dos mais estranhos já engendrados pelo mundo católico: de todos os fundadores de ordens religiosas, ele talvez tenha sido o de personalidade mais marcante na mente e comportamento de seus discípulos e sucessores.

Esta pode ser a razão para aquela "aparência familiar" ou "marca", fato que chega ao ponto da semelhança física entre eles. Folliet questiona este fato(1), mas muitos documentos provam a permanência de um "tipo jesuítico" através dos tempos.

O mais interessante destes testemunhos se encontra no museu Guimet. Sobre o fundo dourado de uma tela do século XVI, um artista japonês pintou, com todo o humor de sua raça, a chegada dos portugueses e dos filhos de Loyola, em particular, nas ilhas nipônicas. O espanto desse amante da natureza e das cores fortes é explícito na maneira como representa aquelas sombras longas e escuras, com suas faces desoladas, sobre as quais se capta toda a arrogância do dirigente fanático. A semelhança entre o trabalho do artista oriental do século XVI e nosso Daumier, de 1830, está aí para todos verem.

À semelhança de tantos outros santos, Inigo, que posteriormente romanizou seu nome e se tornou Ignácio, parecia longe de ser aquele predestinado a iluminar os seus contemporâneos. Sua juventude atormentada foi repleta de erros e mesmo "crimes hediondos". Um relatório policial afirma que era "traiçoeiro, brutal e vingativo". Todos os seus biógrafos admitem que ele não recuava nem mesmo diante de seus melhores amigos, no que envolvia a violência dos instintos, então uma coisa comum.

"Era necessário um golpe físico violento para mudar sua personalidade"

Fundação da Ordem Jesuítica

"Ele deixou os livros de lado e começou a imaginar e sonhar. Um típico caso de "sonhar acordado", uma continuação na vida adulta do jogo imaginário infantil. Se deixarmos que este invada o domínio físico, o resultado é uma neurose e uma alienação da vontade: o que é real fica em segundo plano. À primeira vista, esse diagnóstico parece difícil de ser aplicado ao fundador de uma Ordem tão ativa. O mesmo ocorre em relação a outros "grandes místicos" e criadores de sociedades religiosas, todos aparentemente muito capacitados para organizações. Acreditamos, no entanto, que todos fossem incapazes de resistir a suas imaginações superativas e, para eles, o impossível torna-se possível.

O mesmo autor também diz sobre o assunto: "Quero ressaltar o resultado óbvio da prática do misticismo por alguém possuidor de uma inteligência brilhante. A mente fraca, entregue ao misticismo, encontra-se em área perigosa, mas o místico inteligente representa um perigo muito maior, pois seu intelecto trabalha em maior profundidade e amplitude. Quando o mito assume o controle da realidade, através de uma inteligência ativa, torna-se mero fanatismo; uma infecção da vontade que sofre de um alargamento ou distorção parcial."

Ignácio de Loyola foi um exemplo típico desse "misticismo ativo" e "distorção da vontade". A transformação do cavaleiro-guerreiro em fundador da Ordem mais militante da Igreja Romana foi muito lenta; haveria muitos passos vacilantes antes dele encontrar sua verdadeira vocação.

Não é intenção nossa segui-lo através de todos esses diferentes estágios. Vamos apenas relembrar os pontos principais: Na primavera de 1522, ele deixou o castelo ancestral com a idéia de se tornar um santo semelhante àqueles cujas façanhas edificantes havia constatado naquele grande livro gótico. Além disso, segundo ele, a própria "Virgem" lhe teria aparecido em uma noite, segurando nos braços o menino Jesus.

"Um soldado desobediente e presunçoso", disse um de seus comandantes; "levava uma vida desregrada em tudo que tratasse de mulheres, jogos e duelos", acrescentou seu secretário Polanco. Tudo isso foi relatado por um de seus filhos espirituais, R. E Rouquette, que tentou de alguma maneira explicar e desculpar esse temperamento explosivo que, posteriormente, se tornou "ad majorem Dei gloriam" (para a glória suprema de Deus).

Como é o caso de muitos heróis da Igreja Católica Romana, era necessário um golpe físico violento para mudar sua personalidade. Ele havia sido mensageiro do tesoureiro de Castilla até a desgraça de seu chefe. Depois tornou-se cavaleiro sob as ordens do vice-rei de Navarra. Tendo vivido tal qual um cortesão, o jovem começou sua vida de soldado defendendo Pampeluna contra os franceses, comandados pelo conde de Foix.

O ferimento que decidiu o futuro de sua vida foi-lhe infligido nessa ocasião. Com a perna quebrada por um tiro, foi levado pelos franceses a seu irmão, Martin Garcia, no castelo de Loyola, iniciando-se o martírio das cirurgias sem anestesia, pois o trabalho não havia sido bem feito. Sua perna foi quebrada novamente e recolocada no lugar. Apesar de tudo isso, Ignácio acabou ficando coxo.

E compreensível que apenas uma experiência como essa poderia causar-lhe um esgotamento nervoso. O "dom das lágrimas", o qual lhe foi, então, outorgado "em abundância" (e que seus biógrafos acreditam como um favor dos céus), pode ser o resultado de sua natureza profundamente emocional, afetando-o mais e mais.

Enquanto estava deitado, sofrendo as dores do ferimento, seu único divertimento era a leitura de "A Vida de Cristo" e "A Vida dos Santos", os únicos livros que encontrou no castelo. Praticamente iletrado e ainda afetado por aquele choque terrível, a angústia da Paixão de Cristo

e o martírio dos santos tiveram um forte impacto sobre ele; essa obsessão levou o guerreiro aleijado ao caminho do apostolado.

Após uma confissão detalhada no monastério de Montserrat, Ignácio tencionava ir a Jerusalém. A peste era comum em Barcelona e, como todo o tráfego marítimo estava interrompido, teve de permanecer em Manresa por aproximadamente um ano.

Passava o tempo em orações, longos jejuns e auto-flagelação, praticando todas as formas de maceração. Além disso, nunca perdia a chance de se apresentar diante do tribunal de penitência, apesar de sua confissão em Montserrat ter aparentemente durado três dias. Tal confissão minuciosa teria sido suficiente a um pecador menos escrupuloso. Tudo isso descreve claramente o estado mental e nervoso desse homem.

Finalmente, ao se libertar da obsessão de pecado, decidiu que aquilo era, nada mais nada menos, que um truque de satã, e devotou-se inteiramente às ricas e variadas visões assaltavam sua mente conturbada.

"Foi por causa de uma visão", diz H. Boehmer, "que ele começou a comer carne novamente. Uma série completa de visões que lhe revelou os mistérios do dogma católico e o ajudou a vivê-lo verdadeiramente.

Dessa forma, ele medita sobre a Santíssima Trindade como sendo um instrumento musical de três cordas: o mistério da criação do mundo a partir de alguma coisa nublada e a luz vinda de um raio de sol; a milagrosa vinda de Cristo na Eucaristia, como flashes de luz penetrando na água consagrada, quando o sacerdote a toma durante a oração; a natureza humana de Cristo e da Virgem Santíssima, sob a forma de um corpo branco deslumbrante e, finalmente, satã como uma forma sinuosa e cintilante, semelhante a uma imensidão de olhos brilhantes e misteriosos." Não é este o começo da produção da imagem jesuítica conhecida?

Em abril de 1527, a Inquisição leva Ignácio à prisão para julgá-lo por acusações de heresia. O inquérito examinou aqueles "incidentes estranhos" ocorridos entre seus devotos; as declarações "excêntricas" do acusado sobre o poder excepcional que sua castidade lhe conferia, e sua teoria bizarra sobre a diferença entre os pecados mortais e veniais. Essas teorias tinham afinidades assustadoras com as teorias dos jesuítas casuístas do período seguinte".

Libertado, mas proibido de realizar reuniões, Ignácio partiu para Salamanca e logo deu início às mesmas atividades. Suspeitas parecidas entre os inquisidores o levaram novamente à prisão. A liberdade só lhe seria possível mediante a suspensão de tal conduta.

Assim foi; viajou a Paris para continuar seus estudos na faculdade de Montaigu. Seus esforços para doutrinar seus colegas estudantes dentro de seus métodos singulares criaram-lhe novos problemas com a Inquisição. Tornando-se mais prudente, passou a se encontrar com apenas seis de seus amigos de faculdade. Dois dentre eles viriam a se tornar recrutas profundamente estimados: Salmeron e Lainez.

O que teria ele de especial, que pudesse atrair de forma tão poderosa jovens a um velho aluno? Talvez o seu ideal e um certo "charme", além de um pequeno livro, na verdade um livreto que, independente de sua pequena dimensão, tornou-se um dos livros de maior influência nos destinos da humanidade. Esse livro foi editado tantas vezes que o número de cópias é desconhecido; também foi objeto de mais de 400 comentários. É o livro guia dos jesuítas e, ao mesmo tempo, o resumo do longo desenvolvimento pessoal do seu mestre: os "Exercícios Espirituais".

Assim trabalham eles para o surgimento do "Reino de Deus", de acordo com seu próprio ideal: um grande rebanho sob o cetro do Santíssimo Pai.

Que homens estudados pudessem ter um ideal tão anacrônico parece muito estranho, mas é inegável que ainda pensam assim, sendo, portanto, a confirmação de um fato freqüentemente

desprezado: a proeminência das emoções na vida do espírito. Além disso, Kant afirmou que toda a Filosofia não passa da expressão do caráter ou temperamento do filósofo.

A parte dos métodos individuais, o "temperamento" jesuítico parece ser mais ou menos uniforme entre eles: uma mistura de piedade e diplomacia; asceticismo e sabedoria mundana; misticismo e calculismo. Tal como era o caráter de Loyola, esta é a marca registrada da Ordem." Em primeiro lugar, o paradoxo desta Ordem tem persistido durante 400 anos: Uma Ordem que se empenha em ser "intelectual" mas, simultaneamente, tem sido, dentro da Igreja Romana e na sociedade, a campeã do comportamento mais rígido.

Os Exercícios Espirituais

Quando, finalmente, chegou o momento de Ignácio deixar Manresa, não poderia prever seu destino, mas a ansiedade relativa à sua própria salvação não era mais uma preocupação. Foi como missionário, e não como um simples peregrino, que ele seguiu para a Terra Santa em março de 1523. Chegou a Jerusalém no dia 12 de setembro, após muitas aventuras; entretanto, logo partiu sob as ordens do superior franciscano que não desejava ver a paz entre cristãos e turcos ameaçada por um proselitismo fora de hora.

O missionário, desapontado, passou por Veneza, Gênova e Barcelona, no caminho para a Universidade de Alcalá, onde iniciou seus estudos teológicos e, assim, começa também a sua "cura de almas".

É compreensível que após quatro semanas de dedicação a estes exercícios intensivos, com um mestre por sua única companhia, o candidato estivesse pronto para o treino subsequente e a ruptura. Isso é o que Quinet tem a dizer a respeito do criador de tal método alucinatório: "Você sabe o que o distingue de todos os ascéticos do passado? O fato é que podia observar e analisar a si mesmo lógica e friamente, em total estado de arrebatamento, enquanto para todos os outros a idéia de reflexão era impossível. Impondo aos seus discípulos ações que lhe eram espontâneas, ele apenas precisava de trinta dias para romper, com este método, a vontade própria e o bom senso, tal qual um montador domina seu cavalo. Ele precisava de apenas trinta dias, "triginta dies", para subjuguar uma alma.

Note que o jesuítismo se expandiu com a inquisição moderna: enquanto a Inquisição quebrava o corpo, os exercícios espirituais quebravam os pensamentos, através da máquina de Loyola."(12b)

É possível examinar sua vida "espiritual" muito profundamente, mesmo que não se tenha a "honra" de ser jesuíta. Os métodos de Loyola são para ser recomendados aos fiéis e eclesiásticos em particular, como somos lembrados por comentaristas tais como R. E Pinard de la Boullaye, autor de Oração Mental para Todos, inspirado por Boehmer diz mais ainda: "Ignácio compreendeu, mais claramente do que qualquer outro líder social anterior a ele, que a melhor forma de conduzir um homem a um certo ideal é através do controle de sua imaginação. Nós "o imbuímos das forças espirituais que ele acreditaria serem difíceis de eliminar posteriormente", forças mais duradouras que os melhores princípios e doutrinas. Essas forças poderiam vir de novo à tona, às vezes anos depois de não terem sido mencionadas, tornando-se tão imperativas que a vontade se acharia incapaz de oferecer qualquer obstáculo, e então teria que seguir seu impulso irresistível."

Portanto, todas as "verdades" do dogma católico terão de ser não apenas meditadas, mas vividas e sentidas por aquele que se dedica a essas "práticas", com a ajuda de um "diretor". Em outras palavras: ele terá de ver e reviver o mistério com a maior intensidade possível. A sensibilidade do candidato fica impregnada com tais forças, cuja persistência em sua memória, e ainda mais em seu subconsciente, serão tão fortes quanto o esforço que fez para evocar e

assimilar tais forças. Além da visão, os outros sentidos, como a audição, o olfato, o tato e o paladar teriam seu papel. Resumindo, é simplesmente auto-sugestão controlada.

A rebelião dos anjos, a expulsão de Adão e Eva, o julgamento final, as cenas evangélicas e as fases da Paixão são, como se costuma dizer, revividos diante do candidato. Cenas suaves e bem-aventuradas se alternam com as mais obscuras, em um ritmo competentemente determinado. Nem é preciso dizer que o inferno desempenha a parte principal nesse show de "lanterna mágica", com seu lago de fogo onde as almas perdidas são atiradas, o terrível concerto de gemidos, a feroz visão de súlfura e carne queimando. Ainda assim, Cristo está lá para sustentar o visionário que não sabe como Lhe agradecer por não ter sido atirado ainda no inferno para pagar seus pecados passados.

Eis o que Edgar Quinet escreveu: "Não só as visões são predeterminadas, mas também suspiros, inspirações e expirações são implantada em todos os tipos de atividades escolhidas e ganhou a confiança da Cúria para sempre."

Essa confiança era plenamente justificada. Os jesuítas e Lainez, em particular, juntamente com seu devotado amigo cardeal Morone, tornaram-se os campeões astutos e incansáveis da autoridade papal e da intangibilidade do dogma, durante as três sessões daquele Concílio, terminado em 1562. Por suas ágeis manobras e dialética, conseguiram derrotar a oposição e todas as solicitações "hereges" (incluindo casamento de padres, comunhão com dois elementos, uso do idioma local nos rituais e, especialmente, a reforma do papado). Apenas a reforma dos conventos foi mantida. O próprio Lainez, com um forte contra-ataque, sustentou a infalibilidade papal, a qual foi promulgada três séculos depois, pelo Concílio do Vaticano.

A Santa Sé emergiu fortalecida da crise na qual estava praticamente afundada, graças às iniciativas ágeis e precisas dos jesuítas. Os termos escolhidos por Paulo III para descrever essa nova Ordem, em sua bula papal de autorização, foram plenamente justificados: "Regimen Ecclesiae Militantis".

O espírito lutador se desenvolveu mais e mais à medida que o tempo passava. Além das missões no estrangeiro, as atividades dos filhos de Loyola começaram a se concentrar nas almas dos homens, especialmente dentro das classes dominantes. Os políticos seriam seu principal campo de ação e todos os esforços de seus "dirigentes" se concentraram em um objetivo: a submissão do mundo ao papado e, para atingi-lo, era necessário conquistar as "cabeças" antes. Para a obtenção desse ideal, duas armas importantíssimas eram necessárias: serem os confessores dos poderosos e daqueles de posição elevada, e a educação de seus filhos. Dessa forma, o presente estaria a salvo enquanto o futuro seria preparado.

Fundação da Companhia

A Companhia de Jesus foi constituída no dia da Assunção, em 1534, na capela de Notre Dame de Montmartre. Ignácio tinha então 44 anos de idade. Após a comunhão, o fundador e seus companheiros fizeram um voto de ir à Terra Santa, assim que seus estudos fossem concluídos, para converter os infiéis.

O ano seguinte, no entanto, os encontraram em Roma, onde o papa, que estava na época organizando uma cruzada contra os turcos, em conjunto com o imperador alemão e a República de Veneza, mostrou-lhes que o projeto era inviável justamente por causa disso. Assim, Ignácio e seus companheiros se dedicaram ao trabalho missionário em terras cristãs.

Em Veneza, seu apostolado levantou suspeitas da Inquisição. Os estatutos da Companhia de Jesus foram finalmente definidos e aprovados em Roma por Paulo III, em 1540, e os jesuítas se colocaram à disposição do papa, prometendo obediência incondicional. Ensino, confissão, pregação e obras de caridade foram o campo de ação para essa nova Ordem. Quanto as

missões no estrangeiro, não foram excluídas pois, em 1541, Francisco Xavier e dois companheiros deixaram Lisboa em direção ao Extremo Oriente, a fim de evangelizarem. Em 1546, o lado político da carreira deles foi lançado, quando o papa escolheu Lainéz e Salmeron para o representarem no Concílio de Trento, na condição de "teólogos papais" ..

O Espírito da Ordem

"Não podemos esquecer, escreve o jesuíta Rouquette, que historicamente o "ultramontanismo" tem sido a afirmação prática do "universalismo".

Esse universalismo necessário seria apenas uma palavra vazia, se não resultasse em uma coesão ou obediência prática do cristianismo. Por isso Ignácio quis que sua equipe estivesse à disposição do papa, e ser o campeão da unidade católica, unidade que só pode ser assegurada através de uma submissão efetiva ao vigário de Cristo.(13a) Os jesuítas quiseram impor esse absolutismo monárquico na Igreja Romana e o mantiveram na sociedade civil, pois tinham de olhar os soberanos como representantes temporais do "Santo Papa", verdadeira cabeça do cristianismo. Enquanto esses monarcas fossem inteiramente submissos ao seu senhor comum, os jesuítas seriam seus mais fiéis partidários. Por outro lado, se esses príncipes se revoltassem, encontrariam nos jesuítas seus piores inimigos.

"Na Europa, sempre que os interesses de Roma exigissem que o povo se levantasse contra seu rei, ou se esses príncipes temporais tivessem tomado decisões embaracosas para a Igreja, a Cúria sabia que não havia instituição mais habilitada, astuta e ousada que a Companhia de Jesus para a intriga, propaganda ou até mesmo a rebelião aberta."

R.E Rouquette escreve corajosamente: "Longe de ser uma diminuição do homem, essa obediência inteligente e autodeterminada é o máximo da liberdade, uma libertação da escravidão de si mesmo". Só temos que ler esses textos para percebermos o extremo (ou ainda monstruoso) caráter de submissão da alma e do espírito imposto pelos jesuítas, sempre fazendo deles instrumentos dóceis nas mãos dos seus superiores, além de inimigos naturais de qualquer tipo de liberdade desde o início. O famoso "perinde ac cadáver" (como se fosse um cadáver nas mãos de um agente funerário) pode ser encontrado em toda a "literatura espiritual", de acordo com Folliet, e mesmo no Oriente, na constituição de Haschichin.

Os jesuítas devem estar nas mãos de seus superiores "como se fosse um staff", obedecendo a cada impulso, qual uma bola de cera que pode ser modelada e atirada em qualquer direção; semelhante a um pequeno crucifixo, sendo manipulado e movido à vontade". Essas fórmulas "agradáveis" não deixam de ser muito esclarecedoras. Observações e explicações do criador dessa Ordem não deixam dúvidas sobre seu verdadeiro significado. Além disso, entre os jesuítas, não só a vontade própria, mas também o bom senso e mesmo o escrúpulo moral devem ser sacrificados, diante da virtude primordial da obediência que é, de acordo com Bórgia, "o mais forte baluarte da Companhia".

"Podemos estar convencidos de que tudo vai bem quando o superior assim ordena. Mesmo se Deus lhe desse um animal irracional como senhor, você não hesitará em obedecê-lo como sendo mestre e guia, porque Deus assim ordenou", escreveu Loyola.

Algo ainda mais interessante: O jesuíta deve enxergar em seu superior não um homem falível, mas o próprio Cristo. J. Huber, professor de Teologia Católica em Munique e autor de uma das obras mais importantes sobre os jesuítas, escreveu: "Eis um fato provado: os estatutos repetem quinhentas vezes que deve-se ver Cristo na pessoa do prior".

A disciplina da Ordem, tão freqüentemente aproximada à das Forças Armadas, nem pode chegar a ser comparada à realidade. 'A obediência militar não é equivalente à obediência jesuítica. A última é muito mais abrangente, pois assume o homem inteiro e não está satisfeita,

como a primeira, apenas com o ato exterior, mas requer o sacrifício da vontade pessoal e o abandono da própria capacidade de julgar".

O próprio Ignácio escreveu em sua carta aos jesuítas portugueses: "Temos de ver o preto como branco, se a Igreja assim determinar". Isso é o "máximo da liberdade" e a "libertação de si mesmo", anteriormente louvados por R. P. Rouquette. Com efeito, o jesuíta é verdadeiramente libertado de si mesmo, pois fica totalmente submetido a seus mestres; qualquer dúvida ou escrúpulo seria considerado pecado.

Boehmer escreve: "Nos aditivos dos estatutos, os superiores são aconselhados a comandarem os noviços, tal qual Deus fizera com Abraão, ordenando coisas aparentemente criminosas, para prová-los; devem, no entanto, proporcionar essas tentações de acordo com a força de cada um. Não é difícil imaginar quais podem ser os resultados de uma educação dessas". Os altos e baixos na vida da Ordem - foi expulsa de todos os países nos quais esteve - atesta que esses perigos foram reconhecidos por todos os governos, até mesmo os mais católicos. Introduzindo homens tão cegamente dedicados à sua causa e ensinando às classes superiores, a Companhia - senhora do universalismo, portanto, "ultramontanismo" - foi inevitavelmente reconhecida como uma ameaça à autoridade civil, pelo fato da atividade da Ordem (mero fato de sua vocação) ter-se tornado mais e mais dirigida à política.

Paralelamente, o que chamamos de espírito jesuítico foi se desenvolvendo dentre os seus próprios membros. O fundador, no entanto, inspirado principalmente pelas necessidades das "missões" internas e no estrangeiro, não tinha menosprezado a especialização e habilidade, escrevendo em seu *Setentiae Asceticae*: "Um cuidado inteligente com uma pureza medíocre é melhor do que uma santidade maior aliada a uma habilidade menos perfeita. Um bom pastor de almas deve saber como ignorar muitas coisas e fingir não entendê-las. Uma vez que é o senhor das vontades, será capaz de sabiamente guiar os seus alunos para onde ele próprio escolher. As pessoas são totalmente absorvidas por interesses passageiros; assim, não devemos falar-lhes especificamente sobre suas almas, pois seria o mesmo que lançar o anzol sem isca".

Mesmo a expressão facial esperada dos filhos de Loyola era enfaticamente determinada: "Deviam manter suas cabeças ligeiramente abaixadas, sem jogar para a esquerda ou direita; não deveriam olhar para cima e, quando falavam com alguém, não deviam olhar diretamente nos olhos, mas apenas indiretamente."(18) Os sucessores de Loyola memorizaram muito bem essa lição e a aplicaram ostensivamente na realização de seus planos.

Os Privilégios da Companhia

Depois de 1558, Lainez, o sutil estrategista do Concílio de Trento, foi elevado a prior da Congregação, com amplos poderes para organizar a Ordem como lhe fosse inspirado. As "declarações" compostas por ele próprio e Salmeron foram acrescentadas aos estatutos, de forma a criar um compêndio; acentuaram ainda mais o despotismo do prior eleito vitaliciamente.

Um admonitor, um procurador e assistentes, residentes também em Roma, o ajudariam a administrar a totalidade da Ordem, dividida em cinco congregações: Itália, Alemanha, França, Espanha, Inglaterra e Américas. Essas mesmas congregações eram subdivididas em províncias, que agrupavam as diferentes sedes da Ordem. Apenas o admonitor e os assistentes eram nomeados pela congregação. O prior indicava todos os outros encarregados, promulgava os regulamentos (que não poderiam modificar os estatutos), administrava as riquezas da Ordem de acordo com sua própria vontade e dirigia suas atividades, reportando-se apenas ao papa.

Para tal milícia tão bem costurada e entregue nas mãos de seu chefe, o qual necessitava da maior autonomia possível para efetuar as suas ações, o papa concedia privilégios que pareciam exorbitantes a outras ordens religiosas.

Por causa de seus estatutos, os jesuítas ficaram isentos do regimento enclausurante que a vida monástica implicaria. Eram monges vivendo "no mundo" e, externamente, nada os diferenciava do clero secular mas, ao contrário deste e de outras congregações religiosas, não estavam sujeitos à autoridade do bispo. Já em 1545, uma bula do papa Paulo III os capacitava a pregarem; ouvirem confissões; dispensarem sacramentos; realizarem a missa; absolverem; trocarem penitências por outras mais fáceis de realizar ou até mesmo cancelá-las. Em resumo, exerciam seu ministério, sem terem de se reportar ao bispo. Só não podiam celebrar casamentos. Gaston Bally escreve: "O poder do prior referente à absolvição e dispensação é ainda maior. Pode suspender toda e qualquer punição infligida aos membros da Companhia, antes ou depois de sua entrada na Ordem, absolver todos os seus pecados, até mesmo o pecado de heresia e cisma, a falsificação dos escritos apostólicos, etc.

O prior absolve, pessoalmente ou através de um delegado, todos aqueles que estão sob sua Ordem, do estado infeliz advindo da excomunhão, suspensão ou interdição, desde que essas censuras não tenham sido infligidas por excessos tão grandes que outros, diante do tribunal papal, possam vir a saber delas.

Ele também absolve o resultado de irregularidades, como bigamia, danos a outrem ou homicídio, desde que estes atos perversos não sejam publicamente conhecidos e causa de escândalo".(19)

Finalmente, Gregório XIII outorgou à Companhia o direito de negociar, no comércio e no sistema bancário, um direito do qual ela veio a usufruir posteriormente. Essas atribuições e poderes sem precedentes lhes foram inteiramente garantidos. "Os papas chegavam mesmo a convocar príncipes e reis para defender estes direitos; eles ameaçavam com a grande excomunhão "Lata e sententiae" todos os que tentassem infringi-los. Em 1574, uma bula de Pio V dava ao prior o direito de restaurar estes privilégios ao seu âmbito inicial, contra todas as tentativas de alterá-los ou diminuí-los, mesmo que tais diminuições houvessem sido documentadas por revogação papal.

Cedendo aos jesuítas privilégios tão exorbitantes, os quais ultrapassavam a antiquada constituição da Igreja, o papado queria não apenas fornecer-lhes armas para combater os iníciis, mas principalmente usá-los como um corpo de segurança, o qual defendesse seu próprio poder irrestrito dentro e fora da Igreja. Para preservar a supremacia espiritual e temporal, eles usurparam durante a Idade Média; os papas venderam a Igreja à Companhia de Jesus e, como consequência, entregaram-se nas mãos deles. Se o papado era sustentado pelos jesuítas, toda a existência deles dependia da supremacia espiritual e temporal do papado. Desta forma, os interesses de ambas as partes estavam intimamente ligados".(20)

Este comando seletivo, no entanto, precisava de auxiliares secretos para dominar a sociedade civil. Tal papel recaiu também sobre aqueles aliados da Companhia, os chamados jesuítas. "Muitas pessoas importantes eram ligadas à Companhia: os imperadores Ferdinando II e Ferdinando III; Sigismundo III, rei da Polônia, que tinha pertencido à Companhia oficialmente; o Cardeal Infante e um duque de Savoy. E estes não eram os menos úteis."(21)

Os Jesuítas na Europa Durante os Séculos XVI e XVII

Dá-se o mesmo hoje em dia. Os 33 mil membros oficiais da Companhia operam por todo o mundo, na capacidade máxima de seu pessoal: oficiais de um exército altamente secreto, contando nas suas fileiras com dirigentes de partidos políticos, oficiais de alta patente, generais, magistrados, médicos e professores universitários, dentre outras categorias. Todos lutando para realizar, em seu próprio campo de ação, o "Opus Dei" (a Obra de Deus) ou, na verdade, os planos do papado.

Itália, Portugal e Espanha

A França é o berço da Companhia de Jesus, mas foi na Itália que recebeu seu programa, estatutos e se expandiu, escreveu Boehmer(1), observando o número crescente de academias e colégios jesuítas (128 e 1680); "mas a história da civilização italiana durante os séculos XVI e XVII demonstra suas consequências de forma avassaladora. Se uma Itália culta abraçou então a fé e os preceitos da Igreja, recebeu um novo alento do ascetismo e das missões; compôs novamente poemas piedosos e hinos para a Igreja; dedicou conscientemente os pincéis dos pintores e as espátulas dos escultores para exaltar o ideal religioso. Não terá sido por esses motivos que as classes cultas foram instruídas nos colégios e confessionários jesuítas? Já não eram mais os tempos de simplicidade infantil, alegria, vivacidade e o simples amor à natureza", acrescenta o autor. "Os pupilos dos jesuítas são muito clericais, devotos e absorvidos em preservar essas qualidades. São criados com visões de êxtases e iluminações; embriagam-se literalmente com mortificações assustadoras e tormentos atrozes de mártires; precisam da pompa, brilho e dramaticidade. A partir do final do século XVI, a arte e a literatura italianas reproduzem fielmente essa transformação moral. A inquietação, a ostentação e a súplica chocante, que caracterizam as criações daquele período, promovem um sentimento de repulsa ao invés de simpatia pelas crenças que supostamente interpretam e glorificam".(3)

É a marca sui generis da Companhia. Esse amor pelo distorcido, afetado, brilhante e teatral poderia parecer estranho entre os místicos formados nos Exercícios Espirituais, se não detectássemos nele esse desejo essencialmente jesuítico de impressionar. É uma aplicação da máxima "Os fins justificam os meios", aplicada com perseverança pelos jesuítas nas artes e literatura, tal qual na política e na moral. A Itália mal havia sido tocada pela Reforma.

Os Waldenses, no entanto, haviam sobrevivido desde a Idade Média, apesar das perseguições, e se estabeleceram ao Norte e ao Sul da península, ligando-se à Igreja Calvinista em 1532. Baseado em um relatório do jesuítas Possevino, Emmanuel Philibert de Savoy lançou outra perseguição sangrenta contra seus temas "hereges" em 1561. O mesmo aconteceu na Calábria, em Casal di San Sisto e Guardiā Fiscale. "Os jesuítas implicados nesses massacres estavam ocupados convertendo suas vítimas..."(4) "Ele foi com o exército católico, como seu capelão, e recomendou o extermínio na fogueira dos pregadores hereges como um ato necessário e sagrado", escreveu o padre Possevino.(5)

Os jesuítas eram todo-poderosos em Parma, na corte de Farnese, tanto quanto em Nápoles, durante os séculos XVI e XVII. Em Veneza, onde haviam sido agraciados com favores, foram, no entanto, banidos em 14 de maio de 1606, "conforme os demais fiéis servos e emissários do papa". Foi-lhes, entretanto, permitido voltar em 1656, mas sua influência nessa República seria, a partir de então, nada além de uma sombra do que tiveram no passado.

Portugal foi um país especial para a Ordem. "Já sob João III (1521-1559), era a comunidade religiosa mais poderosa do reino. Sua influência cresceu ainda mais após a revolução de 1640, que pôs os Bragança no trono".(6)

Sob o primeiro rei da casa de Bragança, o padre Fernandez era membro do governo e, sob a minoridade de Afonso VI, o conselheiro mais estimado pela regente rainha Luiza. O padre De Ville conseguiu derrubar Afonso VI em 1667, e o padre Emmanuel Fernandez tornou-se representante na Corte em 1667, pelo novo rei Pedro II.

'Apesar dos padres não exercerem cargo público no reino, eram mais poderosos em Portugal que em qualquer outro país. Eram não só os guias espirituais de toda a família real, mas até mesmo o rei e seu ministério os consultavam em todas as circunstâncias importantes. A partir de um de seus próprios testemunhos, hoje sabemos que nenhum cargo na administração do Estado ou da Igreja poderia ser obtido sem o seu consentimento. Tanto é que o clero, as classes altas e o povo disputavam entre si para alcançar seus favores e aprovação. Políticos estrangeiros

também estavam sob sua influência. Qualquer homem razoável perceberia que tal estado de coisas era prejudicial ao bem do reino."(7)

Na verdade, podemos ver os resultados disso pelo estado de decadência em que essa terra desafortunada caiu. Toda a energia e perspicácia do Marquês de Pombal foram necessárias, no meio do século XVIII, para arrancar Portugal das garras mortais da Ordem.

Na Espanha, a penetração dos jesuítas foi mais lenta. O alto clero e os dominicanos se opuseram durante muito tempo. Os próprios soberanos, Carlos V e Filipe II, ao aceitarem seus serviços, desconfiavam desses soldados do papa e temiam interferências em sua autoridade. Com muita habilidade, porém, a Ordem finalmente derrubou essa resistência.

"Durante o século XVII, eles foram poderosíssimos na Espanha, entre as altas classes e na Corte. Até mesmo o padre Neidhart, ex-oficial cavaleiro alemão, governou completamente o reino como conselheiro de Estado, primeiro ministro e Grande Inquisidor. Na Espanha, tanto quanto em Portugal, a ruína do reino coincidiu com a ascensão da Ordem."(8)

Edgar Quinet discorre sobre o assunto: "Sempre que uma dinastia morre, posso ver, surgindo e mantendo-se atrás dela, um tipo de gênio mau, uma dessas figuras que são os confessores, gentil e paternalmente atraindo-a para a morte." (9)

Na verdade, não se pode atribuir a decadência da Espanha apenas a essa Ordem. "É inegável, no entanto, que a Companhia de Jesus, juntamente com a Igreja e outras Ordens religiosas, aceleraram sua queda. Quanto mais rica ficava a Ordem, mais pobre ficava a Espanha; tanto que quando Carlos II faleceu, os cofres do Estado não tinham nem mesmo a soma necessária para pagar as dez mil missas usualmente rezadas pela salvação de um monarca falecido."(10)

Itália, Portugal e Espanha E Alemanha

Não era o Sul da Europa, mas a Europa Central, França, Holanda, Alemanha e Polônia o local para a batalha histórica entre o catolicismo e o protestantismo. Esses países eram os campos principais de batalha para a Companhia de Jesus.(11) A situação era particularmente grave na Alemanha: "Não só pessimistas conhecidos, mas também católicos sábios e bem-pensantes consideravam a causa da velha Igreja em toda a Alemanha como quase perdida. Mesmo na Áustria e na Boêmia, a quebra com Roma era tão generalizada que os protestantes razoavelmente poderiam esperar a conquista da Áustria dentro de mais algumas décadas. Pois então como é que essa mudança acabou não acontecendo e, ao contrário, o país acabou ficando dividido em duas partes? O Partido Católico, ao final do século XVI, nunca hesitava ao responder a essa pergunta, pois já atribuía aos Witelsbach, Habsburg e aos jesuítas a responsabilidade por essa feliz mudança no rumo das coisas."(12)

Rene Fulop-Miller escreveu sobre o papel dos jesuítas nesses eventos: 'A causa católica poderia esperar por um sucesso real apenas se os padres pudessem ter influência e liderança sobre os príncipes, em todas as ocasiões e circunstâncias. Os confessionários ofereciam aos jesuítas os meios para assegurar uma influência política duradoura e, portanto, uma ação efetiva.' (13)

Na Bavária, o jovem duque Albert V, filho de um católico fiel e educado em Ingolstadt, a velha cidade católica, convocou os jesuítas para combaterem efetivamente a "heresia".

"No dia 07 de julho de 1556, oito padres e 112 professores jesuítas foram a Ingolstadt. Foi o início de uma nova era para a Bavária. O próprio Estado recebeu um novo selo. As concepções católicas romanas dirigiam a política dos príncipes e o comportamento das altas classes. Esse novo espírito, porém, foi incorporado apenas pelas classes altas, não tendo conquistado os corações do povo da rua, da gente simples... Apesar disso, sob a disciplina de ferro do Estado e

da Igreja restaurada, eles se tornaram novamente católicos devotos, dóceis, fanáticos e intolerantes quanto a qualquer heresia.

Pode parecer excessivo atribuir tais virtudes e ações prodigiosas a alguns poucos estranhos. Mesmo assim, nestas circunstâncias, a força deles era inversamente proporcional ao seu número e foram imediatamente eficientes, pois nenhum obstáculo lhes surgiu pela frente. Os emissários de Loyola conquistaram o coração e a mente do país desde o começo. A partir da geração seguinte, Ingolstadt tornou-se o tipo perfeito de cidade alemã jesuítica." (14)

Pode-se julgar o estado mental dos padres presentes nessa "fortaleza de fé" lendo o seguinte: "O jesuíta Mayrhofer de Ingolstadt ensinava em seu espelho de pregação: Não seremos julgados se pedirmos o assassinato de protestantes mais do que seríamos ao pedir a pena de morte para ladrões, assassinos, contraventores e revolucionários." (15)

Os sucessores de Albert V, e especialmente Maximiliano I (1597-1651), completaram seu trabalho, mas Alberto V já estava consciente de sua "responsabilidade" de assegurar a "salvação" de seus súditos. "Logo que os padres chegaram à Bavária, sua atitude em relação aos protestantes e os que eram favoráveis a eles tornou-se severa. A partir de 1563 impiedosamente baniram todos os recalci-trantes e não tinham piedade dos anabatistas, os quais acabavam por sofrer afogamentos, fogueiras, prisões e cadeias, tudo isso com os elogios do jesuíta Agrícola. Toda uma geração teve de desaparecer antes da perseguição ser coroada com êxito absoluto. Já em 1586, os anabatistas morávios conseguiram esconder 600 vítimas do duque Guilherme. Esse exemplo prova que eram milhares, e não centenas, os banidos, um número assustador em um país com tão poucos habitantes."

"Mas a honra de Deus e a salvação de almas deve estar acima de quaisquer interesses temporais", disse Albert V, do Conselho da Cidade de Munique.(16) Pouco a pouco, todo o ensino na Bavária foi posto nas mãos dos jesuítas e aquela região se transformou na base para sua penetração no Leste, Oeste e Norte da Alemanha.

'A partir de 1585, os sacerdotes converteram a parte da Westphalia sob controle de Colônia. Em 1586, surgem em Neuss e Bonn, uma das sedes do arcebispo de Colônia; abrem escolas em Hildesheim em 1587 e Munster em 1588. Esta, em especial, já tinha 1.300 pupilos em 1618... Uma grande parte do Oeste da Alemanha foi reconquistada dessa forma pelo catolicismo, graças aos Wittelsbach e aos jesuítas.

'A aliança entre os Wittelsbach e os jesuítas talvez tenha sido mais importante ainda para as regiões da Áustria do que para o Oeste da Alemanha." (17) O arquiduque Carlos de Styrie, último filho do imperador Ferdinando, casou-se em 1571 com uma princesa da Bavária, trazendo ao castelo de Gratz as rígidas tendências católicas e a amizade dos jesuítas que prevaleciam na Corte de Munique." Sob a influência dela, Carlos lutou muito para "extirpar a heresia" de seu reino e, quando morreu, em 1590, fez com que seu filho e sucessor, Ferdinando, jurasse continuar essa tarefa. De qualquer modo, Ferdinando estava muito bem preparado para tal. "Por cinco anos havia sido aluno dos jesuítas em Ingolstadt; além disso, era tão bitolado que, para ele, não havia mais nobre missão que o reestabelecimento da Igreja Católica em seu Estado hereditário. Se essa missão era vantajosa ou não a seu reino, não lhe importava verdadeiramente. "Prefiro "reinar num país em ruínas, do que num país amaldiçoado", dizia ele.

Em 1617, o arquiduque Ferdinando foi coroado rei da Boêmia pelo imperador. "Influenciado pelo seu confessor jesuíta Viller, Ferdinando começou imediatamente a combater o protestantismo em seu novo reino, assinalando assim o começo daquela guerra sangrenta de religião, a qual, nos 30 anos seguintes, manteve a Europa em suspense. Quando em 1618 os infelizes eventos em Praga deram sinal de uma rebelião aberta, o velho imperador Mathias tentou primeiro comprometer-se, mas não tinha poder suficiente para fazer prevalecer suas intenções contra o rei Ferdinando, o qual era dominado pelo seu confessor jesuíta; assim perdeu-se a

última esperança de resolver este conflito amigavelmente. Ao mesmo tempo, a Boêmia havia tomado medidas especiais e decretado solenemente que todos os jesuítas deveriam ser banidos, pois eram promotores de uma guerra civil." (19)

Logo após, a Morávia e a Silésia seguiram esse exemplo, e os protestantes da Hungria, onde o jesuíta Pazmany governou com mão-de-ferro, também se rebelaram. A batalha da Montanha Branca (1620), no entanto, foi vencida por Ferdinando, que havia sido elevado a imperador novamente após a morte de Mathias. "Os jesuítas persuadiram Ferdinando a submeter os rebeldes à mais cruel das punições; o protestantismo foi arrancado de todo o país às custa de meios indescritivelmente terríveis. No fim da guerra, a ruína material do país era completa."

"O jesuíta Balbinus, historiador da Boêmia, admirava-se como ainda pudesse haver alguns habitantes naquele país. A ruína moral, porém, foi ainda mais terrível. A cultura emergente encontrada entre os nobres e classe média, a rica literatura nacional não poderia ser substituída: tudo isso havia sido destruído, e até mesmo a nacionalidade fora abolida. A Boêmia estava aberta para as atividades jesuíticas. Eles queimaram a literatura tcheca em massa; sob sua influência, até mesmo o nome do grande santo nacional (John Huss) foi sendo gradualmente apagado até que estivesse extinto do coração do povo."

"O auge do poder dos jesuítas", disse Tomek, "coincidiu com a maior decadência do país em sua cultura nacional. Foi por causa da influência da Ordem que o despertar dessa terra desafortunada só veio a acontecer aproximadamente um século depois". Quando a "Guerra dos 30 Anos" chegou ao fim e a paz foi concluída, com a garantia aos protestantes alemães dos mesmos direitos políticos dos católicos, os jesuítas fizeram o máximo para que a luta continuasse, mas foi em vão." (20)

Obtiveram, entretanto, de seu aluno Leopoldo I, então imperador, a promessa de perseguir os protestantes em suas próprias terras e, especialmente, na Hungria.

'Acompanhados de dragões imperiais, os jesuítas assumiram esse trabalho de reconversão em 1671. Os húngaros se levantaram contra eles e começaram uma guerra que duraria por quase uma geração inteira, mas essa insurreição foi vitoriosa, sob a liderança de Francis Kakoczy. Os vitoriosos quiseram expulsar os jesuítas de todos os países sob seu domínio, mas protetores influentes da Ordem conseguiram adiar tais medidas e a expulsão só aconteceu em 1707".

"O príncipe Eugênio culpou, com uma franqueza ousada, a política da casa imperial e as intrigas dos jesuítas na Hungria. "A Áustria quase perdeu a Hungria por ter perseguido os protestantes", escreveu ele, afirmando amargamente que a moral dos turcos era muito superior à dos jesuítas, na prática, pelo menos. "Eles querem dominar consciências, além de ter o direito de vida e morte sobre os homens", continuou ele.

'A Áustria e a Bavária ceifaram os frutos da dominação jesuítica por completo: a compressão de todas as tendências e a idiotização sistemática do povo. A profunda miséria que se seguiu à guerra religiosa, a política impotente, a decadência intelectual, a corrupção moral, uma diminuição alarmante da população e o empobre cimento de toda a Alemanha. Estes foram os resultados das iniciativas da Ordem."(21)

Suíça

Somente durante o século XVII é que os jesuítas conseguiram se estabelecer com sucesso na Suíça, depois de terem sido chamados e posteriormente banidos por algumas poucas cidades da Confederação, durante a segunda metade do século XVI.

O arcebispo de Milão, Carlos Borromee, o qual tinha favorecido sua instalação em Lucema, em 1578, logo percebeu quais seriam os resultados de suas ações, conforme nos lembra J.

Huber: "Carlos Borromee escreveu a seu confessor que a Companhia de Jesus, governada por dirigentes mais políticos do que religiosos, estava se tornando poderosa demais para preservar a submissão e moderação necessárias. Ela domina reis e príncipes e dirige assuntos temporais e espirituais; a instituição piedosa perdeu o espírito que a animava na origem; nos sentíamos obrigados a excluí-la".(22)

Ao mesmo tempo, na França, o famoso legista Etiénne Pasquier escreveu: "Introduza essa Ordem em nosso meio e, ao mesmo tempo, estará produzindo dissensão, caos e confusão. "(23) Não seria essa a mesma reclamação ouvida e repetida em todos os países contra a Companhia? Foi o mesmo na Suíça, quando a evidência de seus atos malignos irromperam das aparências lisonjeiras pelas quais se superava na arte de se disfarçar. "Sempre que os jesuítas conseguiam fincar raízes, seduziam grandes e pequenos, jovens e velhos. Logo, as autoridades começariam a consultá-los em circunstâncias importantes; suas doações começavam a entrar; logo depois passaram a ocupar todas as escolas, os púlpitos de muitas igrejas, os confessionários de todas as pessoas de posição elevada e influente. Confessores e atentos orientadores da educação de todas as classes sociais, conselheiros e amigos íntimos dos membros da Câmara, sua influência crescia dia após dia, e não se faziam de rogados para logo exercê-la em assuntos públicos. Lucema e Friburgo eram seus centros principais, de onde conduziam a política externa de muitos cantões católicos."

Polônia e Rússia

A dominação jesuítica na Polônia foi, de todas, a mais mortal. Isso é provado por H. Boehmer, um historiador moderado, o qual não tolera a hostilidade sistemática a essa Ordem.

"Os jesuítas foram totalmente responsáveis pela aniquilação da Polônia. A decadência do Estado polonês já havia começado quando eles surgiram em cena. É inegável, entretanto, que aceleraram o processo de decomposição do reino. De todos os Estados nacionais, a Polônia, que tinha milhões de cristãos ortodoxos, deveria ser o mais tolerante, do ponto de vista religioso, mas os jesuítas não permitiram que isso acontecesse. Fizeram ainda pior: puseram a política externa da Polônia a serviço dos interesses católicos de forma mortal". (25)

Esse texto foi escrito no final do século passado, sendo muito semelhante ao que o coronel Beck, antigo ministro polonês dos Assuntos Estrangeiros de 1932 a 1939, disse após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945): "O Vaticano é uma das principais causas da tragédia do meu país. Percebi tarde demais que tínhamos seguido nossa política externa apenas para servir aos interesses da Igreja Católica". (26)

Assim, com distância de vários séculos, a mesma influência desastrosa deixou sua marca outra vez naquela nação desaventurada. Já em 1581, o padre Possevino, representante papal em Moscou, tinha se esforçado ao máximo para aproximar o czar Ivan, "o Terrível", e a Igreja Romana. Ivan não era estritamente contra ela. Cheio de grandes esperanças, Possevino tornou-se, em 1584, o mediador da paz de Kirewora Gora entre a Rússia e a Polônia, uma paz que veio a salvar Ivan de dificuldades incríveis. Isso era exatamente o que o astuto soberano esperava. Não houve mais discussões sobre a conversão dos russos e Possevino teve de abandonar a Rússia sem ter obtido absolutamente nada. Dois anos mais tarde, uma oportunidade ainda melhor se ofereceu aos padres para invadir a Rússia: um monge destituído revelou-se a um jesuíta como sendo na verdade Dimitri, filho do czar Ivan, que havia sido assassinado.

Ele propôs submeter Moscou a Roma caso fosse erguido ao trono do czar. Sem refletir, os jesuítas aceitaram a proposta de apresentar Ostrepjew ao paladino de Sandomir, o qual lhe concedeu a filha em casamento. Falaram em nome dele ao rei Sigismundo III e ao papa sobre suas expectativas, e conseguiram levantar o exército polonês contra o czar Boris Godounov. Como recompensa por esses serviços, o falso Dimitri renunciou à religião de seus pais na

Cracóvia, uma das sedes jesuítas, e prometeu à Ordem uma sede em Moscou, próxima ao Kremlin, após sua vitória sobre Boris.

"Foram estes favores dos católicos, entretanto, que desencadearam o ódio da Igreja Russa Ortodoxa contra Dimitri. No dia 27 de maio de 1606, ele foi massacrado com várias centenas de seguidores poloneses. Até então, não se podia falar de um verdadeiro sentimento nacionalista russo; agora, esse sentimento se tornava importantíssimo e tomava imediatamente a forma de ódio fanático pela Igreja Romana e pela Polônia. A aliança com a Áustria e a política ofensiva de Sigismundo III contra os turcos, fortemente encorajada pela Ordem, foi também desastrosa jesuítica. Em nenhum outro país, à exceção de Portugal, a Companhia foi tão poderosa. A Polônia não só teve um "rei dos jesuítas", mas também um jesuítico rei, João Casimiro, um soberano que havia pertencido à Ordem antes da sua ascensão ao trono em 1649. Enquanto a Polônia seguia rapidamente para a ruína, o número de sedes e escolas crescia tão rapidamente que o prior estabeleceu na Polônia uma congregação especial em 1751." (27)

Suécia e Inglaterra

Nos países escandinavos, o luteranismo anulou todo o resto e, quando os jesuítas fizeram seu contra-ataque, não encontraram o que havia na Alemanha: um partido político em minoria, mas ainda forte, escreveu Pierre Dominique.(28) Sua única esperança era a conversão do soberano (que secretamente estava a favor dos católicos). Também esse rei, João III Wasa, tinha se casado em 1568 com uma católica romana, a princesa polonesa Catarina. Em 1574, o padre Nicolai e outros jesuítas foram trazidos à Escola de Teologia recentemente fundada, onde se tornaram ardorosos defensores de Roma, enquanto oficialmente assumiam o luteranismo.

Posteriormente, o hábil negociador Possevino obteve a conversão de João III e os cuidados pela educação de seu filho Sigismundo, o futuro Sigismundo III, rei da Polônia. Quando chegou o momento de submeter a Suécia à Santa Sé, as condições do rei (casamento de padres e uso do idioma nacional em serviços e comunhões - todas rejeitadas pela Cúria Romana), levaram as negociações a um beco sem saída. De qualquer forma, o rei, o qual havia perdido sua primeira mulher, teve de se casar com uma sueca luterana. Os jesuítas tiveram que abandonar o país.

"Cinquentá anos depois, a Ordem ganhou outra grande batalha na Suécia. A rainha Cristina, filha de Gustavo Adolfo, o último dos Wasa, foi convertida sob a educação de dois professores jesuítas, os quais conseguiram chegar a Estocolmo fingindo viajarem com nobres italianos. Para conseguir trocar sua religião sem conflitos, no entanto, ela teve que abdicar no dia 24 de junho de 1654." (29)

Na Inglaterra, por outro lado, a situação parecia mais favorável à Companhia e podia-se esperar, por algum tempo pelo menos, trazer o país de volta à jurisdição da Santa Sé. "Quando Elizabeth subiu ao trono, em 1558, a Irlanda era ainda totalmente católica. Nessa época, o catolicismo atingia 50% da população da Inglaterra. Já em 1542, Salmeron e Broel tinham sido enviados pelo papa à Irlanda, para investigações." (30)

Foram criados seminários sob a direção dos jesuítas em Douai, Pont-a-Mousson e Roma, com o objetivo de preparar missionários ingleses, irlandeses e escoceses. Em acordo com Filipe II, de Espanha, a Cúria Romana trabalhou pela queda de Elizabeth em favor da católica Maria Stuart. Uma rebelião irlandesa, provocada por Roma, havia sido esmagada. Os jesuítas, todavia, que haviam chegado à Inglaterra em 1580, tomaram parte de uma grande assembléia católica em Southwark.

"Posteriormente, sob diversos disfarces, eles se espalharam de condado a condado, de casas de campo a castelos. À noite, ouviam confissões; de manhã, pregavam e davam a comunhão; depois desapareciam tão misteriosamente quanto tinham chegado. Assim foi que, em 15 de julho, os jesuítas foram proscritos pela rainha Elizabeth."(31)

Eles imprimiam e distribuíam secretamente panfletos virulentos contra a rainha e a Igreja Anglicana. Um deles, o padre Campion, foi preso, condenado por alta traição e enforcado. Também conspiraram em Edimburgo para conquistar o rei James, da Escócia, para sua causa. O resultado de todos esses distúrbios foi a execução de Maria Stuart em 1587. Posteriormente veio a expedição espanhola, a Armada Invencível, que fez a Inglaterra tremer por algum tempo, fazendo surgir a "união sagrada" em torno do trono de Elizabeth. A Companhia, entretanto, manteve-se firme em seus propósitos. Preparava padres ingleses em Valladolid, Sevilha, Madrid e Lisboa, enquanto sua propaganda secreta era mantida na Inglaterra, sob a direção do padre Garnett. Após a conspiração de Gunpowder contra James I, sucessor de Elizabeth, este mesmo padre Garnett foi condenado por cumplicidade e enforcado, tal qual o padre Campion. Sob Charles I, já na Commonwealth de Cromwell, outros jesuítas pagaram com a vida por suas intrigas.

A Ordem chegou a pensar que venceria com Charles II, o qual, juntamente com Luís XIV havia concluído um acordo secreto em Dover, comprometendo-se a restaurar o catolicismo no país. 'A nação não foi completamente informada a respeito dessas circunstâncias, mas o pouco que vazou foi suficiente para criar uma agitação inacreditável. Toda a Inglaterra estremeceu diante do fantasma de Loyola e das conspirações jesuítas.'(32) Uma reunião deles no próprio palácio levou a fúria popular a um limite. 'Charles II, que desfrutava a vida de um rei e não queria atravessar outra "viagem pelos mares", enforcou cinco padres por alta traição em Tyburn. Isso não abateu os jesuítas. Charles II, no entanto, foi muito prudente e cínico para o gosto deles, pois estava sempre pronto a despistá-los. Imaginaram que a vitória seria possível quando James II subiu ao trono.

O rei retornou ao velho jogo de Maria Tudor, mas usou de meios mais suaves. Fingiu converter a Inglaterra e estabeleceu para os jesuítas, no palácio de Savoy, um colégio onde 400 estudantes foram imediatamente admitidos. Uma camarilha completa de jesuítas tomou conta do Palácio.

Todas essas combinações foram a causa principal para a revolução de 1688. Os jesuítas tiveram de ir contra uma corrente muito poderosa. Na época, a Inglaterra tinha 20 protestantes para cada católico. O rei foi derrubado; todos os membros da Companhia foram presos ou banidos. Por algum tempo, os jesuítas tentaram recomeçar seu trabalho como agentes secretos, mas não passou de uma agitação fútil. Eles tinham perdido a causa.'(33)

Companhia parece ser extremamente perigosa com respeito à fé; é uma inimiga da paz da Igreja; mortal ao Estado monástico e parece ter sido criada para trazer não a edificação, mas a ruína.' (34) Os padres, no entanto, foram autorizados a se estabelecerem em Billom, um recanto de Auvergne. De lá, organizaram uma grande ação contra a Reforma nas províncias do Sul da França. Lainéz, o famoso homem do Concílio de Trento, sobressaiu-se nas polêmicas, especialmente no Colóquio de Poissy, numa tentativa frustrada de conciliar as duas doutrinas (1561).

Graças à rainha mãe, Catarina de Médicis, a Ordem abriu sua primeira casa parisiense, o Colégio de Clermont, que passou a competir com a Universidade. A oposição desta, do clero e do Parlamento foi mais ou menos pacificada com concessões verbais, pelo menos, feitas pela Companhia, a qual se comprometeu a se restringir ao direito comum. A Universidade, porém, tinha lutado muito e por muito tempo contra a introdução de "homens subornados às custas da França, para se armarem contra o rei", de acordo com Etiénne Pasquier, cujas palavras se mostraram verdadeiras não muito tempo depois.

Nem é preciso perguntar se os jesuítas "consentiram" com o Massacre de São Bartolomeu (1572). Eles chegaram a prepará-lo? Quem sabe? A política da Companhia, util e flexível nos seus procedimentos, tinha objetivos muito claros; é a política do "tudo para destruir a heresia". Todo o resto deve estar submetido a esse objetivo maior. "Catarina de Médicis trabalhou muito

por esse objetivo e a Companhia podia contar com os Guises. "(35) Esse plano superior, entretanto, tão ajudado pelo massacre da noite de 24 de agosto de 1572, provocou uma terrível explosão de ódio fraticida. Três anos depois, foi a Liga, após o assassinato do duque de Guises, apelidado "o rei de Paris", e o pedido de "Sua Alta Majestade Cristã" para combater os protestantes.

O astuto Henrique III fez o máximo para evitar uma guerra religiosa. Em acordo com Henrique de Navarra, eles conquistaram os protestantes e os católicos mais moderados contra Paris, a Liga e seus partidários, romanos enlouquecidos apoiados por Espanha. "Os jesuítas, poderosos em Paris, protestaram que o rei da França tinha se entregado à heresia. O comitê dirigente da Liga deliberou na casa dos jesuítas na rua de Saint Antoine. Estaria a Espanha controlando Paris? Improvável. A Liga? A Liga só era um instrumento em mãos extremamente habilidosas. Essa Companhia de Jesus, que tem estado lutando em nome de Roma por trinta anos já, este era o senhor secreto de Paris."

'Assim, Henrique III foi assassinado. Devido ao fato do herdeiro ser protestante, o assassinato pareceu à primeira vista ter sido cometido apenas por razões políticas, mas não seria possível que aqueles que o planejaram e persuadiram o jacobino Clement a executá-lo estivessem esperando uma revolta da França Católica contra o herdeiro huguenote? O fato é que algum tempo depois, Clement foi chamado de "anjo" pelo jesuítas Camelet. Guignard, outro jesuítas que posteriormente foi enforcado, dava a seus alunos, como forma de moldar suas opiniões, textos tirânicos em seus exercícios de latim."(36) Entre outras coisas, esses exercícios escolares continham o seguinte: "Jacques Clement cometeu um ato de mérito inspirado pelo Espírito Santo. Se podemos travar guerra contra ele, então devemos levá-lo à morte." E ainda: "Cometemos um grande erro em São Bartolomeu; deveríamos ter feito sangrar a veia real." (37)

França

Em 1551, a Ordem começou a se estabelecer na França e, após 17 anos de sua fundação, estava instalada na capela Saint-Denis, em Montmartre. Os jesuítas se apresentavam como adversários efetivos da Reforma, a qual havia conquistado um sétimo da população francesa. O povo, no entanto, não confiava nesses soldados excessivamente dedicados à Santa Sé. Assim, sua penetração na França foi inicialmente muito lenta. Tal como em todos os outros países onde a opinião pública não lhes era favorável, se insinuavam em primeiro lugar entre as pessoas da Corte; depois, através destas, nas classes superiores. Em Paris, entretanto, o Parlamento, a Universidade e mesmo o clero mantinham-se hostis. Isso ficou mais evidente na sua primeira tentativa de abrir um colégio na cidade.

Em 1592, um certo Bamere, o qual tentara assassinar Henrique IV confessou que o padre Varade, reitor dos jesuítas em Paris, o havia persuadido a isso. Em 1594, outra tentativa foi levada a cabo por Jean Chatel, ex-aluno dos jesuítas, os quais haviam ouvido sua confissão pouco antes de cometer o ato. Foi nessa ocasião que os já mencionados exercícios escolares eram aproveitados na casa do padre Guignard. "O padre foi enforcado em Greve, enquanto o rei confirmava um édito do Parlamento banindo os filhos de Loyola do reino, como "corruptores da juventude, violadores da paz pública e inimigos do Estado e da Coroa da França."

O édito não foi levado avante em sua totalidade e, em 1603, foi revogado pelo rei contra recomendação do Parlamento. Aquaviva, o prior dos jesuítas, havia sido ardiloso em suas manobras e levara o rei Henrique IV a acreditar que a Ordem, reestabelecida na França, seria leal servidora dos interesses nacionais. Como poderia ele, sutil como era, acreditar que esses romanos fanáticos realmente aceitariam o Édito de Nantes (1498), o qual determinava os direitos dos protestantes na França e, ainda pior, apoiariam seus projetos contra a Espanha e seu

imperador? O fato é que Henrique IV escolheu para seu confessor e tutor um dos mais distintos membros da Companhia, o padre Cotton.(38a)

Em 16 de maio de 1610, na véspera de sua campanha contra a Áustria, o monarca foi assassinado por Ravaillac, o qual confessou ter sido inspirado pelos escritos dos padres Mariana e Suarez. Estes dois recomendavam o assassinato de "tiranos hereges" e de todos aqueles não suficientemente devotados aos interesses do papado. O duque de Epernon, que fazia o rei ler uma carta enquanto o assassino estava pronto para a emboscada, foi um amigo famoso dos jesuítas, e Michelet provou que eles sabiam dessa cilada. "De fato, Ravaillac havia se confessado ao padre jesuítas d'Aubigny pouco antes e, quando os juizes interrogaram o padre, ele simplesmente respondeu que Deus lhe havia concedido o dom de esquecer imediatamente o que lhe era dito no confessionário."(38)

O Parlamento, convicto de que Ravaillac tinha sido apenas um instrumento da Companhia, ordenou ao carrasco queimar o livro de Mariana. Felizmente, Aquaviva ainda estava lá. Novamente esse grande prior tramou muito bem; condenou severamente a legitimidade do tiranicídio. A Companhia sempre teve autores que, no silêncio de seus estudos, expunham a doutrina em toda a sua retidão; também tinha grandes políticos os quais, quando necessário, a vestiriam com as máscaras adequadas."(39) Graças ao padre Cotton, que tomou conta da situação, a Companhia de Jesus saiu desse "temporal" ilesa. Sua fortuna, o número de estabelecimentos e seguidores cresceu vertiginosamente.

Quando, entretanto, Luís XIII subiu ao trono, e Richelieu assumiu os assuntos de Estado, houve um conflito de interesses. O cardeal não permitia que ninguém se opusesse à sua política. O jesuítas Caussin, confessor do rei, pôde verificar a verdade dessa afirmação, quando foi levado à prisão em Rennes, sob as ordens de Richelieu, tal qual um criminoso de Estado. Esse ato produziu ótimos resultados. A fim de se manter na França, a Ordem chegou ao ponto de colaborar com o respeitado ministro.

H. Boehmer escreveu sobre esse assunto: 'A falta de consideração pela Igreja sempre demonstrada pelo governo francês, desde Philippe le Bel, nos conflitos entre os interesses nacionais e eclesiásticos era, novamente, a melhor política."(40) A ascensão ao trono de Luís XIV marcou o início de um tempo de grande prosperidade para a Ordem. A indulgência dos confessores jesuítas, seu "descuido" inteligente usado para atrair pecadores não muito interessados em pagar penitências, foram extensivamente utilizados, tanto com o povo quanto na Corte, especialmente com o rei, muito mais um conquistador "Don Juan" que um devoto.

"Sua Majestade" não tinha intenção de renunciar aos seus casos amorosos, e seu confessor foi muito cuidadoso em evitar o assunto, apesar de ser puro adultério. Assim, toda a família real foi prontamente abastecida com confessores jesuítas apenas, e sua influência cresceu mais e mais na alta sociedade. Os padres de Paris atacavam nos seus Escritos a moral frouxa dos famosos casuístas da Companhia, mas sem sucesso. O próprio Pascal interveio, em vão, a favor dos jansenistas, durante a grande disputa teológica da época. Em suas Cartas da Província, ele expôs ao eterno ridículo seus oponentes muito mudos, os jesuítas. Apesar disso, a posição segura que tinham na Corte lhes assegurou a vitória e os de Port-Royal sucumbiram.

A Ordem assim conquistava outra grande vitória para Roma, cujas consequências foram contra os interesses nacionais. Não é preciso dizer que, contra a vontade, tinham aceitado a paz religiosa assegurada pelo Edito de Nantes, e que tinham continuado em uma guerra secreta contra os franceses protestantes.

À medida que Luís XIV envelhecia, tornou-se mais e mais intolerante, sob a influência de Madame de Maintenon e do padre La Chaise, seu confessor. Em 1681, eles o persuadiram a recomeçar a perseguição aos protestantes. Finalmente, em 17 de outubro de 1685, ele assinava

a Revogação do Édito de Nantes, fazendo com que aqueles dentre seus súditos que se recusassem a abraçar a religião católica ficassem sem direitos legais.

Logo em seguida, para acelerar as "conversões", os famosos "dragonnade" entraram em ação. Esse nome sinistro tornou-se parte de todas as tentativas posteriores de evangelizar por fogo e correntes. Enquanto os fanáticos aplaudiam, os protestantes fugiram do reino em massa. De acordo com Marshal Vauban, a França perdeu dessa forma 400 mil habitantes e 60 milhões de franceses. Industriais, comerciantes, proprietários de navios e artesãos qualificados fugiram para outros países, levando consigo a vantagem de suas especialidades.

Os jesuítas tiveram um dia de vitória em 17 de outubro de 1685; o prêmio final para uma guerra que tinha durado 125 anos ininterruptos, mas o Estado pagou os custos da vitória jesuítica. 'A despopulação e a redução da prosperidade nacional foram as consequências materiais graves de seu triunfo, seguidas de um empobrecimento espiritual que não poderia ser curado, nem mesmo na melhor escola jesuítica. Isso foi o que a França sofreu e a Companhia de Jesus teve de pagar muito pouco tempo depois.'(41)

Durante o século seguinte, os filhos de Loyola viram, não apenas na França mas em todos os países europeus, a rejeição contra eles, mas novamente durou pouco tempo; esses janízaros fanáticos do papado não haviam acabado de acumular ruínas na perseguição ao seu sonho impossível.

Missões no Estrangeiro

"Tornaram-se os católicos devotos e supersticiosos, que vêm milagres em todos os lugares e parecem gostar da autoflagelação"

Índia, Japão e China

Conversão de "pagãos" havia sido o primeiro objetivo do fundador da Companhia de Jesus. Apesar da necessidade de combater o protestantismo na Europa envolver seus discípulos mais e mais (e essa iniciativa política e religiosa, da qual fizemos um breve sumário, tornou-se sua tarefa principal), ainda assim continuaram com a evangelização de terras distantes. Seu ideal teocrático (submeter o mundo à autoridade da Santa Sé) exigia que fossem a todas as regiões do globo, na "conquista de almas". Francisco Xavier, um dos primeiros companheiros de Ignácio, foi o grande promotor da "evangelização na Ásia". Em 1542, desembarcou em Goa e encontrou ali um bispado, uma catedral e um convento de franciscanos que, juntamente com alguns padres portugueses, já haviam tentado espalhar entre os nativos a religião de Cristo. Deu tamanho impulso ao movimento nessa sua primeira tentativa que começou a ser chamado de "apóstolo da Índia".

Na verdade, era muito mais um pioneiro e divulgador do que exatamente alguém que completasse alguma coisa duradoura. Apaixonado, entusiasta, sempre na busca de novos campos de ação, ele mostrou o caminho muito mais do que semeou o chão. No reino de Travancore, em Malacca, nas Ilhas de Banda, Macassar e Ceilão, seu charme pessoal e seus discursos eloquentes fizeram maravilhas e, como resultado, 70 mil idolatras foram convertidos, especialmente nas castas baixas. Para alcançar isso, ele não desprezava o suporte político e até militar dos portugueses. Esses resultados, mais espetaculares do que sólidos, fatalmente despertaram o interesse pelas missões na Europa, além de trazer um outro brilho sobre a Companhia de Jesus.

O apóstolo incansável - mas pouco perseverante - logo deixou a Índia em busca do Japão, depois China, onde estava para entrar quando veio a morrer em Cantão, em 1552. Seu sucessor na Índia, Roberto de Nobile, aplicou nesse país os mesmos métodos que os jesuítas usavam com

sucesso na Europa: apelou às classes mais altas. Para os "intocáveis", ele só concedia a hóstia consagrada na ponta de um bastão. Nobile adotou as roupas, os hábitos e a forma de vida dos brâmanes e misturou seus ritos com os cristãos, tudo isso com a aprovação do papa Gregório XV. Graças a essa ambigüidade, converteu, segundo ele mesmo afirmava, 250 mil hindus. "Cerca de um século após sua morte, quando o intransigente papa Benedito XIV proibiu a observância desses rituais hindus, tudo faliu e os 250 mil pseudo-católicos desapareceram."(1)

Nos territórios do Norte da Índia, do grande mongol Akbar, um homem tolerante que tinha fé, mesmo tentando introduzir no seu Estado o sincretismo religioso, os jesuítas foram aceitos para construir uma sede em Lahore, em 1575. Os sucessores de Akbar concederam-lhes os mesmos favores. Aureng-Zeb (1666-1707), um muçulmano ortodoxo, pôs, no entanto, um fim a essa empreitada. Em 1549, Xavier embarcou para o Japão com dois acompanhantes e um japonês que ele havia convertido em Mallaca, chamado Yoshiro. Os primeiros tempos não foram muito prósperos. "Os japoneses têm sua própria mortalidade e são muito reservados; seu passado os mergulhou no paganismo. Os adultos olhavam para aqueles estranhos com graça e as crianças os seguiam, zombando." (2)

Yoshiro, nativo, conseguiu começar uma pequena comunidade com cem seguidores. Francisco Xavier, que não falava japonês muito bem, não conseguia nem mesmo obter uma audiência com o Mikado, a suprema autoridade religiosa japonesa. Quando deixou o país, dois padres permaneceram e, posteriormente, conseguiram a conversão dos daimios de Arima e Bungo. Este último se decidiu finalmente pela conversão após analisar o assunto por 27 anos.

No ano seguinte, os padres se estabeleceram em Nagasaki. Pensavam ter convertido cem mil japoneses. Em 1587, a situação interna do país, dividido pela guerra dos clãs, modificou-se inteiramente. "Os jesuítas tiraram vantagem dessa anarquia e de sua relação íntima com os mercadores portugueses."(3) Hideyoshi, um homem de origem simples, usurpou o poder e tomou para si o título de Taikosama.

Não confiava na influência política dos jesuítas, suas associações com os portugueses e conexões com os grandes e rebeldes vassalos, os Samurais. Conseqüentemente, a jovem Igreja japonesa foi violentamente perseguida. Seis franciscanos e três jesuítas foram crucificados; muitos convertidos foram assassinados e a Ordem foi banida. O decreto, entretanto, não foi levado avante; os jesuítas continuaram seu apostolado em segredo.

Em 1614, o primeiro Shogun, Tokugawa Yagasu, irritou-se com suas ações ocultas e a perseguição recomeçou. Além disso, os holandeses haviam tomado o lugar dos portugueses nos balcões de negócios e eram vigiados de perto pelo governo. Uma desconfiança profunda de todos os estrangeiros, eclesiásticos ou leigos, passou a inspirar a conduta dos líderes a partir de então e, em 1638, uma rebelião dos cristãos de Nagasaki foi afogada em sangue. Para os jesuítas, a aventura japonesa chegava ao fim e assim permaneceu durante um longo tempo.

Podemos ler no notável livro de Lord Bertrand Russell, *Science and Religion*, a seguinte passagem insinuante sobre Francisco Xavier, "o realizador de milagres": "Ele e seus acompanhantes escreveram muitas cartas longas que foram guardadas até hoje; nelas, prestavam contas de seus trabalhos, mas nenhuma mencionava seus poderes miraculosos."

José Acosta negava expressamente que esses missionários tivessem sido ajudados por milagres nos seus esforços para converter os pagãos. Logo após a morte de Xavier, histórias sobre milagres começaram a surgir. Diziam que ele tinha o dom de línguas, apesar de suas cartas estarem cheias de alusões às suas dificuldades quando quis dominar o idioma japonês ou encontrar bons intérpretes.

Histórias foram contadas afirmando que, quando seus amigos sentiram sede no mar, transformara a água salgada em doce. De acordo com uma versão posterior, ele teria atirado o crucifixo no mar para acalmar uma tempestade. Ao ser canonizado em 1622, foi "provado", para a

satisfação das autoridades no Vaticano, que ele havia realizado "milagres", pois ninguém pode ser transformado em santo sem realizar milagres.

O papa deu sua garantia oficial ao dom de línguas e ficou particularmente impressionado pelo fato de Xavier ter supostamente feito lamparinas acenderem com água benta, e não com óleo. "O mesmo papa, Urbano VIII, recusou-se a acreditar nas afirmações de Galileu. A lenda continuou a aumentar. Uma biografia pelo padre Bonhours, publicada em 1682, conta que o santo tinha ressuscitado 14 pessoas durante sua vida. Autores católicos ainda atribuem a ele o dom dos milagres em uma biografia publicada em 1872; o padre Coleridge, da Companhia de Jesus, reafirma que ele tinha o dom das línguas."(4) A julgar pelas explicações acima mencionadas, o "santo" Francisco Xavier realmente merecia uma auréola.

Na China, os filhos de Loyola tiveram uma época longa e favorável com apenas poucas expulsões. Obtiveram isso na condição de que trabalhassem por lá principalmente como cientistas e respeitassem os ritos milenares dessa civilização tão antiga.

A Meteorologia era a disciplina principal. Francisco Xavier já havia descoberto que os japoneses não sabiam que a terra era redonda. Eles eram muito curiosos quanto às coisas que Xavier lhes ensinava sobre este e outros assuntos. "Na China, tornou-se oficial e, como os chineses não eram fanáticos, as coisas se desenvolveram pacificamente. Um italiano, padre Ricci, foi seu iniciador. Tendo feito seu caminho para Pequim, assumiu prontamente a função de astrônomo diante dos cientistas chineses. A Astronomia e a Matemática eram uma parte importante das instituições chinesas.

Estas ciências davam condições ao soberano de agendar suas várias cerimônias religiosas e civis. Ricci trouxe informações que o tornaram indispensável e usou dessa oportunidade para falar do cristianismo. Buscou dois padres que corrigiram o calendário tradicional, estabelecendo o curso das estrelas com os eventos terrestres. Ricci ajudou em tarefas menores também; desenhou, por exemplo, um mapa mural do império, onde cuidadosamente colocou a China no centro do universo".(5) Esta era a principal atividade dos jesuítas no "Império Celestial", posto que o interesse pelo lado religioso de sua missão era mínimo. É engraçado pensar que, em Pequim, os padres estivessem tão ocupados em corrigir os erros astronômicos dos chineses enquanto em Roma a Santa Sé persistentemente condenava o sistema copérnico, e isso até 1822!

Apesar do fato dos chineses terem pouca inclinação para o misticismo, a primeira igreja católica foi aberta em Pequim em 1599. Quando Ricci morreu, foi substituído por um alemão, o padre Shall von Bell, um astrônomo que também publicou alguns tratados importantes em chinês. Em 1644, foi-lhe dado o título de "Presidente do Tribunal Matemático", o que gerou inveja entre os mandarins. Enquanto isso, as comunidades cristãs se organizavam.

Em 1617, o imperador deve ter previsto os perigos dessa penetração pacífica quando decretou o desterro de todos os estrangeiros. Os "bons padres" foram mandados aos portugueses em Macau, em caixotes de madeira. Logo em seguida, no entanto, foram chamados de volta. Eram tão bons astrônomos...

De fato, eram tão bons astrônomos quanto missionários, com 41 casas na China, 1.159 igrejas e 257 mil membros batizados. Nova reação contra eles, entretanto, pediu seu desterro e o padre Shall foi condenado à morte. Sem dúvida, ele não foi condenado à tal sentença simplesmente por seu trabalho com Matemática! Um terremoto e o incêndio do palácio imperial, astutamente apresentados como um sinal da cólera divina, salvaram-lhe a vida e ele morreu em paz, dois anos depois. Seus companheiros, porém, tiveram que deixar a China.

'Apesar de tudo isso, a estima pelos jesuítas era tão grande que o imperador Kang-Hi sentiu-se obrigado a chamá-los de volta em 1669, ordenando um funeral solene para os despojos de Iam lo Vam (Jean Adam Shall). Essas honras inesperadas foram apenas o início de favores

excepcionais. "(6) Um padre belga, Verbiest, seguiu-se a Shall na direção das missões e do Instituto de Matemática Imperial. Foi ele que deu ao Observatório de Pequim aqueles famosos instrumentos cuja precisão matemática é ocultada por quimeras, dragões, etc. Kang-Hi, "o déspota esclarecido", que reinou por 61 anos, apreciava os serviços daquele cientista, o qual lhe deu conselhos sábios, acompanhou-o na guerra e até mesmo o apoiou numa fundição de canhões.

Sua atividade profana e guerreira era dirigida "ad majorem Dei gloriam", conforme o bom padre lembrou ao imperador na mensagem enviada antes de sua morte: "Senhor, morro feliz pois usei de quase todos os momentos de minha vida para servir à Sua Majestade. Mas rogo a ele, com humildade, para lembrar-se, após a minha morte, que meu objetivo em tudo o que fiz era obter um protetor para a mais sagrada das religiões no Universo; e o protetor era Sua Majestade, o maior rei do Oriente." (7)

Tanto na China quanto em Malabar, essa religião não podia sobreviver, no entanto, sem algum artifício. Os jesuítas tiveram de trazer a doutrina romana ao nível chinês, identificar Deus com o céu (Tien) ou o Chang-Ti, "imperador de cima", misturar os ritos católicos com os chineses, aceitar o ensino de Confúcio e o culto de ancestrais. O papa Clemente XI, que foi informado disso por ordens rivais, condenou a doutrina "eclética" e, como resultado, todo o trabalho missionário dos jesuítas no "Império Celestial" se arruinou. Os sucessores de Kang-Hi baniram a Cristandade e o último padre deixado na China morreu sem nunca ter sido substituído.

As Américas: O Estado Jesuítico do Paraguai

Os missionários da Companhia de Jesus encontraram o Novo Mundo muito mais favorável à sua catequização do que a Ásia. Na América não encontraram nenhuma civilização culta ou antiga; nenhuma religião solidamente estabelecida; nenhuma tradição filosófica; muito pelo contrário, encontraram tribos pobres e bárbaras, espiritual e temporalmente desarmadas diante dos conquistadores brancos. Apenas o México e o Peru, com a memória dos deuses astecas e incas ainda fresca em suas lembranças, resistiram a essa religião importada por algum tempo. Os dominicanos e franciscanos, entretanto, já tinham se estabelecido solidamente.

Foi, portanto, entre as tribos selvagens, caçadores nômades e pescadores que os filhos de Loyola exerceram sua atividade devoradora. Os resultados obtidos variavam de acordo com as populações. No Canadá, os Hurons, pacíficos e dóceis, aceitaram facilmente o catecismo, mas seus inimigos, os Iroquois, atacaram as estações criadas ao redor do Forte Sainte-Marie e massacraram seus habitantes. Os Hurons foram praticamente extermínados em dez anos e, em 1649, os jesuítas tiveram de partir com apenas 300 sobreviventes.

Eles não deixaram uma forte impressão quando passaram através dos territórios que hoje formam os Estados Unidos. Apenas no século XIX é que começaram a plantar raízes naquela parte do continente.

Na América do Sul, a ação dos jesuítas passou por bons e maus momentos. Em 1546, os portugueses haviam convocado os jesuítas para trabalhar nos territórios que possuíam no Brasil; enquanto convertiam os nativos, encontravam muitos conflitos com a autoridade civil e outras ordens religiosas. O mesmo acontecia em Nova Granada.

O Paraguai, no entanto, foi a terra da grande "experiência" da colonização jesuítica. Esse país se espalhava, na época, do Atlântico aos Andes e alcançava os territórios que hoje pertencem ao Brasil, Uruguai e Argentina. Os únicos meios de acesso através da mata virgem eram os rios Paraguai e Paraná. A população dessas terras era formada de indígenas nômades e dóceis, prontos a se curvarem diante da dominação de qualquer um, desde que fossem abastecidos com comida suficiente e um pouco de tabaco. Os jesuítas não poderiam encontrar condições melhores para estabelecer, longe da corrupção dos brancos, o modelo perfeito de colônia. No

início do século XVII, o Paraguai foi elevado a Província pelo prior da Ordem que tinha sido empossado pela Corte Espanhola, e o "Estado Jesuítá" se desenvolveu e expandiu.

Esses "bons selvagens" foram devidamente catequizados e treinados para viverem sedentariamente, sob uma disciplina tão gentil quanto forte: 'Assim como uma mão-de-ferro em uma luva de veludo'. Essas sociedades patriarcais deliberadamente ignoravam as liberdades de qualquer espécie. "Tudo o que o cristão possui e usa, a cabana em que vive; os campos que cultiva; o gado que lhe dá comida e roupas; as armas que carrega; as ferramentas com as quais trabalha; até mesmo a única faca de mesa dada a um jovem casal, quando se casa, é "Tupambac", propriedade de Deus. A partir dessa mesma concepção, o "cristão" não pode dispor de sua vida livremente. O bebê recém-nascido está sob a proteção de sua mãe. Assim que começa a andar, ele pertence a Deus ou a seus "agentes". Quando cresce (se for uma garota), aprende a desfiar e tecer, ou a ler e escrever (se for um rapaz), mas apenas em guarani, porque o espanhol é severamente proibido, de forma a evitar qualquer contato com os "criolos corruptos."

Assim que a garota atingir 14 anos e o rapaz 16, eles se casam, pois os padres anseiam que não cheguem a cair em pecado carnal. Nenhum deles pode se tornar padre, monge, e muito menos jesuítá. Eles praticamente não têm nenhuma liberdade. São, obviamente, muito felizes, materialmente falando... Pela manhã, após a missa, cada grupo de trabalhadores vai para o campo, um após o outro, cantando e precedido de uma imagem "santa". À noite, voltam para a vila da mesma maneira, para ouvir o catecismo ou recitar o rosário. Os padres também imaginaram alguma diversão honesta para os "cristãos".

"Os jesuítas vigiam como se fossem pais; como tais, também punem o menor dos erros. O chicote, o jejum, a prisão, a exposição ao ridículo no pelourinho e a penitência pública na igreja eram os castigos que usavam. Assim, os filhos "vermelhos" do Paraguai não conheciam nenhuma outra forma de autoridade, além dos bons padres. Nem vagamente suspeitavam que o rei da Espanha era o seu soberano." (8)

Não é este o retrato caricaturado de um modelo ideal de sociedade teocrática? Analisaremos como é que afetou o avanço intelectual e moral dos beneficiários desse sistema, esses "pobres inocentes", como eram chamados pelo marquês de Loreto: 'A alta cultura das missões não passa de um produto artificial de uma estufa, carregando em si a semente da morte. Porque, apesar de toda essa quebra e treinamento, o guarani continuou sendo o que era: um selvagem preguiçoso, bitolado, sensual, ambicioso e sórdido. Conforme os próprios padres dizem: ele apenas trabalha quando sente que o aguilhoar do capataz está atrás dele.

Assim que são deixados por sua própria conta, ficam indiferentes ao fato da colheita estar apodrecendo no campo, os implementos se deteriorando e o rebanho se perdendo. Se ele não é vigiado quando trabalha no campo, pode até mesmo abater uma vaca, acender uma fogueira com a madeira do arado e, ali mesmo, com seus companheiros, começar a comer a carne mal passada, até não sobrar nada. Sabe que levará 25 chicotadas por isso, mas também sabe que os bons padres não o deixarão morrer de fome." (9)

Em um livro recentemente publicado, podemos ler o seguinte quanto às punições dos jesuítas: "O acusado, vestindo roupas de penitente, era acompanhado à igreja para confessar sua falta. Então era chicoteado na praça pública, de acordo com o código penal. Os culpados recebiam esse castigo com murmúrios, além de ações de graças. O culpado, tendo sido punido e reconciliado, beijava a mão daquele que lhe batia, dizendo: "Que Deus o recompense por estar me libertando, por esta leve punição, das penas eternas que me ameaçavam." (10)

Após essa leitura, podemos entender a conclusão de H. Boehmer: 'Ávida moral dos guaranis se enriqueceu muito pouco sob a disciplina dos padres. Tornaram-se os católicos devotos e supersticiosos, que vêem milagres em todos os lugares e parecem gostar da autoflagelação até

derramar sangue. Aprenderam a obedecer e foram ligados aos bons padres (que cuidaram tão bem deles) com uma gratidão de filhos que, apesar de não ser profunda, era de qualquer forma muito tenaz. Esse resultado não muito brilhante prova que houve uma considerável deficiência nos métodos educativos dos padres. Qual era o defeito? O fato de que nunca tentaram desenvolver em seus filhos "vermelhos" as faculdades inventivas, a necessidade de atividade, o sentido de responsabilidade. Eles próprios inventavam jogos e divertimentos para seus cristãos e pensavam para eles, ao invés de os i encorajarem a pensarem por si próprios; simplesmente submeteram aqueles que estavam sob seus cuidados a uma "domesticação" mecânica, ao invés de uma educação.

Como poderia ser diferente, se eles próprios também eram submetidos a uma "domesticação" durante 14 anos? Ensinaram os guaranis e seus discípulos brancos a pensarem "por si mesmos", se eles próprios eram proibidos de o fazerem? Não é um antigo jesuítico, mas um contemporâneo, que escreve: "Ele (o jesuítico) nunca esquece que a característica da Companhia é a obediência total da ação, da vontade e até mesmo do julgamento. Todos os superiores serão limitados da mesma forma em relação aos superiores e o Padre Supremo ao Santíssimo. Assim foi estabelecido para todos e tudo se rende à autoridade universalmente eficaz da Santa Sé, e santo Ignácio estava certo que, a partir de então, o ensino e a educação trariam a unidade católica de volta à Europa dividida". "É com a esperança de reformar o mundo", escreveu o padre Bonhours, "que ele abraçou em especial este meio: a instrução da juventude".(12)

A educação dos nativos paraguaios foi feita nos mesmos princípios que costumavam usar, os quais usam e usarão em todos os povos e em todos os lugares. Seu objetivo, deplorado por Boehmer mas ainda ideal para os olhos fanáticos, é a renúncia de todo julgamento pessoal, toda a iniciativa, uma submissão cega ao superior. Este não é "o máximo da liberdade", "a libertação da escravidão de si mesmo", louvadas por R. P. Rouquette e que já mencionamos antes?

Os bons guaranis haviam sido libertados tão bem pelos métodos jesuíticos por mais de 150 anos que, quando seus senhores saíram durante o século XVIII, voltaram para suas florestas e seus costumes antigos, como se absolutamente nada tivesse acontecido.

"Se um padre, cedendo à tentação, abusar de uma mulher e ela tornar público o acontecido, desonrando-o, este mesmo padre pode matá-la, para evitar desgraça!"

O Ensino dos Jesuítas

O método pedagógico da Companhia, escreveu R. P. Charmot, S.J., "consiste primeiramente em envolver os alunos com um grande conjunto de orações". Posteriormente, ele cita o padre jesuítico Tacchini: "Que o Espírito Santo os complete como alabastros são preenchidos com perfumes; que Ele penetre neles tanto que, com o passar do tempo, poderão respirar mais e mais a fragrância celestial e o perfume de Cristo!"

O padre Gandier também faz sua contribuição: "Não nos esqueçamos que a educação, como é vista pela Companhia, é ministério mais próximo do que é feito pelos anjos."(1) O padre Charmot também diz: "Não sejamos ansiosos sobre quando e como o misticismo está inserido em nossa educação. Não é feito através de um sistema ou técnica artificial, mas por infiltração, por "endosmosis". As almas das crianças ficam impregnadas por estar em contato íntimo com mestres que estão literalmente saturados em misticismo."(2)

Do mesmo autor, aqui está "o objetivo do professor jesuítico": 'Através de seu ensino, ele procura formar não uma elite intelectual cristã, mas cristãos de elite. "(3) Estas poucas citações nos dizem sobre o principal objetivo desses educadores. Vejamos como formam esses cristãos de elite, e qual o tipo de misticismo que é "inserido" ou "inoculado", "infiltrado", "bombeado" nas crianças submetidas ao seu sistema educacional.

À frente, e é uma característica da Ordem, encontramos a "Virgem Maria". "Loyola havia transformado a Virgem na coisa mais importante de sua vida. A adoração de Maria era a base de suas devoções religiosas e foi por ele transmitida à Ordem. Esse culto se desenvolveu tanto que costuma-se dizer, e com razão, que era a verdadeira religião dos jesuítas."(4) Isso não foi escrito por um protestante, mas por J. Huber, professor de Teologia, católico. O próprio Loyola estava convencido que a "Virgem" o havia inspirado quando escreveu os seus Exercícios. Um jesuíta teve uma visão de Maria cobrindo a Companhia com seu manto, como um sinal de sua proteção. Outro, Rodrigo de Gois, ficou tão inebriado com sua beleza indescritível que teria sido visto flutuando. Um noviço da Ordem, que morreu em Roma em 1581, teria sido ajudado pela Virgem em sua luta contra as tentações do diabo; para fortalecê-lo, ela lhe teria dado o gosto do sangue de Jesus, de tempos em tempos, além do "conforto de seus seios".(5)

A doutrina de Duns Scot sobre a Imaculada Conceição foi entusiasticamente adotada pela Ordem, que conseguiu transformá-la em dogma através de Pio IX, em 1854. Erasmo satiricamente retratou o culto à Maria em seu tempo. Durante o quarto século, a lenda da casa de Loreto havia sido inventada. Essa casa tinha aparentemente sido trazida da Palestina pelos anjos.

Os jesuítas aceitaram e defenderam essa lenda. Canisius chegou ao ponto de produzir cartas da própria Maria e, graças à Ordem, altos valores começaram a chegar em Loreto (assim como em Lourdes, em Fátima, etc). "Os jesuítas continuaram com todos os tipos de relíquias da Mãe de Deus. Quando entraram na igreja de São Miguel, em Munique, ofereceram para veneração pedaços fidedignos do véu de Maria, vários tufo de cabelos e pedaços de sua escova; eles instituíram um culto especial, consagrado à veneração destes objetos". Este culto se degenerou em manifestações sensuais e licenciosas, em particular nos hinos dedicados à Virgem pelo padre Jacques Pontanus. O poeta não conhecia nada mais lindo que os seios de Maria; nada mais doce que seu leite e nada mais maravilhoso que seu abdômen."(6) Poderíamos multiplicar essas citações infinitamente.

Ignácio queria que seus discípulos tivessem uma piedade "perceptível", ou ainda sensual, semelhante à sua própria, e eles realmente conseguiram. Não foi à toa que foram tão bem sucedidos com os guaranis; esse fetichismo erótico caiu-lhes perfeitamente. Os padres brancos, no entanto, imaginavam que cairia bem com os "brancos" também. Como o fundamento de sua doutrina é um desprezo absoluto pelas pessoas enquanto seres humanos, "brancos" ou "vermelhos" eram o mesmo, e ambos tinham de ser tratados como crianças. Assim, trabalharam incansavelmente na propagação desse espírito e dessas práticas idolátricas. Devido à influência que tinham na Santa Sé (que obviamente não conseguia viver sem eles), forçaram essas idéias na Igreja Romana, apesar da resistência que, gradualmente, diminuía.

O padre Barri escreveu um livro intitulado *O Paraíso se Abre Através de Cem Devoções à Mãe de Deus*. Nele, expõe a idéia de que a maneira pela qual entramos no paraíso não é importante: o importante é entrar. Enumera exercícios de piedade exterior à Maria, os quais abririam as portas do céu. Entre outras coisas, esses exercícios consistem em saudar Maria de manhã e de noite; freqüentemente expressar o desejo de construir para ela mais igrejas do que todas as que já foram construídas por todos os monarcas juntos; carregar um rosário dia e noite, da mesma forma que um bracelete, uma imagem de Maria, etc. "Essas práticas eram suficientes para garantir nossa salvação. Se o demônio, quando estivéssemos para morrer, viesse pedir nossas almas, nós só precisaríamos lembrar a ele que Maria é responsável por nós e que ele deve acertar as contas com ela."(7)

Em seu *Pietas Quotidiana Erga S.D. Mariam*, o padre Pemble recomenda o seguinte: "Bater ou flagelar a nós mesmos, e oferecer cada suspiro como um sacrifício a Deus, através de Maria; gravar com uma faca o santo nome de Maria em nosso peito; cobrir-nos decentemente à noite, de forma a não ofendermos o santo olhar de Maria; dizer à Virgem que gostaríamos de lhe

oferecer nosso lugar no Paraíso, caso ela já não estivesse lá; desejarmos nunca termos nascido ou irmos ao inferno se Maria não tivesse nascido; nunca comer uma maçã, pois Maria se absteve do erro de prová-la. "(8) Tudo isso foi em 1764, mas só precisamos dar uma olhada nos trabalhos semelhantes que ainda hoje são publicados em grande número, ou na imprensa católica, para evidenciarmos o fato de que, por mais 200 anos, essa idolatria selvagem só cresceu e se tornou mais sofisticada. O papa Pio XII superou-se no culto à Maria. Sob sua direção, uma grande parte da Igreja Romana tomou esse caminho. Além disso, os filhos de Loyola, sempre ansiosos para se adequarem ao espírito do tempo, tentam até hoje ajustar essas puerilidades medievais ao presente.

Existem vários tratados publicados por alguns desses bons padres, sob os grandes auspícios do Centre National de la Recherche Scientifique (C.N.R.S). Se acrescentarmos a isso os escapulários de várias cores, com suas virtudes apropriadas, a adoração de santos, imagens, relíquias, a apologia dos "milagres" e a veneração do "Sagrado Coração", dentre outras práticas, teremos uma idéia do misticismo com o qual "as almas das crianças são impregnadas" através de seu contato com mestres "que estão saturados nelas", conforme R. P Charmot escreveu, em 1943.

Não há outra forma de gerar "cristãos de elite". Para vencer sua luta contra as universidades, os colégios jesuítas precisavam expandir seu ensino e incluir matérias seculares, pois a Renascença havia despertado uma sede de conhecimento. Sabemos que fizeram isso com alegria sem, no entanto, esquecerem de tomar as precauções necessárias para evitarem que esse aprendizado fosse contra o objetivo de seu ensino: manter nas mentes a obediência absoluta à Igreja.

É por isso que seus pupilos são primeiramente "envolvidos" com um grande "conjunto de orações", o qual não seria suficiente se o conhecimento transmitido não fosse cuidadosamente purgado de todo o espírito ou idéias heterodoxas. Assim, grego e latim (o latim é muito estimado nesses colégios) eram estudados pelo seu valor literário; o "antigo" pensamento ortodoxo, entretanto, era exposto apenas na medida em que se pudesse estabelecer a superioridade da filosofia escolástica. Esses "humanistas", treinados pelos jesuítas, eram capazes de compor discursos e versos em latim, mas o único senhor de seus pensamentos era Santo Tomás de Aquino, um monge do século XIII. Vejamos o *Ratio Studiorum*, um tratado fundamental de Pedagogia jesuítica, citado por R. E Charmot: "Nós cuidadosamente descartamos as matérias seculares, que não favorecem a piedade e a boa moral. Vamos compor poemas, mas que nossos poetas sejam cristãos e não seguidores de pagãos que invocam musas, ninfas das montanhas, ninfas do mar, Calíope, Apolo, etc, ou outros deuses e deusas. E, se acaso estes vierem a ser citados, que o sejam de forma caricatural, como se fossem demônios".(9) Assim, todas as ciências -e especialmente as ciências naturais - serão interpretadas de forma similar.

De fato, R. P. Charmot nem mesmo tenta esconder o que disse sobre o professor jesuítico em 1943: "Ele ensina ciências, não por causa delas, mas para trazer à vista a grande glória de Deus. Esta é a regra de acordo com o que define Santo Ignácio em sua obra *Estatutos*".(10) E de novo: "Quando falamos de toda uma cultura, não queremos dizer que ensinamos todas as matérias e ciências, mas damos uma educação literária e científica que não é puramente secular e impermeável às luzes da Revelação".(11)

A educação ministrada pelos jesuítas deve ser, portanto, mais espalhafatosa do que profunda, ou "formalista", como se costuma dizer. "Eles não acreditavam em liberdade, o que era mortal no que se refere ao ensino", escreveu H. Boehmer. A verdade é que os méritos relativos do ensino jesuítico diminuíam na medida em que a ciência e os métodos de educação e instrução avançavam, nas bases de uma concepção mais larga e profunda de Humanidade. Buckle disse: "Quanto mais avançada for a civilização, mais os jesuítas vão perder terreno, não só por causa de sua decadência, mas por causa das modificações e mudanças de mentalidade daqueles que

estão à volta deles. Durante o século XVI, os jesuítas estavam à frente mas, durante o século XVIII, estavam perdidos de seu tempo".

A Moral dos Jesuítas

O espírito conquistador de sua Companhia, o desejo ardente de atrair consciências e assegurar sua influência exclusiva só poderia levar os jesuítas a serem mais indulgentes com os penitentes que os confessores de todas as outras ordens ou clero secular. "Não se pegam moscas com vinagre", diz sabiamente o provérbio. Conforme já vimos, Ignácio expressava a mesma idéia em termos diferentes e seus filhos seguiram sua inspiração. 'A atividade extraordinária desenvolvida pela Ordem no campo da Teologia moral já demonstra que essa ciência sutil tinha, para eles, uma importância prática muito maior que as outras ciências'.(13) Boehmer, autor da frase citada acima, lembra-nos que a confissão era muito rara durante a Idade Média e o fiel a usava apenas em casos mais graves. O caráter dominador da Igreja Romana, no entanto, fez com que sua prática se espalhasse mais e mais. Durante o século XVI, a confissão tinha se tornado um dever religioso que devia ser diligentemente observado.

Ignácio considerava a confissão muito importante e recomendava aos seus discípulos que o maior número possível de fiéis deveria observá-la regularmente. Os resultados desse método eram extraordinários. Os confessores jesuítas logo passaram a gozar da mesma consideração dos professores jesuítas, e os confessionários foram considerados símbolo do poder e da atividade da Ordem, tal qual a cadeira professoral e a Gramática latina. Se lermos as instruções de Ignácio com respeito à confissão e à Teologia moral, devemos admitir que, desde o começo, a Ordem estava preparada para tratar do pecador com carinho e, posteriormente, tornou-se mais e mais indulgente até que se transformasse em desmazelada.

Podemos entender facilmente por que essa tolerância inteligente fez deles confessores tão bem sucedidos. Foi a maneira como eles obtiveram os favores dos nobres e poderosos deste mundo, os quais sempre precisaram da condescendência de seus confessores mais do que a massa de pecadores comuns.

"As cortes da Idade Média nunca tiveram qualquer tipo de confessor todo-poderoso. Essa figura característica surgiu somente nos tempos modernos, e é a Ordem jesuítica que a implanta em todos os lugares."(14) Boehmer escreveu: "Durante o século XVII, esses confessores obtiveram uma influência política invejável em todos os lugares; às vezes até mesmo funções ou cargos claramente políticos. Foi então que o padre Neidhart assumiu a direção da política espanhola como "Primeiro Ministro e Grande Inquisidor"; o padre Fernandez sentava-se e era chamado a opinar e votar no Conselho português; o padre La Chaise e seu sucessor mantiveram-se em funções de ministros para os Negócios Eclesiásticos na Corte de França.

Não podemos esquecer também o papel dos padres na política em geral, mesmo fora dos confessionários. O padre Possevino foi embaixador do Vaticano na Suécia, Polônia e Rússia; o padre Petre, ministro na Inglaterra; o padre Vota era conselheiro íntimo de João Sobieski, da Polônia, na função de "criador de reis" e mediador. Quando a Prússia se tornou um reino, devemos admitir que nenhuma outra Ordem mostrou tanto interesse e talento pela política e desenvolveu tantas atividades quanto a Ordem jesuítica."(15)

Se a indulgência desses confessores, pela augusta penitência, ajudou imensamente os interesses da Ordem e da Cúria Romana, deu-se o mesmo em esferas mais modestas, onde os padres usaram métodos similares e convenientes. Com sua meticulosidade e até um certo espírito intrometido, herdado de Loyola, os famosos casuístas, tais quais Escobar, Mariana, Sanchez, Busenbaum e outros se aplicaram a estudar cada regra em particular e suas aplicações práticas em todos os casos que pudessem se apresentar nos tribunais de penitência.

Aqui seguem alguns exemplos dessas acrobacias: 'A lei divina prescreve: Não levantarás falso testemunho. Há falso testemunho somente quando aquele que fez o juramento usa palavras que sabe que enganarão o juiz. O uso de termos ambíguos, portanto, é permitido, e mesmo a desculpa da reserva mental em certas circunstâncias. Se um marido pergunta à sua esposa adúltera se ela quebrou o contrato conjugai, ela pode dizer "não" sem hesitar, pois aquele contrato ainda existe. Uma vez que tenha obtido a absolvição no confessionário, ela pode dizer: "Estou sem pecado", se, enquanto o disser, pensar que aquela absolvição tirou-lhe o peso de seu pecado. Se o seu marido estiver ainda incrédulo, ela pode reassegurar-lhe, dizendo que não cometeu nenhum adultério; entretanto, se acrescentar, mesmo em voz baixa "adultério", é obrigada a confessar.' Não é difícil de imaginar que tal teoria foi bem sucedida com suas belas senhoras penitentes! Seus galantes acompanhantes eram tratados da mesma forma: "A Lei de Deus diz: Não deves matar. Isso não significa que todo homem que mata esteja pecando contra este mandamento. Por exemplo: Se um nobre for ameaçado com tiros ou agressão, pode matar seu agressor; logicamente, porém, esse direito é restrito aos nobres, e não aos plebeus, pois não há nada de desonroso para um homem comum em ser agredido. Da mesma forma, um servo que ajude seu senhor a seduzir uma jovem não está cometendo pecado mortal, pois ele pode temer sérias consequências no caso de se recusar. Se uma jovem estiver grávida, um aborto pode ser induzido se sua falta for causa de desonra para ela ou para algum membro do clero".(17) O padre Benzi também teve seu momento de fama quando declarou: "E apenas uma pequena ofensa sentir os seios de uma freira".

Por causa disso, os jesuítas foram apelidados de "teólogos mamilares". Tanto quanto se sabe, o famoso casuista Thomas Lanchz merece o prêmio por seu tratado De Matrimônio, no qual estuda com detalhes ultrajantes todas as variedades de "pecados carnais". Estudemos mais profundamente essas máximas convenientes dentro do campo da política, especialmente aquelas relativas a assassinatos de tiranos considerados culpados de indiferença com relação aos interesses da Santa Sé. Boehmer tem isto a dizer: "Conforme acabamos de ver, não é difícil se guardar do pecado mortal. Dependendo das circunstâncias, precisamos apenas usar os meios excelentes permitidos pelos padres: ambigüidade, reserva mental, a util teoria da direção de intenções. Seremos capazes de cometer, sem pecado, atos considerados criminosos pelas massas ignorantes, mas nos quais até mesmo o mais severo padre não poderá encontrar nada além de um átomo de pecado mortal".(18)

Entre as máximas jesuíticas mais criminosas, há uma que despertou indignação pública ao máximo e que merece ser examinada: "Um padre ou monge pode matar aqueles que estiverem prontos a caluniá-lo ou a sua comunidade". Assim, a Ordem se dá o direito de eliminar seus adversários e até mesmo seus membros, caso saíssem da instituição e se tornassem muito "faladores". Esta "pérola" se encontra na Teologia do Padre VAmy.

Há outro caso onde esse princípio é aplicável. Este mesmo jesuítico foi cínico o bastante para escrever: "Se um padre, cedendo à tentação, abusar de uma mulher e ela tornar público o acontecido, desonrando-o, este mesmo padre pode matá-la, para evitar desgraça!" Outro filho de Loyola, citado pelo "Le grand flambeau" Caramuel, pensa que esta máxima deve ser mantida e defendida: "Um padre pode usar isso como desculpa para matar a mulher e assim preservar sua honra!" Essa teoria monstruosa foi usada para cobrir muitos crimes cometidos por eclesiásticos e provavelmente foi, em 1956, a razão (se não a causa) para o lamentável caso do padre de Unuffe.

Seus tratados sobre Teologia Moral deram à Companhia uma reputação universal, pois sua sutileza para distorcer e perverter as obrigações morais mais evidentes era muito aparente.

O Eclipse da Companhia

Os sucessos que a Companhia de Jesus obteve na Europa e em terras distantes, apesar de intercalados por várias perdas, lhe asseguraram uma situação dominante por um longo período. Conforme já mencionamos, o tempo, no entanto, não estava trabalhando a seu favor. As idéias se desenvolviam e o progresso das ciências tendia a liberar as mentes. O povo e os monarcas achavam cada vez mais difícil suportar o controle desses campeões da teocracia. Além disso, muitos abusos, originados de seus sucessos, prejudicaram a Companhia internamente. Ao lado da política, na qual estava profundamente envolvida (como se pode notar, contra os interesses nacionais), sua atividade devoradora logo se fez sentir no campo econômico. "Os padres se envolveram em muitos negócios que não tinham nada a ver com religião, ou seja, no comércio, câmbio ou como líquidantes de falências. O Colégio Romano, que deveria se ater a modelo intelectual e moral de todos os colégios jesuítas, tinha tecelagens em Macerata e vendia os tecidos em feiras a preços baixos. Seus centros na Índia, Antilhas, México e Brasil logo se transformaram em mercados de produtos coloniais. Na Martinica, um procurador criou vastas plantações cultivadas por escravos negros".(19) Este é o lado comercial das Missões no Estrangeiro mantido até hoje. A Igreja Romana nunca desprezou a extração de lucros temporais de suas conquistas "espirituais". Tanto quanto se sabe, os jesuítas eram exatamente iguais às outras ordens religiosas, chegando até a ultrapassá-las. De qualquer forma, sabemos que recentemente os padres brancos estavam entre os mais ricos proprietários de terras do Norte da África. Os filhos de Loyola foram muito dedicados, tanto na conquista de almas quanto em obter o máximo do trabalho dos "pagões".

No México, tinham minas de prata e refinarias de açúcar. No Paraguai, plantações de chá e cacau, além de fábricas de tapetes.

Também criavam gado e exportavam 80 mil mulas por ano".(20) Conforme podemos ver, a evangelização de seus "filhos vermelhos" foi uma boa fonte de renda e, para lucrarem mais ainda, os padres não hesitavam em defraudar o Tesouro Nacional, como pode ser visto na conhecida história das chamadas "caixas de chocolate" descarregadas em Cádiz, as quais estavam cheias de ouro em pó.

O bispo Palafox, enviado como visitante apostólico pelo papa Inocêncio VIII, escreveu-lhe em 1647: "Toda a riqueza da América do Sul está nas mãos dos jesuítas".

"Em Roma, os cofres da Ordem fizeram pagamentos à embaixada portuguesa em nome do governo português. Quando Auguste le Fort foi à Polônia, os padres de Viena abriram uma linha de crédito para esse "monarca necessitado" junto aos jesuítas de Varsóvia. Na China, os padres emprestavam dinheiro aos mercadores a juros de 25,5% e até mesmo 100%".(21)

A cobiça escandalosa da Ordem, sua moral frouxa, suas intrigas políticas incessantes e também suas invasões nos domínios das prerrogativas do clero secular e regular geraram inimizades mortais e ódio em todos os lugares. No seio das altas classes, a Ordem ficou com péssima reputação e, na França, seus esforços para manterem o povo na piedade formalista e supersticiosa abriu espaço para a inevitável emancipação das mentes. A prosperidade maternal conseguida pela Companhia, as posições adquiridas na Corte e especialmente o suporte dado pela Santa Sé (que eles acreditavam ser eterno) mantiveram, entretanto, os jesuítas tranqüilos e seguros, mesmo às vésperas de sua ruína. Já não haviam eles passado por tantas tempestades e sofrido aproximadamente 30 expulsões desde o início de sua fundação até a metade do século XVIII? Quase sempre acabavam por voltar, cedo ou tarde, a ocupar suas posições perdidas.

Esse novo eclipse ameaçador sobre eles chegou a ser quase absoluto dessa vez, e durou por mais de 40 anos. O estranho é que o primeiro assalto contra essa poderosa Companhia veio justamente da Católica autoridade espiritual e temporal; procurando introduzir na Igreja e nos Estados, sob o véu plausível de instituto religioso, não uma Ordem realmente desejosa de

espalhar a perfeição evangélica, mas um corpo político trabalhando incessantemente para usurpar toda a autoridade, por todos os meios indiretos, secretos e intrincados."

Concluindo, a doutrina jesuítica foi descrita como segue: "Perversa; uma destruidora de todos os princípios religiosos e honestos; uma afronta à moral cristã; perniciosa à sociedade civil; hostil aos direitos da nação, do poder real, e até mesmo da segurança dos soberanos e obediência de seus súditos; adequada para provocar os maiores distúrbios nos Estados; criadora e mantenedora do pior tipo de corrupção nos corações dos homens".

Na França, os bens da Companhia foram confiscados em favor da Coroa e nenhum de seus membros foi autorizado a ficar no reino, a menos que renunciasse a seus votos e jurasse submeter-se às regras gerais do clero na França.

Em Roma, o prior dos jesuítas, Ricci, obteve do papa Clemente XIII uma bula confirmando os privilégios da Ordem e proclamando sua inocência, mas era tarde demais.

Na Espanha, os Bourbons suprimiram todos os estabelecimentos da Companhia, tanto os da metrópole quanto os das colônias. Assim deu-se o fim do Estado paraguaio dos jesuítas.

Os governos de Nápoles, Parma e mesmo o Grão-Ducado de Malta também baniram os filhos de Loyola de seus territórios.

Os seis mil jesuítas que estavam na Espanha tiveram uma estranha experiência após terem sido atirados à prisão: "O rei Carlos III enviou todos os prisioneiros ao papa, com uma longa carta, na qual dizia que 'os colocava sob o controle sábio e imediato de Sua Santidade'. Quando os desafortunados estavam para desembarcar em Civita -Vecchia, foram recebidos com o barulho dos tiros de canhões do próprio prior, o qual já tomava conta dos jesuítas portugueses, mesmo sem ter como alimentá-los. Assim, o máximo que obtiveram foi um santuário miserável na Córsega".(22)

"Clemente XIII, eleito em 6 de julho de 1758, tinha resistido um bom tempo aos pedidos insistentes de várias nações, as quais solicitavam a supressão dos jesuítas. Estava a ponto de ceder e já havia marcado um consistório para o dia 3 de fevereiro de 1769, que informaria sobre sua resolução de acatar os desejos daqueles países. Na noite anterior àquele dia específico, de repente sentiu-se mal, quando estava indo dormir, e gritou: "Estou morrendo!" É realmente muito perigoso atacar os jesuítas".(23) O conclave se reuniu e se manteve-se por três meses. Finalmente o cardeal Ganganelli ascendeu à mitra e tomou o nome de Clemente XIV.

As nações que haviam banido os jesuítas continuaram a pedir pela supressão total da Companhia. O papado, entretanto, não tinha pressa em abolir o principal instrumento de consecução de sua política, e quatro anos se passaram antes que Clemente XIV, compelido pela firme atitude de seus oponentes (que haviam ocupado algumas das funções papais), finalmente assinasse a ordem para dissolução.

Dominus ac Redemptor, em 1773, Ricci, o prior da Ordem, chegou até mesmo a ser levado à prisão no castelo de Saint-Ange, onde morreu alguns anos depois.

"Os jesuítas somente apareceram para se submeterem a esse veredito que os condenava. Escreveram inúmeros panfletos contra o papa e incitaram a rebelião; mentiram e caluniaram inúmeras vezes a respeito das chamadas atrocidades cometidas."(24) A morte de Clemente XIV, 14 meses depois, foi até mesmo atribuída a eles por um setor da opinião pública européia. Os jesuítas, pelo menos a princípio, não mais existiam. Clemente XIV, no entanto, sabia muito bem que, assinando a sentença de morte deles, estava também assinando a sua própria: "Esta supressão é finalmente feita", exclamou, "e não me arrependo dela. Eu a faria novamente se já não estivesse feita, mas esta supressão me matará".(25)

Ganganelli tinha razão. Logo em seguida, cartazes começaram a surgir nas paredes do palácio, exibindo apenas cinco letras: I.S.S.S.V.

Todos imaginavam o que significavam, mas o papa compreendeu imediatamente e secamente declarou: "Significa: In Settembre, Sara Sede Vacante (Em setembro, a Sé estará vaga)".

Aqui está outro testemunho: "O papa Ganganelli, ou Clemente XIV, não sobreviveu muito após a supressão dos jesuítas, disse Scipion de Ricci. O laudo da autópsia, enviado à Corte de Madrid pelo Ministro da Espanha em Roma, provou que sua morte havia sido causada por envenenamento. Tanto quanto sabemos, nenhum inquérito foi levado a cabo pelos cardeais a respeito do assunto, nem mesmo pelo novo pontífice. O responsável por tão odioso ato pôde escapar do julgamento do mundo, mas não conseguirá escapar da justiça de Deus"

"Podemos seguramente afirmar que em 22 de setembro de 1774 o papa Clemente XIV morreu por envenenamento." Enquanto isso, a imperatriz da Áustria, Maria Teresa, também havia banido os jesuítas de todos os seus domínios. Apenas Frederico da Prússia e Catarina II, imperatriz da Rússia, os aceitaram em seus países como educadores.

Na Prússia, eles só conseguiram ficar por dez anos, até 1786. A Rússia os favoreceu por mais tempo, mas lá também, e pela mesma razão, fatalmente despertaram a animosidade do governo. 'A supressão do cisma e a recuperação da Rússia para o papado os atraíram tal qual moscas ao mel. Lançaram um programa de propaganda ativo no exército e na aristocracia e lutaram contra a Sociedade Bíblica criada pelo czar. Ganharam várias batalhas e converteram o príncipe Galitzine, sobrinho do Ministro da Devocão. Então o czar interveio.'

Nem é preciso dizer que as bases do decreto que baniu os jesuítas de São Petersburgo e Moscou foram as mesmas de todos os outros países. "Percebemos que eles não cumpriam as funções esperadas; ao invés de serem cidadãos pacíficos em um país estrangeiro, e agrediram a religião grega, que tem sido desde tempos remotos a religião predominante em nosso império e mantido em paz e alegria as nações sob nosso comando.

Abusaram da confiança que obtiveram e transformaram a juventude a eles confiada em pessoas inconsistentes e distantes de nossa devoção. Não nos surpreende que esta Ordem religiosa tenha sido expulsa de todos os países e que suas ações não fossem toleradas em lugar algum".(29) Em 1820, finalmente, medidas gerais foram tomadas para expulsá-los de toda a Rússia. Por causa de eventos políticos favoráveis à Ordem, eles voltaram ao Leste da Europa sendo solenemente reestabelecidos pelo papa Pio VII em 1814. O significado político dessa decisão é claramente expresso por Daniel Rops, um grande amigo dos jesuítas. Assim escreveu ele sobre o ressurgimento dos filhos de Loyola: "É impossível não ver aí um ato óbvio de contrarrevolução".

Em 1799, as duas Companhias se fundiram, tendo por dirigente o padre Clariviere, o único jesuíta francês sobrevivente. Em 1803, uniram-se aos jesuítas russos. Alguma coisa coerente estava voltando à vida, porém as massas, e menos ainda os políticos, não reconheceram a princípio".

A Revolução Francesa, e posteriormente o Império, deram à Companhia de Jesus uma credibilidade inesperada novamente. Foi uma reação defensiva contra as novas idéias surgindo nas antigas monarquias. Napoleão I descreveu a Companhia como "muito perigosa; nunca será permitida no Império". Quando, no entanto, a Santa Aliança triunfou, os novos "monarcas" não desprezaram a ajuda desses absolutistas, para trazer de volta o povo à obediência irrestrita.

Os tempos, porém, haviam mudado. Toda a habilidade dos bons padres poderia apenas retardar e não impedir a propagação das idéias liberais. Seus esforços foram mais prejudiciais que úteis. Na França, a Restauração sentiu-a de forma amarga. Luís XVIII, político descrente e esperto, tentou conter o surgimento dos "ultras" tanto quanto pôde. Sob Carlos X, bitolado e muito devoto, os jesuítas tiveram muito espaço. A lei que os expulsou em 1764 estava ainda em vigor. Sem problemas.

Eles reviveram a famosa "Congregação", primeiro tipo de Opus Dei. Essa "irmadade santa", composta de eclesiásticos e leigos, se encontrava em todos os lugares, fingindo "purgar" o exército, os magistrados, a função pública e o ensino. Manteve "missões" por todo o país, plantando cruzes comemorativas onde quer que fosse (muitas delas ainda estão por aí) e provocando os adeptos a atacarem os infiéis. A Ordem se fez tão odiada que o muito católico e muito legitimista Montlosier exclamou: "Nossos missionários acenderam incêndios por todos os lados. Se algo tem que nos ser mandado, que nos mandem a praga de Marselha, antes do que estes missionários."

Renascimento da Companhia de Jesus Durante o Século XIX

Quando Clemente XIV foi obrigado a suprimir a Ordem jesuítica, segundo testemunhas, teria dito: 'Acabei de cortar minha mão direita'. A declaração parece suficientemente plausível. A Santa Sé deve ter certamente achado difícil cortar seu mais importante instrumento de dominação no mundo. A desgraça da Ordem, uma medida política imposta pelas circunstâncias, foi gradualmente atenuada pelos sucessores de Clemente XIV: Pio VI e Pio VII.

Se o eclipse oficial dos jesuítas durou 40 anos, foi devido às convulsões na Europa resultantes da Revolução Francesa. De qualquer forma, esse eclipse nunca foi total. A maior parte dos jesuítas havia ficado na Áustria, França, Espanha e Itália, misturada ao clero. Encontravam-se em pequenos ou grandes grupos, e tanto quanto era possível.

Em 1794, Jean de Tournely fundou a Companhia do Sagrado Coração na Bélgica, com um corpo docente. Muitos jesuítas foram incorporados aí. Três anos depois, o tirolês Paccanari, que pensava ser outro Ignácio, fundou a Companhia dos Irmãos de Fé.

O Segundo Império e a Lei Falloux A Guerra de 1870

No capítulo anterior, mencionamos que larga tolerância foi concedida à Companhia de Jesus na França durante Napoleão III, apesar de ser oficialmente proibida. De qualquer forma, não poderia ser diferente, pois o regime devia sua existência, em grande margem, pelo menos, à Igreja Romana, cujo suporte nunca falhou enquanto o regime durou. Isso, no entanto, custaria muito caro à França.

Os leitores do *Progres du Pas-de-Calais*, uma publicação para a qual o futuro imperador escreveu vários artigos em 1843 e 1844, não poderiam suspeitar nele uma certa brandura em relação ao ultramon-tanismo (doutrina que defende a autoridade absoluta do papa), a julgar pelo seguinte texto: "O clero pede, sob a cobertura da liberdade de ensino, o direito de instruir nossa juventude.

O Estado, por outro lado, também exige o direito de instrução pública por seus interesses próprios. Essa batalha é o resultado de opiniões, idéias e sentimentos divergentes entre o Governo e a Igreja. Ambos querem influenciar as novas gerações em direções opostas e para seu próprio benefício. Não acreditamos, conforme um famoso orador, que todos os laços entre o clero e a autoridade civil devam ser quebrados para acabar com esse desvio. Infelizmente, os ministros de religião da França geralmente são contrários aos interesses democráticos; permitir que construam escolas sem controle é o mesmo que encorajá-los a ensinar às pessoas o ódio da revolução e da liberdade."

Em 1828, Carlos X retirou o direito de ensino à Ordem, mas era tarde demais. A dinastia ruiu em 1830. Odiados e cobertos de vergonha, os filhos de Loyola, no entanto, ficaram na França, disfarçados, pois a Companhia estava oficialmente abolida.

Luís Filipe e Napoleão III os toleravam. A República os dispersou em 1880 apenas, sob a administração de Jules Ferry. O fechamento de seus estabelecimentos foi efetivado apenas em 1901, sob a lei de separação.

Durante o século XIX, a história da Companhia na América e parte da Europa foi igualmente cheia de altos e baixos, tal qual no passado, enquanto lutava contra as novas idéias. "Sempre que os liberais ganhavam, os jesuítas eram expulsos. Quando o outro lado triunfava, eles se reestabeleciam, para defenderem o trono e o altar. Assim foram banidos de Portugal em 1834; Espanha em 1820, 1835 e 1868; Suíça em 1848; Alemanha em 1872 e França em 1880 e 1901. Na Itália, de 1859 em diante, todos os seus colégios e estabelecimentos foram gradualmente tomados, tanto que foram forçados a interromperem todas as suas atividades prescritas em suas leis. O mesmo ocorreu na América Latina. A Ordem foi suprimida na Guatemala em 1872; México em 1873; Brasil em 1874; Equador e Colômbia em 1875 e Costa Rica em 1884. Os únicos países onde os jesuítas viveram em paz foram aqueles em que o protestantismo estava em maioria: Inglaterra, Suécia, Dinamarca e Estados Unidos. Pode parecer surpreendente à primeira vista, mas isso se explica porque nestes países os padres nunca puderam exercer uma influência política. Sem dúvida, aceitavam o fato mais por necessidade do que por inclinação. Do contrário, teriam aproveitado todas as oportunidades para influenciar a legislação e a administração, diretamente manobrando as classes dominantes, ou indiretamente provocando as massas católicas."(32)

Para ser fiel à verdade, essa imunidade dos países protestantes em relação às atividades jesuítas estava longe de ser absoluta. "Nos Estados Unidos, a Companhia desenvolveu uma atividade sistemática e frutífera por um longo período, pois não é proibida por leis", escreveu Fulop-Miller. "Não estou satisfeito com o renascimento dos jesuítas", escreveu o ex-presidente John Adams Union a seu sucessor Thomas Jefferson, em 1816. "Enxames deles se apresentarão sob os mais variados disfarces: pintores, escritores, editores, professores, etc. Se alguma vez uma associação de pessoas mereceu a condenação eterna nesta terra e no inferno, é, sem dúvida, a Companhia de Loyola, mas com o nosso sistema de liberdade religiosa, nada podemos fazer, além de lhes ceder refúgio". Jefferson respondeu a seu antecessor: "Tal qual você, tenho objeções ao reestabelecimento dos jesuítas".(33) Os receios provaram ser corretos, um século depois, conforme veremos.

E ainda: "O clero vai parar de ser ultramontano assim que for educado como antigamente, mas em uma forma mais atual, para se misturar às pessoas, recebendo sua educação das mesmas fontes que o público em geral." Com relação à forma pela qual os padres alemães eram treinados, o autor esclarece seus pensamentos da seguinte maneira: 'Ao invés de serem fechados longe do mundo, desde a infância, e depois instigados em seminários com o ódio contra a sociedade na qual vivem, aprenderiam cedo a ser cidadãos antes de serem padres'.(34)

Isso não encorajou o clericalismo político ao futuro soberano, então um "Carbonari". A ambição de se sentar em um trono, entretanto, logo o fez mais dócil em relação à Roma. Não terá esta mesma ajudado em seu primeiro passo rumo ao poder?

"Tendo sido erguido à presidência da República em 10 de dezembro de 1848, Louis Napoleon Bonaparte juntou-se a vários ministros; um deles era de Falloux. Quem é este M. de Falloux? Uma ferramenta dos jesuítas. Em 4 de janeiro de 1849, ele instituiu uma comissão cuja função era "preparar uma grande reforma legislativa da educação primária e secundária". No decorrer das discussões, Cousin tomou a liberdade de observar que possivelmente a Igreja estivesse errada ao atrelar seu destino aos jesuítas. Dupanloup defendeu energicamente a Companhia: "Uma lei de ensino está sendo preparada e levará emendas sobre os jesuítas.

No passado, o Estado e a Universidade tinham sido protegidos contra as invasões jesuítas. Fomos injustos e incorretos; pedimos que o governo aplicasse suas leis contra estes agentes de um país estrangeiro e pedimos que nos perdoem. São bons cidadãos que foram caluniados e

julgados erroneamente. O que poderíamos fazer para lhes mostrar o respeito e a estima que lhes são devidos? Coloquemos em suas mãos o ensino das novas gerações". Este é de fato o objetivo da lei de 15 de março de 1850, que indica um conselho superior para Instrução Pública, no qual o clero domina (primeiro artigo); faz do clero professores de escolas (art. 44); dá às associações religiosas o direito de criarem escolas livres, sem necessidade de se explicarem sobre congregações não-autorizadas jesuítas (art. 17,2); diz que as cartas de obediência seriam seus diplomas (art. 49).

Barthelemy Saint-Hilaire tenta em vão demonstrar que o objetivo dos autores desse projeto é dar o monopólio ao clero, e que esta lei seria fatal para a Universidade Victor Hugo. Exclama também em vão: "Esta lei é um monopólio nas mãos daqueles que tentam fazer do ensino uma sacristia e governar a partir do confessionário."(35) A Assembléia, entretanto, ignora esses protestos. Prefere ouvir M. de Montalembert, o qual diz: "Seremos engolidos se não pararmos imediatamente com o atual comércio de racionalismo e demagogia; e ainda, só podemos pará-lo com a ajuda da Igreja."

M. de Montalembert acrescenta estas palavras para assegurar a importância desta lei: "Contra o exército de professores desmora-lizadores e anárquicos, devemos opor o exército do clero". A lei foi aprovada. Nunca antes na França os jesuítas haviam conquistado uma vitória tão absoluta. M. de Montalembert admitiu com orgulho: "Estou defendendo a justiça e apoiando tanto quanto possível o governo da República, que tanto fez para salvaguardar a Ordem e manter a união do povo francês; este governo rendeu mais serviços à Igreja Católica do que todos os outros governos no poder durante os últimos dois séculos".(36) Tudo isso aconteceu há mais de cem anos, mas parece familiar ainda hoje. Vejamos como a "República", presidida pelo príncipe Louis Napoleon, estava agindo internacionalmente.

A revolução de 1848 tinha, entre outras repercussões na Europa, provocado a rebelião dos romanos contra o papa Pio IX, seu soberano temporal, que havia fugido para Gaete. A República Romana havia sido proclamada. Por um paradoxo escandaloso, foi a República da França, em acordo firmado com os austríacos e o rei de Nápoles, que pôs de volta no trono o soberano indesejado.

"Um regimento francês sitiou Roma, tomou-a em 2 de junho de 1849 e restaurou o poder papal; conseguiu manter-se com a ajuda da divisão de ocupação francesa, a qual deixou Roma somente após os primeiros desastres da guerra franco-germânica de 1870".(37)

Este começo era promissor. O golpe de 2 de dezembro de 1851 trouxe a proclamação do Império. Louis Napoleon, presidente da República, tinha favorecido os jesuítas de todas as formas. Agora, imperador, não recusava nada a seus cúmplices e aliados. O clero derramou suas bênçãos e "Te Deum" em profusão nos massacres e proscrições de 2 de dezembro. O único responsável por essa emboscada abominável foi admirado com sabedoria providencial.

O arcebispo de Paris, monsenhor Sibour, que viu os massacres do boulevard, exclamou: "O homem que foi preparado por Deus chegou. O dedo de Deus nunca foi tão visível quanto agora, nos eventos que produziram estes grandiosos resultados." O bispo de Saint Flour disse de seu púlpito: "Deus indicou Louis Napoleon; Ele já o havia eleito imperador. Sim, meus caros amigos, Deus consagrou-o antes de tudo através da bênção de seus dignatários e padres; Ele o aclamou; como não reconheceríamos o eleito de Deus?" O bispo de Nevers falsamente saudou: "O instrumento visível da Providência". Essas adulações piedosas, que poderiam ainda ser mais multiplicadas, mereciam um prêmio, o qual foi uma completa liberdade dada aos jesuítas enquanto o Império durasse.

"A Companhia de Jesus foi literalmente a senhora da França por 18 anos! Enriqueceu-se, multiplicou seus estabelecimentos e aumentou sua influência. Sua ação foi sentida em todos os

eventos importantes de seu tempo, especialmente na expedição ao México e na declaração de guerra de 1870."(38)

"O Império significa paz", declarou o novo soberano. Mal tinha ele completado dois anos no trono, entretanto, e a primeira de todas as guerras que se sucederiam pelo reino começou.

A História pode não perceber os motivos dessas guerras, achando que não eram interligadas, como se não pudesse ver o que as unia: a defesa dos interesses da Igreja Romana. A guerra da Criméia, a primeira dessas loucas iniciativas, que enfraqueceu o país e não era interessante para a França, é um exemplo típico. Não foi ninguém anticlerical, mas sim o abade Brugerette, quem escreveu: "Deve-se ler os discursos do famoso Theatine (padre Ventura) feitos na capela de Les Tilières durante Lent, em 1857. Ele apresentou a restauração do império como uma obra de Deus e louvou Napoleão III por ter defendido a religião na Criméia e ter feito brilhar os grandes dias das Cruzadas pela segunda vez no Leste. A guerra da Criméia foi vista como um complemento à expedição romana e elogiada por todo o clero, cheio de admiração pelo fervor religioso das tropas sitiando Sebastopol. SaintBeuve narrou com emoção como Napoleão III havia mandado uma imagem da Virgem à frente francesa".(39)

Que expedição era essa que despertou o entusiasmo do clero? Paul Leon, membro do Instituto, explica: "Uma disputa entre os monges reaviva a questão do Leste: surgiu a partir de rivalidades entre as Igrejas Latina e Ortodoxa, com relação à proteção dos locais sagrados (na Palestina). Quem iria guardar as igrejas de Belém, ficar com as chaves, dirigir os trabalhos? Mas, por detrás dos monges latinos, está o Partido Católico Francês, abastecido de privilégios ancestrais e apoiante do novo regime. Atrás dos crescentes pedidos dos ortodoxos, que cresceram numericamente, está a influência russa".(40)

O czar invocou a proteção da Igreja Ortodoxa, a qual tinha para assegurar e efetivar. Pediu também que sua esquadra pudesse usar a passagem de Dardanelos. A Inglaterra, que era apoiada pela França, recusou-se e a guerra começou.

"A França e a Inglaterra podem chegar ao czar apenas através do Mar Negro e da aliança turca. A partir deste momento, a guerra da Rússia torna-se a guerra da Criméia e fica totalmente centrada em Sebastopol, um caro empreendimento sem resultado. Batalhas sangrentas, epidemias mortais e sofrimentos desumanos custaram à França cem mil mortos".(41) Devemos explicar que estes cem mil mortos eram "soldados de Cristo" e gloriosos "mártires da fé", de acordo com monsenhor Sibour, arcebispo de Paris, que então declarou: "A guerra da Criméia, entre a França e a Rússia, não é uma guerra política, mas uma guerra santa; não é um país lutando contra outro, povos lutando contra povos, mas simplesmente uma guerra religiosa, uma Cruzada".(42)

A admissão não é ambígua. Não ouvimos a mesma coisa, não muito tempo atrás, durante a ocupação nazista, exposta em termos idênticos aos dos prelados de Sua Santidade Pio XII, por Pierre Lavai, presidente do Conselho de Vichy?

Em 1863, foi a expedição ao México. O que foi isso exatamente? Transformar uma república leiga em um império e oferecê-lo a Maximiliano, arquiduque da Áustria que, por sinal, é o pilar básico do papado. O objetivo foi também erigir uma barreira contra a influência protestante dos Estados Unidos sobre os países da América do Sul, fortalezas da Igreja Romana.

Albert Bayet escreveu sagazmente: "O objetivo da guerra é o de estabelecer um império católico no México e reduzir os direitos das pessoas de autodeterminação; tal qual durante a campanha da Síria e as duas campanhas na China, tende a servir em especial aos interesses católicos".(43)

Sabemos de que maneira, em 1867, após as forças francesas terem reembarcado, Maximiliano, o infeliz campeão da Santa Sé, foi feito prisioneiro quando Queretaro capitulou e foi morto, dando espaço para que a república fosse instaurada com Juarez, o presidente vitorioso.

Estava, no entanto, chegando o tempo da França começar a pagar, novamente e com mais rigor, o suporte político dado pelo Vaticano ao trono imperial. Enquanto o exército francês estava derramando seu sangue nos quatro cantos do mundo, tornando-se mais fraco ao defender interesses que não eram os seus, a Prússia, sob o braço duro do futuro "chanceler-de-ferro", estava ocupada em expandir seu poder militar para que os Estados germânicos fossem um só bloco.

A Áustria foi sua primeira vítima. Em acordo com a Prússia, que estava para tomar a duquesa dinamarquesa de Schleswig e Holstein, a Áustria foi enganada por seu cúmplice. A guerra que se seguiu foi logo vencida pela Prússia em Sadowa no dia 3 de julho de 1866. Foi um terrível golpe para a antiga monarquia dos Habsburgos, já decadente. O golpe também foi forte para o Vaticano, pois a Áustria sempre fora sua fortaleza mais segura nas terras germânicas. A partir de então, a Prússia, protestante, exerceu sua hegemonia sobre eles.

A Igreja Romana procurava encontrar uma "arma secular" capaz de acabar por completo com a expansão do poder "herege". Quem poderia assumir este papel na Europa, além do imperador francês Napoleão III, "o homem enviado pela Providência", para vingar a Sadowa?

O exército francês não estava pronto. 'A artilharia está ultrapassada. Nossos canhões ainda são carregados pela boca', escreveu Rothan, ministro francês em Frankfurt, prevendo o desastre futuro. 'A Prússia conhece sua superioridade e nossa falta de preparo', acrescentou, com muitas outras observações.

Os instigadores da guerra nem se preocuparam. A candidatura do príncipe de Hohenzollern para o trono vago de Espanha foi a desculpa para o conflito. Além disso, Bismarck também quis assim. Quando falsificou o despacho de Ems, os advogados da guerra tinham o jogo nas mãos e despertaram a opinião pública.

A própria França declarou a guerra, a de 1870, "que a História provou ser trabalho dos jesuítas", conforme Gaston Bally escreveu. A composição do governo que levou a França ao desastre é descrita pelo eminentíssimo historiador católico Adrien Dansette: "Napoleão III começou por sacrificar Victor Duruy; depois resolveu indicar para seu governo os homens do Partido do Povo (janeiro de 1870). Os novos ministros eram praticamente todos sinceros católicos, ou eclesiásticos crentes no conservadorismo social".(44)

É fácil entender, agora, o que era inexplicável: a pressa deste governo em extrair um "casus belli" deste despacho falsificado, até mesmo antes da confirmação. 'As consequências foram: o colapso do Império e o contragolpe em direção ao trono papal. O edifício imperial e o edifício papal, coroados pelos jesuítas, caíram na mesma lama, ao invés da Imaculada Conceição e da infalibilidade papal; infelizmente, porém, tudo estava sobre as cinzas da França. "(45)

Os Jesuítas em Roma O Sílabo

Podemos ler em um livro do abade Brugerette a seguinte passagem, no capítulo intitulado "O Clero sob o Segundo Império": "Devoções particulares, novas ou velhas, eram honradas mais e mais em um tempo no qual o romantismo ainda exaltava os sentidos, em detrimento da austera razão. A adoração de santos e suas relíquias, restrinidas por tanto tempo pelo frio sopro do racionalismo, haviam retomado um novo vigor. A adoração da Santa Virgem, graças às aparições de La Salette e Lourdes, adquiriram uma popularidade extraordinária. Peregrinações a estes lugares privilegiavam a multiplicação de milagres. O episcopado francês favoreceu novas devoções. Recebeu calorosamente, em 1854, a encíclica de Pio IX proclamando o dogma da Imaculada Conceição. Foi também o episcopado, trazido a Paris em 1856 para o batismo do príncipe imperial, quem pediu a Pio IX que a festa do Sagrado Coração fosse feita com uma celebração solene da Igreja Universal".(46)

Estas poucas linhas mostram a influência preponderante exercida pelos jesuítas sob o Segundo Império, na França tanto quanto na Santa Sé. Conforme vimos anteriormente, eles eram e ainda são os grandes propagadores dessas "devoções particulares, novas ou velhas".

Essa piedade "perceptível" e quase sensual fez as massas excessivamente escrupulosas em assuntos religiosos, especialmente as mulheres. Pode-se dizer que elas eram realistas. Durante a época de Napoleão III, o povo, de forma geral, os ignorantes e os cultos começaram a tomar um profundo interesse por questões teológicas.

Intelectualmente, o catolicismo havia terminado sua carreira. É, portanto, mais por necessidade que por causa de sua formação, que os filhos de Loyola se esforçaram, durante o século XIX, e ainda hoje, para despertar a religiosidade supersticiosa, especialmente entre as mulheres, que reúnem grandes rebanhos; isto para contrabalançar o "racionalismo".

Para a educação secundária de moças, a Ordem promovia a fundação de diversas congregações de mulheres. A mais famosa e ativa era a "Congregação das Senhoras do Sagrado Coração", em 1830, composta por 105 casas, com 4.700 professores, com grande influência nas altas classes.(47)

No que tange à adoração de Maria, sempre tão louvada pelos jesuítas, foi fortemente ajudada, no Segundo Império, pelas "oportunas" supostas aparições da Virgem para jovens pastores em Lourdes.

Isso aconteceu dois anos depois de Pio IX ter promulgado o dogma da Imaculada Conceição (1854), pela influência dos jesuítas. Os principais atos deste pontificado foram todos vitórias dos jesuítas, cuja influência toda-poderosa sobre a Cúria Romana se afirmava mais e mais. Em 1864, Pio IX publicou a encíclica *Quanta Cura*, acompanhada do Sílabo, que anatematizava (excomungava) os melhores princípios políticos das sociedades contemporâneas. 'Anátema de tudo o que é valioso para a França moderna! A França moderna quer a independência do Estado; o Sílabo ensina que o poder eclesiástico deve exercer sua autoridade sem o consentimento e permissão da sociedade civil. A França moderna quer a liberdade de consciência e a liberdade de culto. O Sílabo ensina que a Igreja Romana tem o direito de usar da força e reiniciar a Inquisição. A França moderna assegura a existência de vários tipos de culto; o Sílabo declara que a religião católica deve ser considerada como a única religião de Estado, e todas as outras são excluídas. A França moderna proclama que as pessoas são soberanas; o Sílabo condena o sufrágio universal. A França moderna professa que todos os franceses são iguais perante a lei; o Sílabo afirma que os eclesiásticos são isentos de tribunais civis e criminais."

"Estas são as doutrinas ensinadas pelos jesuítas em seus colégios. Elas estão na frente do exército da contra-revolução. Sua missão consiste em educar a juventude sob seus cuidados com ódio contra os princípios sobre os quais a sociedade francesa se assenta, princípios definidos por antigas gerações a um preço muito alto. Através de seus ensinamentos, tentam dividir a França em duas e colocam em dúvida tudo o que tem sido feito desde 1789. Queremos harmonia, eles querem luta; queremos paz, querem a guerra; queremos a França livre, eles a querem escravizada; querem uma sociedade combatente recebendo ordens de fora; e nos combatem, nos deixam defender sozinhos; eles nos ameaçam: vamos desarmá-los."(48)

A eterna pretensão da Santa Sé de dominar a sociedade civil era então reafirmada, conforme Renan já havia dito em 1848, em um artigo intitulado "Liberalismo do Clero": "Demonstrou-se que a soberania do povo, a liberdade de consciência e todas as liberdades modernas foram condenadas pela Igreja. Demonstrou-se que a Inquisição é a consequência lógica de todo o sistema ortodoxo, como o sumário do espírito da Igreja". E acrescenta: "Quando for capaz, a Igreja trará de volta a Inquisição; se não o fizer, é porque não pode fazê-lo".(49)

O poder dos jesuítas sobre o Vaticano cresceu e se tornou mais e mais forte alguns anos após o Sílabo, quando o dogma da infalibilidade papal foi promulgado. O abade Brugerette

escreveu que este dogma era para "atirar sobre os trágicos anos de 1870-1871, os quais deixaram a França de luto, o brilho de uma grande esperança cristã."

O mesmo autor diz ainda: "Pode-se dizer que, durante a primeira metade do ano de 1870, a Igreja da França não estava mais na França: estava em Roma, apaixonadamente ocupada com o Concilio Geral que Pio IX tinha acabado de convocar no Vaticano". De acordo com o monsenhor Pie, esse clero francês tinha "atirado fora absolutamente todas as suas vestes, máximas e liberdades francesas ou gálicas".

O bispo de Poitiers acrescentou que isso havia sido feito como sendo um sacrifício ao princípio de autoridade, doutrina e direito comum. Tudo foi colocado aos pés do soberano pontífice, o qual foi entronizado ao som de um trompete, dizendo: "O papa é nosso rei; não só seu desejo é nosso comando, mas suas vontades também são nossas regras".(49)

A entrega de todo o clero "nacional" nas mãos da Cúria Romana é suficientemente clara. Os católicos franceses ficaram submissos à vontade do déspota estrangeiro que, sob a máscara do dogma ou da moral, imporia sobre eles suas direções políticas, sem nenhuma oposição. Os católicos liberais protestaram em vão contra a exorbitante pretensão da Santa Sé de ditar suas leis supostamente em nome do Espírito Santo.

O abade Brugerette denunciou que seu dirigente, M. de Montalembert, publicou na Gazette de France um artigo no qual protestava veementemente contra aqueles que "sacrificam a justiça e a verdade, a razão e a História ao ídolo que levantaram no Vaticano".(50)

Vários bispos notórios, dentre eles os padres Hyacinthe, Loyson e Gratry seguiram a mesma linha; este último, ainda com muito espírito, publicou sucessivamente suas quatro Cartas ao Monsenhor Deschamps. Nelas, não só discute eventos históricos, como a condenação do papa Honório que, segundo consta, se opôs à proclamação da infalibilidade papal. De forma inteligente e amarga, denunciou o desdém das autoridades católicas pela verdade e integridade científica. Um deles, um candidato eclesiástico a Doutoramento em Teologia, chegou até a ousar justificar falsas decretais diante da Faculdade de Paris, declarando que "não era uma fraude odiosa". Gratry acrescentou: 'Até hoje se diz que a condenação de Galileu foi oportuna'.

"Vocês, homens de pouca fé, com corações miseráveis e almas sórdidas! Seus truques são escandalosos. No dia que a grande ciência da natureza for levantada acima do mundo, vocês a condenarão. Não se surpreendam se os homens, antes de perdoarem seus atos, esperarem de vocês confissão, penitência, profunda contrição e correção de suas almas".(51)

Nem é preciso dizer que os jesuítas, agentes inspirados de Pio IX e todo-poderosos do Concilio, estavam ansiosos a respeito da confissão, penitência, contrição e correção, em um tempo onde estavam quase a conseguir o objetivo ao qual se haviam determinado no Concilio de Trento, no meio do século XVI. Naquele tempo, Lainez já apoiava a idéia da infalibilidade papal.

Só faltava, portanto, consagrar como dogma uma pretensão quase tão velha quanto o papado. Nenhum outro Concilio até então havia desejado ratificá-lo, mas a ocasião parecia propícia. Além disso, o trabalho paciente dos jesuítas havia preparado o clero nacional para entregar suas últimas liberdades. O colapso iminente do poder temporal dos papas (que acabou acontecendo antes da votação do Concilio) pedia um reforço da autoridade espiritual, de acordo com os ultramontanos. O argumento prevaleceu e o "dictatus papae" de Gregório VII, princípios de teocracia medieval, triunfaram bem no meio do século XIX.

O que o novo dogma realmente consagrou, entretanto, foi a onipotência da Companhia de Jesus na Igreja Romana. Com a cobertura dos jesuítas (estabelecidos no Vaticano desde que os poderes seculares os tinham rejeitado de todos os países livres, como se fossem uma associação de malfeiteiros), o papado passou a aspirar a novas ambições. Esses homens malignos, que haviam transformado o Evangelho em um espetáculo de lágrimas e sangue, mantendo-se na posição dos piores inimigos da democracia e liberdade de pensamento,

dominavam a Cúria Romana. Todos os seus esforços se concentravam em manter, na Igreja, suas doutrinas vergonhosas e preponderância perniciosa".

"Dedicados à causa da centralização extrema, apóstolos irredutíveis da teocracia, são senhores assumidos do catolicismo contemporâneo a estampar seu selo na ideologia católica, em sua piedade oficial e em sua política vigarista. Verdadeiros janízaros do Vaticano, inspiram tudo, mandam em tudo, penetram em todos os lugares, colocam a "informação" como um sistema de governo; fiéis ao casuísma, cuja profunda imoralidade tem sido revelada pela História e tem inspirado páginas imortais de zombaria sublime a Pascal. Através do Sílabo de 1864, escrito por eles próprios, Pio IX declarou guerra contra todo pensamento livre e sancionou, alguns anos depois, o dogma da infalibilidade, que é um anacronismo histórico real e sem, absolutamente, valor algum perante a ciência moderna". (52)

Para aqueles que, contra toda a probabilidade, persistirem em ver as linhas acima mencionadas como um exagero rancoroso ou depreciação vingativa, nada mais podemos fazer do que apresentar a confirmação dos fatos por si, pela escrita muito ortodoxa de Daniel-Rops. Essa confirmação tem ainda mais valor pelo fato de ter sido publicada em 1959 sob o título de *O Reestabelecimento da Companhia de Jesus*, na própria publicação jesuítica *Etudes*. É, portanto, um discurso de verdadeira defesa que lemos: "Por muitas razões, esta reorganização da Companhia de Jesus teve uma considerável importância histórica. A Santa Sé redescobriu esta formação fiel, intimamente devotada à sua causa, e que viria a ser necessária posteriormente. Muitos padres vieram a exercer, durante aquele século e até hoje, uma discreta mas profunda influência em certas disposições tomadas pelo Vaticano. Um certo tipo de provérbio era ouvido em Roma: "Quem segura a pena do papa são os jesuítas". Sua influência foi óbvia no desenvolvimento do culto ao Sagrado Coração, assim como na proclamação do dogma da Imaculada Conceição, na edição do Sílabo e na definição da infalibilidade. A "Civilta Cattolica", fundada pelo neapolitano jesuíta Cario Curei, supostamente refletiu o pensamento".(53)

Esta confissão é clara o bastante. Lembramos ao espírito passado deste pio acadêmico que, logicamente, e julgando por todo o contexto prévio, era muito mais o pensamento do papa que refletia as opiniões da "Civilta Cattolica". Nem é preciso dizer que os jesuítas, todo-poderosos em Roma, tanto pelo seu espírito quanto pela sua organização, estavam engajando o papado na política internacional cada vez mais, conforme Louis Roguelin escreveu:

"Como perdera seu poder temporal, a Igreja de Roma se aproveitou de toda a oportunidade para reconquistar o terreno forçosamente perdido, através de um recrudescimento de atividades diplomáticas. Já que seu esquema astutamente oculto é de dividir para reinar, tentou se aproveitar de todo e qualquer conflito para seu próprio benefício. De acordo com os planos dos súditos de Loyola, o dogma da infalibilidade papal favorecia em muito a ação da Santa Sé, cuja importância pode ser medida pelo fato da maioria das nações terem representantes diplomáticos indicados. Sob a cobertura do dogma e da moral, os súditos que a princípio eram contra a palavra infalível, hoje aceitam as disposições do papa em sua autoridade sem limite sobre as consciências dos fiéis. Assim, durante o século XX, podemos ver o Vaticano engajado ativamente nas políticas internas e externas dos países, e até mesmo governando através de partidos católicos. Vemos ainda o seu suporte "providencial" a homens como Mussolini e Hitler que, por causa de sua ajuda, desencadearam os piores tipos de catástrofes. O "vigário de Cristo" admitiu profusamente os serviços desta famosa Companhia, que tão bem trabalhava a seu favor. Estes "filhos de satã", conforme alguns bravos eclesiásticos os qualificavam, estão agora desbotados; podem, por outro lado, gabarem-se de seu testemunho augusto da satisfação absoluta que lhes foi dada pelo falecido papa Pio XII, cujo confessor, como sabemos, era um jesuítas alemão. Neste texto, publicado por *La Croix* em 9 de agosto de 1955, podemos ler: "A Igreja não necessita de outros auxiliares que não do tipo desta Companhia. Que os filhos de Loyola se esforcem a seguir as marcas de seus predecessores".

Hoje, tanto quanto ontem, estão apenas fazendo isso, para a grande destruição das nações.

Os Jesuítas na frança de 1870 a 1885

O colapso do Império deveria, ter trazido uma reação contra o espírito ultramontano na França. Não foi, no entanto, o que aconteceu. Adolphe Michel mostra: "Quando o trono caiu na lama de Sedan em 2 de dezembro, a França foi definitivamente derrotada, quando a Assembléia de 1871 se encontrou em Bordeaux; enquanto esperavam a vinda a Versalhes, o partido clerical foi ainda mais audacioso. Em todos os desastres que ocorriam em sua própria casa (o Vaticano), ainda falavam como senhores.

Quem não se lembra das manifestações presunçosas e das ameaças insolentes dos jesuítas durante esses anos derradeiros? Ou de certo padre Marquigny, o qual anuncia o queimar em praça pública dos princípios de 89; ou M. de Belcastel, em seu próprio nome, dedicando a França ao Sagrado Coração? Os jesuítas ergueram uma igreja no monte de Montmartre, em Paris, e assim desafiavam a Revolução: Os bispos incitavam a França a declarar guerra contra a Itália, a fim de reestabelecerem o poder temporal do papa".

Gaston Bally explica muito bem as razões para essa situação aparentemente paradoxal: "Durante o cataclisma, os jesuítas, como sempre, rapidamente voltaram aos seus buracos, deixando a República por sua própria conta na confusão que fora criada. Quando, entretanto, a maior parte do trabalho de salvamento havia sido terminado, quando nosso território nos foi recuperado da invasão prussiana, a invasão negra recomeçou e eles tiraram proveito. A terra estava começando a emergir de um tipo de pesadelo, um sonho horrível, e este era simplesmente o melhor momento deles se apoderarem das massas apavoradas".

Não seria, por acaso, exatamente assim depois de cada guerra? É incontestável que a Igreja Romana sempre se beneficiou dos grandes desastres públicos. A morte, a miséria e o sofrimento de qualquer espécie incitam as massas a procurarem consolo ilusório em práticas complacentes. Dessa forma, o poder daqueles que deixam tais desastres surgirem fica fortalecido (ou até mesmo maior) pelas próprias vítimas. As duas guerras mundiais, na verdade, tiveram as mesmas consequências da guerra de 1870. Assim é que a França foi conquistada.

Por outro lado, foi uma vitória brilhante da Companhia de Jesus quando, em 1873, uma lei foi aprovada, permitindo a construção da basílica do Sagrado Coração em Montmartre. Essa igreja, chamada de "desejo nacional" (por uma cruel ironia do destino), materializaria em pedra o triunfo do jesuitismo, no local onde havia começado a sua existência. À primeira vista, essa invocação do Sagrado Coração de Jesus, exaltado pelos jesuítas, pode parecer quase inocente, apesar de basicamente idolatra.

"Para compreender a extensão do perigo", escreveu Gaston Bally, "devemos olhar por trás da fachada, testemunhar a manipulação de almas e ver o objetivo de suas várias associações: Irmandade da Adoração Perpétua; Irmandade da Guarda de Honra; Apostolado da Oração; Comunhão Reparativa, e outras. Irmandades, associações, apóstolos, missionários, devotos, fanáticos, guardas de honra, os restauradores, os mediadores e outros agregados do Sagrado Coração parecem querer exclusivamente, como Mille. Alacoque os convidou a unirem sua homenagem aos nove coros dos anjos. Na realidade, tudo isso não tem nada de inocente. As irmandades afirmam seus objetivos muitas vezes. "Elas não podem me acusar de caluniá-las, pois citarei algumas passagens de suas mais claras declarações e confissões".

'A opinião pública ficou chocada com as observações do padre Olivier quando o incidente ocorrido no Bazar de Caridade, o qual provocou inúmeras vítimas, foi encoberto. O monge viu na catástrofe apenas mais uma prova da clemência divina. Deus estaria triste com os pecados do povo e estaria convidando, gentilmente, a uma correção. Isso parecia monstruoso. A construção

da Basílica de Montmartre foi o resultado do mesmo tipo de pensamento, mas isso foi esquecido".

Qual era então o terrível pecado do qual a França precisava se redimir? O autor acima mencionado responde: 'A Revolução!' Este foi o "terrível crime" que os franceses tiveram de "expiar"! 'A Basílica do Sagrado Coração simboliza o arrependimento da França (Sacratissimo cordi Jesu Gallioe poenitens et devoter) e expressa também nossa firme intenção de corrigirmos nossas faltas. É um monumento de expiação e correção".

"Salve Roma e a França em nome do Sagrado Coração", tornou-se o slogan da ordem moral. 'Assim nos tornamos capazes de termos esperanças contra todas as esperanças', escreveu o abade Brugerette, "e esperarmos do "céu pacífico" em algum momento o grande evento da restauração da Ordem e da salvação da pátria".

Parece, no entanto, que os "céus", com raiva da França e dos direitos humanos, não era suficientemente "pacífico" quando da construção da famosa basílica. A restauração da monarquia se aproximava lentamente. O mesmo autor explica isso da seguinte maneira: 'Apesar das grandiosas manifestações da fé católica durante os anos seguintes à guerra de 1870 poderem parecer impressionantes, seria uma falta de raciocínio lógico querer julgar a sociedade francesa da época apenas em termos da piedade exterior. Também nos estaria faltando o espírito psicológico e isenção dos fatos. Devemos nos perguntar então se o sentimento religioso era verdadeiramente uma resposta direta de toda a sociedade, nas expressões de fé reveladas pelas peregrinações impostas e organizadas pelos bispos e pelo ardor das missas nas igrejas. Sem querer atenuar de alguma forma a importância do movimento religioso na França, surgido pela ocasião das duas guerras de 1870 e 1914, que também despertaram grandes esperanças, devemos admitir, no entanto, que este renascimento da fé não tinha nem a profundidade nem a extensão que uma verdadeira renovação religiosa deve ter. Mesmo nessas ocasiões, a Igreja da França era formada (infelizmente) por milhares de descrentes e adversários, além de uma grande quantidade de pessoas que só eram católicas pelo nome, e não pela convicção. As práticas religiosas eram realizadas não por convicção, mas por hábito. Logo depois das eleições, a França parecia arrepender-se do sentimento desesperado que a havia feito mandar uma maioria católica para a Assembléia Nacional.

Cinco meses depois, reverteu sua posição nas eleições comple-mentares de 2 de julho! Nesse dia, o país escolheria 113 deputados. Foi uma derrota completa para os católicos e a vitória para os republicanos, que obtiveram entre 80 e 90 deputados eleitos. Todas as eleições seguintes a essa consulta de sufrágio universal tiveram o mesmo caráter republicano e de composição anticlerical. Seria infantil supor que não fossem a expressão dos sentimentos e vontades da sociedade".

O abade Brugerette, falando sobre as grandes peregrinações organizadas naquela época para o "reerguimento da nação", admite que estas eram as causas de "alguns erros e excessos" que levantavam as suspeitas dos "adversários da Igreja". 'As peregrinações serão, para eles, empreendimentos organizados pelo clero para a restauração da monarquia na França e o poder papal em Roma. A atitude tomada pelo clero nestes dois sentidos parece justificar essa acusação por parte da imprensa irreligiosa e dará, dessa forma, como poderemos observar adiante, um potente ímpeto ao anticlericalismo. Sem se livrar de seus hábitos religiosos reavivados tão intensamente durante os anos do pós-guerra, a sociedade francesa se rebelará contra este "governo de padres", conforme Gambetta costuma estigmatizá-lo. No fundo, o povo francês tinha mantido um instinto invencível de resistência contra tudo o que vagamente lembrasse a dominação política da Igreja.

Como um todo, essa nação amava a religião, mas o espectro da "teocracia", reavivado pela imprensa oposicionista, assustava. A filha mais velha da Igreja não queria se esquecer que também era a mãe da Revolução".

Mesmo assim, o clero (encabeçado pelos jesuítas) fazia esforços para persuadir o povo francês a negar o espírito republicano! "Desde que a lei Falloux foi posta em vigor, os jesuítas se expandiram livremente com seus colégios, onde educavam as crianças das classes médias dominantes. É óbvio que não lhes ensinavam um grande amor pela República... À semelhança dos assuncionistas, criados em 1845 pelo intransigente padre d'Alzon, eles queriam devolver ao povo a fé que haviam perdido". Brotavam, no entanto, outras congregações de ensino, florescentes e invejosas: oratorianos, eudistas, dominicanos da Terceira Ordem, marianitas, maristas (que Jules Simon chamava de "o segundo volume" dos jesuítas, envoltos em peles de animais) e os famosos "Irmãos das Escolas Cristãs", mais conhecidos pelo nome de ignorantinos, que ensinavam a "doutrina boa" aos descendentes da classe média e a um milhão e meio de crianças do povo.

Não é de surpreender que essa situação tenha colocado o regime republicano na defensiva. Uma lei, proposta em 1879 por Jules Ferry, queria remover o clero do Conselho de Instrução Pública, no qual havia sido introduzido por leis de 1850 e 1873, e assim devolver ao Estado o direito exclusivo de credenciar os vários níveis de professores.

O abade Brugerette, autor dessa passagem, descreve a resistência levantada pelos católicos contra o que ele viria a chamar "um ataque traiçoeiro", mas ainda acrescenta: "O clero ainda ignora o imenso progresso do laicismo; não entendeu ainda que, por causa da sua oposição aos princípios de 89, ele perdeu sua profunda influência sobre a direção do espírito público na França".

O artigo 7 foi rejeitado pelo Senado, mas Jules Ferry invocou as leis existentes a respeito das congregações. "Em consequência, a 29 de março de 1880, o Journal Officiel publicou dois decretos obrigando os jesuítas a se dispersarem, e todas as congregações não autorizadas de homens e mulheres a obterem o reconhecimento e a aprovação de seu regimento e estatuto legal dentro de três meses".

Sem qualquer atraso, um movimento de oposição foi organizado: 'A Igreja, profundamente ferida, desperta', de acordo com M. Debidour. 'Após 11 de março, Leão XIII determina: Agora é a vez de todos os bispos defenderem energicamente as ordens religiosas'.

Os filhos de Loyola, no entanto, foram expulsos. Vejamos o que o abade Brugerette tem a dizer sobre esse assunto: "Apesar de tudo, os jesuítas, experts em entrar através de janelas quando são jogados pela porta afora, já tinham conseguido (e com sucesso) colocar os seus colégios nas mãos de leigos ou eclesiásticos seculares. Apesar de não residirem nesses colégios, podiam ser vistos chegando em certos momentos do dia, para exercerem suas funções de direção e supervisão".

O truque, no entanto, foi descoberto e os colégios jesuítas finalmente fechados. No total, os decretos de 1879 foram executados sobre 32 congregações que se recusaram a se submeter às disposições legais. Em muitos locais, a expulsão foi levada a cabo pelo pelotão militar "Manu Militari", contra a oposição dos fiéis, os quais eram instigados pelos jesuítas. Estes não só se recusaram a solicitarem a autorização legal, mas também a assinarem uma declaração negando toda a idéia de oposição ao regime republicano. Isto teria sido suficiente ao M. de Freycinet, então presidente do Conselho e favorável a eles, para que ainda os pudesse "tolerar".

Quando as Ordens finalmente decidiram assinar essa declaração formal de lealdade, a manobra foi anulada e M. de Freycinet teve de se afastar, pois havia tentado negociar esse acordo contra a vontade do Parlamento e de seus colegas de gabinete. O abade Brugerette comentou sobre a declaração que as ordens religiosas tinham de assinar, considerando o fato repugnante: "Esta declaração de respeito pelas instituições que a França criou para si própria livremente pode parecer isenta e inofensiva hoje, quando comparada com o voto solene de lealdade pedido aos bispos alemães pelo Tratado de 20 de julho de 1933 entre a Santa Sé e o

Reich: Artigo 16 - Antes de assumir suas dioceses, os bispos farão um voto de lealdade diante do presidente do Reich ou um Reichsstatthalter competente nos seguintes termos: Diante de Deus e sobre a Sagrada Escritura, eu juro e prometo, como um bispo deve fazer, lealdade ao Reich alemão e ao Estado. Eu juro e prometo respeitar e fazer o meu clero respeitar o governo estabelecido de acordo com as leis constitucionais. Como é o meu dever, trabalharei para o bem e os interesses do Estado alemão; no exercício do ministério sagrado a mim atribuído, tentarei evitar tudo o que seja danoso a ele (Tratado entre a Santa Sé e o Reich alemão)".

O artigo 7 dessa lei também especificava que "ninguém seria autorizado a tomar parte no ensino público ou privado se pertencesse a uma congregação religiosa não autorizada". "Os jesuítas eram o maior objetivo desse famoso artigo 7, e ninguém mais. Os padres do deado de Moret (Seine-et-Mame) declararam que "estão do lado de todas as comunidades religiosas, incluindo os veneráveis padres da Companhia de Jesus". 'Atacar os jesuítas', eles escrevem, "seria como atacar a nós mesmos". A confissão é explícita.

A diferença seguramente é grande entre uma mera promessa de não-oposição ao regime da França e esta garantia solene de apoio ao Estado nazista. Tão grande quanto a diferença entre os dois regimes: um, democrático e liberal, tão odiado pela Igreja Romana; o outro, totalitário e brutalmente intolerante, desejado e estabelecido pelos esforços unidos de Franz von Papen, o ajudante secreto do papa, e pelo monsenhor Pacelli, núnio em Berlim e futuro Pio XII.

De novo é o abade Brugerette quem, após ter declarado que o desejo do governo havia sido atingido no que tange à Companhia de Jesus, também admite: "Não podíamos falar na destruição da instituição de congregações. As congregações femininas sequer haviam sido tocadas e as autorizadas, "tão perigosas quanto as outras para o espírito laico", ainda permaneciam de pé. Sabíamos também que quase todas as congregações masculinas, expulsas de suas residências por causa dos decretos de 1880, haviam silenciosamente voltado aos seus monastérios".

Essa trégua, no entanto, teve vida curta. A intenção do Estado em coletar impostos e direitos de sucessão sobre a riqueza de comunidades eclesiásticas provocou uma manifestação de protesto entre eles, pois não tinham a menor intenção de se submeterem à lei comum.

'A organização da resistência foi feita por um comitê liderado por Bailly, "assuncionista", Stanislas, capuchino, e Le Dore, superior dos eudistas. O padre Bailly estava reavivando o grande zelo do clero quando escreveu: "Como São Laurent, os monges e as freiras devem antes voltar aos pelouros de torturas do que se entregarem".

Por "coincidência", o principal revivalista deste grande "zelo", Bailly, era um "assuncionista" ou, na verdade, um jesuítico camuflado. Quanto ao pelouro e às torturas, poderíamos lembrar a esse bom padre que esses tristes expedientes são muito mais uma tradição da própria Santa Sé que do Estado republicano. Finalmente, o abade acima mencionado admitiu que "a prosperidade de seu trabalho não fora prejudicada", conforme bem podemos imaginar.

Não podemos entrar em detalhes sobre as leis de 1880 e 1886, as quais tendiam a assegurar a neutralidade confessional das escolas públicas, essa "secularização" tão natural a todas as mentes tolerantes, mas rejeitada pela Igreja Romana como uma tentativa abominável de forçar consciências, algo que ela sempre considerou ser tarefa exclusiva sua. Poderíamos imaginá-la a lutar por esse "direito" tão violentamente quanto por seus privilégios financeiros.

Em 1883, a congregação romana do Index, inspirada pelo jesuitismo, entrou na luta pela condenação de certos livros escolares de moral e civismo. O assunto era grave. Um dos autores, Paul Bert, ousou escrever que até mesmo a idéia de milagre "deve ser destruída". Assim é que mais de 50 bispos promulgaram o decreto do Index, com comentários fulminantes, e um deles, monsenhor Isoard, declara em sua carta pastoral de 27 de fevereiro de 1883 que os professores, pais e crianças que se recusassem a destruir esses livros seriam afastados dos sacramentos.

As leis de 1886, 1901 e 1904, que declaravam que nenhum posto de ensino poderia ser exercido por membros de congregações religiosas, também geraram uma onda de protestos do Vaticano e do clero francês. Na verdade, os monges e freiras que exerciam a função de professores apenas teriam de se "secularizar".

O único resultado positivo dessas disposições legais foi que os professores das chamadas escolas "livres" tiveram, a partir de então, de produzir qualificações pedagógicas adequadas, uma boa coisa quando se sabe que, antes da última guerra, as escolas primárias católicas na França chegavam a 11.655 com 824.595 alunos.

Quanto às escolas "livres", especialmente as jesuítas, se os seus números estão baixando, é devido a vários fatores que não têm nada a ver com as disputas legais. A superioridade do ensino laico, reconhecida pela maioria dos pais, é a principal causa de sua crescente popularidade. Além do que, a Companhia de Jesus tem voluntariamente reduzido o número de suas escolas.

O General Boulanger e o Caso Dreyfus

Não faltariam justificativas para a hostilidade que o "partido santo" fingiu ter sido vítima, ao final do século XIX, por parte do Estado republicano, apesar dessa hostilidade, ou melhor seria dizer desconfiança, ter sido ainda mais benéfica. A oposição do clero ao regime ao qual a França se havia auto-determinado se mostrava evidente em todas as ocasiões, de acordo com o abade Brugerette. Em 1873, a tentativa de restaurar a monarquia com o conde de Chambord falhou, apesar de fortemente apoiada pelo clero, porque o "pretendente-embusteiro" teimosamente se recusava a adotar a bandeira de três cores, para ele o emblema da Revolução.

"Tal como está, o catolicismo parece restrito à política, ou a um certo tipo especificamente. A lealdade à Monarquia foi transmitida de geração a geração dentro das velhas famílias nobres, tanto quanto nas classes médias e no povo, nas religiões do Leste e do Sul. Sua nostalgia de um regime antigo e idealizado, retratado em uma Idade Média épica, era reforçada pelos desejos de católicos ardorosos, cuja principal preocupação era a salvação da religião; eles se reorganizaram, atrás de Veuillot, com a família real legítima e devota dos Chambord, considerando que esta era a forma de governo mais favorável à Igreja. Da união destas forças políticas e religiosas nasceu, na situação complicada do pós-guerra, um tipo de misticismo reacionário, ilustrado à perfeição pelo monsenhor Pie, bispo de Poitiers, e sua melhor encarnação no mundo eclesiástico: 'A França, que espera por outro chefe e clama por um senhor, receberá novamente de Deus "o cetro do Universo que lhe caiu das mãos por algum tempo", no dia em que tiver aprendido outra vez como se ajoelhar".

Este quadro, descrito por um historiador católico, é significativo. Ajuda a compreender os sentimentos que se seguiram, alguns anos depois, na tentativa infeliz da Restauração de 1873. O mesmo historiador católico descreve da seguinte forma a atitude política do clero na ocasião: "Na época das eleições, os presbíteros se tornaram centros de apoio para os candidatos reacionários. Os padres e auxiliares batiam de porta em porta, fazendo propaganda eleitoral; caluniavam a República e suas novas leis de ensino; declaravam que aqueles que votassem nos liberais, no atual governo ou nos maçons (descritos como "bandidos", "ralé" e "ladrões") seriam culpados de pecado mortal. Um deles chegou mesmo a declarar que uma mulher adúltera seria perdoada mais facilmente que aqueles que mandassem seus filhos às escolas laicas. Outro disse: É melhor estrangular uma criança que apoiar o regime. Um terceiro ameaçou recusar os últimos sacramentos àqueles que tivessem votado nos partidários do regime. Ainda fizeram mais: os negociantes republicanos e anti-clericais eram boicotados; recusavam ajuda a pessoas sem bens e os trabalhadores eram demitidos".

Esses excessos de um clero cada vez mais afetado pelo ultramon-tanismo jesuítico eram ainda menos aceitáveis devido ao fato de serem tais eclesiásticos pagos pelo Governo, pois o Tratado ainda estava em vigor.

A maioria da opinião pública também não estava satisfeita com essa pressão sobre as consciências, conforme o autor anteriormente mencionado indica: "O povo francês, como um todo, era indiferente quanto aos problemas religiosos, e não podemos confundir a observação hereditária de práticas religiosas com a fé verdadeira. O fato é que o mapa político da França é idêntico ao mapa religioso. Podemos dizer que nas regiões onde a fé é forte, o povo francês vota pelos candidatos católicos; nos outros locais, conscientemente são eleitos deputados e senadores anti-clericais. O povo não quer o clericalismo, ou seja, uma autoridade eclesiástica nos assuntos políticos, o que usualmente é chamado de "governo dos padres". Para um grande número de católicos, o fato do padre, este homem incômodo, interferir, através de instruções de sermões e prescrições de confessionário, no comportamento dos fiéis, checando pensamentos, sentimentos, atos, comida e bebida, e até mesmo as intimidades da vida de casado, é o suficiente. Pretendem, pelo menos, limitar seu império pela preservação de sua independência enquanto cidadãos".

Gostaríamos de ver esse espírito de independência vivo ainda hoje. Apesar da opinião de "um grande número de católicos" ser esta, os ultramontanos, no entanto, não se desarmaram e buscaram, em todas as oportunidades, a luta contra o regime tão odiado. Pensaram por algum tempo que haviam encontrado o "homem providencial" na pessoa do general Boulanger, ministro da Guerra em 1886, o qual havia organizado sua propaganda pessoal tão bem que parecia destinado a ser o futuro ditador.

"Um acordo tácito", escreveu Adnen Dansette, "ficou estabelecido entre o general e os católicos, e tornou-se claro durante o verão. Ele também firmou um acordo secreto com os membros monarquistas do Parlamento, dentre eles o barão de Mackau e o conde de Mun, fiéis defensores da Igreja na Assembléia. O fleumático ministro do Interior, Constans, ameaçou prendê-lo e, a lo de abril, o candidato a ditador escapa para Bruxelas, com sua amante. A partir desse momento, o boulangismo declinou rapidamente. A França não havia sido tomada: ela se recuperara. O boulangismo foi esmagado nas votações de 22 de setembro e de 6 de outubro de 1889".

Podemos ler, do punho do mesmo historiador, qual era a posição do papa da época em relação a este aventureiro: foi Leão XIII quem, em 1878, sucedendo a Pio IX, o papa do Sílabo, fingia aconselhar aos fiéis da França que se unissem ao regime republicano. "Em agosto (1889), o embaixador alemão no Vaticano pretende que o papa se encontre com o general (Boulanger), o homem que derrubará a República Francesa e restabelecerá o trono. Podemos ler um artigo no qual o Monitor de Roma prevê que o candidato ditatorial tomará o poder na França e que a Igreja poderá se beneficiar muito disso. O general Boulanger enviou um de seus antigos oficiais a Roma, com uma carta para Leão XIII, na qual promete ao papa "que no dia em que ele tiver em suas mãos a espada da França, fará o máximo possível para que os direitos do papado sejam reconhecidos"

Este era o pontífice jesuítico e o clero intransigente que discordava de seu suposto excesso de "liberalismo". A crise boulangista revelou a ação dirigida pelo partido religioso contra a República laica, sob o disfarce de nacionalismo. A natureza "apartidária" de seu caráter, entretanto, bem como a resistência de uma maioria da nação, haviam derrotado tal tentativa, apesar de toda essa agitação forçada. Essa tática chauvinista, no entanto, havia provado ser muito efetiva, especialmente em Paris, e eles a usariam novamente em uma outra (e melhor) oportunidade. Esta surgiu (não teria sido provocada?) e os discípulos de Loyola, obviamente, lá estavam a encabeçar o movimento outra vez. "Os amigos deles estão aqui", escreveu Pierre Dominique, "uma nobreza fanática, uma burguesia que rejeita Voltaire e muitos militares. Eles trabalham bem,

especialmente sobre o Exército, e o resultado é a famosa aliança "da espada e do borrifador da água santa".

"Em 1890, não se trata mais de dominar a consciência do rei da França, mas sim do aparelho de governo, ou pelo menos, de seu chefe; então, o "Caso Dreyfus" explode, uma autêntica guerra civil que divide a França em duas".

O historiador católico Adnen Dansette resume o começo do caso assim: 'A 22 de dezembro de 1894, o capitão de artilharia Alfred Dreyfus foi acusado de traição, condenado à deportação para prisão perpétua e demitido. Três meses antes, nosso Serviço de Inteligência havia descoberto, na embaixada alemã, uma lista de vários documentos que tinham a ver com a segurança nacional. Também foi estabelecida uma semelhança entre as escritas do capitão Dreyfus e a da lista. Imediatamente, o Estado-Maior afirmou: "É ele, é o judeu". Só existia pressuposto, pois a traição não tinha nenhum tipo de explicação psicológica (Dreyfus tinha boa reputação, era rico e levava uma vida normal). O pobre homem foi, no entanto, levado à prisão, condenado por um tribunal militar após um inquérito tão ligeiro e parcial que o julgamento certamente havia sido preconcebido. Para piorar ainda mais as coisas, soube-se de um documento secreto dado aos juízes, sem o conhecimento do advogado de defesa.

"Mas houve ainda mais vazamento do Estado-Maior após a prisão de Dreyfus. O comandante Picquart, chefe do Serviço de Inteligência, após julho de 1895, veio a saber de um certo projeto chamado "petitbleu" (cartas expressas), entre o assessor militar alemão e o comandante francês (de origem húngara) Esterhazy. Este era um homem de má fama que não alimentava nada, além de ódio e desprezo por seu país de adoção. Um oficial do Serviço de Inteligência, o comandante Henry, acrescentou ao arquivo Dreyfus - conforme veremos - um documento falso que seria desastroso para o oficial judeu se fosse genuíno; ele também apagara e reescrevera o nome de Esterhazy no "petit bleu" para dar a impressão de que o documento era falso. Assim foi que Picquart caiu em desgraça, em novembro de 1896".

A queda do chefe do Serviço de Inteligência é fácil de entender: o seu cuidado ao tentar dissipar a obscuridade acumulada era excessivo demais. O testemunho mais fidedigno pode ser encontrado nos Carnets de Schwartzkoppen, publicados após a sua morte, em 1930. Foi de Esterhazy, e não de Dreyfus, que o autor, então primeiro adido militar da embaixada alemã em Paris, recebia os documentos secretos da defesa nacional francesa. "Já algum tempo antes, em julho, Picquart pensava ter chegado o momento de avisar por carta ao chefe do Estado-Maior, que na altura se encontrava em Vichy, sobre as suspeitas em relação a Esterhazy. O primeiro encontro foi em 5 de agosto de 1896.

O general de Boisdeffre aprovou tudo o que Picquart havia feito até então com relação a este caso e lhe deu autorização para continuar com sua investigação. "O ministro da Guerra, general Billot, foi igualmente informado, a partir de agosto, sobre as suspeitas de Picquart, pois também sancionava as medidas tomadas por ele. Esterhazy, que havia sido demitido, tentara, usando suas conexões com o deputado Jules Roche, obter um cargo no ministério da Guerra, a princípio para tentar entrar em contato comigo novamente. Havia escrito várias cartas ao ministro da Guerra assim, e ao seu auxiliar de campo. Uma das suas cartas foi dada a Picquart que, pela primeira vez, percebeu que a sua caligrafia era a mesma que constava da "lista". Ele mostrou uma foto daquela caligrafia a Du Paty e Bertillon, sem lhes dizer, é óbvio, quem havia escrito aquilo. Bertillon disse: 'Ah, mas é a caligrafia da lista!'

"Sentindo se desfazer sua convicção sobre a culpa de Dreyfus, Picquart decidiu consultar o "pequeno arquivo" que havia sido entregue somente aos juízes, o qual lhe foi repassado pelo arquivista Gribelin. Era noite. Abandonado em seu escritório, Picquart abriu o envelope sem selo de Henry, sobre o qual se encontrava o estampo do mesmo, escrito com uma caneta azul. Grande foi seu espanto quando percebeu a nulidade daqueles lamentáveis documentos, pois nenhum deles poderia ser aplicado a Dreyfus. Pela primeira vez, ele tinha a certeza que o

homem condenado da "lie du Diable" (Ilha do Diabo) era inocente. No dia seguinte, Picquart escreveu uma carta ao general de Boisdeffre, na qual expunha todas as acusações contra Esterhazy e sua recente descoberta. Quando leu sobre o "arquivo secreto", o general pulou da cadeira e exclamou: "Por que isso não foi queimado como havia sido combinado?"

Von Schwartzkoppen escreveu posteriormente: "Minha posição tornou-se extremamente delicada. Deveria dizer toda a verdade e assim reparar o erro terrível e liberar aquele pobre homem inocente? Se eu tivesse agido como queria, com certeza teria feito dessa forma! Olhando com mais cuidado, cheguei à conclusão que não deveria me envolver na situação porque, naquela conjuntura, ninguém teria acreditado em mim. Além disso, as considerações diplomáticas me impediriam de assim proceder. Considerando que o governo francês seria capaz de tomar as medidas necessárias para esclarecer o problema e reparar a injustiça, eu realmente me determinei a nada fazer". "Podemos ver a tática do Estado-Maior", observa Adrien Dansette. "Se Esterhazy for culpado, os oficiais que provocaram a condenação ilegal de Dreyfus, e principalmente o general Marcier, ministro da Guerra na época, também são culpados. Os interesses do Exército exigiam o sacrifício de Dreyfus; não devemos interferir na sentença de 1894". É impressionante a constatação de que tal argumento pudesse ser invocado para justificar uma condenação absolutamente injusta.

Assim seria durante todo o caso que estava apenas começando. É óbvio que se vivia na época uma verdadeira febre anti-semítica. As violentas dissertações de Edouard Drumont, no *Libre Parole*, mostravam todos os dias os filhos de Israel na posição de agentes da corrupção e dissolução nacional. O pesado preconceito assim criado incitava uma grande parcela da opinião pública a acreditar, "a priori", na culpa de Dreyfus. Posteriormente, entretanto, quando a inocência do acusado se tornou evidente, o argumento monstruoso da "infalibilidade" do tribunal militar ainda foi mantida, e desde então com um cinismo invejável. Não seria o Espírito Santo, o qual supostamente inspirava esses juízes de farda, isento de cometer algum erro? Seria tentador acreditar nessa intervenção celestial - tão semelhante àquela que também supostamente garantia a infalibilidade papal -quando lemos sobre o padre du Lac, da Companhia de Jesus, e que tinha muito a ver com o caso: "Ele dirigia o colégio da Rue des Postes, quando os jesuítas preparavam os candidatos para as escolas maiores. É um homem inteligente, que mantém contatos importantes. Ele converteu Drumont; é o confessor de De Mun e de Boisdeffre, chefe do Estado-Maior do Exército, que o avistava todos os dias".

Drumont e o incitou a escrever *A França Judia*, e quem forneceu os meios para criar o *Libre Parole*? O general de Boisdeffre também não vê o famoso jesuítico todos os dias? O chefe do Estado-Maior nunca toma uma decisão sem antes consultar o seu dirigente religioso"

Na Ilha do Diabo, que bem merece esse nome, por seu horrível clima, a vítima dessa trama atroz era tratada com uma crueldade extrema, pois a imprensa anti-semítica havia espalhado uma reportagem que dava conta de sua tentativa de fuga. O ministro para as Colônias, André Leblon, deu ordens para um controle maior.

"Na manhã de domingo, dia 6 de setembro, o carcereiro chefe, Lebar, informou seu prisioneiro que ele não estava autorizado a caminhar pela parte da ilha que lhe havia sido reservada, e que seria confinado à sua cabana. Foi-lhe dito que passaria a ser acorrentado todas as noites. Ao pé de sua cama, feita de três tábuas, foram fixadas duas algemas do mais duro ferro, as quais serviriam para prender seus pés. Quando as noites eram tórridas, essa punição era especialmente dolorosa".

"De manhãzinha, os guardas soltavam o prisioneiro que, ao se levantar, tremia sobre seus pés. Ele estava proibido de sair de sua cabana, na qual deveria ficar dia e noite. Após algum tempo, seus calcanhares começaram a se cobrir de sangue e tiveram de enfaixá-los. Seus guardas, emocionados e condoídos, envolviam seus pés secretamente, antes de acorrentá-los". O condenado continuava a proclamar sua inocência. Escreveu à esposa: "Deve haver, em algum

lugar nessa terra bela e generosa da França, um homem honesto que seja suficientemente corajoso para buscar, e descobrir, a verdade"

De fato, a verdade não era mais desconhecida. O que faltava era o desejo de torná-la pública. O próprio abade Brugerette é testemunha do fato: "As suposições sobre a inocência do condenado da Ilha do Diabo se multiplicavam em vão; as declarações de M. de Bulow no Reichstag e as que foram transmitidas por M. de Munster, seu embaixador, ao governo francês, também afirmavam a inocência de Dreyfus, em vão.

Uma inocência também proclamada pelo imperador Guilherme e confirmada quando Schwartzkoppen (o adido militar alemão) foi convocado a Berlin assim que Esterhazy foi acusado por Mathieu Dreyfus (irmão do condenado). O Estado-Maior se manteve contra a reabertura do processo. Alguém está ocupado com a cobertura de Esterhazy. Documentos secretos são transmitidos a ele para a sua defesa, e até mesmo sua caligrafia não chega a ser autorizada a ser comparada com a da "lista".

'Assim protegido, o vilão Esterhazy torna-se suficientemente audacioso para pedir sua presença diante de um Conselho de Guerra. Lá, ele é unanimemente absolvido em 17 de janeiro de 1898, após uma deliberação que durou apenas três minutos".

Devemos mencionar que, alguns meses depois, quando o coronel Henry foi condenado por falsificação de documentos em uma tentativa de esconder uma verdade óbvia, houve a demissão do chefe do Estado-Maior e a queda dos ministros. Detido em Mont Valerien, Henry cometeu suicídio cortando o pescoço e, assim, assinou com seu próprio sangue sua confissão de culpa. Em dezembro de 1898, esta nota semi-oficial foi publicada pela imprensa germânica: 'As declarações do governo imperial determinam que nenhuma autoridade alemã, superior ou inferior, teve qualquer tipo de relações com Dreyfus. Portanto, do ponto de vista alemão, não vemos qualquer inconveniente com relação à publicação integral do arquivo secreto"

Finalmente, a reabertura inevitável do caso foi decidida pela Corte Suprema. Dreyfus precisou se apresentar diante do Conselho de Guerra em Rennes, em 3 de julho de 1899, e este foi o começo de uma nova tortura. "Ele não poderia imaginar que se defrontaria com um ódio ainda mais virulento do que quando caiu e que seus ex-chefes, os quais conspiravam para colocá-lo de novo no caminho para a Ilha do Diabo, não teriam piedade dele, desafortunado, pobre criatura, que pensava já ter suportado todo o sofrimento deste mundo". 'Assim é que", escreveu o abade Brugerette, "o Conselho de Guerra em Rennes somente acrescentaria uma nova injustiça à iniqüidade do julgamento de 1894. A ilegalidade deste julgamento, a culpa de Esterhazy e as manobras criminosas de Henry se tornaram patentes durante as 29 sessões daquele julgamento de Rennes. O Conselho de Guerra, no entanto, julgaria Dreyfus por outras acusações de espionagem, as quais nunca haviam sido causa de uma acusação ou relatório. Todos os vazamentos anteriores seriam a ele atribuídos e vários documentos seriam forjados. Finalmente, e contra toda a nossa tradição legalista, exigiriam que o próprio Dreyfus provasse que tais documentos ou papéis não haviam sido feitos por ele, como se não mais coubesse à acusação a tarefa de provar o crime".

A parcialidade dos acusadores de Dreyfus era tão óbvia que a opinião pública fora da França despertou. Na Alemanha, o semi-oficial Cologne Gazette publicou, em 16 e 29 de agosto, no meio do julgamento, dois artigos em que podemos ler a seguinte frase: "Se, após as declarações do governo alemão e dos debates da Corte Superior na França, alguém ainda acreditar que Dreyfus é culpado, podemos apenas responder a essa pessoa que deve estar mentalmente doente ou que conscientemente quer a condenação de um inocente".

O ódio, o absurdo e o fanatismo não estavam desarmados para essa batalha. Ainda outras novas falsificações foram usadas, substituindo aquelas que haviam perdido o seu crédito. Resumindo, tudo não passava de uma sinistra palhaçada. Ao final, para Dreyfus, surgiu a

condenação a dez anos de detenção, com circunstâncias paliativas! "Este julgamento desastroso provocou um estupor indignado por todo o mundo. A França foi desprezada. Quem poderia ter imaginado pesar tão terrível?", exclamou Clemenceau, por ocasião da leitura dos jornais alemães e franceses.

A misericórdia era indispensável. Dreyfus aceitou-a para "continuar a viver", disse, "e buscar o reverso do terrível erro militar do qual havia sido vítima". Para este reverso, não adiantava contar com a justiça dos Conselhos de Guerra. Essa justiça já tinha dado provas do seu trabalho! Ela só pôde vir novamente da Corte máxima de apelação que, após minuciosas investigações e longos debates, anulou para sempre o veredito de Rennes. Alguns dias depois, a Assembléia e o Senado, por um voto solene, reincorporaram Dreyfus ao Exército: Dreyfus, a quem havia sido conferida a Legião de Honra, estava finalmente reerguido diante da nação".

Essa mudança final, obtida com tanto trabalho, deveu-se aos homens "honestos e corajosos", tal qual sonhava o inocente da Ilha do Diabo. O número deles cresceu cada vez mais na medida em que a verdade vinha à tona. Após a absolvição ligeira do traidor Esterhazy por um Conselho de Guerra em janeiro de 1898, Émile Zola publicou na Aurore, a publicação de Clemenceau, sua famosa carta-aberta *J'accuse*: 'Acuso o primeiro Conselho de Guerra de ter violado a lei através da condenação de um réu baseada em alguns documentos que permaneceram secretos, e acuso o segundo Conselho de Guerra de haver coberto esta ilegalidade e cometer também um crime judicial ao absolver conscientemente um culpado".

Os "cavaleiros" de nossa famosa Companhia, entretanto, estavam de vigia para calar qualquer coisa que pudesse esclarecer o público. Uma acusação do deputado católico De Mun trouxe Zola diante da Corte Assize de Sena, e o corajoso escritor foi condenado a um ano de prisão, a pena máxima, como consequência desse julgamento iníquo.

A opinião pública havia sido enganada tão bem pelas manifestações de protesto dos clérico-nacionalistas que as eleições de maio de 1898 foram favoráveis a eles. A revelação pública das falsificações, a demissão do chefe do Estado-Maior e a parcialidade criminal evidente dos juizes, no entanto, abriram os olhos daqueles que sinceramente buscavam a verdade cada vez mais. Estes, porém, pertenciam quase exclusivamente aos grupos protestantes, judeus e leigos.

"Na França, os católicos do lado de Dreyfus eram poucos e distantes; dentre eles, poucos eram proeminentes. As ações dessas poucas pessoas não causaram muita agitação. A conspiração do silêncio os envolvia".

"Muitos padres e bispos mantinham-se convencidos da culpa de Dreyfus", escreveu o abade Brugerette. George Sorel também declarava: "Enquanto o caso Dreyfus trouxe divisão entre todos os grupos sociais, o mundo católico estava absolutamente unido contra a reabertura do processo". O próprio Peguy admite que "todas as forças políticas da Igreja tinham sido levantadas contra Dreyfus". Será que devemos lembrar as listas de subscrições abertas pelo Libre Parole e pelo La Croix em favor da viúva do falsificador Henry, o qual havia cometido suicídio? Os nomes dos padres subscritos eram freqüentemente acompanhados de "comentários não muito evangélicos", conforme nos diz Adrien Dansette, que cita o seguinte: "Um certo abade Cros pediu um pequeno tapete de quarto feito de pele judia, para poder fazer estamparias dia e noite; um jovem padre gostaria de arrebentar o nariz de Reinach com seu salto; três padres adorariam esbofetejar a face imunda do judeu Reinach".

Somente o clero secular mantinha ainda alguma reserva. Nas congregações, as coisas eram mais violentas. A 15 de julho de 1898, o dia de distribuição de prêmios no Colégio de Arcueil, presidido pelo generalíssimo Lamont (vice-presidente do Conselho Superior de Guerra), o padre Didon, reitor da Escola Albert-le-Grand, fez um discurso violento no qual advogava o uso da violência contra os homens cujo crime havia sido a denúncia corajosa de um erro militar. "Será que devemos", disse o monge eloquente, "deixar os infelizes se safarem? É claro que não! O

inimigo é o intelectualismo que finge desprezar a força, e civis que querem subjugar os militares. Quando a persuasão falhar, quando o amor se tornar inócuo, devemos levantar nossa espada, espalhar o terror, cortar cabeças, fazer guerra, atacar." Esse discurso parecia um desafio contra todos os simpatizantes daquele infeliz condenado".

Quantos destes discursos, no entanto, já ouvimos desde então? Convocações a repressões sangrentas, vindas de um clero gentil, especialmente durante a ocupação alemã! Pelo grito de alerta de ódio contra o intelectualismo, podemos encontrar o eco perfeito nesta declaração de um certo general: "Quando alguém fala de inteligência, saco do meu revólver!"

Destruir o pensamento pela força física é um princípio da Igreja Romana nunca alterado. O abade Brugerette pensa, no entanto, sobre o fato de nada haver perturbado a crença do clero da culpa de Dreyfus: "Um evento tão grande e dramático, vindo como um furacão em um céu azul e trazendo à tona o departamento de falsificações que operava no Estado-Maior, deve ter aberto os olhos, até mesmo daqueles que não queriam conhecer a verdade. Refiro-me à descoberta das falsificações realizadas por Henry."

"Já não seria a ocasião para o clero francês e os católicos repudiarem um erro que já havia chegado longe demais? Os padres e os fiéis poderiam ter se alinhado, tais quais os trabalhadores mencionados pelos evangelhos, para aumentar as fileiras dos defensores da justiça e da verdade. Os fatos mais evidentes, no entanto, nem sempre esclarecem as mentes dominadas por certos preconceitos, pois estes são contrários à análise e, por natureza, se revoltaram contra as evidências".

De qualquer maneira, incontáveis esforços foram feitos para manter os católicos no erro! Poderiam eles imaginar que eram escandalosamente enganados por uma imprensa que teimosamente escondia todas as provas da inocência, todos os testemunhos favoráveis ao condenado da Ilha do Diabo, e também buscavam impedir o curso da justiça de todas as formas?"(94) À frente dessa imprensa estava La Libre Parole, criada, conforme já vimos, com a ajuda do padre jesuíta du Lac, e La Croix, do padre "assuncionista" Bailly. Como a Ordem da 'Assunção' era uma "filial disfarçada" da Companhia de Jesus, devemos, portanto, atribuir a esta o início e a manutenção da campanha anti-Dreyfus.

Uma testemunha não muito suspeita, o padre Lecanuet, escreve claramente: 'As congregações, e em especial os jesuítas, são denunciados pelos historiadores do caso. E, neste momento, devemos admitir que os jesuítas deram o primeiro tiro com uma temeridade muito impensada".

"Quase todos os jornais de província católicos, como por exemplo o Nouvelliste, de Lyon, tão informativos e muito lidos, tomarão parte nessa trama obscura contra a verdade e a justiça. Parece que o lema passava por impedir a luz de entrar e manter o público na escuridão."

Na realidade, seria necessária uma cegueira muito peculiar que não discernisse, por detrás do furor demonstrado pelo La Croix em Paris e nas províncias, o tal lema mencionado pelo abade Brugerette. Seria também muita ingenuidade não conhecer sua origem.

Adnen Dansette também diz: "É a Ordem assuncionista, em sua totalidade, e com ela a Igreja, que estão expostas pela campanha do La Croix. O padre Bailly gaba-se de que o "Santo Papa" o aprova."

De fato, não há qualquer dúvida a respeito dessa aprovação! Os jesuítas, usando o nome emprestado dos "assuncionistas", não são os instrumentos políticos do papado desde a sua fundação? A história espalhada, a qual é repetida por historiadores apologistas, de que Leão XIII tinha uma aparente "moderação" com relação aos diretores do La Croix, não passa de uma piada. Trata-se de um truque clássico, que não perde sua eficiência nos dias atuais, pois ainda existem pessoas que acreditam em um certo tipo de "independência" da voz oficial da Santa Sé!

Vejamos agora o que foi publicado na própria Roma pela Civilta Cattolica, a publicação oficial dos jesuítas, sob o título de O Caso Dreyfus: 'A emancipação dos judeus tem sido o resultado dos assim chamados princípios de 1789, que têm subjugado tão fortemente todo o povo francês. Os judeus têm a República nas suas mãos, que se tornou muito mais hebraica do que francesa. Os judeus foram criados por Deus para serem usados como espiões, sempre que houver alguma traição a ser preparada. Não só na França, mas também na Alemanha, Áustria e Itália, os judeus têm de ser expulsos da nação. Então, com a grande harmonia dos tempos antigos a se reestabelecer, as nações encontrarão novamente sua felicidade perdida".

Nos capítulos anteriores, fizemos um pequeno resumo da "grande harmonia" e "felicidade" vividas pelas nações nas quais os filhos de Loyola ouviam as confissões e inspiravam os reis. Tal qual acabamos de ver, a "harmonia" também reinou quando eles se tornaram confessores e conselheiros de chefes do Estado-Maior.

De acordo com o abade Brugerette, o general de Boisdeffre, penitente do padre jesuítas du Lac, sentiu o mesmo amargor que muitos outros antes, os quais haviam sido enganados igualmente por esses "diretores de consciências". As confissões do falsificador Henry o fizeram se demitir. "Sendo um homem muito honesto, ele próprio diria que havia sido "escandalosamente enganado", e aqueles que o conheciam sabiam que se sentia amargurado com a trama da qual ele próprio havia sido vítima".

O abade Brugerette acrescenta que tinha encerrado "todas as formas de comunicação" com seu antigo professor e "até mesmo se recusado a vê-lo de novo quando estava morrendo". Após ler tudo isso, escrito e publicado na Civilta Cattolica, seria desnecessário nos estendermos ainda mais sobre a culpa da Ordem. Podemos apenas concordar com o que Joseph Reinach disse na época: "Conforme vemos, foram os jesuítas que criaram este caso obscuro. Para eles, Dreyfus é só um pretexto; o que querem, e o admitem, é estrangular o laicismo e redirecionar a Revolução Francesa".

Devido ao fato de que alguns ainda insistem, contra todas as evidências, que poderia haver uma possível discordância entre o papa e seu exército secreto, entre as intenções de um e as ações do outro, é fácil mostrar o vazio de tal suposição. O caso de Bailly é muito esclarecedor sobre esse aspecto. O que podemos ler no La Croix de 29 de maio de 1956? Nada menos do que isto: "Como já anunciamos, Sua Eminência o Cardeal Feltin ordenou uma pesquisa nos escritos do padre Bailly; ele foi o fundador de nossa publicação e da Maison de la Bonne Press."

Aqui está o texto daquela ordenança, datado de 15 de maio de 1956: "Eu, Maurice Feltin, pela graça divina e da Santa Sé apostólica, cardeal chefe da Santa Igreja Romana, cujo título é Santa Maria da Paz, arcebispo de Paris. Em vista do plano submetido pela Congregação dos Augustinianos da Assunção e aprovado por nós, de introduzir em Roma a causa do servo de Deus Vincent-de-Paul Bailly, fundador de La Croix e Bonne Press. Em vista das disposições e instruções da Santa Sé com relação ao ato de beatificação e busca dos escritos dos servos de Deus, nós ordenamos o seguinte: Qualquer pessoa que conheceu este servo de Deus ou que possa nos dizer algo em especial sobre sua vida, deve nos informar sobre ele. Qualquer um que possua escritos deste servo de Deus deve repassá-los antes de 30 de setembro de 1956, seja por livros escritos, notas manuscritas, cartas, memorandos, até mesmo instruções ou conselhos não escritos, mas por ele ditados. Por todas essas comunicações, designamos Canon Dubois, secretário do arcebispado e promotor de fé, para esta causa."

Eis aqui um servo de Deus bem no caminho para receber o prêmio justo por seus serviços leais na forma de uma auréola. Ousamos dizer, no que tange aos seus "escritos" tão cuidadosamente pesquisados, que o "promotor de fé" terá muito para escolher. Quanto ao material "impresso", a coleção do La Croix, especialmente entre 1895 e 1899, fornecerá os materiais mais "edificantes."

'A atitude deles (dos jornais católicos), e especialmente do La Croix, constitue no momento, para todas as mentes esclarecidas e concretas, o que Paul Violet, membro católico do instituto, chama de escândalo indescritível (e este escândalo gera, no Caso Dreyfus, os mais chocantes erros): a mentira e o crime contra a verdade, a honestidade e a justiça. A Corte de Roma, sabe disso, tanto quanto todas as outras Cortes da Europa."

A Corte de Roma realmente sabia mais do que qualquer outra! Como já vimos, em 1956 ela não havia se esquecido das façanhas "santas" desse "servo de Deus", pois estava preparando sua beatificação. Sem dúvida, o promotor de fé creditava a esse futuro "santo" aquelas famosas listas de subscrições em favor da viúva do falsificador Henry, sobre quem o abade Brugerette diz: "Hoje, quando lemos aqueles pedidos pelo retorno da Inquisição, pela perseguição aos judeus e pelo assassinato dos defensores de Dreyfus, é como se estivéssemos ouvindo as imaginações delirantes de fanáticos selvagens e grotescos. Estes, no entanto, nos são apresentados pelo La Croix como sendo um espetáculo grandioso, reconfortante e digno de aplausos".

O padre Bailly não teve o prazer de ver realizar durante sua vida todos esses "santos desejos" com relação aos judeus, o que só viria a ser possível com esses fanáticos selvagens sob a suástica.

Ele só poderia desfrutar desse espetáculo "grandioso, reconfortante e digno de aplausos" nos céus, apesar de lá, os espetáculos desse tipo serem "muito comuns", de acordo com os "estudiosos" e, especialmente, Santo Tomás de Aquino, o "anjo" da Escola: 'A fim de ajudar os santos a desfrutarem suas bênçãos ainda mais, e aumentar suas ações de graças a Deus, a eles é permitido contemplarem em todo o seu absurdo a tortura dos homens sem Deus. Os santos se regozijarão nos tormentos dos homens sem Deus" (Sancti de poenis impiorum gaudebunt).

Conforme podemos constatar, o padre Bailly, fundador do La Croix, tinha feito tudo que é necessário, segundo afirmavam, para se fazer um santo: perseguir os inocentes e amaldiçoar aqueles que os defendiam; entregá-los para serem assassinados; sustentar com todas as forças a mentira e a iniqüidade e provocar a discórdia e o ódio. Estes são, aos olhos da Igreja Romana, realizações sólidas para a "glória", e podemos entender seu desejo de outorgar a auréola ao autor dessas façanhas tão "devotas".

A seguinte questão, no entanto, é oportuna: Seria esse "servo de Deus" um trabalhador padrão também? Porque sabemos que, para merecer tal promoção, deve-se ter realizado milagres muito bem "documentados". Quais foram, afinal, os milagres realizados pelo diretor-fundador do La Croix? Seria a transmutação, para os seus leitores, do preto em branco e do branco em preto, apresentando uma mentira como sendo verdade e a verdade como mentira?

Naturalmente, mas um "milagre" ainda maior foi o fato de que ele persuadiu membros do Estado-Maior (e então o público) que, após terem cometido o erro inicial, e quando esse erro foi descoberto, foi pela honra deles que negaram as evidências, transformando dessa forma o erro em abuso de poder!

"Errare humanum est; perseverare diabolicum". O "servo de Deus" não estava prestando muita atenção neste provérbio. Ao invés de se deixar inspirar por ele, o escondeu sob sua batina. De fato, o "mea culpa" é para os simples fiéis, e não para os eclesiásticos. Também não é, como acabamos de ver, para os chefes militares que tinham confessores jesuítas. O resultado - pretendido - era a exaltação das paixões partidárias e a divisão do povo francês. Isso é confirmado pelo eminent historiador Pierre Gaxotte: "O Caso Dreyfus foi um decisivo momento de virada. Julgado por oficiais, envolveu a instituição militar. O Caso se expandiu, tornou-se num conflito político, desestruturou famílias e dividiu a França em duas. Teve os efeitos de uma guerra religiosa. Criou o ódio contra as corporações de oficiais e deflagrou o anti-militarismo".

Quando pensamos na Europa daquela época, a Alemanha superequipada com suas armas e seus dois aliados; quando lembramos a responsabilidade do Vaticano no início do conflito de

1914, não podemos deixar de perceber que a diminuição do potencial militar da França havia sido premeditada. Como poderíamos deixar de notar que, de fato, o Caso Dreyfus começou em 1894, o ano da Aliança Franco-Russa? Naquele período, o porta-voz do Vaticano chegou a falar demais sobre o acordo com poder de cisma o que, a seus olhos, era um escândalo.

Até mesmo hoje, "um prelado de Sua Santidade", monsenhor Cristiani, ousou escrever: "Através de políticas misteriosamente ; cegas e doentes, nosso país parece sentir prazer em provocar inclinações guerreiras em seus formidáveis vizinhos (a Alemanha). A aliança franco-russa parecia ameaçar a Alemanha com o isolamento".

Para o "respeitável prelado", a Tríplice Aliança (Alemanha, Itália, Austro-Hungria) não era uma ameaça a ninguém e a França estava errada em se isolar diante de tal bloco. Com três contra um, o golpe teria sido mais fácil e nosso "Santo Papa" não teria que lamentar, em 1918, a derrota de seus "campeões".

Os Anos Antes da Guerra 1900 - 1914

Escreveu o abade Brugerette: "Sob a imagem de Jesus crucificado, símbolo divino da idéia da justiça, La Croix tinha apaixonadamente cooperado com o trabalho de fraude e crime contra a verdade, a honestidade e a justiça". A justiça, no entanto, tinha vencido ao final. O abade Fremont, que não temia mencionar a cruzada sinistra liderada por Inocêncio III contra os albigenses, quando se referiu ao caso parecia um verdadeiro profeta: "Os católicos estão vencendo e pensam que derrubarão a República por causa do ódio contra os judeus. Temo, porém, que eles acabem por derrubar a si próprios".

Quando a opinião pública foi esclarecida, a reação foi fatal. Ranc havia aprendido a lição do caso quando exclamou: 'A República quebrará o poder das congregações, ou então será estrangulada'.

Em 1899, um ministro de "defesa da República" foi constituído. O padre Picard, superior dos "assuncionistas", o padre Sailly, diretor do La Croix, e outros dez membros daquela Ordem foram levados a julgamento diante do Tribunal do Sena, por quebra da lei de associações. A congregação dos "assuncionistas" foi dissolvida. Waldek-Rousseau, presidente do Conselho, declarou em um discurso pronunciado em Toulouse, em 28 de outubro de 1900: "Dispersadas, mas não suprimidas, as Ordens religiosas formaram-se novamente, maiores em número e militância; cobrem o território com uma rede de uma organização política cujas ligações são milhares e muito bem costuradas, como viemos a observar em um julgamento recente". Finalmente, em 1901 uma lei foi aprovada, determinando que nenhuma congregação poderia ser formada sem autorização, e que aquelas que não a solicitasse dentro do tempo legal seriam automaticamente dissolvidas.

Serão esses regulamentos, muito naturais da parte de autoridades públicas cuja função é acompanhar as associações fundadas em seu território, que serão considerados um abuso intolerável por parte dos católicos. 'A casa de um homem é o seu castelo', diz o ditado; a Igreja, no entanto, não entende assim: a lei comum não é para ela.

A resistência dos sacerdotes quanto à aplicação da lei seria suficiente para mostrar quão necessária era ela. Tal resistência só viria a fortalecer a atitude do governo, especialmente sob o ministro Combes; e a intransigência de Roma, especialmente quando Pio X sucedeu a Leão XIII, conduziria à lei de 1904, que aboliu as Ordens de ensino. Após isso, a disputa entre o governo francês e a Santa Sé será constante.

A eleição do novo papa também foi feita em circunstâncias significativas. "Leão XIII morreu em 20 de julho de 1903. O conclave, que se reuniu para designar seu sucessor, após várias votações, somou 29 votos para o cardeal Rampolla (sendo que o mínimo para a eleição eram 42

votos), quando o cardeal austríaco Puzyna se levantou e declarou que Sua Majestade Apostólica o Imperador da Áustria, rei da Hungria, foi oficialmente inspirado a excluir o secretário de Estado de Leão XIII. Todos sabemos que o cardeal Rampolla era pró-França."

O cardeal Sarto foi eleito, através da manobra austríaca, que acabou por tomar o lugar do Espírito Santo para inspirar cardeais do conclave. Esta eleição foi uma vitória dos jesuítas. Na verdade, o novo pontífice, descrito como sendo uma mistura de "padre de província e arcanjo com uma espada apaixonada", era o tipo perfeito desejado pela Ordem. Vejamos o que Adnen Dansette diz sobre o assunto: "Quando amamos o papa, não limitamos o campo no qual ele pode e deve exercer a sua vontade".

E ainda esta sua primeira conferência consistorial: "Sabemos que chocaremos muitas pessoas quando declararmos que estaremos necessariamente envolvidos em política. Qualquer um, no entanto, que deseje julgar com justiça, pode ver que o Soberano Pontífice, investido por Deus com uma autoridade suprema, não tem o direito de separar a política do domínio da fé e da mora".

Assim é que Pio X, no momento em que foi erguido ao "trono de São Pedro", publicamente declarou que, para ele, a autoridade do papa deveria ser sentida em todos os campos, e que o clericalismo político não era apenas um direito, mas um dever. Também acabou por escolher para seu secretário de Estado um prelado espanhol, monsenhor Merry dei Vai, que tinha 38 anos na época e, tanto quanto ele, era apaixonadamente pró-Alemanha e anti-França.

Esse estado de espírito não é surpreendente quando lemos estas palavras do abade Fremont: "Merry dei Vai, que tive a oportunidade de encontrar no Colégio Romano, era o "pupilo favorito dos jesuítas".

As relações entre a Santa Sé e a França logo sentiram os efeitos dessa escolha. Primeiro, foi a indicação dos bispos pelo poder civil que deflagrou um conflito. Antes da guerra de 1870, a Santa Sé determinava os nomes dos novos bispos só após terem sido indicados. O papa se reservava o direito, se não lhe agradava algum nome, de o afastar do bispado pela recusa da instituição canônica. As dificuldades eram enormes, pois os governos, sob qualquer tipo de regime, eram cuidadosos em eleger candidatos valiosos para o ofício episcopal".

Assim que Pio X se tornou papa, a maior parte das indicações para novos bispos foi recusada por Roma. Além disso, o núncio de Paris, Lorenzelli, era, como nos conta Dansette, "um teólogo que havia se perdido pela política e era enlouquecidamente hostil à França". Alguns dirão: "É só mais um a acrescentar na lista! Mas tal escolha para um posto tão estratégico demonstra claramente quais eram as intenções da Cúria Romana em relação à França. Essa hostilidade sistemática viria a ser exibida mais claramente em 1904, quando M. Loubet, presidente da República, foi a Roma para retribuir uma visita feita a ele em Paris algum tempo antes, pelo rei da Itália, Victor Emmanuel III. M. Loubet desejou também ser recebido pelo papa. A Cúria Romana, entretanto, produziu um suposto "protocolo inevitável": O papa não poderia receber um chefe de Estado que, ao visitar o rei da Itália em Roma, parecia reconhecer como legítima a "usurpação" daquele antigo Estado papal. Houve, no entanto, precedentes: Em 1888 e 1903, um chefe de Estado (e não menos importante) havia sido recebido pelo rei da Itália e pelo papa. É lógico que esse visitante não era o presidente de uma República, mas o imperador alemão Guilherme II. A mesma honra havia sido dada a Edward VII, rei da Inglaterra, e ao czar.

A intenção de insulto dessa recusa ficou evidente e foi ainda mais enfatizada por uma nota enviada por várias chancelarias pelo secretário de Estado Merry dei Vai. Um autor católico, M. Charles Ledre, escreveu sobre o assunto: 'A diplomacia pontifical poderia ignorar o objetivo decisivo e importante que, por detrás da visita do presidente Loubet a Roma, estava tomando forma?'

É óbvio que o Vaticano sabia a respeito do plano de afastar a Itália de seus parceiros da Tríplice Aliança, Alemanha e Austro-Hungria, esses dois poderes germânicos considerados pela Igreja Romana como sendo seus melhores braços seculares. Este era o verdadeiro ponto de embate e foi, de fato, a razão das freqüentes explosões nervosas do Vaticano.

Outros conflitos surgiram em relação aos bispos franceses, considerados por Roma como excessivamente republicanos. Finalmente o governo francês pôs um fim em 29 de julho de 1904 às "relações que se tornaram anuladas pela Santa Sé". A quebra de relações diplomáticas fatalmente levaria, logo em seguida, à separação da Igreja e do Estado. "Achamos normal, hoje em dia", escreveu Adnen Dansette, "que a França mantenha relações diplomáticas com a Santa Sé e que o Estado e a Igreja vivam em regime de separação. As relações diplomáticas são necessárias, pois a França deve ser representada onde tenha interesses a defender, além de qualquer consideração doutrinária. A separação é necessária, pois em uma democracia fundada sobre a soberania de um povo dividido por várias crenças, o Estado só deve à Igreja a liberdade". O autor acrescenta: "Pelo menos, esta é a opinião geral".

Nós só temos a concordar com essa opinião razoável, sem esquecer, é lógico, que o papado nunca avalizaria tal coisa. A Igreja Romana nunca deixou de proclamar sua proeminência sobre a história civil, através de sua própria história, e pela vontade de ser capaz de se impor abertamente em tempos recentes, fez o máximo para se implantar com a ajuda de seu exército secreto, a Companhia de Jesus. Além disso, foi naquela época que o padre Wemz, o prior dessa Ordem, escreveu: "O Estado está sob a jurisdição da Igreja; assim, a autoridade secular está, na verdade, sob o jugo da autoridade eclesiástica e esta tem que ser obedecida".

Essa é a doutrina desses campeões intransigentes da teocracia[^] conselheiros e executores de suas próprias ordens, que se fizeram indispensáveis ao Vaticano, tanto que hoje seria absolutamente[^] impossível distinguir a menor diferença entre o "Papa Negro" e "Papa Branco"; eles são praticamente o mesmo.

Conforme podemos ver, o papado tinha feito tudo o que era necessário para implantar essa convicção. Além disso, o monsenhor Fruhwirth disse em 1914: 'A Alemanha é a base sobre a qual o Santo Papa pode e deve estabelecer grandes esperanças'.

Quando nos referimos à política do Vaticano, simplesmente queremos dizer a política dos jesuítas. Juntamente com muitos outros observadores qualificados, o abade Fremont admite essa verdade, como se segue: "Os jesuítas dominam o Vaticano". Diante da oposição irredutível dos jesuítas (todo-poderosos na Igreja) contra a República, o Estado foi obrigado a determinar a Lei da Separação, com várias emendas, de 1905 a 1908. Essa lei não se destinava a diminuir a riqueza e os bens da Igreja, ou mesmo as construções para culto. Os fiéis poderiam se reunir em associações locais, sob a direção de um padre que os liderasse. O que Roma faria?

"Na encíclica Vehementer, de 11 de fevereiro de 1906, Pio X condena o princípio de separação e o de associações locais. Mas será que ele vai além dos princípios? "Saberemos em breve.

Apesar do conselho do episcopado francês, ele rejeitou qualquer acordo em 10 de agosto de 1906, na encíclica Gravíssimo. Eis uma outra frustração para os católicos liberais: "Quando penso", exclama Brunetiere, "que o que foi recusado pelos católicos franceses, com certo conhecimento de que tal recusa desencadearia uma guerra religiosa em nosso pobre país que tanto precisa de paz, acabou sendo aceito pelos católicos alemães, e que as "associações locais" têm operado por lá há 30 anos para a satisfação geral, eu não posso evitar, na posição de patriota e de católico, de sentir muita indignação".

Houve algum problema, de fato, quando um inventário das propriedades eclesiásticas foi feito, mas não uma guerra religiosa. Mesmo assim, os ultramontanos estavam provocando confusão. A população em geral ficou calma, quando algumas das propriedades da Igreja foram devolvidas ao

Estado por ela mesma, que assim preferiu do que se submeter às medidas conciliatórias determinadas por lei.

Teria, então, o escritor Brunetiere conseguido compreender plenamente a razão para aquela diferença entre os católicos franceses e os alemães, no tratamento dispensado pela Santa Sé? A primeira guerra mundial viria a revelar todo o significado disso.

Enquanto os jesuítas tinham efetivamente trabalhado, através do Caso Dreyfus, para dividir o povo francês e enfraquecer o prestígio de seu exército, na Alemanha eles estavam fazendo exatamente o contrário. Bismark, que havia lançado no passado o "Kultur Kampf" contra a Igreja Católica, estava recebendo muitos favores dela. Isso é o que o autor católico Joseph Rovan também explica: "Bismark será o primeiro protestante a receber a Ordem de Cristo com jóias, uma das honrarias máximas da Igreja. O governo alemão autoriza os jornais devotos a publicarem o fato de que o chanceler estaria pronto a apoiar efetivamente as pretensões do papa de uma restauração parcial de sua autoridade temporal".

"Em 1886, o Centro (partido católico alemão) estava hostil aos projetos militares apresentados por Bismark. Leão XIII interveio nos assuntos internos alemães em favor de Bismark. Seu secretário de Estado escreveu ao núnio de Munique: "Tendo em consideração a próxima revisão da legislação religiosa que, por termos razões para acreditar, será executada de forma conciliatória, o Santo Papa deseja que o Centro promova, de todas as formas possíveis, os projetos dos militares".

Isso é o que Joseph Rovan tem a dizer: 'A diplomacia alemã interveio (já é um velho hábito) no Vaticano, para fazer com que o papa exercesse a sua influência no Zentrum (partido católico), de forma a favorecer os projetos militares. Os católicos alemães falarão sobre a grande "missão política" da Alemanha que é, ao mesmo tempo, uma missão moral universal. O Zentrum torna-se assim responsável pelo prolongamento de um reino que, entre estrondos que ocultam fraquezas, discursos de guerra sobre armamentos navais e coisas do gênero, acabariam por levar a Alemanha para a catástrofe. O Zentrum entra na guerra (de 1914) convencido da honestidade, pureza e integridade moral dos líderes de seu país, do acordo dos seus planos e programas com os planos da justiça eterna.

O Ciclo Infernal

"Se a guerra começar (...) não procurem a culpa fora do Vaticano, pois ele será o provocador oculto"

A Primeira Guerra Mundial

A fúria levantada no Vaticano pela aliança franco-russa e tão bem comprovada no Caso Dreyfus, ao ódio que a união franco-italiana incitou e que o incidente com Loubet prova claramente, acrescentou-se um ressentimento ainda mais amargo causado pela Entente Cordiale com a Inglaterra. A França tinha firmemente decidido não se opor sozinha ao seu "formidável vizinho", a Áustria-Hungria. Os políticos, "tão cegos e doentes", de acordo com monsenhor Cristiani, eram vistos de forma extremamente desfavorável pelo "santo" catolicismo. Além de pôr em perigo o "cuidadoso sangramento" que a França "sem Deus" precisava, esses políticos eram um apoio inestimável para a Rússia do cisma; essa ovelha perdida, cujo retorno ao rebanho do catolicismo romano nunca tinha deixado de existir na esperança e no sonho, apesar de sua realização implicar em uma guerra.

Naquele momento, a Igreja Ortodoxa estava firmemente implantada nos Bálcãs, especialmente na Sérvia, onde o Tratado de Bucarest, ao terminar o conflito dos Bálcãs, havia feito dela um centro de atração de eslavos do Sul e em particular daqueles que estavam sob o

jugo da Áustria. Os planos ambiciosos do Vaticano e o imperialismo apostólico dos Hapsburg estavam, portanto, em perfeita sintonia, tal como era no passado. Para Roma e para Viena, o poder crescente da Sérvia fazia desta um inimigo a derrubar.

Isso se torna efetivamente claro em um documento diplomático encontrado nos arquivos austro-húngaros, o qual relata, para o conhecimento do ministro austríaco Berchtold, as conversações mantidas entre o príncipe Schonburg e o Vaticano, em outubro/ novembro de 1913: "Entre outros assuntos discutidos primeiramente com o cardealsecretário de Estado (Merry dei Vai), a questão da Sérvia foi levantada, conforme já antecipamos. O cardeal, de início, expressou seu contentamento com relação à nossa atitude firme e oportuna tomada nos últimos meses. Durante a audiência que tive com Sua Santidade, o Santo Papa, o qual começou a conversa com a menção dos passos enérgicos tomados por nós em Belgrado, ele chegou a fazer um comentário bem característico: "Com certeza, poderia ter sido melhor", disse Sua Santidade, "se a Austro-Hungria tivesse punido os sérvios por todos os erros que haviam cometido"

Assim, os sentimentos pró-guerra de Pio X já tinham sido claramente expressos em 1913. Não há nada de surpreendente nisso, quando lembramos de quem são os inspiradores da política de Roma. "O que é que se esperava dos Hapsburgs? Que punissem a Sérvia, uma nação ortodoxa. O prestígio da Austro-Hungria, destes Hapsburgs que, à semelhança dos Bourbons de Espanha eram os últimos suportes dos jesuítas, e em especial o prestígio do herdeiro, François-Ferdinand, o homem deles, havia aumentado muito. Para Roma, o caso tornou-se de importância quase religiosa; uma vitória da monarquia apostólica sobre o czarismo poderia ser considerada uma vitória de Roma sobre o cisma do Leste".

O caso se arrastava sem maiores consequências em 1913. Em 28 de junho de 1914, o arquiduque Franco is-Ferdinand foi assassinado em Sarajevo. O governo sérvio não teve nada a ver com esse crime, cometido por um estudante macedônio, mas essa seria a desculpa perfeita para que o imperador François-Joseph começasse com as hostilidades.

"O conde Sforza afirma que o principal problema seria persuadir François-Joseph da necessidade da guerra. O conselho do papa e do seu ministro era o que poderia ter maior influência sobre ele". * Esse conselho foi, logicamente, dado ao imperador, sendo do tipo que poderia ser esperado desse papa e seu ministro, "pupilo favorito dos jesuítas". Enquanto a Sérvia tentava manter a paz, cedendo a todos os pedidos do governo austríaco, o qual havia mandado uma nota ameaçadora a Belgrado, o conde Palfy, representante austríaco no Vaticano, fornecia a seu ministro Berchtold, em 29 de julho, um resumo das conversas mantidas no dia 27 com o cardeal-secretário de Estado, Merry dei Vai. Essas conversas foram sobre "as questões que estão afetando a Europa neste momento". O diplomata negava com desprezo os rumores "fantasiosos" sobre a suposta intervenção do papa, o qual aparentemente implorava ao imperador para salvar as nações cristãs dos horrores da guerra.

Tendo lidado com essa suposição "absurda", ele expõe a "verdadeira opinião da Cúria", assim comunicada pelo secretário de Estado: "Seria impossível detectar qualquer espírito de indulgência e conciliação nas palavras de Sua Eminência. É verdade que descreveu a nota à Sérvia como sendo muito severa; ele, entretanto, aprovava inteiramente. Ao mesmo tempo e indiretamente, expressava o desejo de que a Monarquia terminasse com o trabalho. "De fato", acrescentou o cardeal, "é uma pena que a Sérvia não tenha sido humilhada muito antes, como poderia ter sido feito no passado, sem tantos outros riscos adicionais". Essa declaração reflete os desejos do papa que, durante os últimos anos, tem expressado desgosto pela Hungria ter negligenciado a "punição" de seu vizinho perigoso do Danúbio".

Isso seguramente é o oposto dos rumores "fantasiosos" sobre uma intervenção papal em favor da paz. O diplomata austríaco não foi o único a relatar a "verdadeira opinião" do pontífice romano e de seu ministro. Um dia antes, em 26 de julho, o barão Ritter, representante comercial da Bavária no Vaticano, havia escrito ao seu governo: "O papa concorda que a Áustria esteja

lidando de forma severa com a Sérvia. Ele não pensa muito a respeito dos exércitos francês e russo; sua opinião é de que não poderiam fazer muita coisa em uma guerra contra a Alemanha. O cardeal secretário de Estado não vê outro momento, senão agora, para que a Áustria possa entrar em guerra".

Conforme podemos ver, a Santa Sé estava plenamente consciente dos "grandes riscos" representados por um conflito entre a Áustria e a Sérvia; fez, no entanto, tudo o que estava ao seu alcance para encorajar a guerra. O "Santo Papa" e seus conselheiros jesuítas não estavam preocupados com o sofrimento das "nações cristãs"! Não era a primeira vez que essas nações estavam sendo usadas para o benefício da política romana. A oportunidade desejada havia chegado, finalmente, para se usar o braço secular alemão contra a Rússia ortodoxa, a França "sem Deus", que precisava de um "sangramento prolongado" e, de "bonificação", contra a Inglaterra "herege". Tudo parecia prometer uma guerra "viva e feliz".

Pio X não enxergou os desdobramentos que acabaram por resultar contra todas as suas previsões. Ele morreu no princípio do conflito, em 20 de agosto de 1914. Quarenta anos depois, entretanto, Pio XII canonizou este "augusto pontífice", e o *Precis d'Histoire Sainte* (Resumo da História Santa), usado para catecismo paroquial, dedica a ele essas palavras "edificantes": "Pio X fez o que pôde para evitar o começo da guerra de 1914 e morreu de angústia ao antever os sofrimentos que ela deflagraria".

Se fosse uma comédia, não haveria palavras melhores do que essas! Alguns anos antes de 1914, Yves Guyot, um verdadeiro "profeta", disse: "Se a guerra começar, ouçam vocês, homens que pensam que a Igreja Romana é o símbolo da ordem e da paz: Não procurem a culpa fora do Vaticano, pois ele será o provocador oculto, à semelhança da guerra de 1870"

Provocador da calúnia, o Vaticano viria a apoiar os seus "campeões" não menos habilidosos, os austro-húngaros, durante toda a guerra. A excursão militar na França, que o kaiser se gabava que faria, foi detida no Marne e o agressor voltou à defensiva, após todos os seus furiosos ataques. A diplomacia papal lhe trouxe, no entanto, toda a ajuda possível, e isso não chega a surpreender quando consideramos que a "Providência Divina" parecia adorar favorecer os impérios centrais.

O cardeal Rampolla, considerado pró-França (e por essa mesma razão afastado do trono papal por um veto da Áustria), não se encontrava mais entre aqueles que poderiam se tornar papa, pois havia morrido alguns meses antes de Pio X, morte que parece ter sido muito oportuna.

Isso diz respeito à intervenção de "Deus": Conforme havia prometido, mesmo antes da votação acontecer, o novo papa, Benedito XV, indicou o cardeal Ferrata para secretário de Estado. Mas o cardeal não teve tempo nem mesmo de assumir todas as suas funções. Tendo sido empossado no final de setembro de 1914, morreu subitamente em 20 de outubro, vítima de uma "terrível indisposição", após saborear um leve refresco.

"Ele estava sentado em seu escritório quando, de repente, ficou extremamente doente. Desfaleceu como se um relâmpago tivesse caído sobre ele. Os criados correram para ajudar. O médico, que havia sido chamado imediatamente, percebeu a gravidade da situação e pediu uma junta médica urgente. A exemplo de Ferrata, ele já havia compreendido que não havia esperanças... Implorou para que aquele homem não fosse deixado ali, a morrer no Vaticano. Seis médicos o examinaram e se recusaram a emitir um boletim oficial; o que acabou por ser publicado não levava nenhuma assinatura".

Ele não sofria de doença ou enfermidades. "O escândalo dessa morte foi tamanho, que uma sindicância não poderia ser evitada. Descobriram que uma jarra havia sido quebrada no escritório. A presença de vidro moído no açucareiro usado pelo cardeal foi explicada dessa forma tão simples. O fato do açúcar ser granulado foi muito útil! A sindicância acabou por aí".

O abade Daniel acrescenta que a partida repentina, alguns dias depois, do criado do cardeal morto provocou uma série de comentários, especialmente porque ele tinha aparentemente sido criado também de monsenhor. Von Gerlach, antes de seu mestre entrar para as ordens sagradas. Esse prelado germânico, um famoso espião, viria a fugir de Roma em 1916. Seria preso e acusado de sabotagem do navio de guerra italiano "Leonardo da Vinci", o qual explodiu na Baía de Tarento, levando consigo 21 oficiais e 221 marinheiros. "Seu julgamento foi reaberto em 1919. Von Gerlach não se apresentou e foi condenado a 20 anos de trabalhos forçados".

Através do caso desse "camareiro participativo", editor do *Osservatore Romano*, podemos ter uma clara idéia da concepção de mundo das altas esferas do Vaticano. Novamente o abade Brugerette descreve aos "assessores da Santa Sé": "Doutores ou eclesiásticos, eles não desistem diante de nenhum obstáculo em sua luta para conseguir impressionar o clero italiano e o mundo católico em Roma, com o respeito e a admiração pelo exército alemão, e o desprezo e ódio pela França.

Ferrata, que favorecia a neutralidade, havia morrido no momento exato, e o cardeal Gaspari se tornou secretário de Estado; em perfeita sintonia com Benedito XV, fez o seu melhor para servir aos interesses dos impérios centrais. "Levando em conta tudo isso, não chega a surpreender que o papa Benedito XV, nos meses seguintes, tenha trabalhado tanto para manter a Itália no nível de intervenção que melhor servisse aos jesuítas, amigos dos Hapsburgs".

Charles Ledre, outro autor católico, confirma: "Em duas ocasiões, mencionadas em alguns famosos artigos da *La Revue de Paris*, a Santa Sé, ao convidar a Itália e posteriormente os Estados Unidos a se manterem afastados da guerra, não quis apenas antecipar o final do conflito. De acordo com o abade Brugerette, servia aos interesses de nossos inimigos e trabalhava contra nós".

As ações dos jesuítas e, portanto, as ações do Vaticano, não eram sentidas apenas na Itália e nos Estados Unidos. De qualquer forma e em todos os lugares havia sido favorável a eles. "Não se assustem de ver a diplomacia pontifical ocupada desde o início em dificultar o nosso suprimento de comida e dissuadindo os neutros de se ligarem ao nosso lado, de forma a quebrar os laços da Entente. Não se desprezou nada que pudesse ajudar nessa grande empreitada e que trouxesse a paz pela fraqueza dos aliados.

Ainda havia pior: solicitações por uma paz separada. Entre os dias 2 e 10 de janeiro de 1916, alguns católicos alemães foram à Bélgica para pregar (diziam ser em nome do papa) e pedir por uma paz separada. Os bispos belgas os acusaram de mentir, mas o núncio e o papa se mantiveram em silêncio... A Santa Sé pensou em reunir a França e a Áustria; assim esperava fazer a França assinar uma paz separada ou convencê-la de que, com seus aliados, deveria negociar uma paz geral. Algumas semanas depois, em 31 de março de 1917, o príncipe Sixto de Bourbon deu a famosa carta do imperador Carlos ao presidente da República. Como a manobra havia falhado nos lados dos Alpes, tinha de ser tentada em algum outro lugar; na Inglaterra, na América e em especial, na Itália... Quebrar as forças temporais da "Entente", de forma a deter os ataques ofensivos, arruinar seu prestígio moral para enfraquecer sua coragem e levá-la a negociar; essa foi a política de Benedito XV e todos os esforços da sua imparcialidade sempre foram e ainda são para nos paralisar".

Isso foi escrito por um famoso católico, Louis Canet; e isto pelo abade Brugerette: "Ficamos sabendo somente quatro anos depois, através das declarações de Erzberger, publicadas no Germânia de 22 de abril de 1921, que a proposta de paz defendida pelo papa em agosto de 1917 havia sido precedida por um acordo secreto entre a Santa Sé e a Alemanha".

Outro ponto interessante é que o diplomata eclesiástico negociador desse "acordo secreto" era o núncio em Munique, monsenhor Pacelli, futuro Pio XII. Um de seus apologistas, o jesuíta

Femesoll, escreveu: "Em 28 de maio de 1917, o monsenhor Pacelli apresentou suas credenciais ao rei da Bavária. Fez o que pôde para se envolver com a cooperação de William II e o chanceler Bethmann-Holveg. Em 29 de junho, o monsenhor Pacelli foi solenemente recebido pelo imperador William II em Kreuznach".

O resultado dessa audiência foi que o futuro papa exerceu por 12 anos as funções de núnco em Munique, depois em Berlim, de forma que conseguiu, durante aqueles anos, multiplicar as intrigas que acabaram por derrubar a República Alemã estabelecida após a Primeira Guerra Mundial e preparar a revanche de 1939 ao levar Hitler ao poder. Quando os aliados assinaram o Tratado de Versailles, em julho de 1919, estavam tão conscientes do papel exercido pelo Vaticano no conflito que este foi cuidadosamente mantido afastado da mesa de conferências. Ainda mais surpreendente foi que o Estado mais católico, a Itália, insistiu nessa exclusão. 'Através do artigo XV do Pacto de Londres (26 de abril de 1915), que definiu a participação da Itália na guerra, o barão Sonnino havia obtido a promessa dos outros aliados de que se oporiam a qualquer intervenção do papado nos acordos de paz.'

Essa medida era correta, mas insuficiente. Ao invés de aplicar as sanções contra a Santa Sé, que bem as merecia por suas implicações no começo da Primeira Guerra Mundial, os vitoriosos não fizeram nada para evitar futuras intrigas dos jesuítas e do Vaticano. Estes, 20 anos depois, levariam o mundo a uma catástrofe ainda pior, talvez jamais vista.

Preparativos para a Segunda Guerra Mundial

Em 1919, os filhos de Loyola colheram os frutos amargos de sua política criminosa. A França não havia sucumbido ao "sangramento prolongado". O império apostólico dos Hapsburgs (que eles tinham encorajado a "punir os sérvios") havia se desintegrado, liberando os eslavos ortodoxos do jugo de Roma. A Rússia, ao invés de voltar ao rebanho romano, havia se tornado marxista, anticlerical e oficialmente ateísta. Quanto à Alemanha invencível, estava mergulhada no caos. A natureza arrogante da Companhia, no entanto, nunca consideraria a hipótese de confessar um pecado. Quando Benedito XV morreu, em 1922, ela estava pronta a recomeçar sobre novas bases. Ou não era ela toda-poderosa em Roma?

Vejamos o que diz Pierre Dominique: "O novo papa Pio XI, que é, de acordo com alguns, um jesuítico, tenta remendar as coisas e recuperar a Companhia de Jesus. Enviou o padre jesuítico d'Herbigny para a Rússia, em uma tentativa de recuperar tudo o que tenha sobrado do catolicismo e, especialmente, para ver o que poderia ser feito. Esperança vaga e grandiosa: recuperar ao pontífice o mundo ortodoxo oprimido. Em Roma, existem 39 colégios eclesiásticos, cuja fundação marca as datas de grandes contra-ataques; a maior parte deles possui jesuítas em sua direção ou trabalhando: Os Colégios Germânico (1552); Inglês (1578); Irlandês (1628, reestabelecido em 1826); Escocês (1600); Norte-Americano (1859); Canadense (1888); Etiópico (1919, reconstituído em 1930).

"Pio XI criou o Colégio Russo (Ponteficio Collegio Russo di S Teresa dei Bambino Gesu) e o colocou sob a orientação dos jesuítas. Eles também eram responsáveis pelo Instituto Oriental, Instituto de São João Damasceno, o Colégio Polonês e, posteriormente, o Colégio Lituano. Não seriam para lembrar o padre Possevino, Ivan o Terrível e o falso Dimitri? O segundo dos três grandes objetivos durante o tempo de Ignácio tomou o lugar principal. Os jesuítas, novamente, foram os agentes inspiradores e executores daquela grande iniciativa"

Na derrota que acabaram de sofrer, os filhos de Loyola conseguiram ainda enxergar o brilho de alguma esperança. A Revolução Russa, pela eliminação do czar, protetor da Igreja Ortodoxa, não tinha decapitado o grande rival e ajudado a penetração da Igreja Romana? Não se molda o ferro enquanto ele ainda está quente? O famoso Russicum foi criado e seus missionários clandestinos levaram as Boas-Novas a este país do cisma.

Um século após a expulsão deles pelo czar Alexander I, os jesuítas novamente retornam à conquista do mundo eslavo. Desde 1915, o seu prior era Nalke von Ledochowski. Outra vez, Pierre Dominique: 'Alguns dirão que vejo jesuítas em todos os lugares! Sou, no entanto, obrigado a indicar a sua presença e as suas ações; dizer que eles estavam por detrás da monarquia de Alfonso XIII, cujo confessor era o padre Lopez. Quando a monarquia espanhola acabou e seus monastérios e colégios foram incendiados, eles estavam por detrás de Gil Robles. Quando a guerra civil explodiu, estavam por detrás de Franco. Em Portugal, sustentaram Salazar. Na Áustria e na Hungria, o imperador Charles, o qual já havia sido destronado três vezes (que papel eles exerceram nessas tentativas de retomada do trono da Hungria? Quem sabe...). Eles mantinham a cadeira aquecida sem saber muito bem para quem ou para o quê. Os monsenhores Seipel, Dolfuss e Schussnig pertenciam às suas fileiras. Sonharam por algum tempo com uma grande Alemanha, a maioria católica, à qual os austríacos necessariamente pertenciam: uma versão moderna da velha aliança do século XVI entre os Wittelsbach e os Hapsburg.

Na Itália, apoiaram primeiramente Don Sturzo, fundador do Partido popular; depois Mussolini. O padre jesuítico Tacchi Venturi, secretário-geral da Companhia, serviu de mensageiro entre Pio XI (cujos confessores eram os jesuítas Alissiardi e Celebrano) e Mussolini. "O papa, em fevereiro de 1929, na época do Tratado de Lateran, chamou Mussolini de "o homem que a Providência nos permitiu conhecer". Roma não condenou o que foi chamado de "a agressão etíope" e, em 1940, o Vaticano ainda era o amigo sincero de Mussolini. Os jesuítas tinham sua residência secreta lá. Dessa residência, avaliavam a Igreja com uma visão fria e calculista de políticos".

Este é um resumo perfeito da atividade jesuítica entre as duas guerras mundiais. A "residência secreta" dos filhos de Loyola era o cérebro político do Vaticano. Os confessores de Pio XI eram jesuítas; os de seu sucessor, Pio XII, também foram jesuítas e alemães, em boa parte. Não importa que, por causa disso, a trama ficasse evidente: parecia que tudo estava pronto para a vingança.

Sob o pontificado de Pio XI, temos apenas o período dos preparativos. O "braço secular" germânico, derrotado, havia largado a espada. Enquanto o Vaticano esperava que a Alemanha voltasse a tomar a espada nas mãos, na Europa estava sendo preparado um campo digno para suas façanhas futuras, obstruindo o surgimento da democracia.

A Itália foi o primeiro campo de ação. Lá existia um líder socialista barulhento, o qual reunia ex-funcionários públicos em torno de si. Demonstrava uma doutrina aparentemente intransigente, mas era ambicioso e suficientemente lúcido para compreender quão precária era sua posição, apesar de sua arrogância extravagante. A diplomacia jesuítica logo o trouxe para seu lado.

François Charles-Roux, embaixador francês no Vaticano, diz: Quando o Duce era um simples deputado, o cardeal Gaspari, secretário de Estado, teve um encontro secreto com ele. O líder fascista tinha concordado imediatamente que o papa deveria exercer uma soberania temporal sobre uma parte de Roma. Quando me relatou essa entrevista, o cardeal Gaspari concluiu: Com esta promessa, tive a certeza que, se este homem subisse ao poder, nós o sucederíamos. Não mencionarei seu relatório de negociações entre os agentes secretos de Pio XI e Mussolini...".

Esses agentes secretos, sendo o principal deles o padre jesuítico Tacchi Venturi, realizaram plenamente sua missão.

Não se surpreendam ao saberem que o padre era o secretário da Companhia de Jesus e confessor de Mussolini ao mesmo tempo. De fato, ele era "instruído" a fazer essas "adulações" ao líder fascista pelo prior da Ordem, Halke von Ledochowski, conforme nos diz Gaston Gaillard (22): "A 26 de novembro de 1922, o Parlamento elegeu Mussolini por 306 votos contra 116 e, no encontro, podia-se ver o grupo católico Don Sturzo, supostamente democrata cristão, votando de maneira unânime a favor do primeiro governo fascista".

Dez anos depois, a mesma manobra levou a um resultado semelhante na Alemanha. O Zentrum católico de monsenhor Kass assegurou, por sua votação maciça, a ditadura do nazismo.

A Itália tinha sido, em 1922, o campo de testes para a nova fórmula do conservadorismo autoritário: o fascismo mascarado, quando as condições locais assim o exigiam, com algum pseudo-socialismo. A partir de então, todos os esforços dos jesuítas do Vaticano tinham por objetivo espalhar essa "doutrina" na Europa, cuja ambigüidade era muito familiar.

Ainda hoje, o colapso do regime de Mussolini, a derrota e as ruínas não foram suficientes para desacreditarem, diante dos democratas cristãos italianos, o ditador megalomaníaco imposto sobre seu país pelo Vaticano. Negado apenas "da boca para fora", seu prestígio continua intacto nos corações dos sacerdotes.

Quando Roma sediou as Olimpíadas, em 1960, a impresa publicou: "Decidimos que os visitantes que vêm a Roma para os Jogos Olímpicos verão o obelisco de mármore erguido por Benito Mussolini para sua própria glória, pois este domina, da beira do Tiber, o estádio olímpico. O memorial de 33 metros de altura leva a inscrição: "Mussolini Dux" 6 é decorado com mosaicos e inscrições que louvam o fascismo. A frase "Vida longa ao Duce" é repetida mais de cem vezes e o slogan "Muitos inimigos significam muita honra" também. O monumento tem, em cada lado, blocos de mármore que comemoram os principais eventos do fascismo, da fundação da publicação Popolo d'Itália por Mussolini, até o estabelecimento do curto império fascista, e incluindo a guerra na Etiópia. O obelisco seria coroado com uma estátua gigantesca de Mussolini, com quase cem metros de altura, mas o regime caiu antes que esse estranho projeto pudesse ser acabado. Após um ano de polêmica, o governo de Segni decidiu que o obelisco do Duce deveria permanecer".

A guerra, o sangue que jorrou, as lágrimas e as ruínas não importavam. Eram detalhes, pequenas manchas no monumento erguido para a glória do "homem que a Providência nos permitiu conhecer", conforme o decreveu Pio XI. Nenhuma falta, erro ou crime pode apagar seu principal mérito: o fato de ter restabelecido o poder temporal do papa, ter proclamado o catolicismo romano como sendo a religião oficial do Estado, e ter dado ao clero, através de leis que ainda hoje vigoram, poder absoluto sobre a vida da nação.

É para atestar isto que o obelisco de Mussolini deve permanecer no coração de Roma, para benefício dos turistas estrangeiros que olham com admiração ou ironia, e na esperança de tempos melhores que permitiriam a construção da estátua de cem metros de altura, enaltecendo o campeão simbólico do Vaticano.

O Tratado de Lateran, pelo qual Mussolini demonstrou sua gratidão ao papado, concedia à Santa Sé, além do pagamento de um bilhão e 750 milhões de libras (mais de 300 milhões de dólares!), a soberania temporal sobre o território da cidade do Vaticano. Monsenhor Cristiani, prelado de "Sua Santidade", explica o significado desse evento: "Com absoluta certeza, a Constituição da Cidade do Vaticano era uma questão de primeira ordem no estabelecimento do papado como um poder político".

Não vamos perder tempo tentando em vão conciliar esta confissão explícita com a frase tão ouvida de que "a Igreja Romana não se envolve com política". Só vamos apontar para a posição única e singular no mundo de um Estado que é secular e sagrado, de natureza ambígua também, e as consequências dessa posição.

Quais são os truques habilidosos dos jesuítas usados por esse poder que, dependendo das circunstâncias, faz uso do seu caráter temporal ou espiritual, para se isentar de todas as regras definidas pelas leis internacionais? As próprias nações se deixaram levar por esses truques e, assim procedendo, favoreceram a penetração deles em suas sociedades, dentro do "cavalo de Tróia" do clericalismo. "O papa parecia se identificar demais com os ditadores", escreveu François

Charles Roux, embaixador francês no Vaticano. Poderia ser diferente, se a própria Santa Sé era responsável por ter levado esses homens ao poder?

Mussolini, o protótipo, inaugurou a série de homens "providenciais", esses empunhadores de espada que preparariam a vingança contra a derrota sofrida na Primeira Guerra Mundial. Da Itália, onde havia prosperado tão bem sob o cuidado do padre jesuíta Tacchi Venturi e seus auxiliares, o fascismo foi logo exportado para a Alemanha.

"Hitler recebeu seu ímpeto de Mussolini; o ideal dos nazistas era o mesmo da Itália... Desde que Mussolini subiu ao poder, todas as simpatias foram dirigidas para a Alemanha. Em 1923, o fascismo se integrou ao nacional-socialismo; Mussolini ficou amigo de Hitler, a quem forneceu braços e dinheiro". Naquela época, o monsenhor Pacelli, futuro Pio XII e então o melhor diplomata da Cúria, era o núnio em Munique, capital da católica Bavária. Lá, o começo do futuro ditador nazista irrompeu. Ele também era católico, tal qual a maior parte de seus seguidores. Daquela província, berço do nazismo, Maurice Laporte nos diz: "Os seus dois inimigos se chamavam protestantismo e Democracia".

A angústia da Prússia era, portanto, compreensível. "É fácil imaginar qual o tipo de cuidado especial que o Vaticano dispensava à Bavária, onde o nacional-socialismo de Hitler recrutava seu mais forte contingente"

Tomar da Prússia "herege" o controle do braço secular alemão e transferi-lo para a católica Bavária era um fantástico sonho! Monsenhor Pacelli envidou todos os esforços para conseguir isso, agindo em comunhão com o líder da Companhia de Jesus. 'Após a Primeira Guerra (1914-1918), o prior dos jesuítas, Halke von Ledochowski, tinha concebido um plano vasto: a criação, com ou sem imperador Hapsburg, de uma federação de nações católicas na Europa Central e no Leste: Áustria, Eslováquia, Boêmia, Polônia, Hungria, Croácia e, logicamente, Bavária. "Este novo Império Central teria de lutar em duas frentes: no lado oriental, contra a União Soviética; no lado ocidental, contra a Prússia, a Grã-Bretanha protestante e a França republicana e rebelde. Naquele momento, o monsenhor Pacelli, futuro Pio XII, era o núnio em Munique, depois em Berlin, e um amigo íntimo do cardeal Faulhaber, principal colaborador de Ledochowski. O plano deste último era o sonho de juventude de Pio XH".

Seria realmente apenas um sonho de juventude? A "Mittel-Europa" que Hitler estava tentando organizar era muito semelhante àquele plano, exceto pela presença, naquele bloco, de uma Prússia luterana, uma minoria não muito perigosa, e as reconhecidas áreas de influência (talvez temporárias) que pertenciam à Itália. Era o plano de Ledochowski, adaptado às necessidades do momento, que o Führer estava tentando seguir, sob o patrocínio da Santa Sé, com a ajuda de Franz von Papen, camareiro secreto do papa, e do monsenhor Pacelli.

François Charles-Roux escreve: "Durante a época contemporânea a política mundial sentiu a intervenção católica mais do que durante o ministério de monsenhor Pacelli".

Joseph Roven esclarece: 'Agora, a Bavária católica vai receber e proteger todos os que semearam problemas, todos aqueles confederados e assassinos de Saint-Vehme". Dentre esses agitadores, a escolha dos "regeneradores" da Alemanha recaiu sobre Hitler, que estava destinado a vencer sobre os "erros democráticos" com o estandarte do "Santo Papa".

É óbvio; ele era católico. "O regime nazista é como um retorno ao governo da Alemanha do Sul. Os nomes e as origens de seus líderes demonstram isso: Hitler é especificamente austríaco; Goering é bávaro; Goebbels vem do Reno, e assim por diante".

Em 1924, a "Santa Sé" assinou um tratado com a Bavária. Em 1927, podemos ler na Cologne's Gazette: "Pio XI é certamente o mais germânico dos papas que já sentou no trono de São Pedro". Seu sucessor, Pio XII, viria roubar esse título. Por enquanto, o encontramos seguindo sua carreira diplomática (ou melhor, carreira política) nessa Alemanha pela qual, como chegou a dizer mais tarde a Ribbentrop, "ele sempre teria uma afeição especial".

Promovido a núnco em Berlim, trabalhou com Franz von Papen pela destruição da República de Weimar. Em 20 de julho de 1932, um estado de sítio foi proclamado em Berlim e os ministros expulsos "manu militari". Seria o primeiro passo em direção à ditadura hitleriana. Novas eleições foram preparadas para estabelecer o sucesso dos nazistas.

"Com a aprovação de Hitler, Goering e Strasser entraram em contato com monsenhor Kaas, líder do partido de centro católico".

O cardeal Bertram, arcebispo de Breslau e primaz da Alemanha, declarava: "Nós, cristãos e católicos, não reconhecemos nenhuma religião ou raça". À semelhança de tantos outros bispos, ele tentou alertar os fiéis contra "o ideal pagão dos nazistas". Obviamente, o cardeal não havia compreendido a política papal, mas logo teria leumas lições sobre o assunto. O Mercure de France apresentou um excelente estudo em 1934: "No início de 1932, os católicos alemães não consideravam que tivessem perdido a causa mas, na primavera, seus líderes pareciam de alguma forma indecisos: Ficaram sabendo que "o papa estava pessoalmente a favor de Hitler".

"Que Pio XI era simpatizante de Hitler é algo que não nos surpreende. Para ele, a Europa poderia se estabelecer apenas pela hegemonia alemã. O Vaticano havia pensado em mudar o centro de gravidade do Reich, através de Anschluss, por muito tempo, e a Companhia de Jesus estava trabalhando abertamente com este fim (o plano de Ledochowski), especialmente na Áustria. Sabemos o quanto Pio XI dependia da Áustria para realizar o que chamava de "seu triunfo político". O que deveria ser evitado era a hegemonia da Prússia protestante, tanto quanto o Reich ser o único dominador da Europa... um Reich teria de ser reconstruído onde os católicos fossem maioria.

"Em março de 1933, os bispos alemães se reuniram em Fulda, debatendo sobre as vantagens que o discurso de Hitler produziu em Potsdam, declarando: "Temos de admitir que o mais alto representante do governo do Reich, que ao mesmo tempo era o cabeça do movimento nacional-socialista, tem feito públicas e solenes declarações sobre a inviolabilidade da doutrina católica e seu trabalho, reconhecendo os imutáveis direitos da Igreja..."

"Von Papen viveu para Roma; este homem, cujo passado é obscuro, veio a ser um piedoso peregrino, com a missão de concluir a Concordata (para uma Alemanha totalitária) com o papa. Ele também teria de trabalhar em favor de aberturas para Mussolini em direção ao Vaticano.

De fato, muitos acontecimentos, em ambos os países: na Itália, o partido católico de Don Sturzo encaminhou a ascensão de Mussolini ao poder; na Alemanha, o Zentrum do monsenhor Kaas fez o mesmo para Hitler e, em ambas ocasiões, a Concordata selou o pacto.

M. Joseph Rovan admite o seguinte: 'Agradecemos a Von Papen deputado do Zentrum desde 1920 e dono do Germânia, publicação oficial do partido. Hitler chegou ao poder em 30 de janeiro de 1933'.

O catolicismo político alemão, ao invés de se tornar democrata cristão, foi eventualmente composto para conferir amplos poderes a Hitler, em 26 de março de 1933. Para votar a favor de amplos poderes, uma maioria de dois terços era necessária e os votos do Zentrum foram indispensáveis para a sua obtenção".

O mesmo autor acrescenta: "Na correspondência e declarações dos dignatários eclesiásticos, sempre encontraremos, sob o regime nazista, a aprovação ardorosa dos bispos".(36) Tal fervor é facilmente explicado quando lemos o seguinte de Von Papen: "Os termos gerais do Tratado eram mais favoráveis do que todos os outros acordos similares assinados pelo Vaticano, e o chanceler Hitler me pediu para assegurar ao secretário de Estado papal (cardeal Pacelli) que ele amordaçaria o clã anticlerical imediatamente".

Esta não era uma promessa vazia. Naquele mesmo ano (1933), além do massacre de judeus e assassinatos perpetrados pelos nazistas, havia 45 campos de concentração na Alemanha, com 40 mil prisioneiros de diversas opiniões políticas mas, principalmente, liberais.

Franz Von Papen, o camareiro secreto do papa, definiu perfeitamente o profundo significado do pacto entre o Vaticano e Hitler, por esta frase digna de ser reproduzida: "O nazismo é uma reação cristã contra o espírito de 1789".

Em 1937, Pio XI, sob pressão da opinião pública, "condenou" as teorias raciais como incompatíveis com a doutrina católica e seus princípios, no que seus apologistas curiosamente chamam de a "terrível" encíclica *Mit brennender Sorge*. O racismo nazista é condenado, mas não Hitler, seu promotor: "Distinguio". E o Vaticano tomou cuidado em não denunciar o "vantajoso" tratado concluído quatro anos antes, com o Reich nazista. Enquanto a cruz de Cristo e suástica estavam cooperando na Alemanha, Benito Mussolini seguiu para a conquista da Etiópia, com a bênção do "Santo Papa".

"O Soberano Pontífice não havia condenado a política de Mussolini e havia deixado o clero italiano absolutamente livre para cooperar com o governo fascista. Os sacerdotes, dos padres de humildes sapatos aos cardeais, falavam em favor da guerra. "Um dos mais incríveis exemplos veio do cardeal-arcebispo de Milão, Alfredo Ildefonso Schuster, jesuíta, o qual chegou ao ponto de chamar esta campanha de "uma cruzada católica".

'A Itália', esclareceu Pio XI, pensa que essa guerra é justificada por causa de uma necessidade premente de expansão". Dez dias depois, quando falava a uma platéia de membros das Forças Armadas, Pio XI expressou o desejo de que as necessidades legítimas de uma nação grande e nobre (da qual ele mesmo descendia e assumia isso), fossem satisfeitos"

A agressão fascista contra a Albânia, numa sexta-feira de 1939, teria a mesma compreensão, como nos conta Camille Cianfarra: 'A ocupação italiana da Albânia foi muito vantajosa para a Igreja. De uma população de um milhão de albaneses, que se tornaram súditos italianos, 68% eram muçulmanos, 20% ortodoxos-gregos e apenas 12% católicos-romanos. Do ponto de vista político, a anexação do país por um poder católico certamente melhoraria a posição da Igreja e agradaria ao Vaticano".

Na Espanha, o estabelecimento da República ainda era sentido pela Cúria Romana como sendo uma ofensa pessoal: "Nunca ousei mencionar a questão espanhola a Pio XI", escreveu François Charles-Roux. "Ele provavelmente teria me lembrado que os interesses da Igreja, naquela grande e histórica terra da Espanha, era uma questão exclusivamente para o papado". Assim, esse "campo de caça protegido" acabou sendo abastecido com um ditador semelhante àqueles que haviam sido bem sucedidos na Itália e na Alemanha. A aventura do general Franco só começou no meio de julho de 1936, mas em 21 de março de 1934 o Pacto de Roma havia sido selado entre Mussolini e os líderes dos partidos reacionários da Espanha, sendo que um deles era Goicoechea, líder da Renovação Espanhola. Por esse pacto, o Partido Fascista Italiano assumia abastecer os rebeldes com dinheiro, armas, soldados e munição.

Sabemos que eles chegaram a fazer mais ainda do que prometeram, e que Mussolini e Hitler continuaram a abastecer a rebelião espanhola com material, aviação e "voluntários". Quanto ao Vaticano, esquecendo-se de seu próprio princípio de que os fiéis deveriam respeitar o governo estabelecido, pressionou a Espanha com ameaças. O papa excomungou os chefes da República Espanhola e declarou guerra espiritual entre a Santa Sé e Madrid. Editou, então, a encíclica *Dilectissimi Nobis*. O arcebispo Goma, novo primaz da Espanha, declarou a guerra civil".

Os prelados de "Sua Santidade" aceitaram os horrores desse conflito fratricida com alegria, e o monsenhor Gomara, bispo de Cartagena, interpretou de forma admirável seus sentimentos apostólicos quando disse: 'Abençoados são os canhões se, nas brechas que abrem, o Evangelho chegar a ser espalhado!"

O Vaticano chegou até a reconhecer o governo de Franco, em 3 de agosto de 1937, vinte meses antes do fim da guerra civil. A Bélgica também contou com a atenção da Ação Católica que era, nem é preciso dizer, uma organização eminentemente ultramontana e jesuítica. O terreno havia sido preparado para a invasão do Exército do Führer! Assim, sob a pretensa "renovação espiritual", o evangelho hitlerista fascista era diligentemente pregado ali pelos jesuítas, monsenhor Picard, padre Arendt, padre Foucart e outros. Um jovem belga, vítima deles à semelhança de muitos outros, testifica isso: "Naquela época, todos estávamos obcecados com um tipo de fascismo. A Ação Católica, à qual eu pertencia, era claramente simpatizante do fascismo italiano. O monsenhor Picard proclamava dos púlpitos que Mussolini era um gênio e que desejava muito a chegada de um ditador... Organizavam-se peregrinações para desenvolver contatos com a Itália e o fascismo. Quando, com 300 alunos, fui à Itália, todos em nossa volta para casa nos saudámos à italiana e cantamos a Giovinezza".

Outra testemunha diz: 'Após 1928, o grupo de Leon Degrelle colaborava regularmente com o monsenhor Picard. Este contou com sua ajuda para uma missão particularmente especial: administrar uma editora dentro da Ação Católica, que recebeu um nome que ficaria famoso: Rex. As exigências por um novo regime se multiplicavam. Os resultados dessa propaganda na Alemanha eram observados com muito interesse.'

Em outubro de 1933, um artigo no *Vlan* lembrava que os nazistas eram apenas sete em 1919, e que Hitler nada mais deu, além do talento, para a publicidade. Fundada em princípios semelhantes, a equipe "rexista" iniciava um programa de propaganda ativa no país. Suas reuniões logo começaram a atrair algumas centenas, depois milhares de participantes".

É claro que Hitler havia trazido ao recente nacional-socialismo o mesmo que Mussolini trouxe ao fascismo, muito mais que o talento para a publicidade: o apoio do papado! Não sendo mais que uma pálida sombra desses dois, Leon Degrelle, líder do "Christus Rex", era beneficiário do mesmo apoio, mas para um propósito bem diferente, pois seu trabalho seria o de abrir o país ao invasor.

Raymond de Becker diz: "Eu colaborei com a *Avant Garde*. Esta publicação (editada por Picard) tinha como objetivo quebrar os laços que uniam a Bélgica, a França e a Inglaterra".

Sabemos como foi rápida a vitória do Exército alemão sobre a defesa belga, traída pela "quinta coluna" do clero. Talvez lembremos também que o apóstolo do "Christus Rex", em um uniforme alemão, foi "lutar no front do Leste", acompanhado de muita publicidade e como dirigente de sua "Waffen SS", recrutada principalmente entre a juventude da Ação Católica. Depois, uma oportuna retirada lhe deu condições de chegar à Espanha. Antes disso, porém, deu vazão total aos seus sentimentos "patrióticos" pela última vez.

Maurice de Behaut escreveu: "Dez anos atrás (em 1944), o porto de Anvers, o terceiro mais importante do mundo, caiu quase intacto nas mãos das tropas britânicas. No momento em que a população começava a vislumbrar o fim dos sofrimentos e privações, a mais diabólica invenção nazista caiu sobre eles: as bombas aéreas VI e V2. Esse bombardeio, o mais longo da História, durou quase seis meses, dia e noite, cuidadosamente escondido, sob as ordens do comando central dos aliados. Esta é a razão pela qual ainda hoje o martírio das cidades de Anvers e Liege é totalmente ignorado. Na véspera do primeiro bombardeio (12 de outubro), algumas pessoas ouviram na Rádio Berlin os comentários alarmantes do traidor "rexista" Leon Degrelle: "Pedi a meu Führer", exultava, "20 mil bombas aéreas. Elas castigarão um povo idiota. Prometo a vocês que farei de Anvers uma cidade sem porto ou um porto sem cidade". "Daquele dia em diante, o ritmo dos bombardeios iria se acentuar; as catástrofes e os desastres seriam as consequências, enquanto o traidor Leon Degrelle ficava prometendo na Rádio Berlin cataclismos ainda mais terríveis"

Essa foi a despedida de sua pátria desse produto monstruoso da Ação Católica. Um pupilo obediente do monsenhor Picard (jesuíta), padre Arendt (jesuíta), etc. O chefe do "Christus Rex" seguiu estritamente as regras papais. "Os homens da Ação Católica", escreveu Pio XI, "falharia em seus encargos se, assim que a ocasião permitisse, não tentassem dirigir a política de sua província e de seu país". Leon Degrelle cumpriu sua função e o resultado, como podemos observar, foi proporcional à sua devoção. Lemos no livro de Raymond de Becker: "A Ação Católica havia encontrado na Bélgica homens excepcionais para orquestrar seus temas, como o monsenhor Picard (o mais importante) e o cônego Cardijn, fundador do movimento jocista, um homem de temperamento quente e visionário".

Este último, em especial, chegou a jurar que nunca "viu ou ouviu" seu companheiro Leon Degrelle. Assim sendo, estes dois líderes da Ação Católica belga, ambos trabalhando sob o controle do cardeal Van Roey, aparentemente nunca se conheceram! Mas que tipo de "milagre" é esse? Claro, o antigo cônego não nos contaria qual é. Desde então, ele foi elevado a "monsenhor" por Pio XII e diretor dos movimentos jocistas do mundo inteiro.

Outro "milagre": o monsenhor Cardijn também nunca se encontrou com o líder de péssima reputação dos "Rex" durante o Congresso descrito por Degrelle: "Lembro-me do grande congresso da Juventude Católica em Bruxelas, em 1930. Eu estava atrás do monsenhor Picard, que por sua vez estava ao lado do cardeal Van Roey. Cem mil jovens marcharam atrás de nós, por duas horas, aplaudindo as autoridades religiosas que se reuniam sobre a plataforma". Pois então onde é que se escondia o líder dos jovens católicos, cujas tropas estavam tomando parte naquela gigantesca marcha? Será que, por um decreto especial da "Providência", estes dois homens foram condenados a tropeçar um no outro e nunca se viram, tanto nas plataformas oficiais quanto nos centros da Ação Católica que eles freqüentavam tão assiduamente?

Monsenhor Cardijn, jesuíta, ainda vai mais longe. Chega a fingir que também lutou "verbalmente" contra o "rexismo". Realmente, essa Ação Católica era uma organização peculiar! Não só os líderes de seus dois principais "movimentos" - "Juventude Católica" e "Rex" - brincavam de esconde-esconde nos corredores, mas também um deles poderia dizer que "lutava" contra o que o outro fazia com o pleno consentimento da "hierarquia"! Este fato não pode ser negado: "Degrelle foi levantado à direção do "Rex" pelo próprio monsenhor Picard, sob a autoridade do cardeal Van Roey e o núncio apostólico monsenhor Micara. Assim, de acordo com o monsenhor Cardijn, ele desaprovava incisivamente as ações de seu colega na Ação Católica, sob a tutela, tal qual ele próprio, do primaz da Bélgica e, sem nenhuma consideração pelo núncio, seu "protetor e amigo reverenciado", de acordo com Pio XII".

Esta declaração é bastante grave. Ficamos ainda mais alarmados com ela quando examinamos qual foi a atitude, após a invasão de Hitler à Bélgica, daqueles que são como o monsenhor Cardijn e seus associados e que, "repudiavam" Degrelle e o "rexismo".

Em um livro (posteriormente "revisado" quando da sua edição), o líder dos "Rex" trouxe lembranças, como podemos ver e, para o nosso conhecimento, o que foi dito por ele nunca chegou a ser refutado: "Sendo um cristão fervoroso e habituado às interpretações do espiritual e do temporal, não pensaria em colaborar (com Hitler) sem antes consultar as autoridades religiosas de meu país. Tinha solicitado uma entrevista com Sua Eminência, o cardeal Van Roey. O cardeal me recebeu de forma amigável, no palácio episcopal de Malines. Ele estava tomado por um fanatismo total e absoluto. Se tivesse vivido alguns séculos antes, teria, enquanto cantava a "Magnificat", colocado os infieis na ponta da espada, queimado ou deixado ficar nos calabouços dos conventos as ovelhas não muito obedientes de seu rebanho. Como estamos no século XX, só tem seu bastão episcopal, mas mesmo assim faz com que realize um grande trabalho. Para ele, tudo era importante desde que servisse aos interesses da Igreja. Se era algo bom, apoiava, mas qualquer coisa ruim, ele destruía.

A Igreja tinha tantos canais de serviços: suas obras, festas, jornais, cooperativas agrícolas (Boerenbond) e instituições bancárias, os quais asseguravam o poder temporal da instituição divina... "E agora, posso dizer honestamente que este era o sentido dos comentários do cardeal: "A colaboração era uma coisa adequada a ser feita; a única que uma pessoa sensata deveria fazer. Durante toda a entrevista, ele nem mesmo considerou que aquela atitude não devesse ser tomada. Para o cardeal, no outono de 1940 a guerra já estaria acabada. Ele sequer mencionou o nome "inglês" ou supôs que uma recuperação aliada fosse viável... O cardeal não acreditava que, politicamente, qualquer coisa fosse possível, além da colaboração... Ele não fazia objeções a nenhuma das minhas concepções ou dos meus projetos... Ele poderia ou deveria ter avisado se achasse minhas idéias referentes à política sem propósitos, pois eu tinha ido para obter seu conselho. Antes de partir, o cardeal me deu sua bênção paternal."

Também outros católicos, no outono de 1940, procuraram pela grande torre de Saint Rombaut. Muitos entraram no palácio episcopal para pedir o conselho do monsenhor Van Roey ou de seus assessores, com relação à moralidade, utilidade ou necessidade de colaboração. "Mais de mil burgomestres católicos, todos os secretários gerais, apesar de cuidadosamente escolhidos, se adaptaram imediatamente à nova ordem. Todas as boas pessoas na prisão ou insultadas em 1944 devem ter pensado em 1940: O que Malines pensa sobre isso? Quem poderia imaginar que nem Malines, nem os bispos, nem os padres tinham sido capazes de descansar suas mentes? Oito de cada dez colaboracionistas eram católicos... Durante aquelas semanas decisivas, por causa da escolha que tinha de ser feita, Malines e outros bispados chegaram a emitir conselhos negativos por escrito e oralmente, a mim e a todos os outros colaboracionistas.

Apesar de não muito agradável, esta é a pura verdade. A atitude do alto clero católico no estrangeiro só podia fortalecer a convicção dos fiéis de que o colaboracionismo era perfeitamente compatível com a fé. Em Vichy, os mais altos prelados da França tiveram fotos suas tiradas ao lado de Marshal Petain e Pierre Lavai, após a entrevista entre Hitler e Petain. Em Paris, o cardeal Baudrillart declarou publicamente que era um colaboracionista. Na própria Bélgica, o cardeal Van Roey autorizou um dos mais famosos padres dos Flandres (o intelectual católico mais importante da região), o abade Verschaeve, a declarar em 7 de novembro de 1940, durante uma Sessão solene do Senado e na presença de um general alemão, o presidente Raeder: "É responsabilidade do Conselho Cultural construir a ponte que unirá os Flandres à Alemanha."

Em 29 de maio de 1940, um dia após a rendição, o cardeal Van Roey descreveu a invasão como sendo um tipo de presente dos céus: "Estejam certos", escreveu ele, "de que estão a testemunhar no momento uma intervenção excepcional da Providência Divina, a qual está exibindo seu poder através destes grandes eventos." Assim, após tudo isso, Hitler parecia ser nada mais nada menos que um instrumento purificador a castigar providencialmente o povo belga".

'Algo semelhante estava acontecendo em outro país (a França), onde éramos constantemente lembrados de que "a derrota é mais frutífera que a vitória" como, antes de 1914, quando um "sangramento prolongado" e purificador foi desejado para a França. Nessas lembranças que caíram no esquecimento (ou melhor, foram jogadas na masmorra), também podemos encontrar alguns detalhes interessantes com relação a "Boerenbond", a grande máquina política e financeira católica do cardeal Van Roey, que financiava largamente a secção flamenga da Universidade de Louvain".

"A gráfica Standaard assegurava-se que suas impressoras se mantivessem trabalhando na impressão de convocações extremamente colaboracionistas de VN.V (Vlaamsch Nationalist Verbond). Logo, os negócios começaram a jorrar dinheiro. Sendo 200% católica e pilar da Igreja de Flandres, os líderes da Standaard não levariam em consideração o colaboracionismo a menos

que o cardeal tivesse anteriormente dado sua bênção a isso de forma clara e distina. O mesmo foi dito a respeito de toda a imprensa católica".

Todos esses esforços tinham por objetivo a quebra da Bélgica, conforme nos lembra outro escritor católico, Gaston Gaillard: "Os católicos flamengos e os católicos autonomistas da Alsácia justificavam sua atitude pelo suporte tácito sempre dado pela Santa Sé à propaganda alemã. Quando se referiam à carta memorável enviada por Pio XI a seu secretário de Estado, cardeal Gaspari, no dia 26 de Junho de 1923, eles foram facilmente convencidos de que a sua política tinha a aprovação de Roma e, logicamente, Roma não fez absolutamente nada para os convencer do contrário. Ou o núnio Pacelli (futuro Pio XII) não havia habilmente apoiado os nacionalistas alemães e encorajado a chamada população "oprimida" da Alta-Silésia? Os planos autonomistas da Alsácia, EupenMalmedy e Silésia não haviam recebido a aprovação eclesiástica que nem sempre era dada de forma discreta? Foi, portanto, muito fácil para os flamengos esconderem seus feitos contra a unidade da Bélgica atrás das diretrizes de Roma"

Também em 1942 o papa Pio XII solicitou à sua nunciatura em Berlim para enviar suas condolências a Paris, por ocasião da morte do cardeal Baudrillart, querendo dizer com isso que considerava a anexação da França do Norte pela Alemanha já um fato. Também confirmou o apoio "tácito" sempre dado à expansão germânica pela Santa Sé, e por ele em particular.

Hoje podemos sorrir com desdém quando vemos os jesuítas de "Sua Santidade" sofismarem sobre algo tão óbvio e repudiar toda a cumplicidade com a "quinta coluna" que eles próprios haviam organizado, e especialmente com Degrelle. A ele (mantido em refúgio seguro, pois sabia demais) podemos dedicar os famosos versos de Ovídio: "Donec eris feliz, muitos numerabis amicos. Têmporta si fuerint nubila, solus eris". Só podemos rir quando lemos o seguinte de R. R Fessard (jesuíta): "Em 1916 e 1917, esperávamos pelos reforços americanos com muita impaciência! Em 1939 percebemos com tristeza que, mesmo após a declaração de guerra, Hitler era visto favoravelmente por uma grande parte da opinião pública americana; e ainda mais pelos católicos! Em 1941 e 1942, ainda ficávamos imaginando se os Estados Unidos iriam ou não intervir".

Assim, parece que o "Bom Papa" via os resultados obtidos na América pelos seus próprios irmãos jesuítas "com tristeza"! É sabido e provado pela História que a "Frente Cristã", um movimento católico de oposição à intervenção norte-americana, era dirigida pelo padre jesuítas Coughlin, um ilustre hitlerista. A esta santa organização não faltava nada e ainda recebia, de Berlim, um grande suprimento de material de propaganda, preparado pelo escritório de Goebbels. Através de sua publicação Justiça Social e transmissões de rádio, o padre jesuítas Coughlin, apóstolo da suástica, alcançava um grande público. Ele também era responsável por comandos secretos nos principais centros urbanos, dirigidos de acordo com os métodos dos filhos de Loyola e treinados por agentes nazistas".

Um documento secreto de Wilhelmstrasse esclarece o seguinte aspecto: "Estudando a evolução do anti-semitismo nos Estados Unidos, observamos que o número de ouvintes das transmissões radiofônicas do padre Coughlin, famoso por seu anti-semitismo, excedia a 20 milhões"

Será que devemos lembrar que o padre jesuítas Walsh, um agente do papa, diácono da Escola de Ciências Políticas da Universidade de Georgetown, era auxiliar da diplomacia americana e um dedicado propagandista da política alemã? Naquela época, o prior da Companhia de Jesus era, como se fosse por acaso, Halke von Ledochowski, um ex-general do Exército austríaco; ele sucedeu a Wernz, um prussiano, em 1915.

Fessard também se esqueceu que o La Croix escreveu durante toda a guerra, e especialmente isto: "Não há nada a ganhar com uma intervenção das tropas do outro lado do

canal e do Atlântico". Também não se lembra deste telegrama de "Sua Santidade" Pio XII: "O papa envia sua bênção ao La Croix, a voz do pensamento papal".

Levando-se em conta tanto esquecimento, deveríamos chegar à conclusão que os membros da Companhia de Jesus têm uma memória muito curta? Nem mesmo seus inimigos se atreveriam a dizer uma coisa dessas... É melhor dizer que R. P Fessard expressou seus medos patrióticos de 1941-1942 somente em 1957. Suas "meditações livres" trouxeram resultados apenas 15 anos depois e ele teve tempo de reler uma certa passagem dos Exercícios Espirituais, a qual diz ue "o jesuíta deve estar pronto, se a Igreja assim determinar, a ver 0 branco como negro; a concordar com ela, mesmo se os seus sentidos lhe disserem o oposto".

Nesse aspecto, R. P. Fessard parece ser um excelente jesuíta! No dia 7 de março de 1936, Hitler levou a Wehrmacht à região desmilitarizada do Reno, quebrando, portanto, o Pacto de Locarno. A 11 de março de 1938, era a Anschluss (união da Áustria e Alemanha), e a 29 de setembro do mesmo ano, em Munique, a França e a Inglaterra tiveram que admitir a imposição do Reich de anexação da Sudetândia à Tchecoslováquia. O "Fuhrer" chegara ao poder, graças aos votos do Zentrum católico, apenas cinco anos antes, mas a maior parte dos objetivos cincicamente revelados em "Mein Kampf" já tinham sido realizados. Este livro, um desafio insolente às democracias ocidentais, foi escrito pelo padre jesuíta Staempfle e assinado por Hitler. O fato que muitos ignoram é que foi a Companhia de Jesus que aperfeiçoou o famoso programa Pan-Germânico definido neste livro, e o "Fuhrer" o endossou.

A Agressão Alemã e os Jesuítas: Áustria, Polônia, Tchecoslováquia e Jugoslávia

Vejamos como a Anschluss foi preparada: Primeiro e por um "providencial" sincronismo, quando Mussolini assumiu o poder na Itália, graças a Don Sturzo, jesuíta e chefe do Partido Católico, o monsenhor Seipel (jesuíta) tornou-se o chanceler da Áustria. Manteve-se no posto até 1929, com um intervalo de dois anos e, durante aqueles anos decisivos, levou a política interna da Áustria pelos caminhos reacionários do clero. Seus sucessores o seguiram na mesma trilha que levaria à absorção daquele país pelo bloco germânico. A repressão sangrenta dos levantes operários lhe custaram o apelido de "Keine Mild Kardinal" (o Cardeal Sem Piedade).

"Nos primeiros dias de maio (1936), Von Papen entrou em negociações secretas com o doutor Schussnigg (chanceler austríaco). Trabalhando com o seu ponto fraco, mostrou-lhe como seria vantajosa uma reconciliação com Hitler na medida em que os interesses do Vaticano estavam em jogo. O argumento pode parecer estranho, mas Schussnigg era muito devoto, e Von Papen, o camareiro do papa".

Sem ser surpreendente, foi o camareiro secreto que dirigiu todo o caso que acabou em 11 de março de 1938 com a demissão do "santo" Schussnigg (pupilo dos jesuítas), em favor de Seyss-Inquart, chefe dos nazistas austríacos. No dia seguinte, as tropas alemãs entraram na Áustria e o governo "fantoche" de Seyss-Inquart proclamou a união do país ao Reich. Esse evento foi recebido com uma declaração entusiástica do arcebispo de Viena, cardeal Innitzer (jesuíta). A 15 de março, a imprensa alemã publicou a seguinte declaração do cardeal Innitzer: "Os padres e os fiéis devem apoiar sem hesitar o grande Estado alemão, e o Fuhrer cuja luta para estabelecer o poder, a honra e a prosperidade da Alemanha está de acordo com os desejos da Providência".

Os jornais imprimiram uma cópia dessa declaração para dissipar qualquer dúvida sobre sua autenticidade. As reproduções eram pregadas nas paredes em Viena e em outras cidades austríacas. Innitzer tinha escrito, do próprio punho, as seguintes palavras diante de sua assinatura: "Und Heil Hitler!" Três dias depois, todo o epis-copado austríaco dirigiu uma carta aos seus paroquianos. Os jornais italianos publicaram o texto dessa carta em 28 de março. Era uma adesão incondicional ao regime nazista, cujas virtudes eram altamente elogiadas".

O cardeal Innitzer, o mais alto representante da Igreja Romana na Áustria, também escreveu em sua declaração: "Convido a todos os chefes de organizações jovens a prepararem sua união para organização do Reich alemão".

Conforme podemos ver, o cardeal-arcebispo de Viena não tinha só seguido a seu episcopado, aderindo a Hitler com muito entusiasmo, jflas também tinha exortado a juventude "cristã" a ser treinada de acordo com os métodos nazistas.

"Esses mesmos métodos haviam sido "oficialmente condenados" na "terrível" encíclica "Mit brennender Sorge"! Posteriormente, o Mercure de France observa com razão: "Estes bispos não tomaram uma decisão que envolvesse a Igreja como um todo no seu próprio acordo; a Santa Sé lhes deu diretivas que eles apenas tiveram de seguir".

Isso é óbvio. Que outras "diretivas", no entanto, poderíamos esperar desta Santa Sé que levou Mussolini ao poder, da mesma forma que Hitler, Franco e, na Bélgica, criou o "Christus-Rex" de Leon Degrelle? "Entendemos porque autores ingleses, a exemplo de F. A. Ridley, Secker e Warburg, faziam objeções à política de Pio XI, que favorecia movimentos fascistas por todos os lados".

Quanto à Anschluss, François Charles-Roux nos conta por que a Igreja estava tão favorável a ela: "Oito milhões de católicos austríacos unidos aos católicos do Reich poderiam fazer um corpo católico alemão mais capaz de exercer o poder".

A Polônia estava na mesma situação da Áustria, quando Hitler, após tê-la invadido, anexou parte dela com o nome de "Terra do Pai". Eram outros tantos milhões de católicos para reforçar o contingente alemão sob a obediência a Roma. A Santa Sé só poderia ser a favor de uma coisa dessas, apesar de todo o seu amor pelo seu "amado povo polonês", e não ficou de "cara amarrada" ao ver a reagrupação brutal dos católicos na Europa Central, que estava de acordo com o plano do prior jesuítico, Halke von Ledechowski.

Os aduladores licenciados do Vaticano continuavam a lembrar aos seus leitores que Pio XII "protestava" contra a agressão na encíclica *Summi Pontificatus*. A bem da verdade, esse documento ridículo era igual aos outros: não chegava a 45 páginas e havia apenas uma frase no final que fazia referência à Polônia esmagada por Hitler e essa pequena alusão era um aviso ao povo polonês para que rezasse muito à Virgem Maria!

O contraste é chocante entre aquelas palavras de condolências contritas e as páginas de adulação dedicadas à Itália fascista e à exaltação do Tratado de Laterano, o qual havia sido assinado pela Santa Sé e Mussolini, o colaborador de Hitler que, no momento em que o papa estava escrevendo a encíclica, fez um discurso escandaloso, com uma ameaça ao mundo, e que começava dizendo: "Liquidata la Polônia!"

Quais são, realmente, os riscos de se usar esses álibis irrisórios, quando se prega aos convertidos? Além disso, quantos deles estavam ansiosos por referências desse tipo? Quando estudamos o comportamento do Vaticano nesse caso, o que vemos? Primeiramente, o núncio em Varsóvia, monsenhor Cortesi, incitando o governo polonês a ceder em tudo a Hitler: Dantzig, "o corredor" e os territórios onde as minorias alemãs viviam. Depois, quando isso estava feito, também vemos o "Santo Papa" emprestar sua ajuda ao agressor, tentando fazer Paris e Londres ratificarem a amputação de uma grande parte de sua "amada Polônia". Para aqueles que ficariam surpresos com tal comportamento em relação a um país católico, citaremos um precedente famoso: Após a primeira divisão da Polônia, em 1772, uma catástrofe na qual as intrigas dos jesuítas desempenharam um papel importante, o papa Clemente XIV, ao escrever à imperatriz da Áustria, Maria Teresa, expressou sua satisfação assim: "A invasão e divisão da Polônia não aconteceram por motivos políticos. Era interessante para o desenvolvimento espiritual da Igreja que a Corte de Viena estendesse sua dominação sobre a Polônia tanto quanto fosse possível".

Obviamente, não há nada de novo sob o sol, especialmente no Vaticano. Em 1939 não houve necessidade de modificar uma palavra sequer daquela declaração cínica, exceto "o desenvolvimento espiritual da Igreja" Que naquele momento, consistia em vários milhões de católicos poloneses se unindo ao Reich. Esse fato explica facilmente a parcimônia das condolências papais na Summi Pontificatus.

Na Tchecoslováquia, o Vaticano fez ainda mais: deu a Hitler um de seus próprios prelados, um camareiro secreto, para que este fosse o dirigente desse Estado satélite do Reich. A Anschluss tinha feito muito barulho na Europa. A ameaça hitleriana estava rondando a República da Tchecoslováquia e a guerra se sentia no ar. No Vaticano, entretanto, ninguém parecia preocupado.

Vejamos o que diz François Charles-Roux: "No meio de agosto, eu havia tentado persuadir o papa de que ele deveria falar em favor da paz - uma paz justa, é claro. Minhas primeiras tentativas foram sem sucesso. A partir do começo de setembro de 1938, no entanto, quando a crise internacional atingiu seu limite, comecei a perceber, no Vaticano, reações tranqüilizadoras que contrastavam estranhamente com a situação que se deteriorava rapidamente".(70)

"Todas as minhas tentativas", acrescenta o embaixador francês, "recebiam a mesma resposta de Pio XI: "Seria inútil, desnecessário, inoportuno". Não conseguia entender sua obstinação em manter o silêncio".

Os eventos logo explicariam esse silêncio. Antes de tudo foi a anexação da Sudetânia pelo Reich, com o apoio do Partido Social Cristão, é lógico. Essa anexação foi ratificada pelo acordo de Munique e a República da Tchecoslováquia foi dividida. Hitler, que tinha se comprometido a respeitar sua integridade territorial, queria na verdade anexar a região tcheca independentemente da Eslováquia, e reinar sobre esta através de seu próprio homem de confiança a ser indicado.

Foi fácil para ele alcançar esses objetivos, pois a maior parte dos dirigentes eslovacos era de sacerdotes católicos, de acordo com Walter Hagen e, dentre estes, o padre Hlinka (jesuítico) tinha à sua disposição Urn "guarda treinado nos princípios da polícia secreta nazista".

Sabemos que, de acordo com a lei canônica, nenhum padre pode aceitar um posto público ou um mandato político sem o consentimento da Santa Sé. Isso é confirmado e explicado pelo jesuítico De Soras: "Como poderia ser diferente? Já dissemos o mesmo anteriormente: um padre, em virtude do "caráter" que sua ordenança lhe concede, em virtude das funções oficiais que exerce dentro da própria Igreja, em virtude da batina que veste, é obrigado a agir como um católico, pelo menos quando uma ação pública está envolvida. Onde o padre estiver, lá estará a Igreja".

Foi, portanto, com o consentimento do Vaticano, que os membros do clero se sentaram no Parlamento tchecoslovaco. Ainda mais, um desses padres teve de obter a aprovação da Santa Sé quando o próprio "Führer" o designou para a posição de chefe-de-governo e posteriormente lhe conferiu as mais altas distinções hitleristas: as condecorações da Cruz-de-Ferro e da Águia Negra. Como já dissemos, em 15 de março de 1939 Hitler anexou o resto da Boêmia e da Morávia, e pôs a República da Eslováquia (que havia sido criada com um rabisco de caneta) "sob sua proteção". No governo, colocou o monsenhor Tiso (jesuítico), "que sonhava em combinar o catolicismo e o nazismo".

Uma "nobre ambição" e facilmente realizada, pois já tinha sido aprovada pelos episcopados da Alemanha e da Áustria. "O catolicismo e o nazismo", proclamava o monsenhor Tiso, têm muito em comum; trabalham de mãos dadas para reformar o mundo". Tal deve ter sido também a opinião do Vaticano pois, apesar da "terrível" encíclica Mit brennender Sorge, não perdeu tempo e nem tentou regatear sua aprovação ao padre chefe-de-governo. Em junho de 1940, a Rádio Vaticano anunciava: A declaração de monsenhor Tiso, chefe do Estado eslovaco, afirmando sua

intenção de construir a Tchecoslováquia de acordo com um plano cristão, tem a plena aprovação da Santa Sé".

"O regime de Tiso, na Tchecoslováquia, foi especialmente afitivo para a Igreja Protestante daquele país, que correspondia a uma quinta parte da população. O monsenhor Tiso tentou reduzir a influência protestante a seu mínimo, e até mesmo eliminá-la. Membros influentes da Igreja Protestante foram mandados para campos de concentração". Estes ainda poderiam se achar com sorte, se considerarmos esta declaração do prior jesuíta Wernz, um prussiano (1906-1915): "A Igreja pode condenar hereges à morte, pois quaisquer direitos que venham a ter só lhes podem ser atribuídos devido à nossa clemência".

Vejamos agora que tipo de "gentileza apostólica" foi usada pelo prelado Tiso com relação aos judeus: "Em 1941, o primeiro contingente de judeus da Tchecoslováquia e da Alta-Silésia chega a Auschwitz. Desde o começo, aqueles que não eram capazes de trabalhar eram mandados para as câmaras de gás, em um salão do prédio onde ficavam os fornos crematórios". Quem escreveu isto? Uma testemunha que não podia ser desafiada, Lord Russel de Liverpool, um conselheiro jurídico nos julgamentos de crimes de guerra.

Assim sendo, a Santa Sé não havia "emprestado" um de seus prelados a Hitler em vão. O chefe-de-Estado jesuíta estava fazendo um bom trabalho e a satisfação manifestada pela Rádio Vaticano era compreensível. Ser o primeiro a abastecer Auschwitz, que glória para este homem "sagrado" e para toda a Companhia de Jesus!

De fato, a este triunfo não faltava nada. No momento da Libertação, este prelado foi entregue pelos americanos à Tchecoslováquia, condenado à morte em 1946 e enforcado - a vitória, para o "mártir"!

"Qualquer coisa a ser feita contra os jesuítas, faremos por causa de nosso amor por esta nossa grande nação. O amor por nossos companheiros e o amor pelo país têm levado a uma luta frutífera contra os inimigos do nazismo".

Outro alto dignatário da Igreja Romana, em um país vizinho poderia ter-se apropriado dessa declaração do monsenhor Tiso para si. Se as fundações da "Cidade de Deus" eslovaca eram o ódio e a perseguição, de acordo com a longa tradição da Igreja, o que podemos dizer do eminente Estado católico da Croácia, filho da colaboração entre o assassino Pavelitch e monsenhor Stepinac, e com a assistência do legado papal Marcone?

Teríamos que olhar para trás até chegarmos às conquistas do Novo Mundo, reunir todas as ações dos aventureiros das cortes e dos não menos ferozes monges da conversão para encontrar algo que se possa comparar às atrocidades daqueles "Oustachis", sustentados, comandados e assessorados por aqueles sacerdotes loucos e fanáticos. O que esses "assassinos em nome de Deus" (como eram tão bem apelidados por Hervé Laurière) fizeram por mais de quatro anos desafia toda a imaginação, e os anais da Igreja Romana, apesar de tão ricos nesse tipo de material, não poderiam exibir nada semelhante ocorrido na Europa. Precisamos acrescentar que o amigo íntimo desse sangrento Ante Pavelitch era monsenhor Stepinac, outro jesuítia?

A organização terrorista croata dos "Oustachis", dirigida por Pavelitch, veio a ser conhecida pelo povo francês quando do assassinato, em Marselha, do rei Alexandre I, da Jugoslávia, e do ministro de Assuntos Externos da França, Louis Barthou, em 1934. "Como o governo de Mussolini estava claramente também envolvido no crime(79), a extradição de Pavelitch, que tinha se refugiado na Itália, foi solicitada pelo governo francês; o Duce obviamente não fez caso e a sessão do Tribunal Superior de Aix-en-Provence havia imposto a sentença de morte por ausência para o líder dos "Oustachis". Esse dirigente de terroristas, contratado por Mussolini, "trabalhou" pela expansão italiana na costa do Adriático. Quando, em 1941, Hitler e Mussolini invadiram e

dividiram a Jugoslávia, esse suposto patriota croata foi posto por eles no governo de um Estado satélite criado por eles com o nome de "Estado Independente da Croácia".

A 18 de maio do mesmo ano, em Roma, Pavelitch ofereceu a coroa daquele Estado ao duque de Spoleto, o qual assumiu o nome de "Tomislav II". É claro que ele tomou o cuidado de nunca pôr os pés naquela terra manchada de sangue do seu pseudo-reino. "No mesmo dia, Pio XII concedeu uma audiência privada a Pavelitch e seus "amigos", um dos quais monsenhor Salis-Sewis, vigário-geral do monsenhor Stepinac. A Santa Sé não temeu apertar a mão de um assassino, sentenciado à morte pelo assassinato do rei Alexandre I e de Louis Barthou, um líder de terroristas que tinha os crimes mais horríveis na sua consciência! A 18 de maio de 1941, quando Pio XII recebeu alegremente Pavelitch e sua "gang" de assassinos, o massacre dos croatas ortodoxos estava em seu ponto máximo, tanto quanto as conversões forçadas ao catolicismo".

Era a minoria servia da população que eles procuravam, conforme o autor Walter Hagen explica: "Graças aos "Oustachis", o país logo se transformaria em um caos de sangue. O ódio mortal dos novos senhores era dirigido aos judeus e aos sérvios, os quais eram oficialmente considerados criminosos. Vilas inteiras, até mesmo regiões inteiras foram sistematicamente destruídas. Como a tradição antiga queria a fé católica e a Croácia (enquanto a Sérvia e a Igreja Ortodoxa eram sinônimos), os fiéis ortodoxos eram obrigados a entrar para a Igreja Católica. Essas conversões compulsórias constituíram a realização da "croatização".

Andrija Artukovic, ministro do Interior, era o grande organizador desses massacres e conversões compulsórias. Enquanto fazia isso, ele se defendia "moralmente", de acordo com uma testemunha de alta patente. Quando o governo iugoslavo pediu sua extradição dos Estados Unidos (onde estava refugiado), alguém veio a seu favor: o jesuíta Lackovic, também residente nos Estados Unidos, e secretário do monsenhor Stepinac, arcebispo de Zagreb durante a última guerra.

'Artukovic", afirma o jesuíta, "foi o porta-voz leigo do monsenhor Stepinac. Entre 1941 e 1945, sequer um dia se passou sem que ele viesse ao meu escritório ou eu fosse ao dele. Ele pedia o aconselhamento do arcebispo em todas as suas ações, no que respeitava aos seus aspectos morais".

Quando conhecemos as "ações" desse carrasco, podemos imaginar que tipo de conselho "edificante" o monsenhor Stepinac lhe dava. Os massacres e as "conversões" aconteceram até a Liberação, e a boa vontade do "Santo Papa" em relação aos assassinos nunca chegou a se alterar.

Devemos ler, nos jornais católicos croatas da época, as trocas de elogios entre Pio XII e Pavelitch, o "Poglavnik", a quem o monsenhor Saric, arcebispo jesuíta de Sarajevo e poeta nos tempos livres, dedicou versos impregnados de uma adoração entusiástica. Isso era apenas uma demonstração de "boas maneiras": "O monsenhor Stepinac tornou-se membro do Parlamento "Oustachi".(82) Veste as prendas "Oustachi", está presente em todas as manifestações "Oustachi" importantes nas quais chega a fazer discursos. Podemos então imaginar o respeito devido ao monsenhor Stepinac pelo Estado satélite da Croácia? Ou como suas virtudes eram elogiadas pela imprensa "Oustachi"? É evidente que sem o apoio de monsenhor Stepinac, no aspecto religioso e político, Ante Pavelitch nunca teria obtido a colaboração dos croatas católicos a tal nível.(83) A fim de compreendermos plenamente essa colaboração, devemos ler a imprensa católica croata, o Katolicki Tjednik, o Katolicki List, o Hrvatski Narod, e tantas outras publicações que competiam entre si para adularem o sangrento "Poglavnik".

Pio XII estava muito satisfeito por ser um "católico praticante", e a alta estima do "Soberano Pontífice" se estendia até mesmo aos seus cúmplices. O Osservatore Romano nos informa que, em 22 de julho de 1941, o papa recebia cem membros da Polícia de Segurança da Croácia,

liderados pelo chefe da polícia de Zagreb, Eugen Kvaternik Dido. Esse grupo da SS croata, o mais representativo grupo dos carrascos e torturadores que operavam nos campos de concentração, foi apresentado ao "Santo Papa" por alguém que cometera crimes tão monstruosos que levou a própria mãe ao suicídio, devido a 0S sucessivos desgostos.

A boa vontade de Sua Santidade Pio XII é fácil de ser explicada pelo cuidado apostólico destes assassinos. Outro "católico praticante", JVLile Budak, ministro do Culto, exclamava em agosto de 1941, em Karlovac: "O movimento "Oustachi" está baseado na religião. Todo nosso trabalho se apoia na lealdade à religião e à Igreja Católica".

Além disso, em 22 de julho, em Gospic, o mesmo ministro do Culto tinha definido perfeitamente esse trabalho: "Mataremos alguns sérvios, deportaremos outros, e o restante será obrigado a abraçar a religião católica romana". Este belo programa foi executado "ao pé da letra".

Quando a Libertação pôs um fim a essa tragédia, 300 mil sérvios e judeus haviam sido deportados e mais de 500 mil massacrados. Através desses meios, a Igreja Romana havia feito 240 mil fiéis ortodoxos serem incorporados ao seu rebanho, mas que rapidamente voltaram à religião de seus ancestrais quando sua liberdade foi restaurada. Para a obtenção desses resultados ridículos, no entanto, quantos horrores caíram sobre aquele país desafortunado! Deve-se ler, no livro de Hervé Laurière, Assassinos em Nome de Deus, os detalhes das torturas monstruosas que estes católicos praticantes chamados de Oustachis impuseram às suas pobres vítimas.

O jornalista inglês J. A. Voigt escreveu: "A política croata consistia em massacres, deportações ou conversões. O número daqueles que eram massacrados chegava a centenas de milhares. Os massacres eram acompanhados pelas torturas mais selvagens. Os "Oustachis" arrancavam os olhos de suas vítimas e faziam guirlandas com eles, usando-as e presenteando-as como lembranças". "Na Croácia, os jesuítas ^plantaram o clericalismo político".

Esse é o presente invariavelmente dado pelos jesuítas aos países que os recebem bem. O mesmo autor acrescenta: "Com a morte do grande tribuno croata, Raditch, a Croácia perdeu seu princípio oponente ao clericalismo político que envolvia a missão da Ação Católica definida por Friedrich Muckermann. Este jesuíta alemão conhecido antes do advento de Hitler, tornou isso público, em 1928' em um livro cujo prefácio foi escrito pelo monsenhor Pacelli (então núnio apostólico em Berlim).

Muckermann se expressa da seguinte forma: "O papa apela em favor da nova cruzada da Ação Católica. Ele é o guia que carrega o estandarte do Reino de Cristo. A Ação Católica significa a reunião do mundo junto ao catolicismo. Ela deve viver o seu momento heróico. A nova época pode ser atingida em Cristo apenas pelo preço do sangue".

Dez anos depois, aquele que escrevera o prefácio do livro do padre jesuíta Muckermann sentou-se no "trono de São Pedro" e, durante o seu pontificado, o "sangue de Cristo" literalmente escorreu pela Europa; a Croácia, entretanto, sofreu os mais horríveis desastres daquela "nova época". Ali, não só os padres advogavam a carnificina do púlpito, mas também chegaram a marchar com os dirigentes dos assassinos. Outros mantinham, além de seus ministérios sagrados, postos oficiais de prefeitos ou chefes da polícia "Oustachi", sendo até mesmo responsáveis por campos de concentração, onde os horrores não eram superados nem mesmo por Dachau ou Auschwitz.

Para essa lista sangrenta de honrarias, devemos adicionar os nomes do abade Bozidar Bralo, o padre Dragutin Kamber, os jesuítas Lackovic e o abade Yvan Salitch; os secretários do monsenhor Stepinac, o padre Nicolas Bilogrivic e outros, e numerosos franciscanos; sendo que um dos piores foi o irmão Miroslav Filipovitch, principal organizador daqueles massacres, chefe e carrasco no campo de concentração de Jasenovac, o mais terrível desses infernos terrestres.

O destino do irmão Filipovitch foi o mesmo do monsenhor Tiso, na Eslováquia: quando finalmente veio a Libertação, ele foi enforcado, vestindo o seu hábito. Muitos de seus rivais, não muito ansiosos por lhe tomarem o símbolo de mártir, escaparam para a Áustria, juntamente com os assassinos que eles tão bem haviam ajudado.

O que, entretanto, estaria fazendo a "hierarquia", quando foi confrontada com o frenesi sedento de sangue daqueles que estavam sob suas ordens? A "hierarquia", ou seu episcopado e seu líder, monsenhor Stepinac, votou no Parlamento "Oustachi" pelos decretos referentes à conversão dos ortodoxos ao catolicismo; enviou "missionários" aos aterrorizados camponeses; "converteu", sem titubear, vilas inteiras; incorporou bens da Igreja Ortodoxa Sérvia e lançou sem cessar bênçãos e louvores sobre Poglavnik, copiando o exemplo já firmado pelo papa Pio XII.

"Sua Santidade" Pio XII estava representado pessoalmente em Zagreb por um monge eminente, Marcone. Este "Sancti Sedis Legatus" recebia o lugar de honra em todas as cerimônias do regime "Oustachi", e tinha ele mesmo se fotografado na casa do líder dos assassinos, Pavelitch, com sua família, que o havia recebido na condição de amigo. Assim, a mais sincera cordialidade sempre reinou nas relações entre os assassinos e os eclesiásticos; logicamente, muitos desses eclesiásticos mantiveram ambas as funções, pelas quais nunca foram acusados de nada. "Os fins justificam os meios".

Quando Pavelitch e seus quatro mil "Oustachis" (que incluíam Saric, um jesuíta, o bispo Garic e 400 sacerdotes) saíram de cena com suas realizações para a Áustria, primeiro, depois Itália, deixaram para trás parte de seu "tesouro": filmes, fotografias, discursos gravados de Ante Pavelitch, caixas cheias de jóias, anéis de casamento, dentes de ouro e platina. Esse espólio, tomado dos pobres infelizes assassinados, foi escondido no palácio episcopal onde posteriormente vieram a ser descobertos.

Quanto aos fugitivos, tiraram vantagem da "Assistência da Comissão Pontifical", criada expressamente para salvar pessoas dos crimes de guerra. Essa caridosa instituição os escondia em conventos, Principalmente na Áustria e na Itália, e fornecia aos líderes passaportes falsos que os permitiam ir a outros países de forma "amigável" onde poderiam usufruir dos frutos do roubo em paz. Isso aconteceu com Ante Pavelitch, cuja presença na Argentina foi revelada em 1957 por um atentado contra sua vida no qual ficou ferido. Desde então o regime ditatorial começou a cair em Buenos Aires. Como o próprio ex-presidente Perón, seu protegido teve de abandonar a Argentina. Do Paraguai (para onde foi em primeiro lugar), ele chegou à Espanha, onde morreu em 28 de dezembro de 1959, no hospital alemão de Madrid. Nessa ocasião, a imprensa francesa lembrou sua carreira sangrenta e, mais discretamente, os "cúmplices poderosos" que o ajudaram a escapar da punição.

Sob o título "Belgrado exigiu a extradição em vão", lemos no *Le Monde*: 'A curta notícia publicada na imprensa esta manhã reavivou, no povo iugoslavo, as lembranças de um passado cheio de sofrimento e amargura por aqueles que, ao esconderem Ante Pavelitch, por quase 15 anos, obstruíram o curso da justiça'. *Paris Presse* mostra o último abrigo oferecido ao terrorista com esta frase curta, mas significativa: "Ele acabou seus últimos dias no mosteiro franciscano de Madrid". Foi de lá que Pavelitch foi levado ao hospital, onde veio a pagar as suas dívidas pela natureza, e não pela justiça, objeto de zombaria daqueles "cúmplices poderosos" que são fáceis de se identificar.

O monsenhor Stepinac, que tinha, conforme suas próprias palavras, uma "consciência tranquila", ficou em Zagreb, onde foi julgado em 1946. Condenado a trabalhos pesados, na verdade só foi levado a residir em sua vila de origem. A pena foi fácil de suportar, como podemos ver, mas a Igreja precisa de mártires. O arcebispo de Zagreb foi então transformado em membro da corte sagrada, em vida, por Pio XII, que se apressou a conferir-lhe o título de cardeal, em reconhecimento "de seu apostolado que demonstrava o mais puro brilho".

Devemos observar uma "reversibilidade de méritos". Se este fosse o caso, o direito ao cardinalato do monsenhor Stepinac não poderia ser contestado. Na diocese de Gornji Karlovac, parte de seu arcebispado, de 460 mil ortodoxos que ali viviam, 50 mil conseguiram escapar para as montanhas; 50 mil foram mandados para a Sérvia; 40 mil "convertidos" ao catolicismo, através de um regime de terror, e 280 mil massacrados".

A 19 de dezembro de 1958, lemos no Catholic France: "A fim de exaltar a grandeza e o heroísmo de Sua Eminência, o cardeal Stepinac, uma grande reunião será celebrada no dia 21 de dezembro de 1958, às 16 horas, na cripta de Sainte-Odile - 2, Avenue Stéphane-Mallarmé, Paris 17. Será presidida por Sua Eminência, o cardeal Feltin, arcebispo de Paris. O senador Pezet e o padre reverendo Dragoun, reitor nacional da Missão Croata na França, tomarão parte. Sua Excelência, o monsenhor Rupp, celebrará a missa e a comunhão".

Esta foi a forma pela qual uma nova figura, e não a menos importante, ou seja, o cardeal Stepinac, veio a enriquecer a galeria dos Grandes Jesuítas. Outro objetivo dessa reunião de 21 de dezembro de 1958, na cripta de Sainte-Odile, era "lançar" um livro escrito em defesa do arcebispo de Zagreb, pelo próprio Dragoun; o monsenhor Rupp, coadjutor do cardeal Feltin, escrevia o prefácio. Não podemos realizar uma análise completa, mas diremos o seguinte: O livro O Dossier do Cardeal Stepinac promete ao leitor uma exposição objetiva do julgamento de Zagreb. Nesse volume de 285 páginas encontramos os discursos completos de dois advogados do arcebispo, acompanhados ^e observações extensas do autor, mas nem a própria acusação, nem o discurso da promotoria são mencionados, sequer de passagem.

Sua adulação de Pavelitch e de seu regime de sangue. Nem tinha le nenhuma autoridade, como afirmam, sobre os bispos "Oustachi" Sacric, Garic, Aksamovic, Simrak, etc, que louvavam o Poglavnik e aplaudiam os seus crimes, nem sobre os "expedicionários" da Ação Católica, verdadeiros auxiliares dos "Oustachi" que faziam as conversões, nem mesmo sobre os franciscanos assassinos e nem sobre as freiras de Zagreb, que marchavam atrás levantando suas fflãos, à moda de Hitler. Que estranha "hierarquia" essa, que não delega a autoridade a ninguém nem a nada! O fato dele se sentar, com outros dez padres católicos, no "Sabor" (o Parlamento Oustachi) não compromete o arcebispado, ou pelo menos, presumimos, que isso deva ser simplesmente ignorado.

Não deveríamos reprová-lo nem por sua presidência sobre as Conferências Episcopais, nem sobre o Comitê para a aplicação do decreto referente à conversão dos ortodoxos. Nesta apologia, o pretexto "humanitário" de ter feito tantos entrarem para a Igreja Católica pela força está plena e habilmente explicado.

Lemos o seguinte, em relação ao "difícil dilema" com o qual se defrontava o monsenhor Stepinac: "Sua obrigação pastoral era de manter intactos os princípios canônicos mas, por outro lado, os dissidentes que se recusavam a abraçar o catolicismo eram massacrados; assim, ele abrandou a severidade das regras." Ficamos ainda mais desnorteados quando lemos um pouco depois: "Ele tentou resolver esta questão dramática com uma carta circular de 2 de março de 1942, na qual ordena os padres a identificarem claramente os motivos da conversão". Este é, sem dúvida, um método peculiar de "abrandar a severidade das regras" e resolver "esta questão dramática"!

O monsenhor Stepinac estaria abrindo ou fechando as portas da Igreja Romana aos falsos convertidos? Seria absolutamente impossível descobrir, se lêssemos apenas o discurso da defesa. Os apologistas do arcebispo parecem escolher o "fechar"; no entanto, quando declaram: "Os casos de rebatismo eram muito raros no território da arquidiocese de Zagreb".

Dragoun parece ignorar o provérbio francês "Qui n'entend qu'une cloche n'entend qu'un son" (há sempre dois lados para cada história) a menos, é verdade, que ele saiba isso até bem demais! Sendo assim' essa obliteração (supressão) sistemática do outro lado da história seria

suficiente para fechar o debate. Vamos considerar, no entanto as boas razões invocadas para a inocência do bispo de Zagreb. Antes de tudo, porém, o monsenhor Stepinac era de verdade o prelado metropolitano da Croácia e da Eslovênia? O livro de Dragoun não responde a esta pergunta. Em suas páginas, podemos ver o seguinte, das próprias declarações de Stepinac diante do tribunal: 'A Santa Sé enfatizou que as pequenas nações e as minorias nacionais têm o direito de serem livres. Não deveria eu, como "bispo e prelado metropolitano", ter o direito de discutir isto?' Quanto mais lemos, menos entendemos!

Não faz mal! Como somos lembrados repetidamente, o monsenhor Stepinac não poderia influenciar de forma alguma o comportamento de seu rebanho e do clero. Para aqueles que trazem à tona os artigos da imprensa católica louvando as realizações de Pavelitch e seus assassinos contratados, eles responderam assim: "É simplesmente ridículo tornar o monsenhor Stepinac responsável pelo que um jornal escreveu".

Mesmo quando este jornal era o Katolicki List, a mais importante publicação católica em Zagreb, diocese do monsenhor Stepinac! Nessas condições, não nos incomoda mencionar o Andjeo Cuvar (O Anjo da Guarda), pertencente aos franciscanos, o Glasnik Sv. Ante (A Voz de Santo Antônio) dos conventuais, o Katolicki Tjednik (O Semanário Católico de Sarajevo), o bispo Saritch, nem, é lógico, o Vjesnik Pocasne Straze Srca Isusova (A Publicação da Guarda de Honra do Coração de Jesus), pertencente aos jesuítas.

Estas poucas linhas do dossiê, no entanto, são muito mais esclarecedoras: "O próprio promotor, em seu processo de indiciamento, cita o Secretário de Estado da Santa Sé, cardeal Maglione, que havia, em 1942, aconselhado o arcebispo Stepinac a estabelecer relações mais cordiais e sinceras com as autoridades "Oustachi". Isto é suficiente para colocar um ponto final em qualquer outra evasiva.

As ligações entre o Vaticano e os assassinos da Oustachi são claras. A própria Santa Sé incentivava o monsenhor Stepinac a colaborar com eles, e o representante pessoal de Pio XII, ao tomar o seu lugar junto à mesa de Pavelitch, estava simplesmente seguindo as instruções papais à letra: sinceridade e cordialidade nas relações com os assassinos dos fiéis ortodoxos, judeus e protestantes.

Isso não nos surpreende! O que, no entanto, os jesuítas pensam, pois afirmam obstinadamente que a cooperação constante dada pelos prelados aos ditadores era uma "opção" inteiramente pessoal, e não determinada pelo Vaticano?

Quando o cardeal Maglione enviou as recomendações acima mencionadas ao arcebispo de Zagreb, isso seria sua "opção pessoal" a ser exprimida, sob o selo do secretário de Estado? A prova da convivência entre a Santa Sé e os "Oustachis" fornecida por Dragoun, que já foi mencionada, coloca um ponto final neste capítulo, mas aqui surge uma nova confirmação dos sentimentos "evangélicos" que floresciam, e ainda florescem, entre os fiéis da Igreja Católica Croata em relação aos sérvios ortodoxos. A "Fédération Ouvrière Croate en France" (Federação dos Trabalhadores Croatas na França) enviou um convite para a reunião solene organizada para o domingo, 19 de abril de 1959, na sede da Confederação Geral dos Trabalhadores Cristãos, em Paris, para celebrar o 18º aniversário da fundação do Estado croata "Oustachi". Dizia: 'A cerimônia começará com a santa missa na Igreja de Notre Dame-de-Lorette'. O leitor, entretanto edificado pelo "santo" começo do convite, ficava ainda mais perplexo quando, em seguida, via a seguinte exortação: "Morte aos sérvios!"

Assim, este documento não tão banal expressa os pesares por não se ver mais destes "irmãos em Cristo" mortos. O livro de Dragoun, reitor da Missão Croata na França, sugere que as boas-vindas dadas pelos franceses católicos aos refugiados croatas não foram suficientemente calorosas.

Considerando os documentos mencionados, esta falta de "compreensão" não deixa de ter a sua lógica; ficamos felizes de ver que os católicos franceses, apesar dos inúmeros convites, mostrem pouca simpatia pela forma de piedade em que o chamamento dos assassinos caminha de mãos dadas com a "santa missa", na melhor tradição romana e "Oustachi". Ficaríamos ainda mais contentes se tais convites sedentos de sangue não fossem autorizados para impressão e distribuição na própria Paris.

A 10 de fevereiro de 1960, o infame arcebispo de Zagreb, Alois Stepinac, morreu em sua vila natal de Karlovice, onde havia sido obrigado a residir. Sua morte deu ao Vaticano a oportunidade de organizar uma das suas manifestações espetaculares pelas quais preza. Nessa ocasião, muito já havia sido feito pelo Vaticano; muitos católicos, entretanto, não tinham mais ilusões no que se referia ao "caso" Stepinac. Assim a Santa Sé se superou ao dar a esta apoteose toda a pompa possível.

O *Osservatore Romano* e toda a imprensa católica dedicaram colunas aos louvores entusiásticos feitos ao "mártir", seu "testamento espiritual" e aos discursos de Sua Santidade João XXIII, proclamando "seu respeito e afeição sobrenatural"; estes eram os motivos que o induziram a dar a este cardeal (que não fazia parte da Cúria) as honras de um ritual solene em São Pedro, em Roma, onde ele próprio lhe concedeu a absolvição geral. E, para completar esta glorificação, a imprensa anunciou a sua beatificação preparada para breve.

Infelizmente, as estatísticas nos contam o contrário, como dissemos anteriormente: "Só na diocese de Gornji Karlovac, parte do arcebispado de Zagreb, 40 mil pessoas foram rebatizadas".

É evidente que tais resultados só poderiam ser obtidos através de conversões em massa de vilas inteiras, tal como em Kamensko exatamente na mesma arquidiocese do monsenhor Stepinac, onde 400 ovelhas desgarradas voltaram ao rebanho romano em um dia, "espontaneamente e sem qualquer tipo de pressão por parte das autoridades civis ou eclesiásticas".

Por que, então, esconder estes números? Se estas conversões fossem verdadeiramente devidas aos sentimentos "caridosos" do clero católico da Croácia, e não à exploração cínica do terror, eles deveriam ter ficado orgulhosos disso. A verdade é que o véu jogado sobre estas infâmias, em uma tentativa de esconde-las, é transparente para acobertar Stepinac; outros teriam de ser desvendados: os bispos Saric, Garic, Simrak; os padres Bilogrivic, Kamber, Bralo e seus comparsas -os franciscanos e jesuítas teriam que ser descobertos e, finalmente, a Santa Sé. Também poderíamos deixar este estranho arcebispo desfrutar de sua "consciência tranqüila", este primaz da Croácia supostamente desrido de qualquer autoridade, que chamava a si mesmo de "prelado metropolitano", quando na verdade não o era e que, para coroar o paradoxo, abria as portas quando as estava fechando.

Ao lado deste "fantástico" prelado, entretanto, havia outro, consistente e corpulento, Marcone, o representante pessoal de Pio XII. Será que este "Sancti Sedis legatus" também era destituído de qualquer autoridade sobre o clero croata? Ninguém sabe! O "dossiê" tão bem expurgado não faz qualquer menção a esta "grande pessoa"; poderíamos até ignorar a sua existência se não tivéssemos outras fontes de informação, a exemplo das fotos que o mostram realizando missas na catedral de Zagreb, entronizado, no meio do Estado-Maior do "Oustachi" e, acima de tudo, tomando uma refeição com a família de Pavelitch, o católico "praticante" que organizava os massacres. Confrontado com tal documentação, não é de surpreender nenhuma a presença do representante do papa tenha sido "apagada"; os místicos chamariam a isto de "milagre"!

Devemos admitir que ele merecia tanto louvor, e até mesmo a auréola, por ter observado com "santa obediência" e executado literalmente as ordens não positivas da Santa Sé no que se refere às relações "cordiais e sinceras" que eram desejadas entre a Santa Sé e os "Oustachis". Esperamos que alguns católicos sinceros possam ser encontrados, os quais possam discenir

mais além da exaltação deste futuro santo e o funeral sob lembranças sangrentas do seu "apostolado", a tentativa do Vaticano de esconder o seu próprio crime.

O Movimento Jesuítico na França Antes e Durante a Guerra de 1939-1945

Vimos como a Ação Católica, com Leon Degrelle e seus sócios no comando, preparou o caminho para Hitler na Bélgica do "Christus Rex". Na França, a mesma atividade de minar acontecia. Começou quando Mussolini chegou ao poder e terminou finalmente em 1940, com o colapso da defesa nacional. Quanto à Bélgica, foi, como nos informam, com os "valores espirituais", que deveriam se restaurar, para o bem da nação.

A FNC, Federation Nationale Catholique, nasceu e se estabeleceu sob a presidência do general de Castelnau, com um número de associados que chegava a três milhões. A escolha de seu líder foi inteligente: um general de 78 anos de idade, uma grande figura militar que acobertava com o seu prestígio pessoal (de forma inconsciente, é lógico) um programa intenso de propaganda clérigo-fascista.

Que a FNC, à semelhança de toda a 'Ação Católica', era, acima de tudo, jesuítica, isso é óbvio. Também sabemos que os bons padres, cujo pecado eterno é o orgulho, gostam de colocar sua assinatura em todas as suas criações. Assim fizeram no caso da FNC, quando consagraram este Exército católico ao Sagrado Coração de Jesus, um culto criado pela Companhia de Jesus e cuja basílica está erguida em Montmartre, de onde Ignácio de Loyola e seus companheiros se armaram para a conquista do mundo. Um livro relativo à FNC, cujo prefácio foi escrito por Janvier, preservou para a posteridade o ato de consagração lido no altar pelo velho general. Citaremos apenas algumas poucas frases: "Sagrado Coração de Jesus, os chefes e representantes dos católicos franceses, que se prostram agora diante de ti, se reuniram e organizaram a FNC (Federação Nacional Católica) para reestabelecer o teu reino sobre esta terra. Todos nós, aqueles que estão presentes e os que estão ausentes, nem sempre somos perfeitos. Carregamos o fardo dos crimes da nação francesa cometidos contra ti. Tendo em vista, portanto, a reparação e expiação é que nos apresentamos perante ti, hoje, com nossos desejos, intenções e a resolução unânime de reestabelecer sobre toda a França tua soberania sagrada e real, e liberar as almas desses filhos do ensino sacrílego. Não nos acovardaremos mais diante da luta pela qual tiveste a condescendência de nos armar. Queremos que tudo esteja empenhado e dedicado ao teu serviço". "Sagrado Coração de Jesus, suplicamos, através da Virgem Maria, que receba a homenagem".

Quanto aos "crimes da nação francesa", o mesmo autor católico os enumera: Palavras e diretivas gerais mortais: o socialismo está condenado; o liberalismo está condenado. Leão XIII mostrou que a liberdade de culto é injustificável. O papa também demonstrou que a liberdade de opinião e expressão não pode ser justificadamente aceita.

Assim, a liberdade de pensamento, imprensa, ensino e culto, consideradas como direitos naturais do homem, não podem ser concedidas. "Devemos", diz Pio XI, "reiniciar estes ensinamentos e regulamentos da Igreja". Este é o objetivo principal da FNC, sob o controle da hierarquia e assegurado pela descentralização dos comitês diocesanos. Tanto na Ação Católica quanto nessa guerra, a famosa palavra do general de Castelnau se mantém válida: 'Avante!' (95) Isso é claro e explícito. Sabemos, portanto, o que esperar quando lemos de Pio XI: 'A Ação Católica é o apostolado dos fiéis' (Carta ao cardeal Van Roey, 15 de agosto de 1929). Que estranho apostolado, que consiste na rejeição de todas as liberdades valorizadas pelos países civilizados e, ao invés dessas, coloca-se como patrão do evangelho totalitário! Teria este o "direito de comunicar a outras mentes os tesouros da Redenção"? (Pio XI, Non abbiamo bisogno).

Na Bélgica, Leon Degrelle e seus amigos, heróis da Ação Católica, espalhavam à sua volta esses "tesouros da Redenção", revisados e atualizados pelo padre jesuítico Staempfle, o autor

secreto de Mein Kampf. O mesmo sucedeu na França, onde os apóstolos leigos, "unindo-se na atividade do apostolado hierárquico" (Pio XI "dixit"), estavam ocupados preparando "outra colaboração".

Vejamos o que Franz von Papen, o camareiro secreto do papa e braço direito do Fuhrer, escreveu no que se refere a esse assunto: "Nosso primeiro encontro aconteceu em 1927, quando uma delegação alemã à qual eu tinha a honra de pertencer, veio a Paris, para a Semana Social do Instituto Católico, sob a presidência de monsenhor Baudrillart. Foi realmente um primeiro contato frutífero, pois marcou o início de uma longa troca de visitas entre personalidades importantes da França e da Alemanha. Do lado francês, Delattre (jesuíta), de la Brière (jesuíta) e Denset (jesuíta) estiveram presentes nessas conferências".

Mais adiante, o "bom apóstolo" acrescenta que às vezes "esta conferência de católicos chegava a alturas sobre-humanas de grandeza". Essa "grandeza" atingiu o seu ápice a 14 de junho de 1940, o dia que viu a bandeira adomada com a suástica voar vitoriosamente sobre Paris. Sabemos que Goebbels, chefe da propaganda hitlerista, definiu a data três meses antes, a 14 de março, e que a ofensiva alemã só foi lançada no dia 10 de maio. A precisão dessa previsão não é tão surpreendente quanto possa parecer. Aqui segue o relatório secreto do agente 654 J.56, que trabalhava para o Serviço Secreto Alemão, e que enviou estas revelações a Himmler: "Paris, 5 de julho de 1939. Posso declarar que, na França, a situação está nas nossas mãos. Tudo está pronto para o dia J e todos os nossos agentes estão em seus postos. Dentro de algumas semanas, a força policial e o sistema militar irão ruir como um dominó".

Muitos documentos secretos relatam que os traidores haviam sido escolhidos muito tempo antes. Homens como Luchaire, Bucard, Deat Doriot e Abel Bonnard, da Academia Francesa.(97) Este, em especial, fugiu para a Espanha quando da Libertação. Voltou à França no dia 1a de julho de 1958 e se entregou, mas foi imediatamente libertado em termos temporários pelo presidente da Alta Corte da Justiça.

O livro extremamente documentado de André Guerber dá detalhes de pagamentos feitos a esses traidores pela SR alemã. Este dinheiro era bem utilizado, pois o trabalho deles era muito eficaz. O ambiente já estava sendo preparado há muito tempo.

A fim de "regenerar" a terra de acordo com os desejos da Ação Católica, toda uma ninhada de aprendizes de ditador, no modelo de Leon Degrelle, havia sido criada; homens como Deat, Bucard, Doriot (que era, de acordo com André Guerber, o "agente n° 56 BK do Serviço Secreto Alemão"). De todo este bando heterogêneo, Doriot também era o mais bem visto pelo arcebispo, que contava com as maiores atenções de todos e, é lógico, de Hitler que, posteriormente, em Sigmaringen, concedeu-lhe amplos poderes. Doriot era a estrela em ascensão mas, para o futuro imediato e para tratar com cuidado da transição após a derrota prevista e aguardada, era necessário um outro homem, um chefe militar altamente respeitado, que fosse capaz de disfarçar o desastre e apresentá-lo como uma "recuperação nacional".

Já em 1936, o cônego Coube escreveu: "O Senhor que trouxe Carlos Magno e os heróis das Cruzadas ainda pode levantar sábios. Dentre nós, deve haver homens que Ele tenha marcado com o Seu Selo e que serão revelados quando chegar a hora. Dentre nós, deve haver homens da terra que sejam os trabalhadores para a grande recuperação nacional. Mas quais são os requisitos necessários para executarem esta missão? As qualidades naturais de inteligência e caráter; as sobrenaturais, ou seja, a obediência a Deus e à Sua Lei também são indispensáveis, pois esse trabalho político é, antes de tudo, moral e religioso. Esses sábios são homens com corações generosos que trabalham apenas para a glória de Deus".

Quando o discípulo de Loyola expôs esses pensamentos políticos e religiosos, sabia quem seria esse santo "sábio", pois seu nome não era desconhecido no clero e, entre os fascistas, o

que segue nos é dito por François Ternand: "Uma campanha de propaganda inteligente e persistente foi iniciada em favor de uma ditadura Petain".

Em 1935, Gustave Hervé publicou um panfleto. O tratado é intitulado "Precisamos de Petain". Seu prefácio é uma apologia entusiástica da "recuperação italiana" e da mais espantosa recuperação alemã. Também é uma exaltação dos líderes maravilhosos que eram os autores dessas recuperações. Quanto ao nosso povo francês? Existe um homem entre nós que pode nos erguer. Também temos um homem providencial. Quer saber o seu nome? É Petain. Precisamos de Petain, pois a pátria está em uma situação perigosa e não apenas a pátria, mas também o catolicismo: 'A civilização cristã está condenada à morte se um regime ditatorial não for imposto em todos os países'.

Ouçam: No tempo de paz, um regime só pode ser derrubado por um golpe de Estado se ele assim o quiser ou não tiver o apoio de seu Exército ou burocracia. A operação pode ser um sucesso somente através da guerra e especialmente da derrota.

A trilha a seguir já estava aberta em 1935 para recristianizar a França; o regime tinha de ser banido, e a melhor maneira de chegar a isso era sofrendo uma derrota militar que colocasse a França sob o jugo alemão. Em 1943, isso foi confirmado por Pièrre Lavai, assessor do papa e presidente do governo de Vichy. "Espero que a Alemanha seja vitoriosa. Pode parecer estranho ouvir isso: que alguém derrotado deseje a vitória do vencedor. Mas é porque essa guerra não é como as anteriores. É uma verdadeira guerra religiosa! Sim, uma guerra religiosa!"

Isso era realmente o que a Igreja queria, apesar de desagradável aos ouvidos do "esquecido" jesuíta Fessard, já mencionado anteriormente, que não quer saber mais sobre o que foi dito na rádio americana para os 20 milhões de ouvintes do Christian Front, pelo seu irmão jesuíta o padre Coughlin: 'A guerra alemã é uma batalha pela Cristandade'

Durante o mesmo período, na França ocupada, o cardeal Baudrillart, reitor do Instituto Católico em Paris, dizia a mesma coisa. Vejam: 'A guerra de Hitler é uma nobre iniciativa assumida para a defesa da cultura européia'.(102) Ambos os lados do Atlântico, como na verdade por todo o mundo, as vozes do clero estavam cantando os louvores do nazismo vitorioso. Na França, o cardeal Suhard, arcebispo de Paris, deu o exemplo a todos os episcopados, "colaborando" completamente, e assim também o fez o núnio jesuíta monsenhor Valerio Valeri. Após a Libertação, o governo pediu ao Vaticano para expatriar nada menos do que 30 bispos e arcebispos que tinham estado profundamente comprometidos. Por fim, o Vaticano consentiu em expatriar somente três deles. 'A França se esqueceu...', escreveu Maurice Nadeau.

O *La Croix*, o mais perigoso porta-voz a serviço do colaboracionismo, reassume seu papel entre as publicações da França libertada e os prelados que estavam incitando a juventude francesa a trabalhar pela vitória da Alemanha não foram levados a tribunal.

Pode-se ler no *Artaban*, de 13 de dezembro de 1957: "Em 1944, o *La Croix* foi processado por ter favorecido o inimigo e levado diante da Corte de Justiça em Paris. O caso foi posto nas mãos do juiz Raoult, que o liberou da acusação. O caso foi discutido na Câmara, a 13 de março de 1946 (veja J.O. Debates Parlamentares, páginas 713-714) e soube-se que, então, M. de Menthon, ministro da Justiça e devotado expurgador da imprensa francesa, havia se declarado em favor do *La Croix*".

A "voz do pensamento papal" (conforme Pio XII o chamou em 1942, ao enviar a sua bênção) foi a única publicação isenta das medidas gerais tomadas para suprimir os veículos de propaganda da ocupação. Apesar disso, conforme o *Artaban* lembra, "*La Croix* recebeu instruções do tenente alemão Sahm e, em Vichy, de Pièrre Lavai". É lógico, o "pensamento papal" e as instruções hitleristas coincidiam de forma feliz. Isso se confirma quando estudamos as edições da época da guerra dessa estimada publicação.

Uma das atribuições dos jesuítas, e não a menos importante, é supervisionar toda a imprensa católica. Nas suas, publicações adaptadas às necessidades de seus leitores, trazem várias perspectivas deste "pensamento papal" que, sob variados aspectos, sempre acabam por atingir implacavelmente seus objetivos. Não há um jornal ou periódico "cristão" que não conte com a colaboração de alguns "discretos" jesuítas. Esses padres, considerados "tudo para todos os homens", sem dúvida são os melhores ao brincarem de camaleões. Isso eles fazem bem e, como sabemos, após a Libertação tivemos a surpresa de ver surgir, em todos os lugares, os padres "que haviam pertencido à Resistência" (eles entraram nessa muito tempo depois de outros!) e que testificavam que a Igreja nunca, nunca havia "colaborado". Esquecidos, abolidos, evaporados foram todos os artigos do La Croix e de outros jornais católicos, os mandatos episcopais, as cartas pastorais, as comunicações oficiais da Assembléia de Cardeais e Arcebispos, as exortações do cardeal Baudrillart, convocando a juventude francesa a usar o uniforme nazista e servir na L.VF após terem feito um juramento de lealdade a Hitler! Tudo isso era passado e esquecido! 'A história é uma novela", disse um pensador desiludido.

A da nossa época será a prova desta definição: a novela está sendo escrita sob nossos olhos. Muitos "historiadores" estão contribuindo Para isso; eclesiásticos e leigos extremamente empenhados também e podemos estar certos que o resultado será "edificante": uma novela católica, com certeza.

A contribuição dos jesuítas é extensa, tal qual a valiosa herança do padre Loriquet, cuja "História da França" faz um retrato fantástico de Napoleão.

Comparada a esse feito notável, seria uma coisa simples a camuflagem da colaboração entre os sacerdotes e o invasor alemão, de 1940 e 1944, e a posterior eliminação. Isto se mantém ainda hoje, após tantos anos; muitos artigos vêm sendo escritos em jornais, periódicos, livros e outras publicações, sob o patrocínio da "Imprimatur", para louvar os superpatriotas julgados de forma leviana, como por exemplo Suhard, Baudrillart, Dutheil, Auvity, Du Bois de la Villerabel, Mayol de Luppe e outros! Quanta tinta gasta para exaltar a atitude - tão heróica - do episcopado, durante os anos de guerra nos quais a França experimentou "uma situação que levou os bispos franceses a se tornarem os "defensores da cidade", como escreveu um humorista.

"Calúnias e mais calúnias! Alguma coisa verdadeira deve ser dita!", avisou Basile, esse tipo perfeito de jesuíta. "Pôr a limpo, pôr a limpo de novo", dizem seus sucessores, grandes escritores de "novelas históricas". Esse "pôr a limpo" continua sendo feito extensivamente. As gerações futuras, submersas em tantos exageros, devotarão a eles sentimentos de gratidão - pelo menos, achamos que sim - a esses "defensores" da cidade, esses heróis da Igreja Romana e da Pátria, "vestidos com uma honestidade cônica de linho branco" pelo trabalho de seus apologistas. Alguns foram até mesmo canonizados!

A 25 de agosto de 1944, o cardeal jesuíta Suhard, arcebispo de Paris (desde 11 de maio de 1940!) e líder do clero colaboracionista, decidiu imperturbavelmente celebrar o "Te Deum" da vitória em Notre Dame. Fomos poupadados dessa farsa inaudita apenas pelo "forte protesto do capelão geral da F.F.I."

Lemos no France Dimanche de 26 de dezembro de 1948: "Sua Eminência, o cardeal Suhard, arcebispo de Paris, no aniversário de sua admissão ao sacerdócio, acaba de receber uma carta autografada de sua Santidade Pio XII, que o congratula, entre outras coisas, pelo apel que exerceu durante a ocupação". Sabemos que o comportamento do cardeal durante aquele período havia sido profundamente criticado após a Libertação. Quando o general De Gaulle voltou a Paris, em agosto de 1944, recusou-se a encontrar com o cardeal no "Te Deum" de Notre Dame.

Naquela época, o cardeal era acusado abertamente de "tendências colaboracionistas". As congratulações do "Santo Papa" são, portanto, compreensíveis, mas há uma outra história do "Te Deum" ainda mais "edificante"! Após o desembarque dos aliados, a cidade de Rennes sofreu

muito com os combates que vieram a seguir, e muitos morreram dentre a população civil, pois o oficial comandante do batalhão alemão havia se negado a deixar que abandonassem o local.

Quando a cidade foi tomada, o "Te Deum" tradicional seria celebrado, mas o arcebispo e primaz da Bretanha, monsenhor Roques, se recusou peremptoriamente não apenas a celebrá-la mas ainda a autorizar que essa cerimônia fosse realizada na Catedral. Agradecer aos Céus pela libertação da cidade era um escândalo intolerável aos olhos desse prelado.

Por causa dessa atitude, ele foi confinado à residência do arcebispo pelas autoridades francesas. Tal lealdade ao "pensamento papal" pedia uma retribuição equivalente. Esta veio de Roma, logo depois, na forma de um chapéu de cardeal. Podemos culpar Pio XII por muitas coisas, mas temos de admitir que ele sempre "reconheceu seus pares". Uma carta elogiosa ao cardeal Suhard, colaboracionista distinto; o cardinalato ao monsenhor Roques, herói da Resistência Alemã: este "grande papa" estava praticando uma justiça estritamente distributiva. É claro que seus assessores eram do tipo que Poderiam aconselhá-lo sabiamente: dois jesuítas alemães, Leiber e Henrich, "seus dois secretários particulares e seus favoritos". Seu confessor era o jesuíta alemão Bea; a irmã Pasqualina, freira alemã, supervisionava a casa e cozinhava tudo para ele. Até mesmo o vinho, com o nome de "Dumpfaf", havia sido importado do outro lado do Reno. Este Soberano Pontífice, no entanto, não havia dito Ribbentrop, depois de Hitler ter invadido a Polônia, que "ele serra teria uma afeição especial pela Alemanha?"

A Gestapo e a Companhia de Jesus

Se a boa vontade e amabilidade de Pio XI e Pio XII nunca falharam em relação ao Führer que eles haviam conduzido ao poder, devemos admitir que ele também cumpria todas as condições do Pacto pelo qual estava ligado ao Vaticano. Conforme havia expressamente prometido estrangular os anticlericais, esses logo seguiram os liberais e judeus para os campos de concentração. Sabemos de que forma o líder do Terceiro Reich tinha decidido o destino dos judeus: foram simplesmente massacrados ou, quando ainda eram favorecidos, obrigados a trabalhar até a exaustão e então liquidados. Nesse caso, a "solução final" era apenas postergada. Vejamos primeiro, porém, como uma personalidade especialmente "autorizada", o "generalíssimo" Franco, Cavaleiro da Ordem de Cristo, confirmou expressamente a ligação entre o Vaticano e os nazistas.

De acordo com o Reforma, isso é o que a imprensa do ditador espanhol Franco publicou a 3 de maio de 1945, o dia da morte de Hitler: "Adolf Hitler, filho da Igreja Católica, morreu enquanto defendia a Cristandade. É compreensível que não encontremos palavras para lamentar a sua morte, quando tantos existiram para exaltar a sua vida. Sobre os seus despojos mortais está a sua figura moral vitoriosa. Com o galardão de mártir, Deus dá a Hitler as áureas da Vitória".

Essa oração funeral do chefe nazista, um desafio aos aliados vitoriosos, é proclamada pela própria Santa Sé, através da cobertura da imprensa de Franco. E um comunicado do Vaticano feito através de Madrid. É evidente que esse "herói" ausente tenha merecido tanto a gratidão da Igreja Romana - que eles não tentem escondê-la. Hitler serviu fielmente: todos aqueles que essa Igreja lhe indicava como ajo seus adversários sentiram as consequências. E esse bom "filho" não tardou em admitir o que devia à sua Santíssima Mãe e, especialmente, àqueles que se haviam feito seus soldados neste mundo. Aprendi muito com a Companhia de Jesus", disse Hitler. 'Até hoje, nunca houve nada mais grandioso na Terra do que a organização hierárquica da Igreja Católica", exaltava o ditador.

"Implantei muitas coisas dessa organização em meu próprio partido. Vou lhe contar um segredo: estou fundando uma Ordem. Nas fortalezas da minha Ordem, criaremos uma juventude que fará o mundo tremer". Hitler então parou, dizendo que não podia contar mais nada".

Outro hitlerista com alto cargo, Walter Schellenberg, ex-chefe da contra-espionagem alemã, nos passa esta confidencia do Führer, após a guerra: 'A organização da SS tinha sido constituída por Himmler, de acordo com os princípios da Ordem jesuíta. Seus regulamentos e os Exercícios Espirituais prescritos por Ignácio de Loyola foram o modelo que Himmler tentou copiar com exatidão. O "Reichsführer SS", título de Himmler como chefe supremo da SS, era o equivalente ao de "prior jesuítico" e toda a estrutura da direção era uma imitação quase perfeita da ordem hierárquica da Igreja Católica. Um castelo medieval, próximo a Paderbom, na Westphalia, chamado de "Webelsbourg", foi restaurado. Tornou-se o que poderia ser chamado de uma monastério da SS".

Os melhores escritores teológicos se ocuparam em demonstrar a similaridade entre as doutrinas católicas e nazistas. Nesse trabalho, os filhos de Loyola eram os mais empenhados. Como exemplo, vejamos "que Michael Schmaus, teólogo jesuítico, apresentou ao público numa Série de estudos sobre esse assunto: "O Império e a Igreja" é uma série de escritos que deveriam ajudar a construir o Terceiro Reich como uma união do nacional-socialismo à cristandade católica. O movimento nacional-socialista é o protesto mais vigoroso e envolve^ contra o espírito dos séculos XIX e XX. Um compromisso entre a fé católica e o pensamento liberal é impossível. Nada é mais contrário ao catolicismo do que a democracia. O sentido despertado da "autoridade estrita" abre novamente o caminho para a interpretação real da autoridade eclesiástica. A falta de confiança na liberdade é baseada na doutrina católica do pecado original. Os mandamentos do nacional-socialismo e os da Igreja Católica têm o mesmo objetivo".(110)

Esse objetivo era o da "nova Idade Média" que Hitler prometia à Europa. A similaridade é óbvia entre o anti-liberalismo passionado desse jesuítico de Munique e o idêntico fanatismo expressado durante o "ato de consagração da FNC na basílica de Montmartre". Durante a ocupação, o R. P. Marklen escreveu: "Nesses dias, a liberdade não parece mais merecer qualquer estima".

Citações como essas podem ser multiplicadas em milhares. Não seria esse ódio da liberdade sob todas as suas formas o próprio caráter do "Senhor de Roma"? É fácil compreendermos também como as doutrinas católica e nazista podiam se harmonizar tão bem. Quem pode demonstrar isso com habilidade, o "jesuítico Michael Schmaus", foi chamado pelo La Croix, dez anos depois da guerra, de "o grande teólogo de Munique"(112), e ninguém deve se assustar ao ficar sabendo que ele foi elevado a "Príncipe da Igreja" durante Pio XII. Sob tais circunstâncias, o que significa então a "terrível" encíclica "Mit brennender Sorge", de Pio XI, que supostamente condenava o nazismo? Nenhum casuista jamais tentou nos explicar... é evidente!

O "grande teólogo", Michael Schmaus, tinha muitos rivais, de acordo com um autor alemão que vê no Katolisch Konservatives Erbgut o livro mais estranho já publicado pelas Edições Católicas Alemãs: "Essa antologia que traz textos reunidos dos principais teóricos católicos da Alemanha, de Gorres a Vogelsang, nos faz acreditar que o nacional-socialismo nasceu de ideais católicos". Ao escrever isso, o autor certamente não imaginava que estivesse tão correto.

Outra pessoa muito bem informada, o principal eixo do pacto entre a Santa Sé e Berlim e também camareiro secreto do papa, Franz von Papen, foi ainda mais explícito: "O Terceiro Reich é o poder do mundo que não apenas reconhece, mas também coloca em prática os altos princípios do papado".

A isso, acrescentaremos os resultados desse "pôr em prática": 25 milhões de vítimas em campos de concentração, número oficial emitido pela ONU, Organização das Nações Unidas. Achamos necessário lembrar algo para mentes céticas, para aqueles que não podem admitir que os massacres organizados foram um dos "altos princípios do papado". É claro que essa candura é diligentemente conservada: "Essas barbaridades pertencem ao passado!", dizem alguns bons apóstolos aos simples, enquanto erguem suas vozes diante dos não-católicos, "para quem as fogueiras da Santa Inquisição ainda estão queimando"

Que assim seja! Deixemos de lado os testemunhos super-abundantes sobre a ferocidade clerical de anos passados para nos atermos somente ao século XX. Não vamos lembrar nem os feitos de homens como Stepinac e Marcone, na Croácia, nem Tiso, na Eslováquia, mas nos limitaremos a examinar a ortodoxia de certos "altos princípios" que puseram em prática tão bem.

Será que esses princípios estão realmente ultrapassados hoje, repudiados por uma doutrina "das luzes", oficialmente rejeitados pela Santa Sé com outros erros do passado negro? É fácil de descobrir. O livro Grandes Apologéticos, do abade Jean Vieujan, que não pode de forma alguma ser chamado de medieval, pois foi datado de 1937. O que lemos? "Aceitar o princípio da Inquisição, só precisamos ter uma mentalidade cristã, e isso é o que falta a muitos cristãos. A Igreja não tem tal timidez".

Não poderia ser dito de outra forma. Será que outra prova, não menos ortodoxa e moderna, é necessária? Vejamos o que R. E Janvier, um famoso conferencista de Notre Dame diz: "Em virtude de seu poder indireto em questões materiais, a Igreja não deveria ter direito de esperar de Estados católicos a opressão dos hereges até o limite da morte, de forma a suprimi-los? Aqui está a resposta: "Eu sou completamente a favor disso, até o limite da morte. Agindo primeiramente na prática, depois no ensino da própria Igreja, estou seguro que nenhum católico diria o contrário sem correr o risco de pecar gravemente".

Não podemos acusar esse teólogo de falar nas entrelinhas. Seu discurso foi claro e conciso. Seria impossível dizer mais com menos palavras. Tudo está aí, com relação ao direito que a Igreja atribui a si própria, de exterminar aqueles cujas crenças não correspondam às suas: o "ensino" que os obriga; a "prática" que legitima a tradição e até mesmo a "convocação dos Estados cristãos", cujo exemplo perfeito é a cruzada hitlerista.

As próximas palavras, nem um pouco ambíguas, também não foram pronunciadas na escuridão da Idade Média: "A igreja pode condenar os hereges à morte, pois quaisquer direitos que venham a ter só existem por causa da nossa tolerância, e esses direitos são aparentes, mas não são reais". O autor desse texto foi o prior jesuíta Franz Wernz (1906-1915), e o fato de ser ele alemão dá ainda mais peso a essa declaração.

Também durante o século XX, o cardeal Lepicier, famoso príncipe da Igreja, escreveu: "Se alguém confessa publicamente que é um herege ou tenta perverter outros, por seu discurso ou exemplo, pode não só ser excomungado mas também assassinado justamente".(118e usa) «E se isso não puder ser considerado um apelo característico à matança, que me transformem também em um moedor de pimenta", como Courteline disse recentemente.

Também querem a contribuição do Sumo Pontífice? Aqui está, de um papa moderno, cujo "liberalismo" foi criticado pelo clero intransigente, o papa jesuíta Leão XIII: 'Anátema (excomunhão) sobre aquele que diz: o Espírito Santo não quer que matemos os hereges". Que outra autoridade mais alta poderia ser invocada depois dessa, além do próprio Espírito Santo? Apesar disso poder desagradar àqueles que manipulam a cortina de fumaça (referência àqueles que fazem os sinais de fumaça durante a escolha do papa), os consolos para as consciências inquietas, os "altos princípios" do papado continuam de pé, intactos e, entre outras coisas, a exterminação pela Fé é tão válida e canônica hoje em dia quanto foi no passado.

Uma conclusão muito "esclarecedora" - para usar uma palavra muito familiar aos místicos - quando consideramos o que aconteceu na Europa entre 1939 e 1945: "Hitler, Goebbels, Himmler e a maior parte dos membros da "velha-guarda" do partido eram católicos", escreveu Frederic Hoffet. "Não foi por acaso que, por causa da religião de seu líder, o governo nacional-socialista foi o mais católico que a Alemanha já teve algum dia", continuou.

Esse parentesco entre o nacional-socialismo e o catolicismo é ainda mais impressionante se estudarmos de perto os métodos de propaganda e a organização interior do partido. Sobre esse assunto, nada é mais instrutivo do que os trabalhos de Joseph Goebbels, criado em um colégio

jesuíta e seminarista antes de se dedicar à literatura e à política. Cada página, cada linha de seus escritos lembra os ensinamentos de seus mestres; assim é que ele enfatiza a obediência e o desprezo pela verdade. 'Algumas mentiras são tão úteis quanto o pão", proclamou, em virtude de um relativismo moral extraído dos escritos de Ignácio de Loyola".

Hitler não atribuiu o prêmio do jesuitismo ao seu chefe de propaganda, mas ao seu chefe da Gestapo, conforme disse aos seus auxiliares: "Posso ver Himmler como nosso Ignácio de Loyola".(120) Para dizer uma coisa dessas, o Führer deve ter tido boas razões.

Em primeiro lugar, percebe-se que Kurt Heinrich Himmler, Reichsführer da SS, Gestapo e forças policiais alemãs, parecia ser um dos mais clericalistas entre os membros católicos da assessoria de Hitler. Seu pai havia sido diretor de uma escola católica em Munique, depois tutor do príncipe Ruprecht, da Bavária. Seu irmão um monge beneditino, vivia no monastério de Maria Laach, um d^ principais locais do pan-germanismo. Um tio seu também havia trabalhado com o importante cargo de cônego da Corte da Bavária o jesuíta Himmler.

O autor alemão Walter Hagen também nos fornece essa interessante informação: "O prior jesuíta, conde Halke von Ledochowski estava pronto para organizar na base comum do anticomunismo' alguma colaboração entre o Serviço Secreto Alemão e a Ordem Jesuítica".

Como resultado disso, dentro da Central do Serviço de Segurança da SS, uma organização foi criada, e a maior parte de seus postos foram exercidos por padres católicos usando o uniforme preto da SS. O padre jesuíta Himmler era um dos oficiais superiores. Após a capitulação do Terceiro Reich, ele foi preso e levado a Nuremberg. Seu depoimento no tribunal internacional teria sido aparentemente muito interessante, mas a "Providência" foi vigilante: o tio de Heinrich Himmler nunca se apresentou perante a Corte. Em uma certa manhã, ele foi encontrado morto na sua cela, e o mundo nunca veio a saber a causa de sua morte. Não insultaremos a memória desse sacerdote, supondo que ele deu fim a seus dias por livre e espontânea vontade, contra as leis de ensino solenes da Igreja Romana. Sua morte foi repentina e oportuna, tanto quanto a de outro jesuíta, algum tempo antes, padre Staempfle, o autor não reconhecido de *Mein Kampf*. Realmente, uma estranha coincidência...

Voltemos, porém, a Kurt Heinrich Himmler, chefe da Gestapo, o que significava que ele tinha nas mãos as rédeas essenciais para o poder do regime. Será que foi por seus méritos pessoais que conquistou tão alta posição? Hitler via nele uma genialidade superior quando o comparou ao criador da Ordem Jesuítica? Isso com certeza não corresponde aos testemunhos daqueles que o conheciam e que não viam nele nada mais do que um homem medíocre.

Será que aquela estrela brilhava com um brilho emprestado? Era realmente Himmler, o chefe ostensivo, quem governava sobre a Gestapo e os serviços secretos? Quem estava mandando milhões de pessoas ao desespero, judeus aos campos da morte e deportando homens por motivos políticos? Seria o sobrinho de cara amassada ou o tio, ex-cônego da Corte da Bavária, um dos favoritos de Ledochowski, um padre jesuíta e oficial superior da SS?

Pode parecer excessivo, e até mesmo presunçoso olhar tão para trás, ou seja, por detrás das cortinas da História. A peça é representada no palco, diante de luzes arranjadas na ribalta, nas varas de luz e nas laterais. Sempre é assim para qualquer show, mas aquele que quer enxergar para além do óbvio pode ser visto como encenqueiro e inconveniente. Os atores fantoches sobre quem o público lança o seu olhar vêm todos da parte detrás das cortinas. Isso fica ainda mais evidente quando estudamos esses "monstros sagrados" e percebemos que estão longe de serem iguais aos indivíduos que supostamente devem representar. Esse parece ser o caso de Himmler.

Não seria correto dizer o mesmo daquele a quem prestou ajuda como sendo seu braço direito, Hitler? Quando vemos Hitler gesticular nas telas ou ouvimos seus discursos histéricos, não temos a impressão de estarmos olhando os movimentos de um autômato ajustado de forma doentia, com molas estragadas? Até mesmo os seus movimentos mais simples lembram um boneco

mecânico. E o que dizer dos seus olhos imensos e arregalados, nariz mole, fisionomia "estourada", cuja vulgaridade não poderia ser disfarçada pelo famoso tufo de cabelo e bigode de escovinha que parecia grudado embaixo das narinas? Esse resmungão de praça pública poderia ser um verdadeiro líder, o "verdadeiro senhor da Alemanha", um "autêntico" homem de Estado cuja genialidade faria o mundo virar de cabeça para baixo? Ou será que ele era apenas um mau substituto para tudo isso? Uma pele que cobria de forma esperta um fantasma, para o uso das massas, um agitador da plebe? Ele próprio admitiu isso quando disse: "Sou apenas uma trombeta!".

François Poncet, então embaixador francês em Berlim, confirma que Hitler trabalhou muito pouco, não costumava ler e deixava seus colaboradores à vontade para trabalharem. Seus auxiliares davam a mesma impressão de vazio e irrealdade. O primeiro, Rudolf Hess que voou para a Inglaterra em 1941, parecia no seu próprio julgamento em Nuremberg um completo estranho, e nunca soubemos se ele era um louco ou só um lunático. O segundo era o grotesco Goering, vaidoso e obeso, que vestia os uniformes mais engraçados e espetaculares, um viciado em morfina. As outras personalidades fundamentais do partido tinham as mesmas características e, nos julgamentos de Nuremberg, uma das surpresas maiores dos jornalistas era de terem de relatar que - tirando os seus defeitos particulares -esses heróis nazistas não tinham inteligência, caráter, e eram mais ou menos insignificantes. O único que estava acima dessa massa vulgar - por causa de sua astúcia, e não pelo seu valor moral - era Franz von Papen, o camareiro de Sua Santidade, o "homem para todas as missões", que ia ser inocentado. Se o Führer surge como um boneco extraordinário, seria quem o modelou pelo menos mais consistente?

Vejamos a exibição ridícula daquele "César de carnaval", Mussolini, que rodava seus grandes olhos escuros, tentando fazer com que brilhassem debaixo daquele estranho chapéu decorado. E aquelas fotografias para a propaganda, tiradas de seus pés e mostrando apenas suas mandíbulas, abertas contra o céu, o "homem maravilha", como uma pedra imóvel - símbolo da grande vontade que não conhecia obstáculos! Que vontade! Das confidencias de alguns de seus companheiros, temos o retrato de um homem constantemente indeciso.

Esse "homem formidável" que iria "invadir tudo", com a força elemental, para usar os termos do cardeal Ratti, futuro Pio XI, não resistiu aos adiantamentos feitos a ele pelo cardeal jesuítico Gasparri, secretário de Estado, em nome do Vaticano. Apenas algumas reuniões secretas foram suficientes para persuadir o revolucionário a se submeter aos padrões do "Santo Papa", e galgar tão bem a sua brilhante carreira, de forma que o ex-ministro Cario Sforza poderia escrever: "Um dia, quando o tempo tiver atenuado a amargura e o ódio, reconhecerão que a orgia de brutalidades sangüinárias que fizeram da Itália uma prisão durante 20 anos, e as ruínas da guerra de 1940-1945 encontrava a sua origem em um caso historicamente quase único: a absurda desproporção entre a lenda criada artificialmente em volta de um nome e as capacidades reais do pobre diabo que usava deste nome, um homem que não se incomodava com a cultura"

Essa fórmula perfeita é aplicável tanto a Hitler quanto a Mussolini: a mesma desproporção entre a lenda e as capacidades e a mesma falta de "cultura" naqueles dois medíocres aventureiros com passados praticamente idênticos. Suas carreiras fulgurantes podem encontrar uma explicação apenas no seu dom de "levantar" as massas, dom que os levou para a frente do brilho da publicidade. Que a lenda foi "criada artificialmente" é muito evidente, principalmente quando hoje sabemos que as aparições retrospectivas do Führer, nas telas da Alemanha, provocam risos naqueles que têm um mínimo de discernimento.

Não seria a inferioridade óbvia desses "homens providenciais" a verdadeira razão por terem sido escolhidos a subir ao poder? O fato é que a mesma falta de qualidades pessoais pode ser encontrada em todos aqueles que o papado escolhe para serem os seus "campeões". Na Itália e na Alemanha havia alguns "verdadeiros" homens de Estado, "verdadeiros" líderes, que eram

capazes de assumirem o país e governarem sem terem de recorrer a esses "místicos" delirantes. Esses homens eram muito brilhantes intelectualmente, mas não suficientemente devotos.

O Vaticano, e especialmente o "Papa Negro", von Ledochowski, não os poderia manter "como se fossem um bastão nas suas mãos", de acordo com a fórmula passional, e fazê-los servirem a seus objetivos a todo custo, até a chegada da catástrofe. O revolucionário Mussolini, foi transformado e "virado do avesso" pelos emissários da Santa Sé que lhe prometeram poder. Hitler provou o quanto era maleável. o plano de Ledochowski era criar uma federação de nações católicas na Europa Central e do Leste, na qual a Bavária e a Áustria, governada pelo jesuíta Seipel, teriam a proeminência. A Bavária teria de se separar da República Alemã de Weimar e, como por acaso, o agitador Hitler, de origem austríaca, era na época um separatista bávaro.

A oportunidade de realizar essa federação e colocar um Hapsburg no controle se tornou mais e mais distante, enquanto o monsenhor Pacelli, o núnio que tinha deixado Munique para ir a Berlim, ficava mais consciente em relação à fragilidade da República Alemã, por causa do pouco apoio dado pelos Aliados. A esperança de tomar conta da Alemanha nasceu então no Vaticano e o plano se modificou: 'A hegemonia da Prússia protestante tinha de ser evitada, e como o Reich ia dominar a Europa - para sustentar o federalismo alemão -um Reich tinha de ser reconstituído, no qual os católicos seriam os senhores". Isso era o suficiente.

Mudando de postura radicalmente e acompanhado de seus "camisas marrons", Hitler, que tinha sido até então um separatista bávaro, tornou-se do dia para a noite o inspirado 'Apóstolo do Grande Reich".

Os Campos da Morte e a Cruzada Anti-Semita

Na medida em que os católicos passam a ser os senhores da Alemanha nazista logo setorna tão aparente quanto a severidade coro que alguns dos "altos princípios do papado" foram aplicados. Os liberais e os judeus tiveram muito tempo livre para descobrir que esses princípios estavam longe de serem confirmados. O direito da Igreja de se considerar apta a exterminar lenta ou rapidamente aqueles que estavam no meio do caminho foi "posto em prática" em Auschwitz, nachau, Belsen, Buchenwald e outros campos da morte. A Gestapo de Himmler, nosso "Ignácio de Loyola", diligentemente executava essas "obras de caridade". A Alemanha civil e militar teve que submeter "perinde ac cadáver" a essa organização toda-poderosa. Ijvjem é preciso dizer que o Vaticano lavou as mãos diante desses horrores. Ao conceder uma audiência ao doutor Neri F. Gun, um jornalista suíço que tinha sido deportado e se perguntava por que o papa não havia intervindo, pelo menos fornecendo alguma assistência a tantas pessoas desgraçadas, Sua Santidade Pio XII teve o displante de responder: "Sabíamos que por motivos políticos as perseguições violentas estão acontecendo na Alemanha, mas nunca fomos informados quanto ao caráter desumano da repressão nazista".

Quando o locutor da Rádio Vaticano, o R.P. Mitiaen, declarava que "uma prova documental inegável em relação à crueldade dos nazistas tinha sido recebida", sem dúvida o "Santo Papa" também não foi informado sobre o que acontecia nos campos de concentração "Oustachi", apesar da presença do seu próprio legado em Zagreb.

Em uma ocasião, no entanto, pôde-se ver a Santa Sé interessada pelo destino de algumas pessoas condenadas à deportação. Eram 528 missionários protestantes, sobreviventes dentre todos aqueles que haviam sido feitos prisioneiros pelos japoneses nas ilhas do Pacífico e internados em campos de concentração nas Filipinas. André Ribard, em seu excelente livro "1960 e o Segredo do Vaticano", revela a intervenção pontifical em relação a esses desaventurados.

O texto aparece sob o número 1591, datado, Tóquio, 6 de abril de 1943, em um relatório do Departamento de Assuntos Religiosos nos territórios ocupados, e cito o seguinte trecho:

Expressava o desejo da Igreja Romana de ver os japoneses seguirem sua política e evitar certos propagadores religiosos do erro de reconquistarem uma liberdade da qual eles não são dignos.

Do ponto de vista "cristão", esse passo caridoso não precisa de nenhum comentário; não seria, entretanto, significativo do ponto de vista político? Na Eslováquia, como sabemos, o monsenhor Tiso, O jesuíta, também era livre para perseguir as ovelhas "desgarradas" apesar da Alemanha (da qual era país satélite) ser preponderantemente protestante. Isso diz muito a respeito da influência da Igreja Romana no Reich Hitleriano! Também vemos o papel desempenhado na Croácia pelo representante da Igreja, na extermínio dos fiéis ortodoxos. A cruzada contra os judeus, a obra prima da Gestapo, pode parecer supérfluo mencionar novamente o papel desempenhado por Roma; já relatamos os feitos de monsenhor Tiso, o primeiro fornecedor das câmaras de gás e fornos crematórios de Auschwitz. Acresentaremos, porém, apenas alguns documentos típicos a esse dossiê.

Em primeiro lugar, aqui está uma carta de Leon Berard, embaixador do governo Vichy junto à Santa Sé: "Senhor Marshal Petain, em sua carta datada de 7 de agosto de 1941, V E. me honrava ao pedir algumas informações sobre as questões e dificuldades que poderiam surgir eventualmente do ponto de vista católico romano, em relação aos judeus. Tenho a honra de lhe comunicar que nada me foi dito, no Vaticano, que pudesse ser interpretado como uma crítica ou reprovação das leis e diretrizes em questão".

O periódico L'Arche, ao mencionar essa carta em um artigo intitulado "O Silêncio de Pio XII", refere-se a um relatório complementar subsequente que Leon Berard enviou a Vichy em 2 de setembro de 1941. "Há alguma contradição entre o estatuto das doutrinas judaica e católica? Apenas uma e Leon Berard respeitosamente indica que esta se refere ao chefe de Estado; reside na de 2 de junho de 1941, que define os judeus como uma raça. "A Igreja", escreveu o embaixador de Vichy, "nunca professou que os mesmos direitos deveriam ser dados a todos os cidadãos, como uma pessoa de influência no Vaticano me disse: "Vocês não terão dificuldades quanto à categoria dos judeus".

Existe, "na prática", a "terrível" encíclica Mit brenender Sorge, contra o racismo, freqüentemente citada pelos apologistas. Encontra, no entanto, algo muito melhor no livro de Leon Políakov: 'A proposta da Igreja Protestante na França de que, juntamente com a Igreja Romana, tomassem medidas contra o recolhimento dos judeus, durante o verão de 1942, foi rejeitada pelos dignatários católicos'. Muitos parisienses lembram ainda hoje a forma pela qual as crianças judias foram tomadas de suas mães e mandadas em trens especiais aos fornos crematórios de Auschwitz.

Essas deportações de crianças são confirmadas, entre outros documentos oficiais, em uma nota do "SS Haupsturmführer Danneker", datada de 21 de julho de 1942. A insensibilidade cruel da Igreja Romana, e dos seus líderes em particular, inspirou não muito tempo atrás estas linhas revanchistas do já mencionado periódico L'Arche: "Durante cinco anos o nazismo foi o autor de ultrajes, profanações, blasfêmias e crimes. Durante cinco anos, massacrou seis milhões de judeus. Dentre estes seis milhões, um milhão e oito-centas mil eram crianças. Quem disse uma vez: "Deixem vir a mim as criancinhas?" E por que razão? Devem vir até mim para que possa chaciná-las? O papa militante foi substituído pelo papa diplomático. Da Paris ocupada, seguimos para Roma, também ocupada pelos alemães após o fracasso italiano.

Aqui transcrevemos uma mensagem endereçada a von Rubbentrop, ministro nazista dos Negócios Estrangeiros: Embaixada Alemã na Santa Sé. Roma, 28 de outubro de 1943. Apesar de pressionado por todos os lados, o papa não demonstrou nenhum tipo de reprovação quanto à deportação dos judeus de Roma. Ele teme que nossos inimigos reprovem sua atitude nesse caso, e que esse venha a ser explorado pelos protestantes de países anglo-saxões em sua propaganda contra o catolicismo. 'Ao considerar essa questão delicada, O possível

estremecimento de nossas relações com o governo alemão foi o fator decisivo". Assinado: Ernst von Weiszaeker.

Ao relatar a carreira deste barão von Weiszaeker - julgado como criminoso de guerra "por ter preparado listas de extermínio" - o *Le Monde*, de 27 de junho de 1947, escreveu: "Prevendo uma derrota da Alemanha, ele conseguiu uma indicação para o Vaticano, apropriadamente da oportunidade de trabalhar intimamente com a Gestapo"

Para ajudar os nossos leitores não completamente convencidos citaremos o seguinte documento oficial alemão que estabelece as disposições do Vaticano e dos jesuítas com relação aos judeus, antes da guerra: 'Ao estudar a evolução do anti-semitismo no Estados Unidos percebemos com interesse que o número de ouvintes das transmissões de rádio do padre Coughlin (jesuítico), reconhecido por seu anti-semitismo, excede a 20 milhões!"

O anti-semitismo militante dos jesuítas nos Estados Unidos, à semelhança de todos os lugares, não é surpreendente da parte desses ultramontanos, pois está perfeitamente de acordo com a "doutrina". Vejamos o que Daniel Rops, da Academia Francesa, tem a dizer sobre o assunto; este autor se especializou em literatura, devotou e publicou sempre sob os auspícios da Imprimatur. Lemos em um de seus trabalhos mais conhecidos, "Jesus e Sua Época", publicado em 1944, durante a ocupação alemã: "Durante séculos, por onde a raça judia se espalhou, o sangue escorria, e sempre a mesma exigência de assassinato proferida no hall de julgamento de Pilatos e afogando o grito de desespero repetido mil vezes. A face de uma nação judia perseguida preenche as páginas da História, mas não se pode eliminar essa outra face, untada com sangue e cuspe, pela qual a multidão judia não sentiu pena alguma.

Israel não teve alternativa nessa questão tendo que matar seu Deus após repudiá-Lo, e como o sangue misteriosamente clama por sangue, a caridade cristã pode não ter outra alternativa também ou a vontade divina não deveria compensar o maior e mais insuportável horror, a crucificação, através de outro horror? " Que palavras mais bem escolhidas! Ou, pondo as coisas de forma mais direta: Se milhões de judeus tiveram que passar por câmaras de gás e fornos crematórios de Auschwitz, Dachau e outros lugares, foram a "sobremesa" que bem mereciam. Essa adversidade foi desejada por "vontade divina e a "caridade cristã" estaria cometendo uma falta como se fosse contra ela.

O eminentíssimo professor Jules Isaac, presidente da "Amizade franco-Cristã", exclamou ao se referir a essa passagem: "Estas frases irréveis e blasfemas provocam um horror infinito", ainda mais agravado orunia nota que diz: "Entre os judeus de hoje, alguns deles tentam negar a importância dessa pesada responsabilidade. Honro os sentimentos, diga-se de passagem, mas não podemos ir contra a evidência da História; não cabe aos homens rejeitar o peso terrível da morte de Jesus que Israel deve assumir".

Jules Isaac nos informa que as frases em questão foram alteradas pelo editor "nas edições mais recentes" desse livro "edificante", ou seja, após a Liberação. Há "um tempo" para todas as coisas: os fornos crematórios haviam se tornado ultrapassados.

Assim, da afirmação doutrinai dos altos princípios do papado à sua colocação em prática por Himmler, "nosso Ignácio de Loyola", o círculo se fecha, e ainda temos que acrescentar que o anti-semitismo meio louco do Führer perde muito do seu mistério. Isso não vem a esclarecer um pouco mais as coisas sobre esse indivíduo intrigante? As coisas que foram imaginadas, antes da guerra, numa tentativa de explicar a desproporção evidente entre o homem e o papel que tinha de desempenhar! Havia um buraco, um vazio óbvio sentido por todos.

Para preencher essa lacuna, lendas foram criadas: contaram-se histórias, algumas com o propósito secreto de desviar da verdade! Ciências ocultas, mágicos orientais, astrólogos "inspirados", o heremita sonâmbulo de Berchtesgaden, e a escolha da suástica como insígnia do partido nazista e originária da Índia, pareciam corroborar a idéia.

Maxime Mourin refuta essa última afirmação específica: 'Adolf Hitler havia sido aluno da escola de Lambach e cantava com os Meninos do coro na abadia do mesmo nome. Lá, ele descobriu a suástica, pois era o símbolo heráldico do padre Hagen, o administrador da abadia'.

As inspirações do Fuhrer também são facilmente explicáveis, sem necessidade do uso de filosofias exóticas ou misteriosas. Se é óbvio que esse "filho da Igreja Católica", conforme foi descrito por Franco era controlado por impulsos de líderes misteriosos, também já sabemos que esses não tinham nada a ver com a mágica oriental. Os infernos terrestres, que devoraram 25 milhões de vítimas, merecem outra explicação, facilmente reconhecível: a marca de povos que tiveram de ser treinados intensivamente, de acordo com as prescrições dos Exercícios Espirituais dos jesuítas.

Os Jesuítas e o Collegium Russicum

Dos vários motivos que fizeram o Vaticano decidir a começar a Primeira Guerra Mundial, ao incitar o imperador da Áustria, Francis Joseph, a "castigar os sérvios", o principal era aplicar um golpe fatal contra a Igreja Ortodoxa, essa ancestral e odiada rival. O Vaticano também visava à Rússia, protetora tradicional dos crentes ortodoxos nos Bálcãs e no Leste.

Pierre Dominique escreveu: "Para Roma, esse caso se tornou de suma importância; uma vitória da monarquia apostólica sobre o czarismo poderia ser vista como uma vitória de Roma sobre o cisma do Leste".

A Cúria Romana de forma alguma se preocupou se tal vitória só poderia ser conseguida através de um holocausto gigantesco. O risco, ou melhor, a certeza, foi aceito, pois as alianças fizeram a guerra inevitável. Influenciado pelo secretário de Estado, o jesuíta Merry dei Vai, Pio X não fazia segredo disso, e o encarregado de Negócios da Bavária escreveu ao seu governo, na véspera do conflito: "Ele, o papa, não acredita que os exércitos da França e da Rússia sejam vitoriosos em uma guerra contra a Alemanha".

Esse cálculo perverso provou ser falso. A Primeira Guerra Mundial» que devastou o Norte da França e deixou milhões de mortos, não atingiu as ambições de Roma; ao contrário, dividiu a Áustria-Hungria; e privou, portanto, o Vaticano de sua fortaleza mais importante na Europa e liberou os eslavos, que já faziam parte dessa monarquia dupla* do jugo apostólico de Viena. A Revolução Russa libertou do controle do Vaticano aqueles católicos romanos, a maior parte deles He origem polonesa, que viviam no antigo império czarista. A derrota foi total. A "patiens quia aeterna" da Igreja Romana, no entanto, perseguida com esforços renovados sua política de "Drang nach Osten", o impulso em direção ao Leste, que combinava tão bem com as ambições pan-germânicas.

O surgimento de ditadores e a Segunda Guerra Mundial, com o seu séquito de horrores, a "lavagem" de Wartheland, na Polônia, e a "catolização compulsória" da Croácia são exemplos especialmente atrozes desses horrores. Realmente não importava que 25 milhões tivessem morrido nos campos de concentração; 32 milhões de soldados assassinados nos campos de batalha e 29 milhões tivessem ficado feridos ou inválidos. Essas são as estatísticas oficiais da ONU, Organização das Nações Unidas e mostram a magnitude dessa carnificina!

Dessa vez, a Cúria Romana achou que seus objetivos foram atingidos, e pode-se ler na "Basler Nachrichten" de Basileia: 'A ação alemã na Rússia coloca a questão da evangelização daquele país, e o Vaticano está extremamente interessado nisso'. E isto, de um livro dedicado à glorificação de Pio XII: "O Vaticano e Berlim assinaram um pacto que permitia aos missionários católicos do Colégio Russicum ocuparem °s territórios, colocando os bálticos sob a nunciatura de Berlim". A "catolização" da Rússia estava para ser lançada, sob a proteção da Wehrmacht e da SS, à maneira de Pavelitch e seus comparsas na Croácia, mas numa escala muito maior. Essa seria uma verdadeira vitória de Roma! Que decepção, então, quando o movimento hílerista foi

interrompido diante de Moscou e quando von Paulus e Seu batalhão foram emboscados em Stalingrado! Era Natal de 1942, e podemos reler a mensagem, ou melhor, a "brilhante convocação" endereçada às "nações cristãs" pelo "Santo Papa": "Esse momento não é de lamentação, mas de ação. Que o entusiasmo das Cruzadas invada o cristianismo, e o apelo "Deus assim quer!" seja ouvido. Que estejamos prontos a servir e nos sacrificar, como os cruzados dos velhos tempos. Exortamos e imploramos que vocês estejam atentos à gravidade penosa da situação atual. Quanto aos voluntários que participam dessa Santa Cruzada dos tempos modernos, "levantem alto o estandarte e declarem guerra contra as trevas de um mundo afastado de Deus!"

Nesse dia de Natal, estávamos muito longe da "Pax Christi"! Esse discurso guerreiro não era a expressão da "estrita neutralidade" a qual o Vaticano se atribui nas questões internacionais. Esse discurso se torna ainda mais impróprio pelo fato da Rússia ser aliada da Inglaterra, Estados Unidos e França livre. A contestação veemente dos defensores de Pio XII diz que a guerra de Hitler não era uma verdadeira "cruzada", quando essa palavra é mencionada na mensagem do próprio "Santo Papa"!

Os "voluntários" que o papa招ocou para as armas eram da "Divisão Azul" ou recrutados pelo cardeal Baudrillart em Paris. 'A guerra de Hitler é uma iniciativa nobre na defesa da cultura européia", exclamou ele a 30 de julho de 1941.

Observamos, no entanto, que o Vaticano não está mais interessado na defesa dessa cultura agora que tenta instigar nações africanas a se revoltarem contra a França. Pio XII disse: 'A Igreja Católica não se identifica com a cultura Ocidental".(141 e 141a) As mentiras e grandes contradições são infinitas da parte daqueles que acusam satã de ser o "pai de todos os aliados".

A derrota da Rússia pelos Exércitos de Hitler, "esses nobres defensores da cultura européia", envolvia também os jesuítas da conversão. Ficamos imaginando o que "Santa" Teresa estaria fazendo diante de tamanho desastre! Pio XI a tinha proclamado "santa padroeira da infeliz Rússia" e o cônego Coube a representou de pé, "sorrindo", mas tão terrível quanto um Exército pronto para a batalha contra o gigante bolchevique.

Será que a santa de Lisieux, usada para todos os tipos de obras da igreja, tinha sucumbido diante da tarefa nova e gigantesca a ela atribuída pelo "Santo Papa"? Não seria de surpreender. Além da "santinha", ainda havia a "Rainha dos Céus" que, em 1917, já tinha assumido, sob certas condições, trazer de volta a Rússia do cisma ao rebanho da Igreja Romana.

Vejamos o que o La Croix disse sobre o assunto: "Lembramos nossos leitores que a própria Nossa Senhora de Fátima havia prometido a conversão dos russos, se os cristãos praticassem com sinceridade e devoção todos os mandamentos da lei do evangelho".

De acordo com os padres jesuítas, que eram grandes especialistas em milagres, o Mediador Celeste teria recomendado como especialmente eficaz o uso diário do rosário. Essa promessa da Virgem teria sido selada por ela com uma "dança do Sol", uma maravilha que teria ocorrido novamente em 1951, nos jardins do Vaticano, para o benefício exclusivo de "Sua Santidade" Pio XII. Os russos, no entanto, invadiram Berlim, apesar da cruzada convocada pelo papa e, até hoje, os compatriotas de Khrushev não demonstraram nenhuma vontade, que seja do nosso conhecimento, de surgirem diante das "portas de São Pedro" em trajes de penitentes, com um cabresto em volta do pescoço. O que aconteceu de errado? Os cristãos não teriam contado bem as contas do rosário? Algumas das rezas não foram feitas corretamente?

Seríamos tentados a acreditar que essa seria a causa, se não houvesse aquele detalhe meio escabroso da "maravilhosa" história de Fátima. A promessa de conversão da Rússia, feita à clarividente Lúcia em 1917, foi por ela "revelada" apenas em 1941, quando havia se tornado freira, e tornada pública em outubro de 1942 pelo cardeal Áhr, um partidário entusiasta do eixo Roma-Berlim. Foi tornada pública por solicitação (melhor seria dizer "ordem") de Pio XII mesmo

Pio XII que, três meses depois, fez a já mencionada convocação para uma Cruzada. É extremamente "esclarecedor": Um dos apologistas de Fátima admite que, por causa disso, o caso "evidentemente perde algo do seu valor profético". É o mínimo que se pode dizer sobre o assunto.

Um certo cônego, grande especialista na questão do "milagre português", conta-nos em confidencial: "Devo confessar que, com grande relutância, acrecentei às minhas primeiras edições o texto revelado ao público por Sua Eminência Cardeal Schuster".

Com certeza podemos entender os sentimentos do bom cônego: A "Santa Virgem" teria contado à pastorinha Lúcia, em 1917: "Se meus pedidos forem atendidos, a Rússia será convertida", enquanto a encarregava de manter esse "segredo" só para ela. Então como é que os cristãos chegaram a ficar sabendo sobre esses "pedidos"? "Credibile quia ineptum".

Parece que de 1917 a 1942 a "infeliz Rússia" não precisava ter nenhuma reza feita em seu nome, e que essas rezas seriam extremamente necessárias somente após a derrota nazista em Moscou e quando von Paulus caiu na emboscada de Stalingrado. Pelo menos, é a única conclusão que essa última revelação permite. O sobrenatural, como já dissemos, é uma coisa poderosa, mas deve ser manipulado com um certo cuidado.

Após Montoire, o prior dos jesuítas, Halke von Ledochowski já falava soberbamente sobre a reunião geral que a Companhia teria em Roma após a Inglaterra ter capitulado, e cuja importância e brilho não encontrariam paralelo em toda a sua história. Mas os céus haviam decidido o contrário, apesar de "Santa" Teresa e da "Senhora" de Fátima. A Grã-Bretanha recuperou forças contra o inimigo; os Estados Unidos entraram na guerra; apesar do padre jesuítas Coughlin ter trabalhado tanto contra, os aliados desembarcaram no Norte da África e a campanha russa foi um desastre para os nazistas. Para Ledochowski, era o colapso de seu grande sonho. Wehrmacht, a SS, os "limpadores" e os jesuítas da conversão estavam capitulando juntos. A saúde do prior não suportou o desastre e ele morreu. Vejamos, entretanto, no que o "Russicum" se tornou quando foi incorporado por Pio XI e von Ledochowski em 1929 à já rica e variada organização romana.

"Com a constituição apostólica Quam Curam, Pio XI criou esse seminário russo em Roma, onde jovens apóstolos de todas as nacionalidades seriam treinados, "na condição de que adotassem, acima de qualquer outra coisa, o rito bizantino-eslavo, e que suas mentes fossem inteiramente dedicadas à tarefa de trazer a Rússia de volta ao rebanho de Cristo".

Esse é o objetivo do Colégio Pontifício Russo, aliás "Russicum", o Instituto Pontifício Oriental e o Colégio Romano - esses três centros também administrados pela Companhia de Jesus.

No "Colégio Romano" - 45, Piazza dei Gesu - encontramos os noviços jesuítas e, entre eles, alguns levam a alcunha de "russipetes", pois são destinados a "petere Russiam", ou seja, ir para a Rússia. Os crentes ortodoxos deveriam tomar cuidado, pois esses (muitos) campeões valorosos estão determinados a destruí-los. Temos que admitir, no entanto, que o acima mencionado Homme Nouveau afirma: "Todos esses sacerdotes estão certamente destinados a se dirigirem à Rússia, mas este projeto não pode ser levado adiante por enquanto". De acordo com essa publicação, a imprensa soviética chama estes apóstolos de "pára-quedistas do Vaticano".

E, a partir do testemunho de alguém bem informado sobre o assunto, chegamos à conclusão que esse nome é muito adequado. A pessoa em questão é ninguém menos do que o jesuítas Alighiero Tondi, Professor da Universidade Pontifício Gregoriana, que repudiou a Ignácio de Loyola e aos Exercícios Espirituais (não sem antes gerar uma grande controvérsia), e finalmente se afastou da famosa Companhia, bem como de suas pompas e façanhas. Podemos ler o seguinte, dentre outras declarações, em uma entrevista dada por ele a um jornal italiano: 'As atividades do Collegium Russicum e outras organizações ligadas a ele são muitas e variadas. Por exemplo, juntamente com os fascistas italianos e o que restou do nazismo alemão os jesuítas

organizaram e coordenaram vários grupos anti-russos, sob a autoridade eclesiástica. A finalidade última é de estarem prontos eventualmente, a derrubar os governos do Leste. Os recursos são fornecidos por organizações eclesiásticas de renome. Essa é uma obra à qual os próprios líderes do clero se dedicam. Esses últimos estariam prontos a rasgar as suas vestes, sem piedade, e serem acusados de se misturarem em política e incitarem os bispos e sacerdotes do Leste a conspirarem contra os seus governos. Ao falar com o jesuíta Andrei Oroussof, disse que tinha sido infeliz ao afirmar, no *Osservatore Romano*, a voz oficial do Vaticano, e em outras publicações eclesiásticas, que os espiões desmascarados eram "mártires da fé", Oroussof caiu na gargalhada. "O que é que você escreveria, padre?", ele me perguntou. Você os chamaria de espiões ou algo pior? Hoje a política do Vaticano precisa de mártires, mas atualmente é difícil de se encontrar mártires. Então, eles têm que ser fabricados."

— Mas isso é um jogo desonesto! Ele balançou a cabeça ironicamente.

— Você é inteligente, padre. Pelo trabalho que faz, deveria saber melhor do que ninguém que os dirigentes da Igreja sempre foram inspirados pelas mesmas regras.

— E Jesus Cristo? perguntei.

Ele riu: Não devemos pensar em Jesus Cristo, ele disse. "Se pensássemos n'Ele, acabaríamos na cruz. E hoje, chegou o momento de colocarmos outros na cruz, para que não sejamos nós mesmos a ficarmos pregados nela".

Assim, como disse tão bem o jesuíta Oroussof, a política do Vaticano precisa de mártires, voluntários ou não. "Criou" milhões deles durante as duas guerras.

O Papa João XXIII Tira a Máscara

De todas as ficções geralmente aceitas nesse mundo, o espírito de paz e harmonia atribuído à Santa Sé é provavelmente o mais difícil de extirpar, pois esse espírito parece inerente à natureza do próprio magistério apostólico. Apesar das lições da História, não completamente conhecidas ou muito rapidamente esquecidas, aquele que é chamado de "vigário de Cristo" deve, necessariamente, encarnar para muitos o ideal de amor e fraternidade ensinado pelo Evangelho. E a lógica, tanto quanto o sentimento, não quer que seja dessa forma?

Os fatos, na realidade, nos fazem perceber que essa opinião favorável deve ser revista e diminuída - e acreditamos que tenha sido suficientemente demonstrada. A Igreja, no entanto, é prudente - como sempre nos dizem - e é raro que suas ações não sejam envolvidas pelas precauções indispensáveis que tomem conta das aparências. "Bonne renommee vaut mieux que ceinture doree" (A boa reputação vale mais do que um cinto dourado), diz o provérbio francês. Mas é ainda melhor possuir ambos.

O Vaticano - incrivelmente rico - se guia por essa máxima. Sua luxúria política pela dominação sempre assume pretextos "espirituais" e humanitários, proclamada "urbi et orbi" por uma propaganda intensa fornecida por um cinto dourado-prateado, e a "boa reputação", preservada dessa maneira, permite a entrada de ouro ao dito cinto.

O Vaticano não se desvia dessa linha de conduta e, quando o seu "status" em negócios internacionais fica revelado de forma clara através das atitudes de sua hierarquia; a lenda de sua imparcialidade absoluta é mantida viva por aquelas encíclicas solenes e ambíguas e outros documentos papais. Recentemente a era hitlerista multiplicou esses exemplos. Poderia, entretanto, ser de outra forma, em uma autoridade que se supõe como transcendente e universal ao mesmo tempo? Poucas foram as vezes em que a máscara caiu. Para que o mundo seja testemunha desse espetáculo, é necessária uma contingência que diante dos olhos da Igreja seja

perigosa aos seus interesses vitais. Somente assim, ela deixa de lado a ambigüidade e se põe abertamente de um dos lados.

Isso foi o que aconteceu em 7 de janeiro de 1960, em Roma, com relação à conferência de cúpula que viria a reunir os dirigentes dos governos do Ocidente e do Leste, numa tentativa de determinar as condições de co-existência realmente pacífica entre os defensores das duas ideologias contrárias. É claro que a posição do Vaticano diante de tal projeto não parecia deixar qualquer dúvida. Nos Estados Unidos, o cardeal Spellman demonstrou-a claramente ao levar os católicos a exibirem sua hostilidade a Khrushchev quanto este foi convidado pelo presidente norte-americano.

Por sua vez, e sem expressá-lo claramente, "Sua Santidade" João XXIII havia demonstrado pouco entusiasmo pela "detente" na sua mensagem de Natal. A "esperança" que demonstrava de ver a paz reinstalada no mundo, um desejo que deveria ser uma obrigação nesse tipo de documento, parecia muito frágil, pois era acompanhada por muitos pedidos aos líderes ocidentais de serem prudentes.

Até então, o Vaticano vestia a boa máscara. O que aconteceu, então, em menos de duas semanas? Vendo que a primeira mensagem falhou, será que uma outra "esperança" tão desejada provava ser inútil? Será que a decisão de Gronchi, presidente da República Italiana, de ir a Moscou, entornou o copo de amargura romana?

Independente do que tenha acontecido, o furacão desabou a 7 de janeiro - e os ataques eclesiásticos irromperam, com fúria, sobre os chefes-de-Estado "cristãos", acusados de colocarem um fim à guerra fria. A 8 de janeiro, o *Le Monde* publicou: "No dia em que o presidente da República Italiana estava partindo para uma visita oficial extremamente agendada com os líderes de Moscou, o cardeal Ottaviani, sucessor do cardeal Pizzardo como secretário da Congregação do Santo Ofício ou chefe do Supremo Tribunal da Igreja, fez um discurso absolutamente incrível na basílica de "Sainte-Marie -jylajeure", durante um culto matutino pela "Igreja do Silêncio". Nunca antes havia um príncipe da Igreja, detentor de um dos cargos mais importantes dentro do Vaticano, atacado as autoridades soviéticas com tanto furor, nem reprimido tão severamente as autoridades ocidentais que trabalhavam com eles."

O *Le Monde* forneceu fragmentos substanciais daquele discurso violento que justificou plenamente o adjetivo de "absolutamente incrível" que havia sido usado. "A época de Tamerlanes voltou", afirmava o cardeal Ottaviani, e os líderes russos foram descritos como sendo "novos anticristos que condenam à deportação, prisão, massacre e não deixam nada atrás de si, além de uma terra destruída."

O orador estava chocado com o fato de ninguém mais "ter medo de apertar a mão dele", e que, "ao contrário, disputavam uma corrida para ver quem seria o primeiro a fazê-lo e ainda trocar amabilidades". Então ele recordou a seus ouvintes que Pio XII se afastou e foi a Castelgandolfo quando Hitler chegou a Roma, esquecendo-se, no entanto, de acrescentar que esse mesmo pontífice havia concluído com o mesmo Hitler um pacto extremamente vantajoso para a Igreja.

As viagens espaciais tampouco foram poupadadas nessa violenta denúncia: "O novo homem crê que pode violar os céus com façanhas no espaço e assim demonstrar, mais uma vez, que Deus não existe. Os políticos e chefes-de-Estado ocidentais que, de acordo com o cardeal, "ficaram estúpidos com o terror", foram amaldiçoados, pois eram todos "cristãos que não mais reagem ou protestam com violência". "Podemos nos dar por satisfeitos com qualquer tipo de "detente" quando não puder haver nenhum tipo de tranquilidade na humanidade, se não observamos um respeito elementar pela consciência, pela nossa fé, pela face de Cristo, coberta de saliva, coroada com os espinhos? Podemos esticar a mão àqueles que fazem isso?"

Essas palavras dramáticas não nos deixam esquecer que o Vaticano não pode nem falar de "respeito de consciências", pois a Igreja opõe sem piedade as consciências nos países em que

domina, a exemplo da Espanha de Franco, onde os protestantes eram perseguidos. É realmente despidorado da parte do secretário do Santo Ofício, em especial, o pedido de que os outros observem esse "respeito elementar" quando toda a Igreja Romana o rejeita inteiramente. A encíclica Quanta Cura e o Sílabo são explícitos: 'Anátema (excomunhão) para aquele que diz: todo homem é livre para abraçar ou professar a religião que seu discernimento considere ser correta" (Sílabo, artigo XV). "É loucura pensar que a liberdade de consciência e culto seja direito simples de todos os homens" (Encíclica Quanta Cura).

A julgar pela forma como trata dos "hereges", não é de assustar que o Vaticano condene sistematicamente todas as tentativas de se chegar a bom termo entre os países "cristãos" e aqueles que são oficialmente ateístas. "Non est pax impilis" ("Nada de paz para os perversos"). E o padre jesuítas Cavelli, à semelhança de muitos outros antes dele, proclama que essa "intransigência" é a "lei mais imperativa" da Igreja Romana.

Em contrapartida a essa explosão de fúria da parte do cardeal, citaremos outro artigo que apareceu no mesmo número do Le Monde, a 9 de janeiro de 1960: 'A humanidade está chegando a um ponto em que a aniquilação mútua é uma possibilidade. No mundo de hoje, nenhum outro fato pode ser comparado em importância a este. Devemos, portanto, lutar intensamente por uma paz justa". Assim disse o presidente Eisenhower, diante do Congresso dos Estados Unidos, no mesmo momento em que o cardeal Ottaviani, em Roma, condenava a co-existência como sendo uma participação no crime de Caim.

O contraste entre as duas formas de pensamento não poderia ser mais chocante: o humano e o teocrático. Nada mais óbvio do que o perigo que paira sobre o mundo por causa do núcleo de fanatismo cego ao qual chamamos de Vaticano. Seu egoísmo "sagrado" é tamanho que chega a não importar a necessidade urgente de um acordo internacional, de forma a evitar uma ameaça de extermínio total da humanidade. O secretário do Santo Ofício, esse tribunal supremo cujo passado é bem conhecido, não leva em consideração tais contingências "negligenciáveis". Os russos vão à missa? Esse é o ponto importante e, se o presidente Eisenhower não comprehende, é porque "parece ter ficado estúpido com o terror", para usar os termos do "Porporato" passional.

O frenesi delirante do discurso do cardeal Ottaviani nos faz rir e nos sentimos chocados ao mesmo tempo. Muitos acham que essa chama vai ter dificuldades em persuadir os "cristãos" a aceitarem a bomba atômica em paz. Mas temos que estar em guarda! Por detrás do porta-voz da Santa Sé há uma organização pontifical e, em especial, essa armada secreta dos jesuítas não é composta de soldados comuns. Todos os membros daquela famosa Companhia trabalham dentro dos corredores do poder; sua ação, sem fazer muito barulho, pode ser eficaz de maneira excepcional, ou seja, maligna.

Surgiram boatos de que a postura violenta do cardeal Ottaviani não era o reflexo exato do pensamento da Santa Sé, mas simplesmente a opinião de um integrante do "clã integralista". A imprensa católica, na França pelo menos, tentou atenuar a importância daquele discurso violento, e o La Croix, em particular, só imprimiu um curto extrato no qual era omitida toda a violência.

Esse oportunismo foi muito esperto, mas não poderia enganar ninguém. É simplesmente impossível que uma crítica tão feroz e de importância política excepcional possa ter sido proferida do púlpito de "SainteMarie-Majeure", pelo secretário do Santo Ofício, sem a aprovação do chefe da Congregação, do seu dirigente, o próprio Soberano Pontífice e, tanto quanto sabemos, ele nunca desmentiu o seu eloquente subordinado. O papa João XXIII não poderia jogar aquela "bomba" ele mesmo mas, ao fazer um de seus mais altos dignatários na Cúria tomar o seu lugar, quis deixar claro a todos a sua convivência .

Por uma estranha "coincidência", uma "explosão" mais modesta aconteceu ao mesmo tempo, na forma de um artigo no Osservatore Romano, condenando novamente o socialismo, mesmo o não-marxista, como sendo "oposto à verdade cristã". Aqueles que praticam esse erro político, no

entanto, não são excomungados "ipso facto" como são os comunistas, tendo eles ainda a esperança de escaparem do inferno, mas a ameaça do purgatório continua!

Ao mostrar sua oposição veemente a qualquer tentativa de reunir o Ocidente e o Oriente, estaria o Vaticano esperando por resultados positivos? Esperaria intimidar os chefes-de-Estado que buscam essa política de paz, ou queria apenas provocar pelo menos um sentimento contrário à "detente" entre os fiéis? Por mais insensata que essa esperança possa parecer, ela realmente pode ter invadido as mentes desses sacerdotes. Seu ponto de vista peculiar fatalmente leva a produzir tais ilusões. Além do mais, esses homens "tranquilizadores" não poderiam ter esquecido uma certa ilusão usada por tanto tempo para enganar aqueles que neles confiaram - e na qual também pareciam acreditar. Referimo-nos à "conversão da Rússia", aparentemente anunciada em Fátima por "Nossa Senhora" em pessoa, em 1917, a Lúcia, a pastorinha, a qual posteriormente fez o voto sagrado e testificou sobre isso algum tempo depois, em 1942, nas "Memórias" que escreveu a pedido de sua madre superiora.

Essa "história da carochinha" faz rir, mas em nada muda o fato de que o Vaticano, sob o pontificado de Pio XII, a propagou por todo o mundo, com muitos discursos, sermões, declarações solenes, uma torrente de panfletos e livros, além de peregrinações da estátua dessa nova e política "Nossa Senhora" a todos os continentes - onde até mesmo os animais, segundo dizem, vinham pagar tributos. Essa propaganda barulhenta ainda pode ser lembrada por fiéis mais velhos, tanto quanto as afirmações enlouquecidas como essa, publicada em 1 de novembro de 1952, pelo *La Croix*: "Fátima se tornou uma andarilha das estradas. O destino das nações pode ser melhor decidido por ela do que em volta das mesas."

Seus tarifários não podem encontrar mais refúgio na ambigüidade. A alternativa é perfeitamente visível: "detente ou guerra fria". O Vaticano escolhe a guerra e não esconde esse fato. Essa escolha não deveria surpreender ninguém - se a experiência anterior, mesmo recente, foi uma lição para nós. Se ela surpreender alguns, cremos que seja por causa da sua proclamação sem cerimônias ou sem a "camuflagem habitual."

Começamos a entender a violência quando consideramos a importância da aposta do Pontífice Romano. Estaríamos a julgar mal o Vaticano pensando que eles seriam capazes de renunciar a uma expectativa tão antiga quanto o cisma do Leste - a de trazer de volta os crentes ortodoxos sob sua obediência, através de um êxito militar. O surgimento de Hitler se deve a essa esperança obstinada - mas a derrota final de sua Cruzada ainda não abriu os olhos da Cúria Romana à loucura de tal ambição. Ainda há outro desejo mais opressivo: a libertação da Polônia, Hungria e Tchecoslováquia, esta famosa "Igreja do Silêncio", que só se transformou nisso pela inesperada mudança de rumos, na perspectiva da Santa Sé, durante a cruzada nazista. "Qui trop embrasse mal etreint" ("Quem tudo quer, tudo perde"), diz um provérbio sábio que nunca inspirou os fanáticos.

A fim de resumir sua marcha para o Leste, "Drang nach Osten", e reaver primeiramente as fortalezas perdidas, o Vaticano ainda confia no "braço secular" alemão, seu principal campeão europeu, que necessita de nova força e vigor. Na direção da Alemanha Federal - a secção Ocidental do Grande Reich - colocou um homem confiável, o chanceler Konrad Adenauer, o camareiro secreto do papa.

A política por ele adotada por mais de 15 anos mostrava claramente a marca da Santa Sé. Exibindo à primeira vista um grande cuidado e uma postura liberal oportuna, o homem que seus compatriotas costumavam chamar de "der alte Fuchs" (a velha raposa) trabalhou pelo rearmamento do país, e da juventude alemã em Particular, que era um imperativo suplementar ao primeiro. É por isso que os postos importantes nos ministérios e na administração H Alemanha Ocidental foram ocupados por muitos indivíduos com passado reconhecidamente hitlerista - a lista é longa - e industriais a exemplo de von Krupp e Flick, que não fazia muito tempo tinham sido acusados de criminosos de guerra, passaram a dirigir novamente os seus negócios

gigantescos que foram a eles restituídos. "O fim justifica os meios". Forjar a nova espada de Siegfried, a arma necessária para a vingança - uma vingança que seria dividida com o Vaticano.

Com um sincronismo perfeito e durante uma entrevista dada em um periódico holandês, o camareiro secreto repetiu o discurso fulminante que o cardeal Ottaviani tinha acabado de expressar: "A co-existência pacífica das nações cujas visões são totalmente opostas é apenas uma ilusão que, infelizmente, ainda encontra partidários demais". O "sermão" incendiário feito em 7 de janeiro em "Sainte-Marie-Majeure" precedeu por alguns dias - como por coincidência - a visita de Konrad Adenauer a Roma. As reportagens que a imprensa fez foram unâmes em destacar a atmosfera amigável e simpática que prevaleceu durante a audiência particular que Sua Santidade João XXIII deu ao chanceler alemão e seu ministro de Assuntos Estrangeiros, von Brentano. Podíamos até ler no *L'Aurore*: "Essa reunião provocou uma declaração quase inesperada do chanceler, ao responder ao discurso papal que louvava a coragem e fé do dirigente do governo alemão: Creio que Deus concedeu ao povo alemão um papel especial a desempenhar nesses tempos conturbados: ser o protetor do Ocidente contra as influências poderosas do Leste".

Combat observou com precisão: "Já havíamos lido isso antes, mas de forma mais condensada: "Gott mit uns" - "Deus conosco", na legenda do cinturão do uniforme dos soldados alemães na guerra 1914-1918". O mesmo jornal acrescentou: 'A evocação do trabalho do doutor Adenauer atribuída à nação alemã encontrou sua inspiração em uma declaração semelhante do pontífice anterior. Somos, portanto, autorizados a presumir que se o doutor Adenauer pronunciou essa frase nas circunstâncias atuais, é porque pensa que seus ouvintes estavam prontos para ouvi-lo".

"Teríamos que ser ingênuos e ignorantes em diplomacia elementar para pensarmos que essa declaração "inesperada" não fazia parte do Programa. Apostamos também que não lança nenhuma sombra na "conversa prolongada que Adenauer teve com o cardeal Tardini, secretário de Estado da Santa Sé, que ele recebeu para um almoço oficial na Embaixada Alemã".

A interferência espetacular do Santo Ofício em política internacional, através do cardeal Ottaviani, chocou até mesmo os católicos que estavam acostumados há muito tempo às invasões da Igreja Romana nos negócios de Estado. Roma tinha consciência disso, mas a perpetuação da guerra fria era tão vital e importante ao poder político do Vaticano, e até mesmo sua prosperidade financeira, que não hesitou em se pronunciar com tais visões políticas, apesar da primeira declaração ter sido mal recebida.

A viagem de Kruschev à França, em março de 1960, deu-lhe outra oportunidade. Dijon foi uma das localidades incluídas na visita do líder soviético. À semelhança de todos os seus colegas na mesma situação, o prefeito de Dijon deveria receber com cortesia o convidado da República Francesa. A cidade de Burgandy tinha um sacerdote como prefeito, o cônego Kir. De acordo com a lei canônica, a Santa Sé havia autorizado expressamente o padre a aceitar o seu mandato duplo - com todas as funções e tarefas superpostas. Seu bispo, no entanto, proibiu o prefeito-cônego de receber Kruschev. Nessa ocasião, as funções de prefeito cederam espaço à batina. O visitante foi recebido por uma assistente que substituía o prefeito ausente.

A forma tranquila com que a "hierarquia" engoliu a autoridade civil naquela ocasião levantou comentários ácidos. Em 30 de março, *O Le Monde* escreveu: "Quem está realmente exercendo autoridade sobre a prefeitura de Dijon: o bispo ou o prefeito? E acima desses dirigentes: o papa ou o governo francês? Esta é a pergunta que todos se fazem. A resposta não deixa dúvidas: primeiro a teocracia. A partir de agora, ao serem recebidos por uma batina vestida ri» prefeito, os convidados da República Francesa terão de receber bilhetes para a confissão?"

No artigo acima mencionado, o editor do *Le Monde* também diz com muita correção: 'Além dessa questão interna francesa, o caso Kir traz à discussão um problema ainda maior. A ação do

Vaticano não se refere apenas às relações entre um prefeito e seu governo. Como aconteceu, constitui uma intervenção direta e espetacular na diplomacia internacional. As reações que esse caso provocou mostram que essa conclusão foi de quase toda a opinião pública mundial. Nos Estados Unidos, em particular, o público, que já havia presenciado as demonstrações hostis organizadas pelos cardeais Spellman e Cushing durante a visita de Kruschev, começou a questionar a verdadeira independência que um presidente católico romano poderia preservar com relação à Santa Sé. Muitos temiam, nesse caso, ver a política internacional do país jogada de acordo com os interesses da Igreja Romana - em detrimento dos interesses nacionais, o que não deixa de ser um perigo em todas as circunstâncias, mas em especial nesse caso".

A resistência contra uma "detente" Ocidente/Oriente foi então organizada de forma aberta, após a "bomba" atirada pelo cardeal Ottaviani. Um instrumento ridículo, alguns podem dizer, comparado com aquelas bombas que ameaçam enterrar nas ruínas (mais cedo ou mais tarde) às nações enlouquecidas que chegaram a um impasse nesse antagonismo terrível. Os jesuítas fizeram o melhor para afastar a pior "calamidade" que poderia cair sobre a Santa Sé: um acordo internacional que excluísse o recurso da guerra. O que seria do prestígio do Vaticano, sua importância política, e todas as vantagens peculiares e outras que procederiam disso, por causa de um acordo desses? Não poderiam mais fazer tramóias, usar sua influência, estender sua cooperação aos governos, favorecer alguns e destruir outros, se opor às nações, criar conflitos para seus benefícios próprios. E se, para servir suas ambições infinitas, não pudesse mais recrutar soldados? Ninguém pode ser enganado - e os jesuítas muitos menos do que niriguém - um desarmamento geral destruiria a Igreja Romana como potência mundial. O dirigente "espiritual" ficaria cambaleante. Devemos, portanto, esperar ver os filhos de Loyola se opondo com todo o seu arsenal de truques aos desejos de paz das nações e dos governos. A fim de arruinar o edifício cujas fundações estão tentando instalar, eles não medirão esforços. É uma guerra sem dó, uma "guerra santa", lançada pelo discurso louco do cardeal Ottaviani. A Companhia de Jesus travará a batalha com a obstinação cega de um inseto - "ad majorem papae gloriam" - sem qualquer ansiedade quanto às catástrofes que podem resultar daí. O mundo deve perecer para a supremacia do Pontífice Romano, se necessário!

(*) NOTA DO EDITOR:

Edmond Paris estava em desvantagem por não saber que a " Prostituta do Apocalipse" já está entre nós. Os jesuítas avaliaram a Terceira Guerra Mundial e decidiram que os Estados Unidos perderiam, e o Vaticano sempre fica do lado dos vencedores. Assim, desde então, estavam apoiando com entusiasmo Moscou e até adquiriram um papa da Polônia comunista. Moscou serviria ao Vaticano como base para conquistar as nações onde o catolicismo romano seria a única religião tolerada. A Rússia seria forçada a atacar Israel, cumprindo-se assim as profecias da Bíblia, em Ezequiel 38 e 39. Hoje a guerra fria acabou - pelo menos assim parece ser; a Rússia está sob controle, por enquanto, e os jesuítas preparam seus próximos movimentos no sentido de manterem vivos os seus objetivos.

Conclusão

Recapitulamos nesse livro as principais manifestações da atividade multiforme desenvolvida pela Companhia de Jesus, durante quatro séculos. Estabelecemos também que o caráter militante, e até militar, dessa famosa instituição ultramontana justifica plenamente o título freqüentemente atribuído a ela de "exército secreto do papado". Na frente de batalha, "para a glória de Deus" e especialmente da Santa Sé, os soldados eclesiásticos dessa Ordem se entregam e são também orgulhosos dela.

Ao mesmo tempo, se esforçam através de livros e da imprensa devota que supervisionam, a despistarem tanto quanto possível sobre as empreitadas "apostólicas" da ação que exercem em seu campo favorito: na política das nações. A camuflagem inteligente, os protestos de inocência, a revolta contra as "tramas obscuras" atribuídas a eles pela imaginação atribulada dos inimigos, lido isso vem carregado da hostilidade unânime da opinião pública em relação a eles, sempre e em todos os lugares, e a inevitável reação contra suas intrigas que os levou à expulsão de todos os países, inclusive os mais fortemente católicos. Essas 56 expulsões, para citar apenas as principais, fornecem um argumento infalível. Seria o suficiente para provar sua natureza maligna. Como não poderia ser prejudicial às sociedades civis esse instrumento de imposição das leis "espirituais" nos governos temporais? E essa lei - por natureza - não teria a menor consideração pelos vários interesses nacionais?

A Santa Sé, essencialmente oportunista, não adota esses interesses nacionais quando coincidem ser os seus próprios. Mas, se a Santa Sé puder dar uma ajuda significativa nesses projetos, o resultado final será benéfico para ambos. Isto também pode ser visto em 1918 e 1945.

Terrível contra os inimigos ou quem se oponha a ele, o Vaticano, essa organização anfíbia clérical-política, é ainda mais mortal com os amigos. Sobre tal assunto, T. Jung escreveu, em 1874, as seguintes linhas que não foram ultrapassadas ainda: "O poder da França é inversamente proporcional à intensidade de sua obediência à Cúria Romana".

Uma testemunha recente, Joseph Hours, ao estudar os efeitos da muito relativa "desobediência" francesa, diz: "Não há dúvidas sobre isso; por todo o continente e talvez por todo o mundo, onde o catolicismo é tentado a se tornar político, é também tentado a se tornar antifrancês".

Uma observação contundente, apesar do termo "tentado" ser muito fraco. Concluímos que "obedecido" seria mais apropriado. "Não é fácil se expor a essa hostilidade", eis a conclusão que chegou o coronel Beck, ex-ministro dos Negócios Estrangeiros da muito católica Polônia(2a): "O Vaticano é um dos principais responsáveis pela tragédia do meu país. Percebi tarde demais que tínhamos obedecido na nossa política externa aos interesses unicamente da Igreja Católica."

O destino do império muito católico dos Hapsburg não foi realmente dos melhores. Quanto à Alemanha, tão amada pelos papas, e especialmente por Pio XII, não deve ter ficado muito satisfeita com o preço dos favores caríssimos prestados por Sua Santidade no passado.

Imaginamos se a Igreja Romana colheu algum fruto dessa louca aspiração de dominar o mundo, uma pretensão mantida viva pelos jesuítas mais do que ninguém. Durante quatro séculos, nos quais as fogueiras espalharam morte e ódio, massacres e ruínas na Europa, na Guerra dos Trinta Anos até a Cruzada de Hitler, a Igreja ganhou ou perdeu? A resposta é fácil: o resultado mais claro e incontestável é a diminuição constante da "herança de São Pedro", um final muito triste para tantos crimes!

Teria a influência dos jesuítas trazido resultados melhores ao Vaticano? Dúvidas... Um autor católico escreveu: "Eles sempre querem concentrar o poder eclesiástico que controlam. A infalibilidade do papa exaspera os bispos e os governos; no entanto, a exigem no Concílio de Trento e a obtém no Concílio do Vaticano (1870). O prestígio da Companhia fascina, dentro da Igreja, tanto os adversários quanto os seus amigos. Temos respeito ou, pelo menos, medo dela. pensamos que ela pode tudo, e agimos de acordo com isso".

Outro escritor católico afirmou categoricamente os efeitos dessa concentração de poder nas mãos do pontífice: "A Companhia de Jesus tinha suspeitas sobre a vida, a fonte da heresia, e se opôs a ela com autoridade. O Concílio de Trento parece já ser o testamento do catolicismo. É o último concílio genuíno. 'Após esse, só haverá mais o Concílio do Vaticano, que consagra a abdicação dos concílios. Estamos bem a par dos ganhos do papa com o fim dos concílios. Que simplificação! E que empobrecimento também! A Cristandade Romana assume seu caráter de

monarquia absoluta, fundada agora e para sempre na infalibilidade papal. O retrato é bonito, mas a vida cobra o seu preço. Tudo vem de Roma e Roma é deixada sozinha para se apoiar apenas em Roma".

Mais adiante, o autor resume o que se deve creditar à Companhia: "Talvez tenha adiado a morte da Igreja, mas por um tipo de pacto com a morte???" Um tipo de esclerose, ou melhor, necrose, se desenvolve e corrompe a Igreja, sob o comando de Loyola. Os vigilantes do dogma, cujo caráter antiquado acabam por reforçar com seu culto aberrante à Virgem Maria: esses são os jesuítas - mestres da Universidade Pontifical Gregoriana fundada por Ignácio de Loyola - que checam o ensino nos seminários; supervisionam as missões; controlam o Santo Ofício; animam a Ação Católica; censuram e dirigem a imprensa religiosa em todos os países; padronizam com "amor" os grandes centros de peregrinação: Lourdes, Lisieux, Fátima, etc.

Resumindo, estão por todos os lados, e podemos ver como é significativo o fato do papa, ao ministrar a missa, estar necessariamente sempre assistido por um jesuíta. Seu confessor também é sempre jesuíta. Ao manter a concentração do poder nas mãos do Soberano Pontífice, a Companhia está trabalhando para o papa e para si mesma,

beneficiária aparente desse trabalho, que pode repetir essas famosas palavras: "Sou o líder deles; obedeço, portanto, suas ordens".

Assim, é cada vez mais difícil distinguir a ação da Santa Sé e da Companhia. Essa Ordem, no entanto, o verdadeiro pilar da Igreja, tende a dominá-la absolutamente. Já faz muito tempo que os bispos não passam de "funcionários públicos", executores dóceis das ordens vindas de Roma, ou melhor, do "Gésü".

Sem dúvida, os discípulos de Loyola se esforçam para ocultar dos olhos dos fiéis a severidade de um sistema cada vez mais totalitário. A imprensa católica, sob seu controle direto, assume alguns tons ideológicos diferentes para dar a impressão de um certo tipo de independência a seus leitores, de que é aberta a novas idéias: os padres, que são todas as coisas para os homens, praticam com empenho esses truques de circo que só enganam os bobos. Por detrás dessa pequena "diversão", entretanto, os eternos jesuítas estão vigilantes, como diria um autor já mencionado: 'A intransigência é inerente a eles'. Capazes de fazer truques de mágica, por causa de suas habilidades, sua característica por excelência é a intransigência"

Encontramos excelentes exemplos dessa teimosia e do viés insidioso no trabalho paciente dos membros da Companhia para conciliar, por bem ou por mal, o espírito científico e "moderno" com a doutrina, de forma a que o primeiro se curve perante essa, e especialmente com essas formas completamente idolatrás de devoção - o culto de Maria e os milagres - dos quais são ainda os mais dedicados propa-gandistas.

Dizer que esses esforços são coroados de êxito seria um exagero: misturar fogo e água só faz fumaça. Mas até mesmo a inconsistência dessas nuvens chega a agradar algumas mentes sutis, apesar de conscientes dos perigos que os pensamentos muito precisos trazem à fé sincera. "Vade retro, satanás!"

A metafísica alemã é muito valiosa; podemos encontrar tudo o que precisamos, e até mesmo o contrário. Não há superstição infantil

que, após um tratamento, não adquira alguma aparência de seriedade e mesmo profundidade. É engracado acompanhar nas publicações dos vários grupos culturais esses jogos intelectuais. O pesquisador pode achar o material que precisa, em especial aquele estudosos que, por uma tendência aberrante, goste de ler nas entrelinhas.

Esses homens cheios de amargura não vivem na esfera especulativa; os bons padres só se garantiram em fazer um bom apostolado entre os "intelectuais", formando uma sólida base

temporal. Aos "dons do Espírito", que eles cedem luxuosamente aos seus discípulos, acrescentam-se vantagens substanciais. É uma tradição antiga.

Nos tempos de Carlos Magno, os saxões convertidos recebiam uma camisa branca. Hoje em dia, os beneficiários de uma fé descoberta recentemente, ou redescoberta, usufruem de outros favores, especialmente no mundo acadêmico e científico: o aluno não muito esclarecido passa nas provas sem dificuldades; o médico que é "fiel", além dos clientes ricos, tem a preferência ao tentar entrar em clínicas importantes, etc. Por um mecanismo natural, esses recrutas escolhidos trarão outros e, como a quantidade gera força, sua ação conjugada será extremamente eficaz no que chamamos de esferas do poder.

Isso é o que se verifica na Espanha, segundo dizem, e também em outros lugares. No *Le Monde* de 7 de maio de 1956, Henri Fesquet dedicou um artigo importante à "Opus Dei" espanhola. Ao definir a ação dessa "santa" e oculta organização, escreveu: "Seus membros procuram ajudar intelectuais à atingirem um estado religioso de perfeição através do exercício de suas profissões e santificação do trabalho profissional."

Isso não é novidade, e Fesquet sabe disso, pois diz mais adiante: "Eles são acusados, e parece que não se pode negar o fato, de quererem ocupar os postos-chaves nas Universidades, nas funções públicas e Privadas, nos governos, para evitarem a entrada ou até mesmo para expulsarem os descrentes e os liberais".

A "Opus" aparentemente entrou na França de forma clandestina, em novembro de 1954, "trazida" por dois padres e cinco leigos, doutores ou estudantes de Medicina. Pode ser que tenha sido dessa forma, mas duvidamos se esse reforço trazido "de trás dos montes" foi realmente necessário para a continuidade do trabalho que tem sido desenvolvido há tantos anos na França, principalmente nos mundos acadêmicos e da Medicina, como alguns escândalos em exames e vestibulares revelaram.

De qualquer forma, o ramo francês dessa ação, supostamente "obra de Deus", não parece ser clandestino afinal, a julgar pelo que François Mauriac escreveu sobre o assunto: "Fui depositário de uma confidencia estranha; tão estranha, que se não houvesse sido assinada por um autor católico que é um amigo meu e em quem eu confio, chegaria a pensar que se trata de uma mentira. Ele havia oferecido um artigo a um jornal que aceitou a oferta de bom grado, mas nunca chegou a publicá-lo. Alguns meses depois, meu amigo ficou irritado, fez perguntas e finalmente recebeu esta resposta do diretor daquele periódico: 'Como você provavelmente deve saber, a "Opus Dei" tem checado o que publicamos nos últimos meses. E a "Opus Dei" se recusou a autorizar a impressão daquele texto.' Esse amigo me fez uma pergunta: 'O que é a "Opus Dei"? E eu, também francamente e candidamente pergunto o mesmo'.

Essa pergunta, que na verdade não foi feita tão "candidamente" por François Mauriac, como pode parecer à primeira vista, poderia ter sido feita a escritores, editores, livreiros, cientistas, conferencistas, gente do Teatro e do Cinema. A menos que ele prefira se informar pessoalmente nas próprias centrais de edição. Quanto à oposição que supostamente a "Opus Dei" enfrenta da parte dos jesuítas, vemos que não passa de mera rivalidade de grupos. A Companhia, como já dissemos e provamos, é tão "modernista" quanto "conservadora", de acordo com as oportunidades, pois está determinada a ter um pé em cada lado do campo de batalha.

O mesmo jornal *Le Monde* publicou um artigo de Jean Creach, ironicamente nos convidando a admirar um 'Auto-de-fé dos jesuítas espanhóis', felizmente limitado aos trabalhos da literatura francesa. Com certeza, esse censor jesuíta não parece ser um "modernista", a julgar pelo que Jean Creach diz: "Se o padre Garmendia tivesse o poder do cardeal Tavera, aquele do olhar ressuscitado por El Greco como uma máscara de luz esverdeada com púrpura, a Espanha só teria contato com nossa literatura através de autores castrados ou até mesmo decapitados".

Então, após citar vários exemplos engraçados do cuidado purificador do reverencio padre, o autor nos conta essa reflexão pertinente: "Será que as mentes formadas pelos nossos jesuítas são tão frágeis que não podem entrar em contato com o menor perigo de serem derrotadas por elas mesmas?", sussurrou uma "língua malvada". Diga-me, caro amigo, se eles são incapazes de fazer isso, qual é o valor do ensino que os faz tão frágeis?"

A essa crítica humorística, podemos responder que a dita fraqueza das mentes moldadas pelos jesuítas é o principal valor do seu ensino - bem como seu perigo. É a esse ponto que sempre devemos retomar. Através de uma vocação especial, apesar de algumas honrosas e até mesmo famosas exceções, eles são os inimigos eternos da liberdade de pensamento: são agentes da lavagem cerebral que já sofreram a sua própria lavagem cerebral. Essa é a sua força, e fraqueza, além de seu prejuízo.

André Mater declarou com muita pertinência o totalitarismo absoluto dessa Ordem quando escreveu: 'Apesar da disciplina que os une em espírito a todos os membros, cada um deles age e pensa com a intensidade de outros trinta e nove. Esse é o fanatismo jesuítico".

Mais terrível hoje em dia do que antes, esse jesuitismo fanático, senhor absoluto da Igreja Romana, fez com que esta se intrometesse demais nas competições do mundo político, no qual o espírito militante e militar que caracteriza esta Companhia se desenvolveu ainda mais. Sob seu cuidado, a organização papal e a suástica lançaram um ataque fatal contra o odiado liberalismo e tentaram estabelecer urna "nova Idade Média", prometida por Hitler para a Europa.

Apesar dos planos prodigiosos de von Ledochowski, de Himmler "nossa Ignácio de Loyola", dos campos de morte lenta, da corrupção das mentes pela Ação Católica e pela propaganda irrestrita dos jesuítas nos Estados Unidos, a empreitada do "homem da Providência" foi um fiasco, e a "herança de São Pedro", ao invés de crescer no Leste, foi drasticamente reduzida. Um fato inegável fica: o governo nacional-socialista, "o mais católico que já houve", também foi o mais absurdamente cruel - sem excluir as comparações com os bárbaros. Uma declaração extremamente dolorida para muitos fiéis, mas seria correto meditar.

Nos "burgos" da Ordem, onde o treinamento foi uma cópia dos métodos jesuítas, o senhor (aparente, pelo menos) do Terceiro Reich formou essa "elite da SS" antes que, de acordo com seus desejos, o mundo "tremesse" (mas ele também vomitou de desgosto). Os mesmos motivos produzem os mesmos resultados.

"Há disciplinas pesadas demais para a alma humana suportar e que poderiam destruir uma consciência. O crime da alienação de si mesmo mascarado de heroísmo. Nenhum mandamento pode ser bom se, antes de qualquer coisa, corromper a alma. Quando alguém se engaja plenamente em uma Ordem, os outros seres humanos perdem muito de sua importância".

Os líderes nazistas não tiveram consideração alguma pelos outros "seres humanos"; podemos dizer o mesmo dos jesuítas! "Obedeciam ao seu ídolo". E essa obediência extrema foi invocada pelos acusados de Nuremberg como desculpa para seus crimes odiosos. Finalmente, recolhemos do mesmo autor, que analisou o fanatismo jesuítico tão bem, esse julgamento: "Reprovamos a Companhia com sua habilidade, sua política e seus truques; atribuímos a ela todos os cálculos, os motivos ocultos, os jogos desonestos; reprovamos até mesmo a inteligência de seus membros. Não há, na verdade, nenhum país onde a Companhia não tenha experimentado grande frustração; onde não tenha agido de forma escandalosa e chamado para si o ódio do ultraje".

Se o seu maquiavelismo tivesse a profundidade que geralmente se atribui a eles, será que esses homens "sérios e reflexivos" se jogariam constantemente nos abismos que a sabedoria humana pode prever, nas catástrofes que a própria Ordem já enfrentara em situações semelhantes em outros países?

"A explicação é simples: um gênio poderoso governa essa Companhia; um gênio tão poderoso que luta até mesmo contra blocos de pedra, como se pudesse quebrá-los, "ad majorem Dei Gloriam". Esse gênio não é o prior, o seu conselho, os dirigentes... É o gênio vivo desse corpo imenso, é a força inevitável que resulta dessa união de consciências sacrificadas, inteligências atadas. É a força explosiva e a fúria dominante da Companhia, que resulta de sua própria natureza. "Em uma grande acumulação de nuvens, a luz é poderosa e o trovão está prestes a surgir".

Entre 1939 e 1945, o "trovão" matou 57 milhões de almas, devastando e arruinando a Europa. Devemos ficar em guarda. Outra catástrofe ainda pior pode estar escondida entre as mesmas nuvens; a "luz" pode irromper novamente, jogando o mundo no "abismo que a sabedoria humana pode prever", mas se tivesse a infelicidade de se deixar jogar nele, nenhuma força poderia resgatá-lo.

Apesar do que o porta-voz de Roma possa vir a dizer, não é o "anticlericalismo" que nos fez estudar cuidadosamente a política do Vaticano ou dos jesuítas, e denunciar seus motivos e meios, mas a necessidade de esclarecer o público sobre a atividade clandestina dos fanáticos que não retrocedem diante de nada - e o passado provou isso. Durante o século XVIII, as monarquias européias unidas exigiram a supressão dessa Ordem maligna. Hoje em dia, ela pode orquestrar suas intrigas em paz e os governos democráticos parecem não se Preocupar com isso. O perigo ao qual o mundo está exposto por causa desta Companhia é muito maior hoje do que no tempo d "pacto familiar", e ainda maior do que quando as duas guerras explodiram. Não podemos alimentar ilusões quanto às consequências mortais que outro conflito mundial teria.